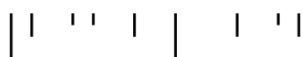


Práticas teatrais
com crianças
numa sala de jardim de infância

Célia Figueira Fonseca

Projeto de intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Educação Artística, na especialização de Teatro na Educação

2024



Práticas teatrais
com crianças
numa sala de jardim de infância

Célia Figueira Fonseca

Projeto de intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Educação Artística, na especialização de Teatro na Educação

Orientador: Prof. Doutor Miguel Falcão

Júri

Presidente: Prof.^a Doutora Teresa Pereira
Arguente: Prof.^a Doutora Gabriela Trevisan
Orientador: Prof. Doutor Miguel Falcão

2024

| | ' | | ' |

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que contribuíram para a concretização deste trabalho e que acreditaram em mim ao longo do caminho percorrido.

- À minha família, pelo amor e apoio incondicional que me fez avançar e acreditar que seria possível atingir este objetivo, compreendendo a minha ausência e opções tomadas ao longo deste percurso.
- Ao Professor Doutor Miguel Falcão, orientador desta investigação, pelas provocações pertinentes, pela exigência de rigor, por estar sempre pronto a ouvir-me e acreditar nas minhas capacidades.
- Às minhas colegas de mestrado, com quem partilhei bons momentos e me fizeram crescer como pessoa e profissional.
- Às convidadas externas Alice Medeiros, Sónia Vieira Cardoso e Olga Monteiro, pelo seu contributo nesta investigação, partilhando um pouco das suas experiências artísticas comigo e com as crianças.
- À minha parceira de trabalho e amiga, Catarina Tomás, que me desafiou para esta aventura e a quem agradeço todos os dias pela confiança e postura ética que sempre demonstrou desde que nos conhecemos.
- À minha colega e amiga, Ana Paula Leal, que me incentivou e apoiou quando tomei esta decisão, mostrando-se disponível para que eu pudesse avançar.
- Às minhas colegas e amigas, Graciete Dionísio e Catarina Veloso, que em momentos de maior trabalho e ansiedade conseguiram ouvir-me e dar-me alento para continuar.
- Ao Sr. Rui Teófilo, a exercer funções na biblioteca da ESE Lx, que sempre se mostrou disponível no decorrer do meu processo de investigação.
- A todos os meus amigos, que ficam felizes com as minhas conquistas.
- À Assistente Operacional Clara Figueiredo, o meu braço direito nesta jornada educativa e com quem partilho diariamente a paixão pelas crianças.
- Às crianças, que permitiram a concretização deste trabalho e que, todos os dias, me fazem sentir que tomei a decisão certa ao escolher ser educadora de infância.

RESUMO

Este projeto, desenvolvido no âmbito do mestrado em Educação Artística, na vertente de Teatro, na Escola Superior de Educação de Lisboa, baseia-se nas aprendizagens realizadas ao longo do curso e na minha experiência de 30 anos como educadora de infância. Sentindo a necessidade de refletir sobre a minha ação pedagógica neste domínio, procurei dar resposta a uma questão: “como posso iniciar e conduzir práticas teatrais, com intencionalidade artístico-pedagógica, em contexto de jardim de infância?”

A investigação retrata o percurso realizado ao longo de seis meses de intervenção pedagógica com vinte crianças - dez meninos e dez meninas - com idades entre os 4 e os 6 anos, que frequentam uma sala de jardim de infância público em Lisboa. Com base nos contributos teóricos do Teatro enquanto dimensão da Educação Artística, da Pedagogia da Infância e dos Estudos Sociais da Infância, foi desenvolvido um projeto inspirado na investigação-ação. Este projeto seguiu Através de uma planificação estruturada por mim, alinhada com a dinâmica da sala de jardim de infância e respeitando a liberdade de criação das crianças.

Recorrendo a uma diversidade de técnicas de recolha de dados – observação participante, às entrevistas focalizadas de grupo e a dinâmicas propostas por mim (planos de sessões/reflexões) - pretendi descrever, analisar e compreender como as práticas teatrais podem ser iniciadas numa sala de jardim de infância. Ao longo deste processo, refleti sobre as minhas estratégias pedagógicas, sobre o meu papel enquanto educadora de infância, o papel das crianças e quais os recursos que utilizei, os quais foram facilitadores para as práticas teatrais.

A análise e discussão dos dados permitiu-me compreender, que a planificação de sessões teatrais foi facilitadora na condução da ação e ajudou-me a iniciar o caminho, diversificando atividades e promovendo experiências significativas para as crianças neste domínio. As minhas discussões procuraram ainda, enfatizar as crianças como produtoras de cultura, cujas vozes devem ser envolvidas nas práticas pedagógicas, produções artísticas e pesquisas na área teatral. Espero que esta investigação seja também inspiradora para outros profissionais da educação de infância que queiram iniciar as práticas teatrais com crianças no jardim de infância.

Palavras-Chave: Crianças; Projeto de intervenção; Jardim de infância; Teatro; Prática pedagógica.

ABSTRACT

This project, developed as part of the master's programme in Artistic Education with a specialisation in Theatre at the Lisbon School of Education, builds on the learning acquired throughout the course and my 30 years of experience as an educator. Feeling the need to reflect on my pedagogical approach in this domain, I sought to address the following question: "How can I initiate and conduct theatre practices with an artistic-pedagogical intent in a preschool setting?"

The research describes a six-month journey of pedagogical intervention with twenty children — ten boys and ten girls — aged 4 to 6, in a public kindergarten in Lisbon. Grounded in theoretical contributions from theatre as a dimension of Artistic Education, Childhood Pedagogy, and Childhood Studies, this project was developed based on an action-research approach. The project followed a structured plan I designed, which was aligned with the preschool's dynamics and respected the children's freedom of creation.

Using a range of data collection techniques — including participant observation, focused group interviews, and dynamics proposed by me (session plans/reflections) — I aimed to describe, analyse, and understand how theatre practices can be initiated in a preschool classroom. Throughout this process, I reflected on my pedagogical strategies, my role as an educator, the role of the children, and the resources I employed that facilitated theatre practices.

The analysis and discussion of the data enabled me to understand that structured session planning facilitated the progression of activities, supporting me in diversifying them and providing meaningful experiences for the children in this field. My reflections further aimed to emphasise children as cultural producers whose voices should be incorporated into pedagogical practices, artistic productions, and research in theatre. I hope that this research will also serve as inspiration for other early childhood education professionals who wish to introduce theatre practices in kindergarten.

Keywords: Children; Intervention project; Kindergarten; Theatre; Pedagogical practice.

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO	1
2. TEATRO, CRIANÇAS E JARDIM DE INFÂNCIA: COORDENADAS TEÓRICO-CONCETUAIS	5
2.1. O teatro como dimensão da Educação Artística	6
2.2. O teatro na organização do ambiente educativo	8
2.3. O teatro nas sessões estruturadas	10
2.4. O teatro e a materialidade	12
2.5. Os papéis do educador de infância	14
2.6. Os papéis das crianças	17
3. PROJETO DE INTERVENÇÃO COM AS CRIANÇAS DA SALA 2	20
3.1. Problemática	21
3.1.1. Questões orientadoras	21
3.1.2. Objetivos	21
3.2. Caracterização do contexto e dos sujeitos	22
3.2.1. O meio envolvente ao Jardim de Infância	22
3.2.2. O contexto socioeducativo da sala 2	23
3.2.2.1. O retrato do grupo de crianças	24
3.2.2.2. O retrato das famílias	26
3.2.2.3. A equipa educativa da sala	28
3.2.2.4. A organização do ambiente educativo	28
3.3. Plano de intervenção	31
3.4. Implementação	34
4. PERCURSO METODOLÓGICO E ÉTICO	37
4.1. A investigação com crianças em ação: Opção metodológica	38

4.2.	Processos e técnicas de recolha de dados	39
4.2.1.	Observação	39
4.2.2.	Entrevistas focalizadas de grupo	41
4.2.3.	Intervenção - Planos de sessões	42
4.3.	Processo de análise de dados	43
4.4.	Posicionamento ético na investigação com crianças	44
5.	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS	49
5.1	Apresentação de resultados da observação - notas de campo	50
5.2.	Apresentação de resultados das entrevistas focalizadas de grupo	56
5.3.	Apresentação de resultados dos planos das sessões	63
6.	DISCUSSÃO DE RESULTADOS	74
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	85
	ANEXOS	90
	Anexo A – Contexto social e económico das famílias	91
	A1. Dados relativos à estrutura familiar das crianças da sala 2	92
	A2. Dados relativos à condição social das famílias das crianças da sala 2	93
	Anexo B – Ambiente educativo	94
	B1. Planta da sala	95
	B2. Áreas de atividades na sala	96
	B3. Rotinas educativas	98
	B4. Áreas/Oficinas em contexto de sala, pensadas para promoção de práticas teatrais pelas crianças	99
	Anexo C – Plano de atividades estruturadas pela educadora	102
	Anexo D – Ética na investigação	103

D1. Requerimento à diretora do AE para a realização da Investigação-ação	104
D2. Protocolo de consentimento informado às crianças e famílias	105
Anexo E – Notas de campo	106
E1. Notas de campo	107
E2. Análise de Conteúdo das Notas de campo	
E2a. Análise de Conteúdo da Nota de Campo – Localização	167
E2b. Análise de Conteúdo da Nota de Campo – Tipos de atividades	168
E2c. Análise de Conteúdo da Nota de Campo – Atividades iniciadas pelas crianças	170
Anexo F – Entrevista focalizada de grupo	182
F1. Guião da entrevista focalizada de grupo	183
F2. Formação de grupos- entrevista focalizada de grupo A e B	184
F3. Entrevista focalizada de grupo A	185
F3a. Transcrição da 1.ª Entrevista- grupo A- outubro 2023	185
F3b. Análise de conteúdo da 1.ª Entrevista- grupo A	191
F3c. Transcrição da 2.ª Entrevista- grupo A- abril 2024	193
F3d. Análise de conteúdo da 2.ª Entrevista- grupo A	203
F4. Entrevista focalizada de grupo B	209
F4a. Transcrição da 1.ª Entrevista- grupo B- outubro 2023	209
F4b. Análise de conteúdo da 1.ª Entrevista- grupo B	216
F4c. Transcrição da 2.ª Entrevista- grupo B- abril 2024	216
F4d. Análise de conteúdo da 2.ª Entrevista- grupo B	229

Anexo G – Sessões realizadas	239
G1. Planificação/reflexão das sessões	240
G1a. Planificação/reflexão da sessão 1	240
G1b. Planificação/reflexão da sessão 2	244
G1c. Planificação/reflexão da sessão 3	248
G1d. Planificação/reflexão da sessão 4	252
G1e. Planificação/reflexão da sessão 5	256
G1f. Planificação/reflexão da sessão 6	259
G1g. Planificação/reflexão da sessão 7	262
G1h. Planificação/reflexão da sessão 8	267
G1i. Planificação/reflexão da sessão 9	272
G1j. Planificação/reflexão da sessão 10	277
G1k. Planificação/reflexão da sessão 11	283
G1l. Planificação/reflexão da sessão 12	289
G1m. Planificação/reflexão da sessão 13	294
G1n. Planificação/reflexão da sessão 14	300
G1o. Planificação/reflexão da sessão 15	305
G1p. Planificação/reflexão da sessão 16	311
G1q. Planificação/reflexão da sessão 17	315
G2. Análise de Conteúdo da Planificação/reflexão das sessões	318
G2a. Análise de conteúdo da Planificação – Organização das sessões	319
G2b. Análise de conteúdo da Planificação – Tipos de atividades	320

G2c. Análise de conteúdo da Planificação – Materialidade utilizada	320
G2d. Análise de conteúdo da Planificação – Conteúdos teatrais	324
G2e. Análise de conteúdo da Planificação – Modos de organização do grupo	325
G2f. Análise de conteúdo da Reflexão – Papel do educador	326
G2g. Análise de conteúdo da Reflexão – Participação das crianças	334
G2h. Análise de conteúdo da Reflexão – Aspetos facilitadores no processo	349

Índice de figuras

Figura 1.	Instrumentos de monitorização da ação educativa	29
Figura 2.	Cartões das áreas	30
Figura 3.	Suporte para lotação nas áreas	30
Figura 4.	Fotografia do Espetáculo “Eu não fui!”	36

Índice de tabelas

Tabela 1.	Caracterização das crianças – idade e percurso institucional das crianças da sala 2	25
Tabela 2.	Caracterização das famílias em função do grupo etário	27
Tabela 3.	Síntese do Plano das sessões estruturadas	34
Tabela 4.	Síntese das Notas de campo realizadas	35
Tabela 5.	Síntese da AC das NC: Localização	50
Tabela 6.	Síntese da AC das NC: Tipos de atividades	51
Tabela 7.	Síntese da AC das NC: Atividades iniciadas pelas crianças	54
Tabela 8.	Síntese da AC da 1.ª Entrevista- Grupo A	56-57
Tabela 9.	Síntese da AC da 2.ª Entrevista- Grupo A	58
Tabela 10.	Síntese da AC da 1.ª Entrevista- Grupo B	60
Tabela 11.	Síntese da AC da 2.ª Entrevista- Grupo B	61
Tabela 12.	Síntese da AC da P/R: Organização das sessões	63
Tabela 13.	Síntese da AC da P/R: Tipos de atividades	65
Tabela 14.	Síntese da AC da P/R: Materialidade utilizada	67
Tabela 15.	Síntese da AC da P/R: Conteúdos teatrais	68
Tabela 16.	Síntese da AC da P/R: Modos de organização do grupo	69
Tabela 17.	Síntese da AC da P/R: O Papel do educador	70
Tabela 18.	Síntese da AC da P/R: Participação das crianças	71
Tabela 19.	Síntese da AC da P/R: Aspetos facilitadores no processo pedagógico	73

Siglas e abreviaturas

- AAAF – Atividades de Animação e Apoio à Família
- AE – Agrupamento de Escolas
- AC – Análise de conteúdo
- AD – Análise documental
- AO – Assistente operacional
- APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância
- EA – Educação Artística
- EI – Educação de infância
- EPE – Educação Pré-Escolar
- JI – Jardim de Infância
- NC – Nota(s) de Campo
- NE – Necessidades Específicas
- OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
- PCG – Projeto curricular de grupo
- PEA – Projeto educativo do agrupamento
- RO – Registo de observação
- SE – Sessão
- TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária
- VE – Visita de estudo

1. INTRODUÇÃO

| | ' ' | | ' ' |

Este Projeto de intervenção, pretende refletir sobre a minha ação intencional na realização de práticas teatrais na sala de um jardim de infância público, tendo em conta o papel ativo da criança neste processo:

O teatro [dá-nos] a possibilidade de [nos] conhecer[mos] melhor a nós mesmos e aos *outros* que nos rodeiam, e de aprender[mos] a abarcar as diferenças em vez de tentar eliminá-las. Pela arte de representar o outro, podemos refletir sobre o papel que representamos hoje neste nosso mundo. (Sueli, 2007, p.121)

Ao longo da minha investigação, procurei suporte de leituras no âmbito das práticas teatrais em jardim de infância, embora não tenha encontrado muita reflexão dirigida à especificidade da educação de infância e das crianças pequenas. No entanto, destaco alguns autores que foram importantes para mim neste processo, como Sladen (1978), Gauthier (2000), Corsaro (2002), Costa (2003) e Kowalski (2020). De realçar, ainda, que na literatura mais orientada para a infância, é dado um grande enfoque à etapa anterior, ou seja, o jogo simbólico e jogo dramático, da iniciativa da criança, não se encontrando ainda muita reflexão sobre uma visão do Teatro como ação intencional e com objetivos próprios. Também considerei importantes outras leituras, que, embora mais dirigidas para o 1.º ciclo se adaptavam às minhas intenções pedagógicas (Aguilar, 2001; Falcão, 2014; Antonello, 2015). Por último, senti necessidade de me sustentar em leituras que se focavam também na reflexão e na metodologia das práticas teatrais, destacando – Japiassu, 2008; koudela,2011; Spolin, 2019 e Vidor, 2020. Estas escolhas, foram também influenciadas pela minha frequência no mestrado em Educação Artística, na vertente de teatro, que me permitiu ampliar conhecimentos neste subdomínio, nomeadamente conhecer metodologias específicas, que considerei enriquecedoras para o meu contexto e para as minhas crianças. Assim, considerei ser fundamental promover *in loco* a articulação entre o “lugar da teoria e o lugar da prática”, tal como preconizam Charlot (2006) e Nóvoa (2007).

Para além desta razão para a escolha deste tema, não menos importantes são também as minhas motivações pessoais enquanto educadora de infância reflexiva, que acredita que estamos sempre a aprender.

Outro ponto relevante é que, quando se fala de Teatro, é comum, o foco recair na ação do educador de infância sobre e com as crianças, situação que considero que

deverá ser equilibrada. Esta foi a perspetiva que adotei ao longo da intervenção, sustentada por uma metodologia qualitativa.

A investigação retrata o percurso realizado ao longo de seis meses de intervenção pedagógica com vinte crianças - dez meninos e dez meninas - com idades entre os 4 e os 6 anos, que frequentam uma sala de jardim de infância público em Lisboa. Com base nos contributos teóricos do Teatro enquanto dimensão da Educação Artística, da Pedagogia da Infância e dos Estudos Sociais da Infância, foi desenvolvido um projeto inspirado na investigação-ação. Este projeto seguiu uma planificação estruturada por mim, alinhada com a dinâmica da sala de jardim de infância e respeitando a liberdade de criação das crianças. O objetivo foi desenvolver um projeto inspirado na investigação-ação que procurou compreender o Teatro como um subdomínio transversal a todas as áreas de conteúdo e incluído na rotina semanal de um Jardim de Infância, respeitando um conjunto de pressupostos defendidos pelos Estudos Sociais da Infância, nomeadamente, a visão da criança como sujeito dotado de ação social, competente, com capacidade de estabelecer relações, de produzir cultura, de interpretar o que realiza e de dar significado ao que vivência (Corsaro, 2011; Sarmiento, 2004; Ferreira, 2004; Tomás, Trevisan, & Reis, 2024). O trabalho partiu da seguinte pergunta de partida: Como posso iniciar e conduzir práticas teatrais com as crianças, com intencionalidade artístico-pedagógica, no contexto de jardim de infância?

O presente relatório encontra-se dividido em vários capítulos, os quais acompanham o desenvolvimento não só de uma investigação, mas também da minha atitude investigativa enquanto educadora-investigadora. De modo a orientar a leitura do presente estudo e dar a conhecer a estrutura do mesmo, torna-se essencial explicitar, desde já, a forma como este documento se encontra organizado. Assim sendo, depois da Introdução, encontra-se o capítulo dedicado ao enquadramento teórico, subdividido em seis partes, que considere importantes neste processo: i) O teatro como dimensão da educação artística, i) O teatro na organização do ambiente educativo; ii) O teatro e as sessões estruturadas; iii) O teatro e a materialidade; iv) Os papéis do educador de infância; e v) Os papéis das crianças. A primeira parte pretende colocar em discussão algumas conceções de teatro, no âmbito da EA, defendendo ao mesmo tempo a sua visão transversal no processo pedagógico. Também posiciona o teatro como representação intencional na Educação de Infância. A segunda parte incide na importância do ambiente educativo para as práticas teatrais, o que pressupõe a intencionalidade do educador nesta escolha e a organização do espaço, do tempo e do

grupo. A terceira parte visa refletir sobre as sessões estruturadas de teatro e a metodologia que poderá servir de suporte à prática educativa, destacando a importância do jogo neste processo. A quarta parte faz uma reflexão sobre a importância da materialidade nas práticas teatrais em contexto pré-escolar, podendo funcionar como ferramenta motivacional para a prática pedagógica. Também se coloca aqui a dimensão da sensibilidade, inerente a este processo. A quinta parte é dedicada à reflexão sobre os papéis do educador de infância na sua intervenção educativa e, na última parte, é sistematizada uma abordagem aos papéis da criança, tendo como suporte a visão da mesma como sujeito e agente do processo educativo, como sujeito de direitos e como um ator social participativo (Tomás, 2011).

No terceiro capítulo, exponho o projeto de intervenção, subdividido em quatro partes: i) Problemática; ii) Caracterização do contexto e dos sujeitos; iii) Plano da intervenção; e iv) Implementação. Na primeira parte, refiro a problemática desta investigação, através da definição das questões orientadoras e objetivos a atingir. De seguida, caracterizo o contexto e os sujeitos ligados a esta investigação, nomeadamente, no que se refere ao meio envolvente, ao contexto socioeducativo da sala 2, ao retrato das famílias, à equipa educativa e à organização do ambiente educativo. Deste modo, o leitor consegue aproximar-se do contexto de Jardim de Infância (JI) em que decorre este estudo. De seguida, refiro como foi implementado este projeto.

O quarto capítulo é dedicado ao percurso metodológico e ético da investigação. Na primeira parte, caracterizo a investigação com crianças em ação. Na segunda parte, descrevo o processo e as técnicas de recolha de dados, identificando os três instrumentos utilizados: i) Observação; ii) entrevista focalizada de grupo e iii) intervenção- planos de sessões. Na terceira parte, explico o procedimento relativo ao tratamento de dados, através de análise de conteúdo (AC), aplicada a todos os dados recolhidos. Por último, reforço a importância da ética na investigação, fundamentando a minha ação pedagógica com os princípios éticos e deontológicos no trabalho de investigação com crianças, conforme defendidos por Tomás (2011).

O quinto capítulo é dedicado à apresentação e análise de resultados, no qual exponho os dados obtidos através dos diferentes instrumentos utilizados, devidamente tratados e reflito sobre os mesmos.

No sexto capítulo, de discussão, triangulo os principais resultados apresentados e procuro dar resposta às questões orientadoras deste estudo, enquanto clarifico a

minha perspectiva sobre o meu papel como educadora de infância enquanto agente essencial no processo educativo.

Por último, no sétimo capítulo, pretendo deixar algumas considerações finais, quer sobre os resultados obtidos quer sobre os contributos e limitações sentidas ao longo deste estudo, assim como sugestões para investigações futuras.

Ressalto que esta investigação se concentrou no processo e não no produto final, pois, considero que aí reside a riqueza do mesmo. Ao longo deste percurso, foi reconhecido o meu papel na qualidade de educadora de infância e a minha intencionalidade não só na estruturação de atividades, mas também na organização do ambiente educativo, sustentada nas três dimensões da EA: criação, apreciação e execução (CNU,2006). Neste processo, pretendi ainda considerar as crianças como atores sociais, respeitando a sua individualidade e liberdade de criação, pelo que reforço a necessidade que sinto como educadora em criar oportunidades educativas onde as experimentações livres de elementos do teatro, de materiais, de instrumentos e técnicas de trabalho, permitam às crianças fazer descobertas e apropriar-se da especificidade desta linguagem teatral (Gauthier, 2000).

Termino a introdução com um pensamento de Caldas e Pacheco (1999): “Se num primeiro contacto os iniciandos se mostram um tanto perdidos... com a continuação do processo dão-se conta que o perder-se é condição e estímulo para se encontrarem num outro plano de vivência (p.10).

2. TEATRO, CRIANÇAS E JARDIM
DE INFÂNCIA: COORDENADAS
TEÓRICO-CONCETUAIS

| | ' ' | | ' ' |

2.1. O teatro como dimensão da Educação Artística

A Educação Artística (EA) tem sido alvo de vários estudos nacionais e internacionais, que comprovam a sua importância na prática educativa. O *Roteiro para a Educação Artística* (2006), editado pela Comissão Nacional da Unesco (CNU), foi resultado dessa mesma reflexão, reforçando a ideia de que o “desenvolvimento criativo e cultural deve constituir uma função básica da educação” (p. 4). Neste sentido, foram definidos três eixos pedagógicos ou dimensões que se complementam na prática pedagógica: i) a relação da criança com a arte e com todos os seus intervenientes, ii) a exploração livre da prática artística e iii) o contacto com trabalhos artísticos (*Ibidem*, p. 11).

Também Brito e Godinho (2010) concordam com esta perspetiva tripartida da EA, sistematizando os conceitos e relacionando-os com a prática educativa com as crianças: i) criação (fazendo algo novo), ii) execução (aplicando diversas técnicas) e iii) apreciação (contactando com diferentes formas de manifestação artística).

[A importância] que as crianças, em ambiente de jardim de infância, possam experimentar estes distintos papéis de executante, criador e apreciador, já que na vivência desta tripla experiência artística, diferentes significados e competências serão desenvolvidos.

(*Ibidem*, p. 11)

Silva et al. (2016), nas *Orientações curriculares para a educação pré-escolar* (OCEPE), incluem a EA na área de conteúdo da Expressão e Comunicação, que abrange diversas linguagens, como sejam: as Artes visuais, o Jogo dramático/teatro, a Música e a Dança. É também referido que estas linguagens se complementam entre si e poderão cruzar-se com outras áreas e subdomínios, dada a abordagem integrada e globalizante na construção e gestão do currículo em educação pré-escolar. Relativamente ao teatro, o mesmo é visto por esses autores, como ação de representação intencional, que parte da capacidade das crianças para a representação simbólica da sua iniciativa e prossegue para práticas de representação dramática mais intencionais, que poderão resultar mais tarde em projetos de teatro (*Ibidem*, 2016).

Marques et al. (2016) também refletem sobre estas orientações educativas, no que diz respeito ao teatro como dimensão da EA, considerando que existem diversas

opiniões sobre o conceito de teatro, quando se fala em crianças em idade pré-escolar, e realçando também, neste processo, “o papel do/a educador/a na estimulação do jogo dramático espontâneo da criança (...), [o que poderá] permitir o alargamento da representação da realidade, em que há progressão e continuidade entre jogo dramático e teatro” (p. 12). Esta ideia já tinha sido defendida há já vários anos por Slade (1978), que valorizou o jogo dramático infantil e o considerou como livre expressão da criança, pela criatividade, pelo autoconhecimento e pelo trabalho ao nível das emoções.

Também Japiassu (2008) defende que o jogo dramático (faz de conta), antecede o jogo teatral.

Gauthier (2000), considera o teatro como necessidade básica e “instrumento de expressão, de criação e de conhecimento da realidade” (p. 24), defendendo “a aprendizagem de cada elemento do teatro através de oficinas ou sessões coletivas” (p. 34).

Costa (2003) vem complementar esta ideia, defendendo a ideia do teatro como desejo, manifestação de vida, interação social e cultural. Também refere que “os elementos da linguagem teatral e da situação teatral estão presentes no Brincar ao *faz de conta* [ênfase seu] das crianças (...), [podendo existir relação] entre a intervenção do adulto e a qualidade do desenvolvimento das competências teatrais das crianças” (*Ibidem*, p. 25). Mais acrescenta que, no decorrer deste jogo coletivo, “o público adulto é desejado e necessário” (p. 251).

Para Ferreira (2007), o teatro era visto como expressão e instrumento para uma maior consciência de si próprio e dos outros, referindo que o mesmo “dá a possibilidade de conhecer melhor a nós mesmos e aos outros que nos rodeiam, e de aprender a abarcar as diferenças em vez de tentar eliminá-las” (p. 121).

Coelho (2014) também defende o “teatro enquanto prática pedagógica (...) fundamentalmente coletiva, que prima pelo respeito de seus integrantes, aperfeiçoamento das inteligências do indivíduo e também do grupo” (p. 1213).

Para Spolin (2019), o teatro é visto como jogo coletivo e de construção, que obedece a regras e que permite a descoberta através da ação e da experiência.

Bezelga e Mendonça (2020) reforçam a importância do teatro em contexto educacional, valorizando o papel e a responsabilidade do educador neste processo, que deverá ser participativo e criativo, o que permitirá o “reconhecimento das suas múltiplas linguagens” (p. 148). Desta forma, o “gosto pela fruição artística precisa ser provocado [nas crianças]” (Mendonça, 2015, p. 20). Para esta fruição, é importante dar-lhes

liberdade para criarem, o que permitirá tornar a aprendizagem significativa. Neste sentido, o ideal será a “transição de um ensino verbalizado [e diretivo] para formas de aprendizagem por descoberta e investigação pessoal/grupal” (Oliveira, 2023, p. 15).

Todos estes conceitos de teatro, relacionados com as práticas educativas, complementam-se entre si e valorizam mais o processo do que o resultado, sendo o público um complemento e não um fator primordial, tal como acontece no teatro profissional (Coelho, 2014). Neste sentido, a “escola que oferece uma vivência teatral [às crianças] proporciona, acima de tudo, pela prática da representação, (...) [exposição e confronto] com o mundo que [as] rodeia” (Ferreira, 2007, p. 121).

2.2. O teatro na organização do ambiente educativo

Segundo Clero e Gloton (1976), para existir liberdade de expressão, “[a] primeira condição é que o ambiente seja suficientemente rico e (...) absorvente para suscitar as experiências pessoais mais formativas” (p. 56). Dessa forma, essa organização, irá influenciar as oportunidades educativas das crianças, permitindo-lhes apropriarem-se dos objetos e do espaço e construir as suas próprias culturas infantis, sustentando ao mesmo tempo a própria intencionalidade do educador. Vieira (2018) defende também que a “prática educativa intervém no espaço-ambiente favorecendo o outro pela inclusão de sua expressividade como condição para as interações entre os sujeitos e as relações” (p. 164). Nessa perspetiva, está intrínseca a esta organização do espaço uma *dimensão comunicativa transcendente* [ênfase minha], uma vez que a mesma deverá ser pensada no contínuo educativo entre o educador e as crianças, permitindo enriquecer o processo ao longo das interações e comunicações que se estabelecem (*Ibidem*). Por conseguinte, a flexibilidade na organização do ambiente educativo será sempre essencial, a par com a “reflexão permanente [do educador] sobre a funcionalidade e adequação dos espaços (...), de acordo com as necessidades e a evolução do grupo” (Silva et al., 2016, p. 26).

A criação de áreas de atividades diversificadas no espaço poderá ser uma forma de organização numa sala de jardim de infância, sendo as mesmas denominadas de “oficinas” por Gauthier (2000), numa perspetiva de promoção de práticas teatrais, em que os elementos se podem explorar de forma mais segmentada e progressiva. Desta forma, a sua “montagem far-se-á ao longo do ano (...) [podendo estar incluídos o] teatro

de sombras e de fantoches, maquiagens, disfarces, música ou som, iluminação, cenários e adereços” (Gauthier, 2000, p. 42).

Também a Área da casa é um espaço de excelência neste processo de representação, dado que “[qualquer] jogo de faz de conta comporta simultaneamente transformações simbólicas: objetos, papéis, lugares, espaços e um encadeamento de ideias/acontecimentos/acções, cujo conjunto constitui uma história, um argumento” (Costa, 2003, p. 61). Neste sentido, será importante, que o educador permita às crianças ter momentos de livre expressão e iniciativa, onde a materialidade poderá ser um fator impulsionador para uma maior criatividade e descoberta.

As crianças têm uma necessidade intrínseca do jogo, de brincar, de explorar o que as rodeia, interagindo com os seus pares. É neste contexto de brincadeira livre que se desenvolve, num primeiro momento, a expressão dramática. É algo natural e intrínseco às crianças. Tal como referido por Slade (1978), “[o] jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio, não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos” (p. 17).

Também a liberdade de ação será importante nesta construção, em que a criança pode explorar e crescer em comunidade, com os outros. No estudo antropológico publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), Costa (2003) explorou o desejo pelo teatro e a sua relação com diferentes aspetos da vida humana, incluindo a infância e a arte dramática. Desta forma, a arte dramática no jardim de infância é vista como *embrião* para o teatro, porque proporciona um ambiente favorável para o desenvolvimento da imaginação, da expressão criativa e das habilidades sociais desde os primeiros anos de vida. É na atividade simples do faz-de-conta, que as crianças são elas próprias e exploram os seus sentidos, em interação com os seus pares. Esta “prática dos meios de expressão permite à criança desmistificar esta linguagem [teatral] e tornar-se, ela própria, criadora” (Gauthier, 2000, p. 20).

Vasconcelos (2005) refere que, geralmente, “num bom ambiente de aprendizagem, há três tipos principais de atividades: as que são centradas nos adultos, as iniciadas pelos adultos e as iniciadas pelas crianças” (p. 32). É, pois, fundamental que o educador permita às crianças uma diversidade de experiências, num ambiente educativo rico e estimulante. Esse ambiente será o suporte do desenvolvimento curricular da educação pré-escolar (Silva et al., 2016). Ou seja:

O cotidiano do JI ocorre num contexto que se encontra previamente estruturado pela educadora para as crianças, e onde se desenrola uma dada rotina educativa. Esta rotina torna visível, de algum modo, as conexões entre determinados espaços, tempos, atividades, materialidades e atores e, por conseguinte, as intencionalidades educativas que lhe presidem e assistem. (Ferreira & Tomás, 2016)

Considerando um ambiente educativo estimulante e desafiador para as crianças, o mesmo será também promotor de improvisações livres ao longo do ano, reforçadas positivamente pelo educador e que resultarão de forma natural, em “*pequenos espetáculos que [as crianças] apresentam entre elas*” (Gauthier, 2000, p. 42).

2.3. O teatro nas sessões estruturadas

Na implementação de práticas teatrais em contexto de jardim de infância, será importante para o educador refletir sobre a metodologia a seguir:

[A decisão do trajeto a seguir deverá ser delineada] juntamente com [as crianças], transformando-se conforme o envolvimento e a imprevisibilidade presentes no processo de ensino-aprendizagem. Às vezes, é necessário perceber que a metodologia/procedimento não corresponde ao processo instaurado, sendo preciso lançar mão de outro método, a fim de que se desenvolva um trabalho de interesse para [as mesmas] e que, como tal, produza conhecimento. (Antonello, 2015, p. 53)

Neste processo mediado entre o educador e as crianças, a intencionalidade educativa do educador deverá estar sempre presente. Assim, será importante ir observando, refletindo e avaliando, de forma a poder planificar e reformular práticas, se necessário. Este ciclo avaliativo, de planeamento, ação e avaliação, é também referido por Silva et al. (2016).

Spolin (2015) reforça a importância do jogo, como base nas oficinas de teatro estruturadas pelo educador, referindo que o mesmo “é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência” (p. 4). Na

sua perspectiva, a oficina teatral, caracteriza-se por uma sequência de atividades com base em jogos diversos e na improvisação e que deverá adaptar-se às necessidades e características do grupo. Para a operacionalização das oficinas teatrais será necessário obedecer a algumas regras ou pontos essenciais: a instrução, o foco e a avaliação. As sessões são estruturadas previamente pelo educador e caracterizam-se também por obedecer a uma determinada estrutura:

i) Formação do círculo de discussão; ii) Divisão do grupo em equipes; iii) prática de jogos tradicionais infantis, nos quais podem ser destacados aspectos originais de teatralidade; iv) avaliação coletiva imediatamente após a apresentação de cada uma das equipes na área de jogo; v) prática de jogos teatrais propriamente ditos para a apropriação de conceitos teatrais muito precisos; vi) avaliação coletiva ao fim das atividades desenvolvidas durante a sessão de trabalho, retomando-se o círculo de discussão. (Japiassu, 2001, p. 71)

Na metodologia defendida por Spolin (2019), o tempo deverá ser flexível e estar dependente do envolvimento das crianças. Também a liberdade de jogo está presente, mas ao mesmo tempo a regra e a autodisciplina. A definição de uma área de jogo e a criação dos grupos poderá ser aleatória, de início, sendo importante que, no processo, haja momentos de jogos em grande grupo, pequeno grupo ou a pares e que exista uma progressão nas atividades realizadas. A atribuição dupla de papéis nas crianças de atores/público também é uma estratégia utilizada nos seus jogos teatrais, podendo estimular a atenção e contribuir para fomentar a alteridade.

Bezelga e Mendonça (2020) também sustentam esta opinião, valorizando este conceito importante nas práticas teatrais em contexto educativo: “a alteridade (...) que [se] constitui como condição mínima necessária ao desenvolvimento da prática criativa teatral de caráter coletivo (. ...) [sendo] a descoberta do outro que impõe a sua conduta” (p.146). Neste sentido, mesmo em práticas estruturadas pelo educador, existe sempre a subjetividade de cada um e a sensibilidade de todos os envolvidos, o que se traduzirá num processo criativo, mediado entre todos.

Na implementação de práticas teatrais, será importante ainda ter em conta, alguns referenciais ou elementos específicos desta linguagem, que, segundo Kowaski (2020), se podem agrupar em dois níveis: 1) o nível sonoro, onde se inclui a voz/palavra,

os efeitos sonoros e a música; e 2) o nível visual, que integra os restantes elementos, como sejam “o gesto, o movimento, a caracterização, a cenografia, o guarda roupa, os adereços, a luz, a cor” (p. 17). Estes elementos dão sentido à representação teatral, podendo ser incluídos ou valorizados pelos intervenientes no processo. A diversidade de elementos que constituem a linguagem teatral, e as hipóteses de organização formal, proporcionam um envolvimento globalizante” (*Ibidem*, p. 19). Nesta perspetiva, fará sentido que os objetivos específicos a definir com estas práticas possam ser delineados no decorrer do processo, por todos os seus intervenientes.

Segundo Caldas e Pacheco (1999), “[o] atelier de teatro torna-se um privilegiado espaço do erro, onde os indivíduos podem experimentar diferentes peles, diferentes línguas e formas de comunicação, podem mentir, também podem dizer verdades, mas sobretudo podem usufruir o direito de fazer opções e sentir a liberdade que nele está implícita” (p. 74).

2. 4. O teatro e a materialidade

A materialidade do teatro, numa primeira etapa, está relacionada com o próprio corpo. Esta ideia era sustentada por Slade (1978), que refere que, numa primeira fase, de prática teatral com crianças, não nos devemos focar em objetos, dado que “[o] jogo dramático infantil genuíno se apoia na criação interior, não em materialismo exterior” (p. 93).

Bezelga e Mendonça (2020), sustentam esta opinião, referindo que o corpo é a “principal materialidade do fazer teatral, [convertendo-se o mesmo] (...) na própria fonte de invenção criativa” (p. 145).

Depois da descoberta do seu corpo e do outro, o conceito de materialidade poderá ser pensado de forma mais ampla, estando a mesma intimamente relacionada com a intencionalidade do educador e com o processo criativo. É nesta conjugação de ideias que poderá ser útil a utilização de outros materiais concretos, em práticas pedagógicas. Esta opção estratégica do próprio educador poderá facilitar um maior envolvimento e inclusão de todas as crianças no contexto educacional (Bezelga & Mendonça, 2020).

Vidor (2020) sustenta esta opinião, referindo que será positiva na escola “a inserção de diferentes materiais nas propostas pautadas na improvisação, (...) objetos,

textos, músicas, tintas, imagens (...) [podendo os mesmos] ajudar a reforçar uma atmosfera poética na aula e, com isso, estimular o vínculo dos participantes com a proposta” (p. 378).

Também Silva et al. (2016) concordam com esta perspectiva, defendendo que “[a] disponibilização de objetos (...) que facilitem a expressão e a comunicação (...) são também um suporte fundamental para atividades de jogo dramático da iniciativa das crianças” (p. 51). Neste sentido, a escolha desses objetos deverá ser cuidadosa e intencional, por parte do educador, tornando-se:

[Materialidades] (...), quando, a partir da ação do [educador] que atua como cocriador nos processos, provocam reações, sensações, reflexões nos alunos participantes, de modo que eles se sintam envolvidos emocionalmente com a [sessão]. (Vidor, 2020, p. 389)

Partindo desta ideia, a materialidade está também relacionada com as emoções que provoca em si e no outro, sendo importante não esquecer que as “primeiras fases da relação estabelecida entre as crianças e a arte [se centram] em aspectos sensoriais e manipulativos” (Brito & Godinho 2010, p. 17).

Mendonça (2020) dá também exemplos, de um conjunto diversificado de recursos que poderão ser indutores para a ação:

[O]bjetos, tecidos, imagens, músicas, substâncias, elementos da natureza (água, areia, folhas, aromas) – ou até mesmo o espaço enquadrado – introduzidos intencionalmente como desencadeadores de exercícios, propostas, jogos ou mesmo para a construção de personagens, narrativas e/ou cenas. (p. 145)

Numa fase de jogo dramático, Slade (1978), exemplifica alguns materiais enquanto recursos possíveis para crianças em idade pré-escolar, como sendo, por exemplo, o uso de máscaras diversas: “meias-máscaras (...) porque deixam livres os olhos e a boca e mesmo assim oferecem uma experiência fascinante (...) [ou máscaras] inteiras [que] ajudam as crianças tímidas” (p. 102).

Ferreira (2004), acrescenta ainda, que “o poder expressivo contido em objetos concretos [lhes] confere a possibilidade de serem recontextualizados pelas crianças,

facilitando o seu poder coletivo e favorecendo a manifestação da criança actor” (p. 86). Desta forma, será importante o equilíbrio na utilização da materialidade na prática educativa.

2.5. Os papéis do educador de infância

Segundo Slade (1978), “[a] figura do [docente] de educação artística é muito especial, não [podendo] ser jamais um simples transmissor de informações, tem que ser uma pessoa com sensibilidade e vocação para poder desabrochar [na criança] o gosto pela arte” (p.10). Esta visão é também partilhada por Costa (2003), quando refere que o “educador [deverá ser] sensível aos desejos das crianças (...) [e um] verdadeiro parceiro do jogo” (p. 191).

Aguilar (2001) propõe três papéis para o educador na orientação do jogo dramático: i) o observador participante, ii) o ator participante e iii) o criador de situações. O primeiro papel tem a ver com a atenção e observação atenta do educador para as interações e papéis das crianças ao longo do processo. Esta função, permite conhecer os jogadores. O segundo papel, de ator participante, prende-se com a sua intervenção/ação no processo, de forma a servir de impulsionador e motivador para a ação das crianças. No terceiro papel, de criador de situações, o educador estimula a participação de todas as crianças, respeitando a sua individualidade e necessidades do momento. Esta situação leva a que possam existir reformulações sempre que necessário, ao longo do processo, que permitam o avanço das propostas, inclusive alteração nos elementos do jogo.

Esta visão tripartida do papel do educador é também partilhada por Costa (2003), quando refere que “[é] necessário que ele possa também preencher essa tripla função (ou seja, é necessário que o educador seja, ao mesmo tempo, um animador, um participante e um observador)” (p. 192).

O facto de Aguilár (2001) dirigir mais a sua escrita para o 1.º ciclo, tornam importantes algumas especificidades referidas por Costa (2003), para o contexto de JI, nomeadamente a valorização dada ao ambiente educativo. Desta forma, compete ao educador preparar intencionalmente o espaço, assumindo um papel provocador e promotor de novos desejos nas crianças. Se o espaço não for diversificado em oportunidades de concretização, de experimentação, de desafio, muito dificilmente poderá fomentar a criatividade e a descoberta. Neste sentido, Costa (2003) faz

referência à existência de espaços estáveis e efêmeros, ou seja, alguns que são fixos e traduzem alguma rotina e estabilidade no grupo e outros que poderão surgir de acordo com os seus interesses e necessidades.

Gauthier (2000) reforça esta posição, considerando que o educador deve “[conceber] a organização física da sua sala, abastecendo-a do necessário, e fornecendo-lhes materiais de criação e de expressão diversos” (p. 26). Esta diversidade de materiais, permitirá às crianças a descoberta e a experimentação. O papel do adulto, neste sentido, será o de dar espaço e tempo às crianças para “serem”, sendo esta ideia também defendida por Spolin (2015), quando refere que “[a] criança pode dar uma contribuição honesta e verdadeira ao teatro se lhe for permitida a liberdade pessoal para experienciar” (p. 250). Neste sentido, Mendonça (2015) acrescenta:

[O] gosto pela fruição artística precisa ser provocado (...) [sendo importante que as crianças aprendam] a lidar com essa liberdade do corpo no espaço escolar, em proveito de uma aprendizagem significativa, que também [resulte] da troca, do movimento, da materialidade, da interação com o outro (p. 21).

Também Rodrigues (2002) refere que “[os] educadores (...) devem estar atentos, no sentido de defender [nas crianças] a autenticidade da expressão” (p. 118). Para esta exteriorização das crianças, não serão menos importantes a proximidade afetiva com cada criança e a relação de confiança e encorajamento que deverá sempre existir, no sentido do reforço positivo perante os seus esforços e conquistas. É por isso que a “melhor brincadeira teatral infantil só tem lugar onde oportunidade e encorajamento lhe são conscientemente oferecidos por uma mente adulta” (Slade, 1978, p. 18). O educador deverá ser visto, neste caso, como um parceiro de jogo, fomentando um processo de nutrição e não de interferência (*Ibidem*). Será importante dar tempo para as crianças sentirem e se expressarem, respeitando a sua individualidade e características próprias.

Aguilar (2001) também reforça esta ideia, referindo o papel do adulto como mediador neste processo, deixando a criança experimentar e não se focando no produto, mas sim no processo. Neste sentido, a intervenção educacional do coordenador de jogo é fundamental, ao desafiar o processo de aprendizagem de reconstrução de significados.

De acordo com Costa (2003), a criança revela um desejo por representar, inerente à sua condição de criança e à sua espontaneidade natural. Neste sentido, o papel do educador será o de despertar a mesma para esse desejo:

[O papel do educador é o de] estimulador de aprendizagens globais, conduzindo o seu grupo de crianças para a autonomia e a sociabilidade. O recurso ao jogo corresponde, pois, ao descer – ou subir – ao nível da compreensão da criança e à sua forma de estar no mundo. (Aguilar, 2001, p. 45)

Para conseguir esse objetivo, será importante, segundo Gauthier (2000), “[por] à disposição das crianças instrumentos e técnicas que lhes deem a possibilidade de utilizarem todos os seus meios de expressão, (...) favorecer a criatividade, deixando a criança dar livre curso à sua imaginação” (p. 19).

Desta forma, o papel do educador deverá ter implícita uma intencionalidade educativa na escolha e na organização dos materiais, assim como na própria planificação para a ação. A proposta de criação de oficinas de jogos teatrais na sala vem neste sentido e poderá “[permitir às crianças] a oportunidade de exercer a sua liberdade, respeito pelo outro e responsabilidade dentro da comunidade da sala de [JI]” (Spolin, 2019, p. 30).

O educador tem de ser desafiador, mas ao mesmo tempo flexível e mediador. Tal como refere Gauthier (2000), “não antecipa nada e segue as crianças; evita orientar ou planificar a discussão com as suas perguntas (...), [revelando flexibilidade para] saber abandonar um plano previamente traçado” (p.25). Esta disponibilidade, aproxima todos os envolvidos no processo, revelando ao mesmo tempo as fragilidades do próprio educador:

Se eu me proponho a mostrar como faria a cena, estou a expor-me, a mostrar também as minhas fragilidades, e ouvir possíveis críticas. O facto de me expor faz-me colocar ao mesmo nível, parece-me que os autoriza a experimentar, a correr o risco (Caldas & Pacheco, 1999, p. 27).

O educador tem ainda o papel, de criar um currículo que seja transversal a todas as áreas e que permita oportunidades educativas de qualidade, sendo que “a observação de diferentes manifestações teatrais contribui para a apreciação dramática

ou teatro e para o desenvolvimento da sensibilidade estética das crianças” (Silva et al., 2016, p. 53). Ao longo deste processo, o educador terá de “decidir que atividades teatrais quer fazer experimentar às crianças da sua sala, ao longo do ano escolar” (Gauthier, 2000, p. 42). Também poderá ser enriquecedora, a sua abertura a outras salas do jardim de infância, bem como proporcionar experiências educativas com outros profissionais externos, sendo para isso de extrema importância a intencionalidade do educador nesta planificação da ação.

Não menos importante será o papel do educador no momento avaliativo, sendo esta ação incontornável e fundamental em todo o processo. O que deverá avaliar o educador? Na resposta a esta questão, Silva (2013), considera quatro aspetos a ter em conta: a sua intervenção, o ambiente educativo, os processos educativos e o desenvolvimento e a aprendizagem de cada criança e do grupo. Estes aspetos vão ao encontro do referido no “Perfil Específico do desempenho do educador de infância” (Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto).

A elaboração do Projeto curricular de grupo (PCG) será também um instrumento da competência do educador de infância e que se considera fundamental neste processo. O PCG, que deverá resultar de um processo integrado, permitirá sustentar a planificação e o reajustamento da ação educativa.

2.6. Os papéis das crianças

As OCEPE valorizam os papéis das crianças como “[principais agentes] da sua aprendizagem, [dando-lhes] oportunidade de [serem escutadas] e de participar nas decisões relativas ao processo educativo, demonstrando confiança na sua capacidade para orientar a sua aprendizagem e contribuir para a aprendizagem dos outros” (Silva et al., 2016, p. 9).

Simultaneamente é fundamental não esquecer que as crianças se encontram incluídas numa sociedade e que são influenciadas por todas as suas relações com o meio, com o estabelecimento educativo, com a família e com os seus pares. Nesse contexto, segundo Corsaro (2002), elas interpretam e reproduzem aquilo que vivem:

[Este processo é] reprodutivo na medida em que as crianças não se limitam individualmente a interiorizar a cultura adulta que lhe é externa. Pelo contrário, as crianças tornam-se uma parte da cultura adulta,

[contribuindo] para a sua reprodução através das negociações dos adultos e da produção criativa de séries de cultura de pares com outras crianças. (p.113)

Quando as crianças brincam ao faz de conta na sala de jardim de Infância, elas “põem-se à prova enquanto [criadoras] (...) mostram as suas competências quer como autores-argumentistas quer como actores e encenadores (...); são ocasiões estruturantes para o [seu] desenvolvimento” (Costa, 2003, p. 340).

Desta forma, é importante terem liberdade para se expressarem/sentir no coletivo, podendo desta forma, “dar uma contribuição honesta e verdadeira ao teatro” (Spolin, 2015, p. 250).

Slade (1978) acrescenta ainda que, no desempenho do Jogo dramático, as crianças terão de ter duas qualidades que se complementam: a *absorção* e a *sinceridade*. A absorção tem a ver com o envolvimento no processo e a sinceridade prende-se com a representação, onde se transmite sentimentos e se revela uma entrega pessoal.

Os papéis das crianças em todo este processo estão também dependentes das relações de poder que se verificam em contexto de jardim de infância, ou seja, “as crianças são vistas como actores implicados numa construção social referenciada ao mundo adulto e à ordem institucional definida pela educadora” (Ferreira, 2004, p. 113). Desta forma, será importante, que as crianças se façam ouvir e que a ação do educador seja norteadada também pelas ordens sociais instituintes das crianças (Ferreira, 2004).

Os papéis das crianças, também na organização do ambiente educativo, poderão ser um exemplo desta situação, em que de início o espaço é organizado pelo educador e, gradualmente, se vai adaptando e reformulando a novos interesses e necessidades.

Enquanto protagonista da sua aprendizagem, é também fundamental envolver a criança na avaliação, descrevendo e vivenciado conscientemente o processo e não só o produto. Desta forma, numa fase inicial, será importante um maior apoio de retaguarda do educador, que, progressivamente, se poderá ir afastando, incentivando desta forma uma maior autonomia e espírito crítico nas crianças (Silva et al., 2016).

Neste reforço crescente, pretende-se que as crianças possam gradualmente participar “nas decisões do planeamento da sua aprendizagem, escolhendo o que querem fazer, ou contribuindo, com as suas opiniões, para modificar as propostas do

educador, tendo também um papel de quem faz, como, e com quem” (Cardona, 2021, p. 115).

Também Spolin (2019) perspectiva a avaliação das práticas teatrais como influenciada pelo conceito de *foco* durante o processo, sendo uma etapa natural e que não se deverá sentir como julgamento. Desta forma, o papel das crianças é o de avaliar o processo com liberdade, pelo que é fundamental que “as perguntas de avaliação [sejam] baseadas no problema (foco) (...), [ficando as crianças libertas] para assumir responsabilidade (...) ao praticar o jogo” (*Ibidem*, p. 37). Nesta perspectiva, o papel da criança na avaliação é não só individual (autoavaliação), como coletivo (avaliação da experiência em interação com os outros).

Falcão (2014) realça também os papéis das crianças no momento avaliativo, sugerindo “o [seu] envolvimento na própria criação (...) [de] instrumentos de avaliação” (p. 160). O seu papel ativo na aprendizagem será fundamental neste sentido, permitindo-lhes a liberdade de pesquisar, experimentar e apreciar, dimensões que não deverão ser esquecidas ao longo de todo o processo.

3. PROJETO DE INTERVENÇÃO COM AS CRIANÇAS DA SALA 2

| | " | | | "

3.1. Problemática

Neste capítulo, enquadro e apresento as minhas preocupações e as motivações que me conduziram a este estudo, bem como defino a respetiva problemática, da qual decorreram as questões orientadoras e os objetivos gerais, também explicitados.

Formulei, então, a questão de partida do seguinte modo: como posso iniciar e conduzir práticas teatrais, com intencionalidade artístico-pedagógica, em contexto de jardim de infância?

3.1.1. Questões orientadoras

Centrada nas metodologias artísticas-investigativas e pedagógicas, e com vista a concretizar a pergunta de partida, estabeleci as seguintes questões orientadoras:

1. Que estratégias pedagógicas mobilizei para implementar práticas teatrais, com crianças, na sala 2 do JI?
2. Que papéis desempenham as crianças e eu, como educadora de infância, nas atividades teatrais?
3. Que recursos utilizei nas atividades teatrais, com vista à participação das crianças e à fruição no processo criativo?

Com a definição da primeira questão, pretendi refletir sobre que estratégias poderão ser facilitadoras no processo de implementação de práticas teatrais com as crianças da sala 2 do JI.

Na segunda questão refleti sobre os papéis das crianças e o meu, neste processo de aprendizagem, numa perspetiva de parceria e respeito pela individualidade de cada um.

No que diz respeito à terceira e última questão, refleti sobre a importância da materialidade nas atividades teatrais e de que forma pode ser indutora para a fruição das crianças, no processo artístico.

3.1.2. Objetivos

Para esta investigação-ação, fixei quatro objetivos gerais:

1. Implementar estratégias pedagógicas para iniciar práticas teatrais em contexto de jardim de infância;

2. Caracterizar a participação – estruturada e autónoma – das crianças em atividades teatrais;
3. Promover o contacto das crianças com a linguagem teatral nas suas diversas vertentes (experimentação, fruição e reflexão/análise);
4. Compreender os papéis de cada interveniente – educadora e crianças – na implementação de práticas teatrais.

Com a definição do primeiro objetivo, pretendi refletir acerca da metodologia implementada por mim enquanto educadora-investigadora, compreendendo o processo desta intervenção. Esta ação/reflexão teve em conta as estratégias utilizadas, as dificuldades sentidas e os aspetos facilitadores no decorrer da intervenção.

Relativamente ao segundo objetivo, pretendi refletir sobre as modalidades de participação das crianças, tanto em atividades estruturadas pelo educador, como em atividades de sua iniciativa.

Com o terceiro objetivo, pretendi proporcionar às crianças uma multiplicidade de atividades enriquecedoras, no âmbito das práticas teatrais, tendo em conta a transversalidade de conteúdos e as dimensões da educação artística (execução, criação e apreciação). Neste sentido, a par com as atividades estruturadas, foi também valorizado e preparado o ambiente educativo, de forma a poderem explorar livremente os materiais e conduzir à sua fruição no processo criativo.

Por último, com o quarto objetivo pretendi refletir sobre o meu papel de educadora e o das crianças neste processo, tendo em conta a minha intencionalidade, a par com a intervenção ativa e participada das crianças.

3.2. Caraterização do contexto e dos sujeitos

Tendo por base que a intervenção educativa é marcada pelos contextos onde ocorre, é fulcral neste relatório caraterizar o contexto socioeducativo, que devido às suas especificidades contextuais se distingue de outros.

3.2.1. O meio envolvente ao Jardim de Infância

O JI integra-se num agrupamento de escolas da rede pública no concelho de Lisboa, composto, globalmente, por cinco unidades educativas. Importa destacar que a

gama de oferta educativa do referido agrupamento abrange desde o Jardim de Infância (JI) até ao Ensino Secundário, estando inserido numa realidade urbana enérgica, com “um tecido social cuja atividade económica se centra, principalmente, no setor dos Serviços, nomeadamente no comércio” (PEA)¹.

Este agrupamento pretende ser “de referência, [preconizando] um serviço educativo de qualidade (...) através de uma oferta diversificada e de práticas mobilizadoras de interação inclusiva e colaborativa de todos os agentes da comunidade educativa” (*Ibidem*, p.19).

O PEA visa dar resposta a uma população que se caracteriza pela sua heterogeneidade, quer ao nível da faixa etária quer ao nível socioeconómico e cultural, incluindo também dois bairros sociais, cuja população “integra algumas famílias de risco, pouco estruturadas e com dificuldades específicas, que se refletem nos seus educandos. É característica desta população escolar a prevalência das problemáticas emocionais, em que se incluem situações de grave desmotivação escolar, o que dá origem a um elevado absentismo” (*Ibidem*, p. 4).

Neste sentido, o agrupamento é abrangido, desde 2012, pela iniciativa governamental do Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP)², que visa prevenir e reduzir os casos de abandono escolar precoce e de falta de assiduidade, bem como os casos de indisciplina, procurando, portanto, que a população escolar tenha sucesso no seu processo educativo. Este contexto favorece a implementação de projetos pedagógicos inovadores, sendo que as “parcerias estabelecidas com o exterior proporcionam mais valias a nível pedagógico, terapêutico, cívico e social aos alunos do agrupamento (*Ibidem*, p.12).

É de realçar ainda que o JI onde se desenvolveu esta investigação, está inserido numa unidade orgânica que abrange desde a educação pré-escolar até ao 3.º ciclo escolaridade e CEF.

3.2.2. O contexto socioeducativo da sala 2

O conhecer o contexto socioeducativo da sala é essencial em todo o processo, nomeadamente o grupo de crianças, as famílias, a equipa educativa e o espaço/ambiente educativo onde decorre a ação.

¹ In Projeto Educativo do Agrupamento (2022/25).

² Para saber mais sobre os TEIP consultar: <https://www.dge.mec.pt/teip>

3.2.2.1. O retrato do grupo de crianças

Segundo Ferreira (2004), as crianças, ao estarem inseridas num determinado grupo social, “são já portadoras de uma experiência social única que as torna diferentes umas das outras” (p.65). Neste sentido, é importante respeitar a individualidade de cada uma e conhecer algumas das suas especificidades.

O grupo era composto por vinte crianças, distribuídas equitativamente em género – dez meninos e dez meninas –, cujas idades oscilam entre os quatro e os seis anos. É importante realçar que a faixa etária, embora represente um elemento distintivo, não pode ser analisada isoladamente, nem de forma simplista, uma vez que “ser mais frágil do ponto de vista físico não significa, necessariamente, ser mais novo, nem implica, do ponto de vista das interações, uma menor competência cognitiva ou social” (Ferreira, 2004, p.76). Neste sentido, considero importante olhar também para o percurso institucional das crianças da sala 2, de forma a dar a conhecer mais algumas especificidades, que poderão condicionar ou ajudar a compreender alguns resultados, neste processo de investigação.

Como podemos observar na Tabela 1, o grupo está equilibrado em termos de frequência neste jardim de infância, sendo que metade das crianças frequenta este JI pela primeira vez, enquanto as restantes já são *veteranas* (Ferreira, 2004), ou seja, já estiveram no mesmo espaço educativo e com a mesma equipa em anos letivos anteriores.

No que diz respeito aos perfis linguísticos do grupo, destaca-se que a maioria das crianças tem a língua portuguesa como língua materna, existindo apenas duas que não falam nem compreendem a língua: Ariel, oriunda do Paquistão, e Fada Madrinha, do Bangladesh. É ainda relevante mencionar que cinco crianças são apoiadas em terapia de fala – Homem-Aranha, Polícia, Ronaldo, Dinossauro e Thanos - o que evidencia uma necessidade de maior atenção e reforço no domínio da linguagem oral.

Estão ainda incluídas no grupo duas crianças abrangidas pelo Decreto-Lei n.º 54, de 13 de julho de 2018, ou seja, por medidas universais e seletivas, são elas o Dinossauro e o Polícia. Ambos estão diagnosticados com autismo, hiperatividade, défice de atenção e oposição ao adulto, o que se traduz por vezes no seu comportamento.

Tabela 1*Caracterização das crianças – idade e percurso institucional das crianças da sala 2*

Nome da criança	Mês e ano de nascimento	Idade em outubro de 2023	Idade em março de 2024	Frequência do JI
Afonso	12/2017	5	6	2. ^a vez
Alface	05/2019	4	4	1. ^a vez
Ariel	11/2018	5	6	1. ^a vez
Aurora	02/2018	5	6	1. ^a vez
Branca de Neve	08/2019	4	4	1. ^a vez
Dinossauro	11/2017	5	6	2. ^a vez
Dudu	01/2018	5	6	3. ^a vez
Elsa	04/2018	5	5	2. ^a vez
Fada Madrinha	02/2019	4	5	1. ^a vez
Gata	08/2019	4	4	1. ^a vez
Homem-Aranha	10/2018	5	6	2. ^a vez
Luana	12/2017	5	6	3. ^a vez
Panda	11/2017	5	6	1. ^a vez
Pedro	12/2017	5	7	2. ^a vez
Pérola	12/2017	5	6	1. ^a vez
Polícia	09/2017	6	6	3. ^a vez
Robin	02/2018	5	6	3. ^a vez
Ronaldo	12/2017	5	6	3. ^a vez
Schreck	06/2019	4	4	1. ^a vez
Thanos	04/2018	5	5	1. ^a vez

Fonte: elaboração própria.

No que concerne aos interesses do grupo, no início do ano letivo (outubro 2023) revelavam, na sua maioria, um grande envolvimento na realização de jogos e construções, histórias, teatro, música, bem como por atividades no domínio da educação física. A área da sala do faz de conta/casa é também muito apreciada pelas crianças na qual se envolvem e interagem, representando diversos papéis sociais. Dois desses exemplos dessas interações podem ser observados nas NC28 e NC44 (Anexo E1). Também a área dos fantoches se revelou desde muito cedo uma escolha livre das crianças, sendo a NC1 exemplo dessa mesma opção.

Ao nível da autonomia e independência, de modo geral, as crianças demonstram compreender e apropriar-se dos espaços, das rotinas e dos materiais.

Relativamente a fragilidades observadas, sete crianças revelavam, no início da intervenção, baixa autoestima e necessidade de reforço positivo por parte do adulto. São elas o Homem-Aranha, a Elsa, o Dinossauro, a Panda, a Gata, a Aurora e o Thanos. Esta característica está relacionada com questões de fragilidade emocional, insegurança ou vergonha em momentos de maior exposição. Poderei dar como exemplo no Anexo G1a., o facto da Gata e Ariel não quererem participar num jogo em que tinham de assumir a posição de líder perante o grande grupo. Também na NC1 (Anexo E), quando refiro que a Gata e a Aurora “Manipulam os fantoches, mas no momento de falar mostram-se «bloqueadas/envergonhas» e não dizem nada”.

Tais características, que singularizam cada criança, não possibilitam generalizações, uma vez que os ritmos de desenvolvimento e aprendizagem são sempre distintos, tornando imperativo observar cada uma enquanto sujeito único. Dada a heterogeneidade do grupo e a entrada de dez novas crianças de contextos diferentes, tornou-se essencial para mim, como educadora, a promoção de laços afetivos e valores de entreajuda entre todas, que permitam uma maior consciência do seu papel e da sua importância como sujeitos ativos em todo o processo educativo.

3.2.2.2. O retrato das famílias

Considerando que o núcleo familiar constitui o primeiro contexto de vida da criança, e sendo os familiares os primeiros agentes responsáveis pela educação e pelos cuidados infantis, torna-se pertinente compreender igualmente os elementos estruturantes do seu contexto familiar. Ao retratar as famílias e as suas vivências, obtemos uma compreensão das crianças “pelo que fazem, já que é naquelas experiências significativas que se fundam e inspiram as culturas de pares que emergem e são depois transmitidas e reproduzidas nas relações sociais com outras crianças” (Ferreira, 2004, p. 66).

Tal como podemos observar na Tabela 2, os pais das crianças da sala 2 encontram-se na sua maioria posicionados entre os 31 e os 45 anos.

Tabela 2

Caracterização das famílias em função do grupo etário

Grupo etário	Mães	Pais
Entre 20 – 30 anos	2	2
Entre 31 - 40 anos	10	5
Entre 41 - 45 anos	7	10
> de 46 anos	1	2
Desconhecido	0	1
Total	20	19

Fonte: elaboração própria.

Relativamente à tipologia familiar (Anexo A1), é de realçar que a maioria das famílias apresenta uma estrutura nuclear, existindo três famílias monoparentais. No que se concerne à existência de irmãos, apenas 4 crianças são filhas únicas, sendo que, em bastantes casos, os irmãos já frequentam o mesmo AE.

Considerarei também importante a recolha de alguns dados relativos à condição social das famílias, nomeadamente a profissão, a escolaridade e nacionalidade dos pais e das mães (Anexo A2), pois, considero serem fatores que atravessam a vida das crianças. Tal como refere Tomás (2011) a “forma como se processa a vivência da infância depende muito das estratégias de mobilidade social que as famílias estabelecem para os filhos, do género, da classe social, etnia e cultura de que fazem parte” (p. 124).

Neste sentido, e tendo o cruzamento das profissões e das habilitações escolares das famílias, foi possível caracterizá-las como pertencentes a uma condição social média, existindo quatro mães em situação de desemprego e dois pais com informação desconhecida.

Relativamente ao nível de escolaridade das famílias, é de realçar que este varia bastante entre o 2.º CEB e o Doutoramento, sendo que mais de metade dos pais e das mães possui habilitação superior, contrastando com alguns casos minoritários, em que se verifica a conclusão do 2.º ou dos 3.º ciclos. Um outro aspeto bastante relevante, é relativo à nacionalidade das famílias, pois, apesar de a maioria ter nacionalidade portuguesa, existem seis famílias cujos elementos possuem outra nacionalidade: bangladeshiana (1), brasileira (2), paquistanesa (1) e angolana (2).

3.2.2.3. A equipa educativa da sala

A equipa educativa da sala 2 é constituída por mim, enquanto educadora, e uma assistente operacional, ambas com aproximadamente 30 anos de serviço nesta profissão. De referir que já trabalhamos juntas há quinze anos, o que se traduz numa grande confiança e em complementaridade no trabalho realizado.

Para além destes dois elementos permanentes e diários, existem outros que interagem na sala em momentos específicos ao longo do ano, destacando-se: i) uma estagiária do mestrado em educação pré-escolar, da Escola Superior de Educação de Lisboa (de outubro de 2023 a janeiro de 2024), ii) duas docentes de educação especial (que acompanham duas crianças), iii) uma assistente social e uma psicóloga do AE, iv) duas terapeutas de fala de entidades externas ao AE e v) três docentes especializados: em música (1) e educação física (2), que desenvolvem projetos específicos, em articulação com as educadoras de infância que exercem funções neste JI.

Ao longo do ano, podem surgir outros parceiros educativos, mediante as necessidades sentidas no decorrer do processo educativo. O trabalho colaborativo é, por mim, considerando como fundamental, permitindo não só uma amplitude e diversidade de visões sobre o processo e o progresso das crianças, como também promovendo o desenvolvimento holístico dos adultos e das crianças envolvidas.

3.1.2.4. A organização do ambiente educativo

De acordo com Ferreira (2004), é fundamental organizar o ambiente educativo, de modo a proporcionar alguma “estabilidade, regularidade, continuidade e previsibilidade” (p. 98) a todos os intervenientes. Esta organização é da minha responsabilidade enquanto educadora de infância e será o suporte do meu desenvolvimento curricular, pelo que se torna essencial realçar três dimensões importantes que se complementam: a organização do grupo, do espaço e do tempo (Silva et al., 2016, p. 24).

Relativamente à organização do grupo, na minha prática educativa promovo: i) atividades individualizadas; ii) atividades a par e em pequeno grupo; iii) atividades para o grande grupo; e iv) atividades com outros grupos de crianças. Nesta dinâmica, utilizo instrumentos promotores de uma organização participada e que funcionam também para monitorizar a ação educativa, ou seja, ajudam na planificação, na gestão e na

avaliação (por exemplo, mapas de tarefas, de presenças, de atividades, do tempo; lista de projetos; listagem de conquistas; regras de sala; entre outros).

Figura 1

Instrumentos de monitorização da ação educativa



Estes instrumentos, promovem a autonomia e a vida democrática em grupo, assim como a interação das crianças na vida em grupo.

No que concerne à organização do espaço, a mesma está organizada por áreas de atividades, distribuídas à volta da sala e de uma área central polivalente, esta destinada ao trabalho coletivo (Anexos B1 e B2). A disposição das áreas de interesse na sala está relacionada com a natureza das atividades que as crianças realizam em cada uma. Por um lado, procurei afastar as áreas que exigem maior concentração e silêncio (escrita, matemática, biblioteca, jogos de mesa) das outras (faz de conta, jogos de chão e espaços de criação de grupo ou coletivos). A área das ciências está colocada perto de uma janela. A área das artes visuais está colocada perto do lavatório, possibilitando uma maior facilidade de movimentos e a utilização daquele recurso, sempre que a situação o exija. Destaca-se, ainda, o carácter flexível e orgânico dos diferentes espaços na sala 2, podendo a NC34 (Anexo E1) ser um exemplo desta minha opção metodológica, quando refiro a troca da “Área das ciências com a da biblioteca (...) de forma a permitir a utilização de alguns objetos, que de início foram selecionados pelo educador e posteriormente foram sendo adaptados e reformulados, mediante as necessidades e os interesses do grupo”.

Em cada uma das áreas de interesse está indicada a lotação máxima do número de crianças que a pode utilizar, através da indicação do símbolo do número associado à quantidade que o mesmo representa (Figura 1 e Figura 2). Estas regras foram definidas em grande grupo.

Figura 2
Cartões das áreas



Figura 3
Suporte para lotação nas áreas



São estas regras que orientam a forma com as crianças se relacionam com os outros e permite que organizem as suas escolhas e interações, o que “confere estabilidade aos lugares, confeciona regras e ordens, esboça laços entre pessoas e coisas” (Ferreira, 2004, p. 84). De referir, no entanto, que ao longo do ano, estes instrumentos também podem sofrer alterações ou surgirem outros, mediante a necessidade e o consenso do grupo.

Relativamente ao mobiliário existente na sala de atividades, o mesmo é adequado ao tamanho das crianças, permitindo que elas observem, explorem, retirem os materiais e voltem a colocá-los nos respetivos lugares após a sua utilização. O facto de os materiais se encontrarem ao nível e ao alcance das crianças é um fator facilitador que potencia inúmeras aprendizagens, promovendo igualmente a sua autonomia, sendo valorizada a conceção de criança enquanto sujeito ativo, com interesses, vontades e com capacidade de escolha e de decisão. As paredes e os placares existentes também fazem parte do espaço, uma vez que funcionam como uma forma de comunicação representativa dos processos desenvolvidos, tornando-os visíveis para as crianças e para os adultos, valorizando todo o processo desenvolvido ao longo do tempo, bem como as conquistas observadas.

É de realçar ainda que, embora seja na sala de atividades que o grupo passa grande parte do dia, a rotina diária do grupo da sala 2 engloba outros locais que são partilhados com outros grupos: a casa de banho, o recreio, o ginásio, o auditório, a biblioteca e o refeitório.

No que respeita à organização do tempo, foram definidas desde o início do ano algumas rotinas semanais, sempre com carácter flexível, mas que pretendem: i) transmitir

segurança emocional e conforto para as crianças; e ii) desenvolver a estruturação espaço-temporal nas crianças (Anexo B3).

A rotina diária é estruturada, suficientemente flexível para ser alterada consoante as necessidades das crianças e a minha intencionalidade enquanto educadora. A sequência temporal dos acontecimentos é conhecida por todas, que sabem sempre o que sucede. No meu papel de educadora, vou intervindo de forma a facilitar as transições entre atividades e complexificando as suas aquisições de forma intencional, para que consigam sair do nível de segurança/ controlo (aquilo que sentem que já conseguem fazer) e aceitem e invistam em desafios cada vez mais complexos.

3.3. Plano de intervenção

O meu plano da intervenção incidiu na planificação de 17 sessões teatrais estruturadas a implementar com as crianças da sala 2, considerando a caracterização do grupo, as interações estabelecidas com as crianças, um processo cuidadoso de observação da minha parte e as reflexões teóricas e conceptuais do campo do Teatro (cf. Ponto 2.3). As sessões de práticas teatrais estruturadas por mim, decorreram entre outubro de 2023 a março de 2024. No entanto, tendo em conta as dimensões da EA-criação, execução e apreciação - considereei que este plano teria de ser mais abrangente e contínuo, não se limitando a momentos específicos de sessões estruturadas, onde constavam atividades de minha iniciativa, mas que incluíssem também momentos da iniciativa da criança. Apesar de considerar que mesmo em atividades estruturadas de jogo dramático/teatro estiveram também presentes estas dimensões, decidi que faria sentido nesta planificação, incluir a par com o plano das sessões realizadas, as notas de campo (NC) realizadas, onde foram incluídas as visitas de estudo realizadas com o grupo de crianças e algumas atividades específicas, no âmbito desta temática, que incidiram em técnicas teatrais e onde foi possível a articulação com outros parceiros (profissionais e famílias) – Anexo C. Para além deste plano de intervenção, definido por mim educadora-investigadora, num primeiro momento desta investigação, considereei importante “[manter sempre] uma postura vigilante e crítica (...) para combater o adultocentrismo [e] as relações de poder desiguais” (Vieira, 2022, p.280). Com base nesta perspetiva, o plano de intervenção abrangeu ainda, o ambiente educativo da sala 2 do JI, uma vez que no decorrer da minha ação, o meu duplo papel levou-me também a processos de reflexividade permanentes sobre a necessidade de promover espaços-

tempos às crianças de maior liberdade na escolha e exploração de materiais e atividades em contexto de sala, que incentivassem as práticas teatrais de forma mais autónoma e livre. Nesse sentido, a minha estratégia de ação, foi pensar nas áreas de atividades já existentes no espaço educativo desde o início do ano e de que forma as mesmas poderiam promover a descoberta autónoma e livre de diferentes elementos teatrais, com base nos materiais que lá se encontram e outros que foram adicionados no decorrer da intervenção (Anexo B4). Esta opção, é também defendida por Gauthier (2000), na medida em que considera que as crianças são ativas por natureza e se lhe forem dadas oportunidades de explorar os materiais livremente, irão despertar para a experimentação e ser criadoras, apropriando-se de diferentes elementos, que no final poderão resultar num produto final onde se conjuguem entre si.

A par com a reorganização intencional no ambiente educativo de sala (Anexo B4), realizei desde o início desta investigação, algumas notas de campo sustentadas na observação e reflexão sobre a ação das crianças, sendo este instrumento mais analisado em pormenor no capítulo relativo ao percurso metodológico. Essa recolha de dados, permitiu-me refletir e complementar as atividades semanais estruturadas por mim, com outras atividades em contexto de sala, valorizando neste caso, o papel das crianças neste processo criativo e de fruição, sustentado na organização do espaço e diversificação de materiais. A NC41 (Anexo E1), permite suportar esta ideia dado que descreve uma atividade a pares, da iniciativa das crianças, realizada na área da biblioteca e que recorre a um material criado pelas crianças e os ajuda na criação e histórias, elemento possível para o desenvolvimento das práticas teatrais.

No que diz respeito aos planos das sessões, os mesmos refletem, de um modo sistemático e intencional, a organização das atividades estruturadas, durante o período delimitado para a investigação. De início, foram pensados e definidos planos a longo prazo, tentando abranger uma maior diversidade de elementos e técnicas do teatro e tendo como base a ideia de Gauthier (2000), quando refere que se, “[trata] de por à disposição das crianças instrumentos e técnicas que lhes deem a possibilidade de utilizar todos os seus meios de expressão” (p. 19). No decorrer do processo, senti que era mais fácil planificar semanalmente, de forma a adaptar as sessões às necessidades sentidas pelas crianças e à dinâmica da própria sala. Esta estratégia, permitiu complementar e enriquecer todo o processo e resultar em oportunidades educativas com significado e informadas pela observação das crianças.

De referir ainda que, enquanto referência para as crianças, tive um especial cuidado na utilização da linguagem teatral e na inclusão de conteúdos teatrais ao longo das sessões. Para além de definir o conteúdo temático, as sessões foram planificadas definindo as aprendizagens a promover (na ótica da educadora-investigadora e das crianças). As indicações destas aprendizagens não correspondem a objetivos específicos a alcançar, mas a competências em construção, tal como definido pelas OCEPE (2016). De seguida, procedi à sistematização deste plano definindo: atividades, tempo, espaço, recursos necessários e definição de estratégias e possíveis indicadores de avaliação. Também foram planificadas seguindo uma estrutura, com: (i) Roda inicial; (ii) Aquecimento; (iii) Atividade central; (iv) Relaxamento e (v) Reflexão em grupo.

i) Roda inicial: Correspondeu à organização coletiva do espaço, bem como ao descalçar dos sapatos e colocação de meias antiderrapantes, posicionando-se o grupo em círculo. Foram ainda lembradas neste momento, as regras gerais para estas sessões e referido de uma forma geral, o que iríamos fazer de seguida (tema).

ii) Aquecimento: Consistiu na realização de jogos de exploração sensorial em grande grupo, servindo essencialmente para aquecer os músculos do corpo e estimular a concentração.

iii) Atividade central: Correspondeu ao momento onde se realizaram várias dinâmicas, incidindo na exploração de técnicas e elementos das práticas teatrais.

iv) Relaxamento: Jogos e dinâmicas mais calmas, que serviram essencialmente para que o corpo volte ao seu ritmo normal e para permitir um maior foco e tranquilidade para a última etapa.

v) Reflexão em grupo: conversa e avaliação coletiva ao fim das atividades desenvolvidas durante a sessão, retomando-se o círculo de discussão.

É importante referir ainda, que a organização dos planos das sessões, foram inspirados na metodologia do Ensino do Teatro, de Japiassu (2008), que considera que: “as aulas de teatro tendem a seguir uma determinada rotina, uma espécie de ritual” (p.71).

De realçar ainda, que optei também, por realizar a reflexão semanal de cada sessão, após a sua implementação e no mesmo documento, de forma a facilitar a leitura ao leitor e dar continuidade, à avaliação das atividades. Importa referir, que nesta reflexão, foram incluídos os meus comentários enquanto educadora/investigadora, alguns comentários das crianças e algumas fotografias ou imagens, que ilustraram alguns momentos vivenciados.

Com estas sessões, pretendi possibilitar às crianças experiências significativas e diversas, que depois poderiam transpor para a própria rotina educativa, em contexto de sala de JI.

3.4. Implementação

A implementação das sessões estruturadas ocorreu com uma frequência semanal (quartas-feiras), incluída na rotina educativa de sala e com a duração aproximada de 1 hora, entre 25 de outubro de 2023 a 21 de março de 2024.

Podemos observar na Tabela 3, a organização das sessões (S) no que respeita a conteúdos temáticos desenvolvidos ao longo das mesmas.

Tabela 3

Síntese de Plano das sessões estruturadas

Calendarização	Nº	Conteúdo temático
1.º semestre (de 25 de outubro a 20 de dezembro)	1	Consciência de si e do outro
	2	Consciência de si e do outro
	3	Jogo simbólico: Corpo e voz
	4	Jogo simbólico: Corpo e voz
	5	Teatro de sombras: oficina de marionetas
	6	Jogo simbólico: as emoções
	7	Jogo dramático: história gravada
	8	Jogo dramático: exploração de objetos
Interrupção letiva		
	9	Jogo dramático: improvisação com objetos
	10	Jogo dramático/teatro: improvisação em contracena
	11	Jogo dramático/teatro: improvisação em contracena
	12	Jogo dramático/teatro: improvisação em contracena
Interrupção letiva		
2.º semestre (de 10 de janeiro a 21 de março)	13	Teatro de marionetas: manipulação e improvisação
	14	Teatro de marionetas: improvisação
	15	Teatro de objetos: improvisação
	16	Jogo dramático através de uma história narrada
	17	Teatro de sombras: marionetas de vara

Tal como podemos observar na Tabela 3, a organização dos conteúdos temáticos selecionados, da minha responsabilidade, teve em conta alguns pressupostos que considerei importantes neste processo: o partir da descoberta de si próprio através da exploração do espaço em interação com o outro, para a experimentação do jogo dramático/teatro. Neste caminho, foi surgindo, a par com a minha intencionalidade

educativa, a materialidade, os elementos da linguagem teatral (cor, luz, cenários, efeitos sonoros, música, entre outros) e uma diversidade de técnicas teatrais (improvisação, teatro de marionetas, teatro de objetos, teatro de sombras). Também foi essencial neste processo o envolvimento das crianças, estando as mesmas no centro das aprendizagens a promover para as atividades que se concretizaram (Kowalski, 2020). De realçar, que a planificação da S6 foi substituída por uma planificação emergente, o que permitiu dar continuidade a conteúdos temáticos e atividades realizadas anteriormente. O conteúdo inicial desta sessão não era teatro de sombras, mas sim jogo simbólico: emoções. Considerei uma planificação emergente aquela que surgiu sem planificação prévia e com base nos interesses e necessidades do grupo nesse momento. De acordo com esta visão, e uma vez que na S5 foi realizada uma oficina de marionetas com sombras, considerei que dado o espaço do auditório não estar disponível, deveria aproveitar a sala para dar continuidade à sessão realizada no dia anterior. Em concordância com as crianças, esta opção foi tomada. A planificação inicial está incluída no Anexo G1f, sendo depois substituída pela atividade descrita no AnexoE1 – NC16.

No que respeita à implementação das NC, as mesmas decorreram de forma natural, sem planificação prévia de calendarização, uma vez que resultaram da pertinência das concretizações espontâneas das crianças em espaços e atividades fora das sessões de teatro e das minhas reflexões enquanto educadora-investigadora. Esta distribuição temporal pode ser visível na Tabela 4.

Tabela 4

Síntese das Notas de campo realizadas

Meses	Notas de campo (NC)	Total
Outubro	NC1, NC2, NC3, NC4, NC5, NC6, NC7	7
Novembro	NC8, NC9, NC10, NC11, NC12, NC13, NC14, NC15	8
Dezembro	NC16, NC17, NC18, NC19	4
Janeiro	NC20, NC21, NC22, NC23, NC24, NC25, NC26, NC27, NC28	8
Fevereiro	NC29, NC30, NC31, NC32	4
Março	NC33, NC34, NC35, NC36, NC37, NC38, NC39, NC40, NC41, NC42, NC43, NC44, NC45, NC46, NC47, NC48	15
Junho	NC49, NC50	2

De realçar que, apesar de este Projeto de intervenção ter sido delimitado até final de março, considerei importante realizar as duas últimas NC em junho, de forma a

concretizar um desejo das crianças e que se tornou também para elas o culminar do projeto de teatro na sala, isto é, a apresentação às famílias de dois Espetáculos: “O Coelho Branco” e o “Eu não fui!”, desenvolvido neste ano letivo (Anexo E1 – NC49 e NC50).

Figura 4

Fotografia do Espetáculo final “Eu não fui!”



4. Percurso metodológico e ético

| ' ' | | ' ' |

4.1. A investigação com crianças em ação: Opção metodológica

Tendo já identificado e fundamentado o caminho a seguir nesta investigação, é importante questionar e refletir acerca do posicionamento que adotei no contexto onde me inclui, aos agentes educativos e as crianças com quem interagi e estabeleci relações. Neste sentido, para uma investigação de qualidade, as questões éticas e metodológicas contemplando os métodos, técnicas e instrumentos devem estar bem explicitados e fundamentados, tendo em conta que se interligam e confluem no decurso da investigação.

Por conseguinte, posso referir que esta investigação se enquadra no paradigma qualitativo e interpretativo caracterizando-se pela “epistemologia subjetivista que valoriza o papel do investigador/construtor do conhecimento (...) [baseando-se] em noções científicas de (...) compreensão, significado e ação” (Coutinho, 2023, p.17). Seguindo esta abordagem, Bogdan e Bilken (1994) sustentam também que o investigador, se introduz “no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, [dá-se] a conhecer [para] ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa” (p.16). Esta situação ocorre ao longo de toda esta pesquisa, relativamente aos sujeitos desta investigação (crianças), estando o meu papel de educadora-investigadora presente até ao final deste estudo.

Desta forma, este trabalho “possibilita uma interpretação de conhecimentos de forma ampla e significativa, tendo em vista desenvolver um melhor entendimento da realidade e dos fenómenos que caracterizam a vida humana e a sociedade” (Castro, 2022, p. 350). Neste caso específico, pretende-se refletir sobre as práticas teatrais em contexto de jardim de infância.

O meu papel como investigadora participante foi o de interpretar e refletir sobre as minhas intenções, nas ações, não descurando o contexto e os sujeitos envolvidos em todo o processo, sendo o ambiente natural a fonte direta na recolha de dados da investigação (Bogdan & Bilken, 1994, p. 47). Assim, os resultados obtidos através desta metodologia qualitativa não partem da descoberta ou de teoria, mas, antes, se sustentam nas “ações individuais e interações sociais” (Coutinho, 2023, p. 28).

Por conseguinte, inspirei-me na metodologia investigação-ação, uma vez que nesta investigação se prioriza o trabalho de campo, onde se inclui em simultâneo a ação (ou mudança) e investigação (compreensão), utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica. Este tipo de investigação, tem como

intencionalidade expressa a mudança e a transformação social, sendo “muito importante, do ponto de vista ético, analisar em conjunto com as e os participantes sobre a direção e a intensidade da mudança almejada, através de um processo contínuo de reflexão e negociação conjuntas (Vieira,2022). É de realçar que este aspeto é também enfatizado nas OCEPE (Silva et al., 2016) quando se refere que a “autoavaliação da intervenção do/a educador/a e a avaliação do desenvolvimento do processo é essencial numa perspetiva de avaliação formativa, em que a avaliação é reinvestida na ação” (p.18).

É de realçar a minha duplicidade de papéis neste processo: intervir e investigar a ação, numa dinâmica cíclica e reflexiva. Este aspeto, se, por um lado, facilitou a proximidade às crianças, por outro, dificultou por vezes o meu olhar mais objetivo, pelo que a ética na investigação foi sempre um aspeto importante a ter em conta ao longo deste processo e que irei referir mais em pormenor no ponto 4.4 (Ética na investigação).

A investigação-ação exigiu também um conhecimento prévio do contexto, a reflexão crítica e uma atitude de pesquisa sobre as práticas teatrais, com o objetivo de contribuir para uma mudança e definição de estratégias que ajudem a novas práticas em contexto de JI, tal como defende Flores e Silva (2019) ao discutirem a técnica da investigação -ação.

4.2. Processos e técnicas de recolha de dados

4.2.1. Observação

No que se refere às técnicas e aos instrumentos de recolha de dados, elementos fulcrais no desenvolvimento da investigação, começo por referir a importância da observação em todo este processo investigativo. “Observar as crianças para as conhecer a partir delas requer um/a observador/a disposto a inverter a relação tradicional de investigação submetendo o seu olhar às ações delas; seguindo no seu encaço, colocando-se, portanto, atrás e não à sua frente” (Ferreira & Tomás, 2022, p. 284). Foi neste duplo papel de educadora-investigadora, que tentei sempre estar desperta para o envolvimento e participação das crianças ao longo de todo o processo, entendendo as mesmas como “atores sociais e produtoras de culturas lúdicas” (*Ibidem*; p. 286).

Considero que foi uma observação atenta, dado a minha ação como investigadora ter sido a de observar o que acontece entre as crianças, recorrendo neste caso a registos na forma de reflexões das sessões e notas de campo, para assim identificar “o banal e o familiar, e o que se encontra mais próximo, permitindo identificar a diversidade cultural daquilo que aparenta ser tão igual ou comum a «nós»” (Caria, 2003, p. 12) e, em fim último, compreender a compreensão, os saberes, fazeres e sentires das crianças (Vasconcelos, 2000; Ferreira, 2004).

A observação realizada em contexto caracterizou-se, então, por ser participante, possibilitando-me a compreensão do contexto em que me inseri e a recolha de informações focalizadas na problemática em questão. Segundo Vieira (2022) esta “compreensão só acontece quando o/a observador/a já passou algum tempo no terreno e conhece as crianças e as culturas de pares porque estabeleceu relações confiáveis com elas” (p. 287). Neste sentido, a minha presença na investigação foi facilitadora no processo.

De referir ainda, que ao longo desta investigação, esta mesma observação foi do tipo não estruturada e naturalista, dado ter sido realizada em contexto natural e traduzindo-se em narrativas e registos detalhados das ocorrências (*Ibidem*). A materialização da observação em notas de campo permitiu um olhar mais externo sobre o contexto natural em que decorreu a ação, para além de me ajudar enquanto educadora-investigadora a refletir sobre o meu papel e o das crianças em momentos de práticas teatrais, em contexto de JI.

Estas notas, realizadas no âmbito das práticas teatrais, pretenderam enriquecer o processo, nomeadamente com descrições de atividades não estruturadas e de iniciativa da(s) própria(s) criança(s), na sala 2, ou de outras que, sendo da minha iniciativa, permitiram ampliar conhecimentos e cruzar depois dados, o que viabilizou toda a investigação (Anexo E1). Como educadora-investigadora, procurei que as crianças tivessem também a liberdade de criar, através de estímulos e de um ambiente educativo rico e intencional. Estes registos, resultaram em observações que me fizeram sentido ao longo do processo interventivo, sejam elas de iniciativa da criança, de iniciativa do adulto, incluindo ainda atividades complementares que enriqueceram a dinâmica das práticas teatrais na sala 2.

Como afirma Gauthier (2000), “se a criança tiver a possibilidade de experimentar livremente diferentes elementos do teatro, se dispuser do material, dos instrumentos e

das técnicas de trabalho necessárias, poderá por si própria, encarregar-se da aprendizagem desta linguagem” (p. 41).

É importante realçar ainda, que as NC foram realizadas por mim ao longo desta investigação, sendo organizadas com alguns parâmetros que se considere fundamentais: data, horário, contexto, intervenientes, descrição da observação, comentários ou inferências do observador e fotografias (sempre que se considerou pertinente).

De realçar ainda, que para a recolha de dados e facilitar a observação mais ao pormenor e com um olhar mais externo e atento sobre a observação, recorri também a vídeo e fotografias. Estes instrumentos de recolha de dados ganham, segundo Fernandes e Caputo (2020), “crescente destaque nas formas de narrar a vida quotidiana, nos processos de produção e compartilhamento do conhecimento na atualidade” (p.8). Também como investigadora na área dos estudos da criança, considere “o conceito de voz na infância (...) [e que deverá] contemplar as múltiplas formas de comunicar que a criança utiliza, que vão desde a linguagem gráfica, à linguagem simbólica, à linguagem motora ou ainda à linguagem oral” (*Ibidem*, p. 7).

4.2.2. Entrevistas focalizadas de grupo

Segundo Ferreira (2004), a entrevista focalizada de grupo “implica a reunião de pessoas que possuem em comum o terem passado por determinada experiência (...) [sendo vantajosa] pela profundidade e a observação da interação” (p.103). Desta forma:

Na base da opção por este tipo de entrevista está a convicção de que é possível conhecer melhor as atitudes, as crenças e os sentimentos das pessoas quando elas se encontram em interação em grupo, porque a situação de grupo faz surgir uma multiplicidade de opiniões e de processos emocionais, muito mais limitados em situação de entrevista individual. (*Ferreira*, 2004; p. 103-104)

As entrevistas foram realizadas em dois momentos distintos: a 11 de outubro de 2023 (antes da implementação das sessões teatrais estruturadas) e a 5 de abril de 2024 (no final da investigação). Neste sentido, foi opção conduzir o diálogo reflexivo entre as crianças sobre a questão do teatro, sendo este o meu foco durante a entrevista.

O guião da entrevista focal foi organizado em cinco blocos: 1) legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados; 2) conceções sobre o teatro; 3) práticas teatrais em contexto de JI; 4) expectativas sobre as atividades estruturadas de teatro e 5) conclusão da entrevista (Anexo F1). É de referir também que, no segundo momento, foi apenas adaptada a questão sobre as expectativas que as crianças tinham, de forma a permitir analisar se o que fizeram correspondeu ao que esperavam e, ao mesmo tempo, perceber a avaliação do processo, relativamente às atividades estruturadas.

A entrevista foi aplicada a dois grupos em separado, no mesmo dia, sendo a constituição dos mesmos, realizada com base no critério da frequência das crianças no JI no ano letivo anterior. Neste sentido, o Grupo A foi constituído pelas crianças que já frequentavam este JI no ano transato e o Grupo B foi composto pelas crianças que entraram neste estabelecimento pela primeira vez (Anexo F2). Os nomes das crianças não são reais, tendo sido escolhidos pelas mesmas. Esta opção também se encontra em evidência na NC7 (Anexo E1).

Os grupos mantiveram-se nos dois momentos e, em ambos, foi seguido o mesmo guião de forma a possibilitar a verificação, comparativa, de eventuais alterações depois da implementação do projeto de investigação-ação.

A aplicação da mesma entrevista antes e após a implementação deste estudo, permitiu-me refletir e identificar (des)continuidades nas respostas das crianças e entender o meu papel enquanto educadora-investigadora nesse processo.

De realçar ainda, que as entrevistas foram realizadas na sala de JI e registadas em vídeo e áudio, de forma a facilitar a transcrição da mesma e poder estar também mais desperta para a linguagem não verbal por parte de algumas crianças, o que poderia ser importante na posterior análise.

4.2.3. Intervenção- Planos das sessões

Foram realizados 17 planos, dos quais 16 foram concretizados, entre o final de outubro de 2023 e o final de março de 2024 (Anexo G1). A elaboração destes planos constitui, por si só, uma ferramenta de reflexão, implicando tomadas de decisão relacionadas com as aprendizagens a promover e a observar, bem como com a diversidade de elementos e técnicas teatrais que se pretendia desenvolver com as crianças. Seguiu-se a metodologia de teatro para as sessões estruturadas, com base em fundamentos teóricos já explanados no ponto 2.3 deste trabalho.

A flexibilidade nas planificações foi essencial para ir complexificando as atividades durante o decurso desta investigação, em consonância com a participação das crianças. Também a minha ação foi posta em prática, em determinados momentos, permitindo-me refletir e melhorar a minha postura e desempenho ao longo do processo.

A definição prévia de estratégias/instrumentos também me permitiu antecipar algumas situações e ultrapassar dificuldades, nomeadamente a gravação em vídeo das sessões, que me facilitou a observação/reflexão mais externa da ação, incidindo a mesma sobre mim, outros intervenientes e crianças.

A reflexão sobre cada sessão, foi outro instrumento de recolha de dados utilizado para descrever, de forma narrativa, como decorreram as mesmas, não só no que respeita ao cumprimento ou não da planificação como também ao envolvimento das crianças no processo e dificuldades sentidas. De realçar, que estas reflexões incluíram: i) os meus comentários enquanto educadora/investigadora; ii) os comentários das crianças e iii) algumas fotografias de momentos da sessão ou alguns materiais utilizados e que se relevantes. Estes dados recolheram informação fundamental ao processo de investigação, imprimindo dados que me permitiram visualizar posteriormente a ação com um olhar mais objetivo e denso.

De referir, que o recurso à gravação vídeo de cada sessão, permitiu-me ter um “olhar” e uma escuta mais apurada sobre o decorrer da mesma e proceder depois à avaliação/reflexão. Esta situação, será depois referida no ponto da metodologia, mais especificamente na recolha de dados.

4.3. Processo de análise de dados

Com vista ao tratamento da informação previamente recolhida, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, partindo por uma categorização de dados “classificados e reduzidos, após terem sido identificados como pertinentes, de forma a reconfigurar o material” (Esteves, 2016, p. 109).

Nesse sentido, procedi a uma análise categorial, agrupando os dados através de procedimentos abertos, ou seja, as categorias surgiram do próprio material recolhido por mim, apesar de serem também influenciadas pelos objetivos e questões orientadoras da própria investigação. Tal como refere Esteves (2016), trata-se então “de um processo essencialmente indutivo: caminha-se dos dados empíricos para a formulação de uma classificação que se lhes adegue” (p. 110). De realçar ainda, que

esta análise passou por diversas etapas: i) constituição do *corpus* documental; ii) leitura flutuante; iii) decisão sobre o tipo de categorização, unidades de registo (UR) de contexto e de enumeração; iv) quantificação; e v) produção de inferências e interpretação dos resultados (*Ibidem*).

Seguindo esta organização, procedi à AC de cada instrumento de recolha de dados já referidos anteriormente: “Observação”, “Entrevistas focalizadas de grupo” e “Planificação/reflexão das sessões estruturadas”.

A AC das observações, materializada na análise das NC, incidiu nas categorias: i) Localização (Anexo E2a); ii) Tipos de atividades (Anexo E2b) e iii) Atividades iniciadas pelas crianças (Anexo E2c).

Relativamente à AC das entrevistas, a mesma incidiu nas seguintes categorias: i) Conceito de teatro; ii) Materialidade no teatro; iii) Relações teatro/faz-de-conta; iv) Experiências teatrais; v) Expectativas das sessões de teatro (Anexos F – F3b; F3d; F4b e F4d).

A AC relativa à Planificação/reflexão das sessões estruturadas, resultou nas seguintes categorias: i) na Organização das sessões (Anexo G2a); ii) no Tipos de atividades (Anexo G2b); iii) na Materialidade utilizada (Anexo G2c); iv) nos Conteúdos teatrais (Anexo G2d); v) nos Modos de organização do grupo.; vi) o Papel do educador Anexo G2f); vi) a Participação das crianças (Anexo G2g) e vii) Aspetos facilitadores no processo (Anexo G2h).

O processo permitiu confrontar dados extraídos dos instrumentos de recolha, com o suporte teórico já referido no início deste trabalho, de forma a responder às questões orientadoras e aos objetivos traçados com esta investigação-ação.

4.4. Posicionamento ético na investigação com crianças

A investigação com crianças exige uma dimensão ética presente em todas as fases da investigação, na prática pedagógica e na postura adotada por mim. Neste sentido, procurei que a minha ação educativa fosse orientada por um conjunto de princípios éticos e deontológicos: (Tomás, 2011): 1) objetivos, 2) custos e benefícios, 3) respeito pela privacidade e confidencialidade; 4) decisões acerca de quais, as crianças a envolver e a excluir; 5) fundamentos; 6) planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação; 7) consentimento Informado; 8) possível impacto nos agentes

educativos; 9) informações às crianças e adultos envolvidos e 10) uso e relato das conclusões.

Com o pressuposto de que a apresentação a todos os agentes educativos nomeadamente, crianças, famílias e equipa educativa é fulcral na “construção de uma ética democrática” (Tomás, 2011, p.160), procurei em primeiro lugar, definir os objetivos que pretendia com este trabalho de investigação, partilhando depois os mesmos, numa primeira fase, com a diretora do AE, informando da minha intenção de desenvolver uma investigação em contexto educativo e na sala onde exerço funções como educadora. Mediante o consentimento da mesma (Anexo D1), partilhei os objetivos com a restante equipa educativa (AO e outros docentes do JI) e posteriormente, com as famílias e crianças. De realçar, que a partilha com as famílias foi realizada na primeira reunião de pais, antes do ano letivo iniciar (em setembro), sendo entregue em simultâneo, o consentimento informado (Anexo D2). De referir ainda, que adotei também uma postura acessível, dispondo-me a esclarecer situações e aspetos relativos tanto à minha prática, como à investigação realizada. Considero, portanto, que foram apresentados e dialogados com os atores educativos, os objetivos do trabalho de várias maneiras, traduzindo-se numa investigação acessível e participativa.

Pretendi conduzir a minha investigação de forma cuidadosa e responsável, procurando trazer benefícios significativos sem causar danos. Conforme destacado por Benavente et al. (1990, citado por Tomás, 2011), “o objetivo será que, depois da saída do investigador de campo, os atores locais se apropriem das dinâmicas entretanto criadas” (p. 161). Adicionalmente, acredito que a investigação desenvolvida, permitiu não só a minha reflexão da minha prática educativa, como também uma multiplicidade de experiências de qualidade para as crianças, tendo como pressuposto “o superior interesse da criança”, defendido pela Convenção dos Direitos da Criança (1989). A partilha do processo com a equipa pedagógica do JI, também foi importante nesta investigação, ampliando conhecimentos em parceria.

Sendo o sigilo profissional subjacente à prática pedagógica, o respeito pela privacidade e confidencialidade de todos os atores educativos estiveram sempre presentes durante a minha prática. Na recolha de dados procurei proteger a identidade das crianças, não utilizando os seus nomes reais nem os seus rostos, em fotografias utilizadas ao longo da investigação. Foi neste sentido, perguntado às crianças como gostariam de ser identificados, de forma a serem agentes ativos neste processo (Anexo

G – NC7). Além disto, não foi identificado o contexto educativo onde se desenvolveu a investigação, de forma a salvaguardar a identidade de todos os envolvidos.

No que concerne à decisão relacionada à inclusão ou exclusão dos sujeitos, é importante ressaltar que não tive em conta qualquer processo de seleção ou exclusão em relação a qualquer criança. Isso deve-se ao fato de que as crianças são consideradas atores sociais e sujeitos de direitos (Tomás, 2011) e é basilar dar-lhes “voz” e poder de decisão, priorizando sempre a tua participação ativa. Neste sentido, se em algum momento houve exclusão de alguma criança numa atividade, foi realizada por sua opção e vontade expressa, sendo exemplo disso, o momento em que o Schreck não quis participar até ao fim na 2.^a entrevista focal realizada em abril (Grupo B), sendo respeitada a sua vontade (Anexo F4c.).

Ao longo do processo investigativo procurei refletir sistematicamente sobre a minha ação, de modo a ultrapassar “fatores de perversão e fatores de controlo” (Benavente, et al., 1990, citado por Tomás, 2011, p.163). Procurei evitar juízos de valor precipitados, respeitando cada criança e o seu contexto familiar. Evitei também, nos momentos de recolha de dados, comportamentos que me conduzissem a conclusões precipitadas e superficiais bem como ao enviesamento de dados.

Todos os agentes educativos envolvidos na investigação foram informados sobre as etapas da mesma. Desta forma, procurei que a equipa educativa e a família acompanhasse o seu desenvolvimento e participasse no processo, o que me ajudou a refletir e a reformular também a minha intervenção. Um exemplo desta ação pode ser visto na NC13 (Anexo E1), em que doze pais respondem a uma questão sobre as sessões de teatro realizadas no auditório.

Relativamente ao consentimento informado, apresentei este protocolo (Anexo C2) às famílias de todas as crianças do grupo, explicitando o objetivo do documento referido. Em primeiro lugar, quis salientar, que cada família podia recusar a participação ou desistir em qualquer fase da investigação, retirando a autorização já concedida, sem qualquer prejuízo de ordem pessoal e/ou profissional. Além disto, demonstrei uma postura disponível para eventuais esclarecimentos e/ou reajustes ao protocolo, defendendo a conceção de um protocolo flexível aos interesses e características dos agentes educativos e aberto à mudança.

Tendo em consideração, tal como refere Dingwall (1980, citado por Tomás, 2011) que existe uma “hierarquia de consentimentos, uma complexidade de escolhas e de constrangimentos situacionais”, é necessário compreender que para além de obter

o consentimento das famílias se deve procurar o consentimento ou assentimento dos sujeitos que são o centro da prática investigativa: as crianças. Neste sentido, o mesmo protocolo serviu também para as crianças, sendo-lhes explicado, que o facto de os pais aceitarem a sua participação, não inviabilizava uma resposta diferente da sua parte. De realçar ainda, que apesar da existência deste protocolo inicial, tentei na minha prática investigativa observar nas crianças possíveis expressões de incómodo ou desagrado perante alguma ação, modificando rapidamente a minha postura, respeitando assim, as suas vontades e necessidades.

Os possíveis impactos desta investigação poderão abranger os vários agentes educativos. As crianças, na medida em que adquiriram novas competências, nomeadamente a maior consciência de si próprias (corpo e voz), através de oportunidades educativas intencionais e enriquecedoras. As famílias, porque puderam observar o crescimento integral dos seus filhos, através de um projeto inovador, em contexto de JI. Os parceiros educativos, porque permitiram um trabalho cooperativo e de reflexão constante sobre a intervenção-ação realizada e o processo vivenciado.

Tendo como pressuposto a transparência no processo investigativo, privilegiei o diálogo aberto e frequente com todos os envolvidos na investigação: crianças, AO, EST, famílias e outros convidados. Esta partilha de informações teve sempre como norteador a confidencialidade, em respeito por todos os envolvidos.

De modo a dar a conhecer o trabalho que era desenvolvido e os acontecimentos que se sucediam, divulguei, em parceria com a equipa educativa (AO e EST), algumas propostas pedagógicas e registos fotográficos que iam sendo desenvolvidos com e para as crianças. Estas foram partilhadas nos registos semanais da plataforma *Classroom*.

Relativamente à investigação, no final do ano letivo, elaborei um filme com vídeos e fotografias, partilhado presencialmente com as crianças e famílias, onde foi possível assistir a alguns dos momentos mais significativos deste percurso, sendo o mesmo partilhado posteriormente com os envolvidos, com autorização das famílias. Esta partilha final, foi importante, no sentido de valorização da minha ação enquanto educadora e das crianças, em todo este processo (Anexo E1- NC50).

Para além de todos estes princípios éticos e deontológicos já descritos e que estiveram presentes ao longo de toda a investigação, considero importante explicar aqui a minha reflexão sobre o processo sentido do seu desenrolar, nomeadamente no que diz respeito à minha duplicidade de papéis enquanto educadora-investigadora. No início desta investigação, os meus registos de observação (NC e reflexões das sessões)

foram feitos sempre na terceira pessoa, de forma a conseguir-me distanciar um pouco da dimensão relacional e ter um olhar mais externo e autoavaliativo. Senti que essa opção me ajudava no processo de escrita. Contudo, com o desenrolar da intervenção e já na etapa de escrita da dissertação, percebi que seria importante escrever na primeira pessoa, pois senti que ultrapassei este bloqueio. Além disso, considero fundamental aceitar as aprendizagens e mudanças que esta investigação me permitiu experienciar, juntamente com as crianças, as minhas parceiras nesta viagem.

5. Apresentação e análise de resultados

| ' ' | | ' ' |

5.1 Apresentação de resultados da observação- notas de campo

A observação, materializada na análise das notas de campo incidiram em três categorias de análise: i) a localização, ii) os tipos de atividades e a iii) participação autónoma das crianças.

Tabela 5

Síntese da AC das NC, Localização

Categoria	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/FC
Localização	Dentro da sala de JI	Na sala, na Área dos fantoches	6	46
		Na sala, na Área do faz de conta/casa	2	
		Na sala, na Área da biblioteca	3	
		Na sala, na Área da ciência/natureza	3	
		Na sala, na Área das artes visuais	8	
		Na sala, na Área dos Jogos de chão/construções	1	
		Na sala, na área polivalente	21	
		Na sala, nas mesas, durante momentos de rotina	2	
	Fora da sala de JI	No Ginásio	1	8
		No Recreio, em momentos lúdicos	1	
		No auditório	2	
		Fora do contexto escolar	4	

Na Tabela 5, podemos observar que foram realizadas diversas NC, tanto em contexto de sala de atividades como em contexto externo, sendo que a sala de atividades foi priorizada, com destaque para a área polivalente (21 ocorrências). Esta opção, leva-me a concluir que os meus registos priorizaram observações em grande grupo na área polivalente, local onde se vivenciam momentos importantes na rotina diária – o acolhimento, a planificação de atividades, a hora do conto e a partilha de produções das crianças.

Considerei também importante refletir sobre o tipo de atividades fora das planificações estruturadas por mim, que permitiram dar continuidade e complementar o que ia sendo vivenciado pelas crianças na sua rotina semanal, onde eram desenvolvidas as sessões estruturadas de teatro. Assim, a Tabela 6, oferece uma visão global sobre os tipos de atividades realizadas e os elementos de teatro implícitos nas atividades realizadas em contexto educacional.

Tabela 6*Síntese da AC das NC, Tipos de atividades*

Categoria	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Tipos de atividades	Atividades realizadas em contexto de sala	Atividades iniciadas pela criança	15	46
		Atividades iniciadas ou propostas pelos adultos	16	
		Atividades centradas nos adultos	15	
	Atividades/Registos fora do contexto escolar	Visitas de estudo	3	5
		Plataforma Classroom	2	
	Elementos do teatro implícitos nas atividades	Narrativa	32	176
		Personagens	36	
		Espaço cénico	28	
		Som/sonoplastia	17	
		Luz/iluminação	15	
		Figurino	8	
		Objetos de cena	19	
		Público/plateia	21	
	Técnicas teatrais implícitas nas atividades	Teatro de marionetas	16	53
		Teatro de sombras	7	
Teatro de papel		1		
Improvisação		26		
Teatro de objetos		3		

As atividades realizadas em contexto de sala foram agrupadas por mim em três categorias, inspiradas no *Manual do Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância* (Vasconcelos, 2005). Neste sentido, foram concretizadas em NC atividades da iniciativa da criança, atividades propostas pelo adulto e atividades centradas no adulto. As atividades da iniciativa das crianças foram aquelas em que as mesmas desempenham um papel ativo na escolha e na condução das atividades que realizam. As atividades iniciadas ou propostas pelo adulto foram aquelas em que iniciei ou propus a atividade às crianças, possibilitando posteriormente espaços-tempos para elas prosseguirem de forma autónoma. Por último, as atividades centradas no adulto foram aquelas que foram planificadas, conduzidas e orientadas por mim, definindo objetivos, conteúdos e métodos. Neste caso, a escolha do que fazer, como fazer e o ritmo da atividade foi decidido por mim, com uma intenção mais direcionada.

Esta opção de categorização permitiu-me refletir sobre a intencionalidade da minha ação e o meu papel nas práticas artísticas, nomeadamente no subdomínio do Jogo Dramático/Teatro.

Relativamente à síntese da AC e reportando-me aos resultados da Tabela 6, foi visível um equilíbrio nestes três tipos de atividades anteriormente referidas,

evidenciando um equilíbrio entre a participação ativa das crianças e a orientação dos adultos. De referir, que “as atividades centradas nos adultos”, indicam também uma forte presença de atividades intencionais e dirigidas por mim. Esta situação justificou-se em parte, pela necessidade que senti de criar oportunidades educativas que permitissem às crianças contactar com diferentes técnicas e elementos teatrais, dando exemplos que poderiam ser inspiradores para uma maior criatividade e autonomia na ação. Poderei referir a NC12 (Anexo E1), em que preparei uma apresentação de teatro de sombras, na comemoração do São Martinho ou a NC30 (Anexo E1), que deu continuidade e valorizou a atividade realizada anteriormente, mais especificamente com o pedido de caracterização da marioneta de luva realizada numa oficina, com o pai da *Elsa* (Anexo E1– NC29).

Fora do contexto de JI, atribui importância a visitas de estudo (3), estratégia que me permitiu refletir sobre o meu papel como educadora e a importância na escolha de experiências artísticas diversificadas e de qualidade na prática pedagógica (Anexo E1 – NC10, NC19 e NC35). Para além desta estratégia utilizada, o recurso na prática letiva a uma ferramenta digital (Plataforma *Classroom*), permitiu-me perceber o *feedback* das crianças em casa sobre as suas vivências no JI, avaliando ações e podendo reformular a intervenção sempre que necessário (Anexo E1 – NC13, NC30 e NC31). Destaco ainda que esta estratégia permitiu um maior envolvimento das famílias no processo pedagógico.

No que diz respeito aos elementos teatrais implícitos nas 50 NC realizadas, os dados observados evidenciam a presença de três grandes elementos: “personagens” (36), “narrativa” (32) e “espaço cénico” (28). O foco nas “personagens” indica predisposição para atividades que envolviam a criação e a interpretação de personagens pelas crianças. A exploração de personagens promoveu a empatia e a capacidade de se colocar no lugar do outro, mas também possibilitou que as crianças expressassem emoções e ideias de forma criativa, desenvolvendo tanto a sua expressão verbal quanto a não verbal. A NC23 (Anexo E1) dá um exemplo da utilização destes três elementos numa atividade desenvolvida por um grupo de cinco crianças. No que diz respeito à “narrativa”, a AC sugere que a construção de histórias foi igualmente importante, mas com uma ênfase ligeiramente menor em relação às personagens. A narrativa forneceu a estrutura sobre a qual as atividades se desenrolaram, oferecendo às crianças a oportunidade de construir e compreenderem sequências de eventos, o que se torna fundamental para o

desenvolvimento da linguagem e do pensamento lógico. Relativamente à importância atribuída ao “espaço cénico” (28), a mesma poderá significar que o ambiente físico tem um papel significativo nas atividades e que essa organização foi usada de modo intencional para apoiar o enredo e as dramatizações, despertando as crianças para a importância do mesmo nas práticas teatrais.

Os restantes elementos – “público” (21), “objetos de cena” (19), “som” (17), “luz” (15) e “figurino” (8) – estiveram presentes, pelo que se consideram também relevantes neste processo de análise, o que contribuiu para enriquecer a experiência.

No que respeita às técnicas teatrais implícitas nas atividades, a improvisação destacou-se (26 ocorrências), seguida pelo teatro de marionetas (16 ocorrências). A elevada frequência da improvisação reflete a ênfase em possibilitar que as crianças criem de forma espontânea, sem um guião pré-definido, o que estimulou a flexibilidade mental, a criatividade e a capacidade de resolução de problemas em tempo real.

Relativamente à frequência do teatro de marionetas, verifica-se que esta forma visual e manipulativa de teatro desempenhou um papel significativo nas atividades. As marionetas proporcionaram um espaço de conversação e interação entre pares, bem como um momento de encontro e partilha de experiências e histórias de vida. Esta dimensão é importante para mim, enquanto educadora de infância do grupo, uma vez que permite conhecer melhor as crianças na sua função de ‘socializadores emocionais coletivos’, considerando as culturas da infância, a interação no grupo de pares e a comunicação com os mundos adultos” (Trevisan, 2007, pp. 9-10), além de desenvolverem competências motoras e emocionais.

Em suma, os elementos teatrais com maior destaque foram a construção de personagens, a narrativa e o uso de espaço cénico, enquanto a improvisação foi a técnica teatral mais utilizada. Os elementos mais técnicos, como som, luz e figurino, tiveram menor destaque, assim como técnicas específicas como o teatro de sombras, teatro de papel e teatro de objetos. Isso poderá refletir uma abordagem mais focada na criatividade e na expressão das crianças, com menor ênfase nos aspetos técnicos do teatro.

De seguida, dirigi um olhar mais profundo para as 15 atividades iniciadas pelas crianças e referidas na Tabela 6 (Anexo E2b.). Tendo em conta esta opção, foram definidas seis subcategorias: i) iniciativa e proatividade; ii) criatividade e expressão pessoal; iii) solução de problemas e resiliência; iv) interação social e colaboração; v) modalidades de participação e vi) autogestão e responsabilidade.

A análise da Tabela 7 destaca a participação ativa das crianças em vários aspetos, que considerei importantes depois da leitura das NC realizadas (Anexo E2c).

Tabela 7

Síntese da AC das NC, Atividades iniciadas pelas crianças

Categoria	Subcategoria	Indicadores	F/I	F/FC
Participação autónoma das crianças	Iniciativa e Proatividade	Início de uma atividade de forma autónoma	14	48
		Atividade desenvolvida com sugestões e incentivo do Educador	15	
		Exploração independente de materiais	19	
	Criatividade e expressão pessoal	Intervenções	13	39
		Criação de histórias/narrativas com continuidade	6	
		Criação de histórias/narrativas sem continuidade	5	
		Uso criativo de materiais	15	
	Solução de problemas e resiliência	Resolução independente de problemas	8	25
		Resolução de problemas com intervenção do adulto	10	
		Persistência em tarefas desafiadoras	7	
	Interação social e colaboração	Iniciativa em atividades cooperativas	19	39
		Partilha de ideias e feedback	4	
		Envolvimento do público na atividade	14	
		Convite ao adulto para assumir o lugar de público	2	
	Modalidades de participação	A pares	6	13
		Em pequenos grupos (até 5 crianças)	5	
Em grande grupo (mais de 5 crianças)		2		
Autogestão e responsabilidade	Planeamento e organização de atividades	6	7	
	Cuidado com os materiais	1		

Começando pela subcategoria de “Iniciativa e Proatividade”, que apresenta maior frequência (48), salienta-se o indicador “exploração independente de materiais” (19), o que sugere que eu proporcionei liberdade de ação às crianças para explorarem os materiais existentes no ambiente educativo, promovendo desta forma a descoberta e a aprendizagem ativa. A NC26 (AnexoE2c.) evidencia esta situação: “as crianças decidiram ir buscar a caixa dos animais de plástico (miniaturas) através do qual selecionaram alguns bonecos para brincarem juntas ao faz-de-conta”.

“A atividade desenvolvida com sugestões e incentivo do educador” (15) e o “início de uma atividade de forma autónoma” (14) também aparecem com frequências relevantes, mostrando uma combinação entre a iniciativa própria das crianças e o suporte dado pelo educador, o que facilita a proatividade, mas sem eliminar o papel

orientador do adulto. Na subcategoria de “criatividade e Expressão pessoal”, o “uso criativo de materiais” (15), revelando que houve uma forte valorização da exploração criativa dos objetos disponíveis. As “intervenções das crianças” (13) e a “criação de histórias/narrativas com continuidade” (6) e “criação de histórias/narrativas sem continuidade” (5) também são notáveis. Isto sugere que a capacidade das crianças de se expressarem criativamente e de construir narrativas foi bastante incentivada, promovendo o desenvolvimento da comunicação e da imaginação, ainda que a continuidade das histórias nem sempre tenha sido o foco central.

A “solução de problemas e a resiliência” foi outra subcategoria significativa, com destaque para a “resolução de problemas com intervenção do adulto” (10), mostrando que o apoio do educador foi frequentemente necessário para mediar situações desafiadoras, embora a “resolução independente de problemas” (8) e a “persistência em tarefas desafiadoras” (7) também mostrem que as crianças tiveram oportunidades de desenvolver autonomia e resiliência em situações mais complexas.

Na subcategoria da “interação social e colaboração, a iniciativa em atividades cooperativas” foi o indicador mais frequente (19), destacando-se a importância das interações sociais no contexto das atividades. A capacidade do grupo de crianças de “envolver o público na atividade” também foi notável (14), o que reflete a relevância dada à comunicação e à partilha durante a ação. A “partilha de ideias e feedback” (4) e “o convite ao adulto para assumir o lugar de público” (2) tiveram frequências mais baixas, sugerindo que, apesar da interação social ser um foco, essas formas mais estruturadas de partilha e feedback foram menos exploradas.

Quanto às “modalidades de participação”, há uma clara diferença nas frequências entre “pequenos grupos” (5) e “grande grupo” (2), sugerindo que as atividades da iniciativa da criança em grupos menores (incluindo a pares) foram mais frequentes, possivelmente por facilitarem uma interação mais próxima e significativa entre as crianças. Um exemplo que posso realçar é a NC21 (Anexo E1).

Por fim, na subcategoria de “autogestão e responsabilidade”, destaca-se o “planeamento e organização de atividades” (6), mostrando que as crianças começam a revelar capacidade para se organizar de forma autónoma na apresentação de espetáculos ao grupo. Poderemos dar como exemplo a NC46 (Anexo E1): “duas crianças lideram o grupo e colocam cadeiras para os restantes assistirem ao espetáculo”. Relativamente à subcategoria “cuidado com os materiais”, há simplesmente 1 registo relacionado com a dificuldade das crianças na manipulação de

um material específico (marioneta de fios): “dado sentirem que o material era um pouco frágil [marioneta de fios] e exigia maior atenção para não se enlearem os fios” (NC38 – Anexo E1). Esta situação, demonstra que existe já por parte das crianças apropriação de materiais existentes em ambiente educativo e segurança por parte das crianças na sua manipulação. Dois exemplos que sustentam estas conclusões poderão ser as NC3 (Anexo E1), em que duas crianças brincam na área dos fantoches, e a NC41 (Anexo E1), em que também a pares, utilizam um baralho de cartas na área da biblioteca.

De forma geral, a investigação demonstra um equilíbrio entre a autonomia das crianças e a minha orientação enquanto educadora. Destaca-se a “exploração independente dos materiais”, a “iniciativa em atividades cooperativas” e o “uso criativo dos recursos”, visível por exemplo na NC46 (Anexo E1).

No entanto, os indicadores de "partilha de ideias", "autogestão e responsabilidade" e "cuidado com os materiais" apresentam-se menos frequentes. Estes aspetos podem sugerir que necessitam de um suporte e valorização mais acentuados da minha parte enquanto educadora.

5.2. Apresentação de resultados das entrevistas focalizadas de grupo

Tal como referido no capítulo anterior, as entrevistas focalizadas de grupo foram realizadas em dois momentos distintos: antes e depois da implementação do projeto. O guião da entrevista focal pode ser encontrado no Anexo E1.

Abaixo, apresenta-se uma síntese da AC nas tabelas que se seguem e que permitem analisar de forma concisa os resultados obtidos. A Tabela 8 organiza os resultados da AC da entrevista realizada ao Grupo A, constituído pelas crianças que já frequentaram este jardim de infância no ano letivo anterior.

Tabela 8

Síntese da AC da 1.ª Entrevista- grupo A

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Conceções sobre o Teatro	Conceito de Teatro	Dramatização de histórias	3	8
		Expressão Corporal	1	
		Teatro de Marionetas	3	
		Atuação/performance	1	
	Materialidade no Teatro	Objetos enquanto formas animadas	3	5
		Objetos enquanto adereços	1	
Objetos enquanto Figurinos		1		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Conceções sobre o Teatro	Relações Teatro/Faz de conta	Assumir papéis/personagens	3	9
		Manipular objetos	2	
		Inventar ou recriar Espaços/ cenários	2	
		Ter público	2	
Experiências teatrais	Memórias sobre teatro em contexto de JI	Desempenho de personagens	1	7
		A experiência de ter público	3	
		A experiência “de fazer”	1	
	Memórias sobre teatro em contexto familiar	Assistir a espetáculos	2	
Expectativas das sessões de Teatro	Realização de sessões no auditório	Atividades de Teatro de marionetas	2	5
		Atividades de Expressão corporal	1	
		Participação de convidados	1	
		Apresentação para a família	1	

Em relação às concepções iniciais das crianças sobre o “Conceito de teatro”, o Grupo A associou-o principalmente a atividades que já haviam experienciado no ano letivo anterior, como a dramatização de histórias (3) e o uso do teatro de marionetas (3). Esta constatação levou-me a refletir sobre a importância de promover, desde cedo, práticas significativas e consistentes nesta área, que contribuam para o enriquecimento das suas vivências culturais e artísticas (Anexo F3b).

No que diz respeito à “Materialidade”, esta não foi frequentemente mencionada pelas crianças, que demonstraram, no entanto, reconhecer semelhanças entre o faz de conta e o teatro. As suas experiências teatrais mostraram-se limitadas em diversidade, embora revelassem alguma compreensão sobre a importância de haver um público, conforme destacado pelo Afonso ao referir que “os pais [estavam] sentados a ver” (Anexo F3b., “a experiência de ter público”). De realçar ainda, que as memórias sobre teatro em contexto de JI continuam a estar muito presentes, mostrando-se as crianças muito entusiasmadas na partilha das mesmas em grupo. O Pedro refere por exemplo, que “quando (...) era ainda pequeno e tinha muito medo em fazer e não sabia fazer entrevistas, (...) tinha muita vergonha, tinha muitas pessoas” (Anexo F3b., “a experiência de fazer”).

As expectativas das crianças em relação às atividades estruturadas que propus não foram muito diversificadas e criativas. apontando também para experiências já vividas, como o teatro de marionetas e a presença de outras pessoas em contexto educativo. Por exemplo, o Ronaldo recorda uma experiência anterior com um projeto de sala que envolveu professoras externas à escola, dizendo: “Já sei! É alguém da vossa escola [faculdade]” (Anexo F3b., “participação de convidados”). Além disso, a prática de

frequentar o teatro em família é relativamente rara (Anexos E3a e E3b), o vai ao encontro dos dados obtidos no estudo sobre as práticas culturais dos portugueses (Pais et al., 2022).

Tabela 9

Síntese da AC da 2.ª Entrevista- grupo A

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Conceções sobre o Teatro	Conceito de Teatro	O teatro implica histórias.	5	16
		O teatro implica intérpretes.	3	
		O teatro implica público.	5	
		O teatro implica recursos.	1	
		O teatro implica trabalho.	2	
	Materialidade no Teatro	Objetos enquanto formas animadas	5	11
		Objetos enquanto adereços	2	
		Objetos enquanto Figurinos	3	
		Objetos enquanto espaço	1	
	Relações Teatro/Faz de conta	Sobreposição de Faz de conta e Teatro	3	7
		Faz de conta distinto de Teatro	1	
		Inventar ou recriar Espaços/ cenários	1	
		Ter público	2	
Experiências teatrais	Memórias sobre teatro em contexto de JI	A representação de personagens	1	47
		A experiência de ter público	4	
		A experiência do Teatro de sombras	5	
		A experiência com o Teatro de objetos	2	
		Espírito crítico perante as experiências vividas	7	
		A experiência “de fazer” teatro através de histórias	7	
		A experiência de “assistir”	21	
	Memórias sobre teatro em contexto familiar	A não fruição de espetáculos em família	3	6
		A memória das experiências vividas	3	
	Expectativas/ avaliação das sessões de Teatro	Realização de sessões no auditório	Realização de Atividades lúdicas e de brincadeira livre	1
Preferências sobre as Sessões realizadas			12	
Sugestões para próximas sessões			10	

Analisando a Tabela 9, é evidente que as respostas do mesmo grupo, após a minha intervenção, se caracterizaram por uma maior diversidade e uma participação oral mais ativa, o que reflete uma crescente disponibilidade e um maior espírito crítico em relação à temática apresentada. Destaca-se também o facto de a noção de teatro ter se tornado mais segmentada, estando agora mais associada aos seus elementos constituintes e à materialidade envolvida. Os “objetos enquanto formas animadas”,

foram o elemento mais reconhecido (5), sugerindo que as crianças identificam o uso de “objetos enquanto adereços”, enquanto os “objetos como figurinos” aparecem em menor frequência (2), e os “objetos enquanto espaço” com uma frequência de 1, mostrando que a compreensão sobre o papel dos objetos no teatro é mais forte quando eles são vistos como elementos animados.

Quanto às “relações entre teatro/faz de conta”, a sobreposição das mesmas foi o indicador mais comum, com uma frequência de 3. Isso sugere que as crianças, frequentemente, as percebem como práticas interligadas.

Na categoria de “experiências teatrais”, a subcategoria que mais se destacou foi a de Memórias sobre teatro em contexto de JI, com uma frequência de 21. Este resultado indica que *assistir a e participar em* apresentações foram experiências amplamente valorizadas pelas crianças, permitindo-lhes fazer múltiplas aprendizagens. A experiência de “fazer” teatro através de histórias também se destacou, com uma frequência de 7, o que sugere que as crianças também vivenciaram o teatro de forma mais ativa. Este recurso pode, portanto, ser facilitador nas práticas teatrais.

O número de experiências teatrais tanto em JI como em contexto familiar também aumentou (47), o que permitiu criar memórias e mostrar prazer na verbalização em grupo das suas experiências e emoções.

No que diz respeito às expectativas/ avaliação das sessões de teatro, as crianças deste grupo, verbalizaram bastante prazer nas mesmas, destacando alguns exercícios como os seus preferidos, nomeadamente: “o jogo da almofada” (Anexo G1a), as atividades de “câmara lenta” (Anexo G1b), “o jogo do cardume” (Anexo G1h), “o jogo das frases físicas”, designado pelas crianças de “jogo da mota” (Anexo G1j), o “jogo 3,2,1 Ação!”, designado pelas crianças de “Jogo da diretora, o jogo dos médicos e jogo dos polícias” (Anexo G1j), o “jogo dos gatos/balão” e o “jogo da imitação” (Anexo G1p), a “visualização de um filme de animação com objetos e o teatro de objetos” (Anexo G1o). Estas sugestões com frequência elevada, reforçam o interesse ativo em participar no processo de planeamento e avaliação das experiências teatrais.

No que diz respeito ao Grupo B, que inclui as crianças que frequentam este JI pela primeira vez, podemos visualizar nas Tabelas 10 e 11 a síntese da AC da entrevista realizada, em dois momentos distintos: antes e depois da intervenção.

Tabela 10*Síntese da AC da 1ª Entrevista- grupo B*

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Conceções sobre o Teatro	Conceito de Teatro	Implica a existência de Público	2	6
		Implica ação	1	
		Implica silêncio do público	3	
	Materialidade no Teatro	Objetos enquanto adereços	1	1
	Relação Faz de conta/Teatro	Sobreposição entre “Faz de conta e teatro	2	6
		Distinção entre “Faz de conta” e teatro	1	
		Inventar e recriar espaços/ cenários	1	
Ter Público		2		
Experiências teatrais	Memórias sobre teatro em contexto de JI	A experiência de ter público	3	7
		A experiência de assistir a espetáculos	2	
		A ausência de experiências ou memórias teatrais	2	
	Memórias sobre teatro em contexto familiar	A não fruição de espetáculos em família	2	2
	Ausência de memórias sobre idas ao teatro	Curiosidades sobre a ida ao teatro	1	1
Expectativas das sessões de Teatro	Realização de sessões no Auditório	Visualização de Espetáculos	2	2

Num primeiro momento desta entrevista com o grupo B, antes da minha intervenção, foram evidentes as respostas pouco variadas, nas quais o conceito de teatro esteve intimamente relacionado com a ação e o público. Apenas uma criança mencionou a materialidade, pelo que não se considera um aspeto valorizado ou pelo menos consciente por parte das crianças. Podemos observar ainda que o faz de conta e o teatro se relacionam, sendo considerado teatro se houver público e se for preparado o espaço cénico.

As experiências em JI foram mencionadas pelas crianças, colocando também a tónica no público que assiste e não no espetáculo em si. Foram ainda referidos alguns casos sem experiências e memórias teatrais, recaindo a expectativa das crianças nas sessões estruturadas e na possibilidade de assistirem a espetáculos, o que poderá fazer antever um desejo da experiência. A ida ao teatro em família é uma prática minoritária. (Anexos F4a e F4b)

Tabela 11

Síntese da AC da 2ª Entrevista- grupo B

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Conceções sobre o Teatro	Conceito de Teatro	Implica regras	5	48
		Implica a existência de Público	8	
		Implica ação	2	
		Implica personagens	2	
		Implica representação	4	
		Implica criação	1	
		Implica emoção	5	
		Implica voz e corpo	10	
		Implica uma criação coletiva	6	
		Implica diversidade de opções	5	
	Materialidade no Teatro	Objetos enquanto adereços	3	6
		Objetos enquanto figurinos	2	
		Objetos enquanto espaço cénico	1	
Relação Faz de conta/teatro	A "área da casinha" como facilitadora do faz-de-conta/teatro	12	12	
Experiências teatrais	Memórias sobre teatro em contexto de JI	A experiência de ter público	1	37
		A experiência de fazer jogos coletivos	2	
		A experiência de assistir a espetáculos	6	
		A experiência de preparar espetáculos	5	
		A experiência de assumir personagens	4	
		A experiência do conflito	10	
		O sentimento de aprendizagem (Autoavaliação)	2	
		Espírito crítico perante as experiências vividas	7	
Expectativas/ avaliação das sessões de Teatro	Realização de sessões no auditório	Preferências sobre as Sessões realizadas	10	17
		Sugestões para próximas sessões	7	

De realçar, que num segundo momento, este grupo se mostrou muito mais participativo e crítico nas respostas dadas, alargando o conceito de teatro e abrangendo elementos como ator e o público. Este resultado reflete que o grupo entende o teatro como uma experiência interativa que requer espectadores, ou seja, o teatro, tal como refere a Panda, “é uma coisa que as pessoas vão assistir” (Anexo F4d. – implica a existência de público). Outro aspeto importante inclui a noção de que o teatro “implica voz/corpo” (10), evidenciando que algumas crianças começam a reconhecer a importância da expressão corporal e vocal na prática teatral, como por exemplo a *Alface*, que refere que “precisamos de uma voz alta para fazer teatro” e complementada com o

que diz a Pérola: “[É preciso fazer] uma setinha [com o olhar]” (Anexo F4d., “Implica voz e corpo”)

O indicador que o teatro “implica diversidade de opções”, apareceu com uma frequência de 5, indicando que as crianças compreendem o teatro como uma atividade multifacetada, que pode ser desenvolvida de várias formas. Outros elementos importantes incluem a concepção de que o *teatro* “implica uma criação coletiva” (6) e que “implica regras” (5) o que pode pressupõe uma visão por parte das crianças do teatro como atividade coletiva e que exige cooperação e flexibilidade. “Têm de combinar (...) o que vão fazer no teatro” (Anexo F4d. – Implica relação/

No que diz respeito à subcategoria da “Materialidade no teatro”, o destaque foi dado aos “objetos enquanto adereços” (3) e aos “objetos enquanto figurinos” (2), sugerindo que as crianças valorizam a utilização dos materiais como parte integrante das atividades teatrais. Os “objetos enquanto espaço cénico” tiveram a frequência de 1, o que indica que, embora reconheçam a sua importância, essa característica não foi tão enfatizada em comparação com os outros aspetos. Esta análise, reforça que o grupo demonstra uma compreensão bastante rica e diversificada do que envolve o teatro, tanto do ponto de vista da expressão como da estrutura, como dos elementos materiais envolvidos na prática teatral. Também a ideia de inter-relação entre o faz de conta/teatro teve uma grande incidência nas respostas das crianças, considerando que a área da casinha será facilitadora para as práticas teatrais.

Relativamente a “memórias sobre o teatro em contexto de JI”, as crianças mostraram-se muito envolvidas nas descrições das experiências que vivenciaram até ao momento, valorizando não só os espetáculos a que assistiram, como também algumas atividades que prepararam, podendo estes pormenores ser consultados na transcrição integral da entrevista realizada (Anexo F4c).

Em relação às “expectativas/avaliação sobre as sessões realizadas”, as crianças destacaram algumas atividades como sendo as suas preferidas: “as atividades de *câmara lenta* (S2), o *jogo do cardume* (S8), o *jogo das frases físicas* (S10), o *jogo 3,2,1 Ação!*, designado pelas crianças de jogo da diretora, o jogo dos médicos e jogo dos polícias” (S10), a visualização de um filme de animação com objetos (S15) e o teatro de objetos (S15) (Anexos – F3d e F4c). Estas escolhas recaem sobre a improvisação e o jogo dramático/teatro. Também este grupo, relativamente às sugestões apresentadas, mostrou bastante interesse em realizar novas experiências, apesar de referir também alguma vontade de repetir algumas atividades preferenciais.

Fazendo agora um balanço dos resultados dos dois grupos, posso referir que, em ambos os casos, as práticas teatrais em contexto de jardim de infância permitiram ampliar a sua visão do Teatro, seja em relação aos elementos do mesmo, seja em relação às técnicas utilizadas. Todas as experiências que lhes foram proporcionadas, enriqueceram o processo educativo e permitiram às crianças adquirir competências em todas as áreas de conteúdo. Tal como refere Gauthier (2000), é “pela repetição e pela prática que [a criança] conseguirá dominar as primeiras técnicas do teatro, tal como aprendeu a dominar as primeiras aprendizagens da vida (...). [É] um teatro de experimentação de tentativas que propomos à criança” (p.11).

5.3. Apresentação de resultados dos Planos de sessões

Tal como referi no capítulo relativo à metodologia, os planos das sessões foram objeto de reflexão, estando a organização da sua AC relacionada com os objetivos desta investigação.

Tabela 12

Síntese da AC das Planificações: Organização das sessões

Categories	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Organização das sessões estruturadas	Local da sessão	Auditório da Escola	14	17
		Sala de JI	2	
		Sala de JI e sala das AAAF	1	
	Duração da sessão	Até 45mn	7	17
		Entre 45 a 60 mn	5	
		Mais de 60 mn	5	
	Crianças Participantes	Totalidade do grupo de crianças (20)	1	16
		Até 14 crianças	2	
		Entre 16 a 19 crianças	13	
	Adultos participantes	1 AO	15	29
		1 EST	11	
		1 Convidada	3	
	Dinamização das sessões	Dinamização pela CF	13	16
		Dinamização pelas Convidadas	3	
	Etapas das sessões	Aquecimento	16	52
Jogo central		16		
Relaxamento		9		
Roda final		11		

Da análise da tabela anterior, podemos constatar que a maioria das sessões estruturadas foi realizada no mesmo espaço (Auditório da escola), sendo apenas 3

concretizadas noutra local (Anexos – G1e, G1f e G1q). Esta opção foi tomada para as atividades com luz, dado o espaço selecionado como preferencial não possuir condições para o efeito. É de referir que o Auditório da escola é um espaço amplo e bem iluminado, que não exige alterações na disposição do mobiliário e que facilita a organização de atividades teatrais, dado ter um espaço central que se assume como palco e duas zonas de cadeiras nas laterais para o público. Também possui uma tela no teto e retroprojektor, o que permite a visualização de vídeos e áudios, se necessário.

Relativamente à duração das sessões, mais de metade ultrapassou o tempo que estava definido por mim inicialmente (45 minutos), o que me levou a concluir sobre a necessidade de ser flexível nas planificações, de forma a responder às necessidades e interesses das crianças, no momento. Analisando mais ao pormenor esta questão, foi possível aferir a necessidade de maior tempo em sessões de exploração de luz e de improvisação de narrativas, tendo eu sentido, como educadora/investigadora que as crianças demoravam a libertar-se e por isso era importante dar-lhes tempo e não bloquear a sua fruição artística. Era importante, desta forma, criar um “lugar para se ter tempo, para errar, para recomeçar, para criar” (Larrosa, 2017, citado por Bezelga & Mendonça, 2020, p.151).

As sessões tiveram a participação da maioria do grupo, existindo apenas duas situações em que esteve presente menos de metade, por motivos de saúde (Anexos – G1d e G1n). Esta grande diminuição no número de crianças “permitiu uma maior atenção e apoio por parte da educadora, para além de que o foco das crianças também se sentiu maior” (Anexo G1d).

É de realçar ainda, que a participação e colaboração ativa de outros adultos no decorrer das sessões: uma AO, uma EST e três convidadas externas à escola, permitiu um trabalho de investigação mais partilhado e colaborativo. As três sessões dinamizadas pelas mesmas foram bastante diferentes e permitiram enriquecer o processo (Anexos – G1e, G1j e G1p). A formação profissional dessas três dinamizadoras convidadas também é distinta (atriz, bailarina e dinamizadora de workshop corporal no Museu Nacional do Teatro e da Dança), “o que foi enriquecedor pela partilha de estratégias e de atividades, que poderão ser utilizadas e adaptadas na [minha] prática letiva enquanto educadora de infância” (Anexo G1j). Poderei recordar aqui algumas estratégias verbais referidas e que sustentam esta afirmação: “Não caiam na armadilha de falar (...) só vais ver uma vez e depois tens que imitar com muita

coragem” (Anexo G1j). Estes dois exemplos, sustentam a ideia de incentivo e valorização da ação das crianças.

As sessões planificadas obedeceram a um plano inicial: i) aquecimento, ii) jogo central, iii) relaxamento e iv) roda final. No entanto, na prática, nem sempre foram cumpridas as duas etapas finais. Uma das razões prendeu-se com a necessidade que senti como dinamizadora de dar mais tempo às crianças, para a exploração no jogo central, ocorrendo mais frequentemente em atividades de Jogo dramático e improvisação. Desta forma, respondi ao que senti ter sido mais importante para as crianças nesse momento e reforçando a ideia que toda a planificação pode ser flexível e valorizando a ação e o envolvimento coletivo. Outra razão para a não concretização do relaxamento e da roda final foi a ocupação do espaço de seguida por outro grupo do JI, o que originou o culminar por vezes de algumas atividades de forma menos pensada e contínua.

Relativamente à etapa da *roda final* [ênfase minha], verificaram-se em algumas sessões a opção de refletir imediatamente após o jogo/atividade e não esperar para o final da sessão (Anexos – G1j, G1m, G1n, G1o, G1p), dado sentir, por vezes, que as crianças se esqueciam de pormenores importantes no processo vivenciado. Também a minha inexperiência na realização de sessões estruturadas de teatro levou-me a ter alguma dificuldade em gerir o tempo e optar por terminar etapas sem passar para outras. A necessidade de ter mais tempo para as crianças foi evidente em sessões de jogo dramático/teatro: improvisação com contracena (Anexos – G1j, G1k e G1l).

Tabela 13

Síntese da AC das Planificações: Tipos de Atividades

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Tipos de Atividades	Roda inicial	Conversa inicial	17	17
	Aquecimento	Aquecimento corporal, orientado para deslocação pelo espaço	10	16
		Aquecimento corporal dirigido num lugar fixo	6	
	Atividade central	Atividades exploratórias	16	19
		Atividades expositivas	3	
	Relaxamento	Relaxamento corporal, orientado para deslocação pelo espaço	1	34
		Relaxamento corporal dirigido num lugar fixo	12	
		Ausência de Relaxamento	5	
		Conversa em grande grupo	16	

Relativamente aos tipos de atividades desenvolvidas, a Tabela 13 permitiu-me valorizar o momento da roda inicial, sentindo-o como rotina educativa, concretizado ao longo de todas as sessões, o que permitiu reforçar no grupo alguns aspetos essenciais em práticas teatrais, nomeadamente o foco e o domínio no corpo.

No que diz respeito ao aquecimento, foram alternadas atividades em grande grupo com movimento pelo espaço e outros exercícios dirigidos para um lugar fixo, o que foi importante para a diversidade de experiências e para um maior autocontrolo do seu corpo no espaço.

As atividades centrais foram na sua maioria exploratórias. Para este objetivo, contribuíram várias ações, desde as diferentes formas e atitudes corporais, ao sentido da individualidade de movimentos, passando pela exploração das distintas possibilidades vocais, pela adaptação dos espaços e pela transformação imaginária dos objetos e o seu relacionamento com eles. Apenas se realizaram três atividades pontuais mais expositivas (Anexos – G1e, G1o e G1p), sendo as mesmas utilizadas como indutoras para o conteúdo teatral. Contudo, no decorrer dessas sessões, foram depois realizadas outras atividades exploratórias. “A conversa em roda final também tem sido um momento importante para todos (adultos e crianças), permitindo-lhes organizar-se temporalmente, a par de verbalizar sentimentos e emoções” (Anexo G1i).

Também considerei importante analisar as planificações realizadas, no que diz respeito à materialidade utilizada (Anexo G2c.), o que resultou na síntese apresentada na Tabela 14.

A análise dos materiais utilizados nas sessões estruturadas, baseada na frequência das subcategorias, revela uma estrutura orientada principalmente para a integração tecnológica, seguida pela variedade de objetos comuns e suportes criativos.

A subcategoria mais presente é o “material tecnológico” (69). Essa predominância destaca a forte dependência de dispositivos como equipamento de som, dispositivos eletrónicos e suportes visuais. A presença marcante desses recursos reflete um ambiente educacional que aposta no uso de ferramentas multimédia e que permitem apoiar não só a aprendizagem interativa como a exposição das crianças a habilidades tecnológicas desde muito cedo. De referir por exemplo, a utilização sistemática de telemóvel e tripé para gravar em vídeo todas as sessões realizadas, facilitando depois a minha observação/reflexão sobre as mesmas. Este recurso permitiu-me um olhar mais externo da ação e, até mesmo, analisar a minha postura enquanto criadora e dinamizadora da sessão.

Tabela 14*Síntese da AC das Planificações: Materialidade utilizada*

Categoria	Subcategorias	Indicadores	F/I.	F/SC
Materialidade	Objetos de uso comum	Objetos de conforto	10	50
		Objetos de iluminação	1	
		Objetos de corte	1	
		Utensílios de cozinha	5	
		Objetos de lazer ou brinquedos	23	
		Objetos para arrumação	3	
		Objetos de mobiliário	10	
	Adereços e figurinos	Roupas e trajes	6	9
		Adereços	3	
	Material tecnológico	Equipamento de som	17	69
		Dispositivos eletrónicos	33	
		Equipamento de suporte visual	19	
	Material de desgaste	Material de desgaste escolar	11	17
		Outro tipo de material específico	6	
	Material indutor para atividades	Criado pelo adulto	11	13
		Criado pelas crianças	2	
	Material de música	Instrumentos musicais	2	15
		Seleção prévia de suporte musical para as sessões	13	
	Recurso a histórias/ textos	Histórias selecionadas pela educadora	7	15
		Histórias criadas pelas crianças	2	
Histórias que surgem através da improvisação		6		

Em segundo lugar, destacam-se os “objetos de uso comum” (50). Esta subcategoria abrange uma variedade ampla de itens, destacando-se os indicadores brinquedos, mobiliário e objetos de conforto, o que revela que para a realização de práticas teatrais, poderá ser-se criativo nos objetos utilizados e recorrer ao que existe no nosso meio, tendo em conta a nossa ação intencional enquanto educadora. Os “materiais de desgaste” (17), ocupam o terceiro lugar. Esses materiais, que incluem principalmente recursos escolares de uso recorrente, refletem a necessidade de consumíveis para atividades contínuas e regulares.

O “material de música” e o “recurso a histórias/textos” aparecem com frequências totais idênticas (15), refletindo um equilíbrio entre música e narrativa. A música, por um lado, é usada frequentemente como suporte de atividades, criando um ambiente que favorece a expressão artística e o desenvolvimento auditivo das crianças. A presença de histórias e textos, por outro lado, indica que a narrativa é uma ferramenta educativa relevante, com destaque para histórias selecionadas pela educadora e improvisações.

O “material indutor para atividades” é composto maioritariamente por objetos criados pelos adultos. Poderei dar como exemplos as cartas criadas por mim para o “Jogo adivinha” (SE 3); as imagens selecionadas com personagens (SE 7); os cartões de letras para o Jogo “*Letras com o corpo*” (SE 9). Esses materiais funcionam como catalisadores para atividades planificadas, reforçando a importância do meu papel na preparação e orientação dos conteúdos apresentados. A menor frequência de materiais criados pelas crianças pode indicar uma estrutura onde o foco está mais nas atividades guiadas pelos adultos do que nas experiências de criação autónoma por parte das crianças. Por último, a categoria “adereços e figurinos” embora em menor número (9), favorecem possibilidades de caracterização e expressão visual. A presença de “roupas, trajes e adereços” sugere a valorização de atividades que envolvem dramatização, incentivando as crianças a explorar diferentes papéis e a desenvolver habilidades de comunicação e empatia. Em suma, esta distribuição das subcategorias evidencia uma abordagem educacional que prioriza a tecnologia e os objetos funcionais, sem deixar de lado o estímulo á criatividade por meio da música, das histórias e da dramatização. A AC mais ao pormenor da categoria da “Materialidade” poderá ser observada no Anexo G2c.

Outra categoria decorrente da AC das planificações, é referente aos “Conteúdos teatrais”, explícitos e implícitos nos planos realizados e que resultou na Tabela 15.

Tabela 15

Síntese da AC das Planificações: Conteúdos teatrais

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Conteúdos teatrais	Elementos do teatro implícitos nas atividades	Foco	17	82
		Corpo e voz	17	
		Narrativa	12	
		Personagens	11	
		Espaço cénico	12	
		Luz/Iluminação	2	
		Figurino	2	
		Objetos de cena/Adereços	2	
		Plateia/Público	7	
	Técnicas teatrais implícitas nas atividades	Teatro de marionetas	2	29
		Teatro de sombras	2	
		Improvisação	12	
		Contracena	3	
		Jogo dramático	7	
		Câmara lenta	1	
		Teatro de objetos	2	

Ao longo das sessões planifiquei as atividades, tendo em conta os elementos do teatro e as técnicas teatrais, de forma a dotar as crianças de uma multiplicidade de experiências. Foi sempre adotada uma linguagem específica e sem infantilizar, dado considerar a criança competente e ativa no processo educativo. Foi dada grande importância ao foco e à consciência de si próprio (corpo e voz no espaço), dado ser esta, na minha ótica, a premissa para as práticas teatrais.

A improvisação através do jogo foi uma técnica muito utilizada neste processo, pois “provocou” as crianças e tornou-as mais críticas e interventivas. Esta análise de conteúdo encontra-se no Anexo G2d.

Outra categoria observada na planificação das sessões prendeu-se com os “Modos de organização do grupo”, seguindo-se na tabela 16 esse mesmo resultado.

Tabela 16

Síntese da AC das Planificações: Modos de organização do grupo

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Modos de organização do grupo	Organização do grupo no espaço	Grupo disperso pelo espaço	14	50
		Grupo fixo no espaço	36	
	Formação de grupos	Em grande grupo	17	47
		A pares	9	
		Em pequenos grupos, de 3 a 6 elementos	13	
		Divisão do grupo em dois grupos	8	

A “Organização do grupo” no espaço foi variada, embora tenha sido opção frequente o posicionamento em roda com as crianças em todas as sessões, tanto no momento inicial como final, para a conversa com o grupo e para dar instruções (Anexo G2e). Esta forma facilitou, na minha opinião, a visão e o apoio necessários a todas as crianças e fomentou um sentimento de maior coesão de grupo. Esta opção vem também sustentada na frequência observada na subcategoria da formação de grupos, nomeadamente na realização de atividades “em grande grupo” (17). A par com esta opção, as restantes formas selecionadas de organização grupal foram também importantes em determinados momentos e atividades, permitindo às crianças tomar o lugar de ator (quando dinamizam para os pares e adultos presentes) e público (quando observam os outros). Também a formação em “pequenos grupos”, aproximou as crianças, incentivando à ação. Um exemplo desta situação verifica-se na manipulação de marionetas de luva por um grupo de três crianças, onde foi “visível o diálogo entre as personagens (...) e a [criança] mais envergonhada que acabou por colaborar na

história com o movimento da marioneta” (Anexo G1n; Comentários do educador/investigador).

No que diz respeito à AC referente à categoria “O papel do educador”, considerei como subcategoria a ação intencional do educador, dado esta ser a base de toda a minha intervenção educativa. Partindo deste pressuposto, destacaram-se alguns indicadores que considerei importantes ao longo deste processo e que podem ser visíveis na Tabela 17.

Tabela 17

Síntese da AC da Reflexão: O papel do educador

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
O papel do educador	Ação intencional do educador	Ser interventivo	10	102
		Promover relações no grupo	1	
		Permitir a reflexão das práticas	17	
		Servir de Modelo	6	
		Ser sensível e tolerante	5	
		Estar atento	1	
		Valorizar as conquistas das crianças	12	
		Dar tempo	11	
		Ser parceiro no jogo	10	
		Ser mediador na gestão de conflitos	9	
		Dar voz às crianças	8	
		Ser flexível nas suas planificações	4	
		Incentivar o espírito colaborativo	3	
		Promover práticas enriquecedoras	6	

As reflexões que realizei após as sessões estruturadas, incidiram também no meu papel enquanto educadora, abrangendo diversos aspetos que considerei essenciais para o desenvolvimento de práticas teatrais em contexto de JI. Por conseguinte, passo a nomeá-los por ordem de frequência, desde os mais recorrentes até aos menos frequentes, sem desconsiderar a importância de cada um deles no processo vivenciado: 1) “permitir a reflexão das práticas; 2) valorizar as conquistas das crianças; 3) dar tempo; 4) ser interventivo; 5) ser parceiro no jogo; 6) ser mediador na gestão de conflitos; 7) dar voz às crianças; 8) promover práticas enriquecedoras; 9) servir de Modelo; 10) ser sensível e tolerante; 11) ser flexível nas suas planificações; 12) incentivar o espírito colaborativo; 13) promover relações no grupo e 14) estar atento”. Estes resultados, encontram-se no Anexo G2f com mais pormenor, podendo sustentar com evidências estes indicadores.

No indicador “reflexão de práticas” posso referir como exemplo ilustrativo, que os “adultos têm a tendência de querer dominar/organizar as crianças no espaço, de forma a conseguir controlar mais os seus movimentos e atitudes” (Anexo G2f), o que sugere “responsabilidade social pela contenção” (Slade, 1987, p. 96), dando tempo às crianças para responder, valorizando os seus esforços e conquistas.

Os resultados da reflexão, destacam a relevância de práticas pedagógicas centradas na criança, onde esta assume um papel ativo no seu processo de aprendizagem, em detrimento de abordagens transmissivas. Elementos como a valorização das conquistas infantis, a promoção da autonomia, o estímulo ao espírito colaborativo e a gestão positiva dos conflitos são essenciais para criar um ambiente de aprendizagem dinâmico e participativo.

A flexibilidade nas planificações, a sensibilidade ao contexto e o apoio ao desenvolvimento de relações no grupo também se revelam fundamentais para um processo de aprendizagem mais profundo e significativo. Por conseguinte, também se revelou importante incidir o nosso olhar sobre a “Participação das crianças” nas sessões desenvolvidas, resultando na síntese apresentada na Tabela 18:

Tabela 18

Síntese da AC da Reflexão: Participação das crianças

Categoria	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/FC
Participação das crianças nas atividades teatrais estruturadas	Participação ativa	Escuta e foco	16	139
		Envolvimento	39	
		Interações sociais	30	
		Criatividade e improviso	29	
		Avaliação e espírito crítico	25	
	Participação condicionada	Dificuldade em manter o foco	12	89
		Dependência de suporte externo	28	
		Necessidade intrínseca de movimento e exploração do espaço	6	
		Dificuldade e insegurança na concretização das atividades	28	
		Comportamentos disruptivos	15	
	Não participação	Recusa em participar nas atividades	7	7

A análise da Tabela 18, permite compreender a dinâmica da “Participação das crianças” nas atividades teatrais estruturadas, sendo escolhidas por mim, três formas de participação: “ativa, condicionada e a não participação”. Estas subcategorias refletem diferentes níveis de envolvimento e autonomia das crianças nas atividades propostas.

“A Participação ativa”, é a forma mais frequente de envolvimento das crianças (139). Isso sugere que, de forma geral, elas estão altamente envolvidas nas atividades teatrais realizadas. Os indicadores associados a esta subcategoria incluem “envolvimento” (39), “interações sociais” (30), “criatividade e improviso” (29), “avaliação e espírito crítico” (25) e “escuta e foco” (16). De todos estes indicadores destaca-se o “envolvimento”, sugerindo alguma progressão: “As crianças revelaram já apropriação de alguns exercícios envolvendo-se nos mesmos de forma mais autónoma e prazerosa” (Anexo F2g – S10). Isso pode indicar que as atividades teatrais estão bem-adaptadas aos interesses e capacidades das crianças e que a progressão de alguns exercícios permite-lhes adquirir competências, visíveis por exemplo quando “a Pérola e a Branca de Neve em contracena mostraram muita facilidade na improvisação” (Anexo G2g).

A “Participação condicionada” (89) representa um segundo nível de envolvimento, no qual as crianças precisam de fatores externos para participar de forma efetiva. Os indicadores com maior frequência nesta subcategoria são a “dependência de suporte externo” e a “dificuldade e insegurança na concretização das atividades” (28), o que pressupõe um olhar atento por parte do educador para as especificidades de cada criança. Perante a AC das PR das sessões realizadas, foi evidente, que no início desta intervenção, havia “a tendência de olhar para o lado para perceber o que estavam a fazer os outros e imitar” (Anexo G – PRS1) sendo que no decorrer da mesma, a dependência de fatores externos estava mais relacionada com características próprias das crianças. Por exemplo a “Fada Madrinha, que observava curiosa tudo à sua volta, mas [só com a intervenção do adulto ela reagiu]” (Anexo G – PRS2).

A “Não participação” é caracterizada pela “recusa em participar nas atividades” e possui uma menor frequência total (7). Esta categoria foi evidente quando as crianças rejeitaram um envolvimento nas atividades teatrais. De realçar, que analisando as unidades de registo desta AC mais a pormenor (Anexo G2) constata-se que esta recusa se confirmou em momentos das sessões de maior exposição grupal. Por exemplo: “A Elsa não quis ser chefe do cardume” (Anexo G S8-).

Em conclusão, a maioria das crianças participa de forma ativa nas atividades teatrais, mostrando envolvimento, interagindo com os seus pares e adultos, mostrando maior criatividade e uma capacidade crescente de crítica e avaliação. Essa participação ativa sugere que as atividades são adequadas e atraentes para as crianças. No entanto, será importante estarmos atentos àquelas que não se envolvem de forma tão entusiasta, percebendo os porquês dessas opções. Por exemplo, i) pelo espírito de competição

visível quando “as crianças começaram a competir pela posição, ou seja, tentavam ser as primeiras da fila, que ultrapassavam o chefe do cardume” (Anexo G2g, “comportamentos disruptivos”, S8); ii) pela dificuldade na gestão de frustrações, “Realçamos as frustrações em duas crianças que rejeitaram os papéis que lhe foram atribuídos” (Anexo G2g, “recusa em participar nas atividades”, S7); iii) pelas suas características próprias (crianças com NE e outras com falta de confiança em si própria): “O Polícia e o Schreck revelaram necessidade de correr e explorar o espaço existente” (Anexo G2g, “necessidade intrínseca de movimento e exploração do espaço”, S10) e “O Dudu e o Robin revelam ainda alguma insegurança na oralidade perante os outros” (Anexo G2g, “insegurança na concretização de atividades”, S10).

Outra categoria em análise foi a reflexão sobre os aspetos facilitadores na prática pedagógica realizada, resultando na tabela seguinte:

Tabela 19

Síntese da AC das Planificações: Aspetos facilitadores no processo pedagógico

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F/I	F/SC
Aspetos facilitadores no processo pedagógico	Condições facilitadoras no ambiente educativo	Participação de vários adultos	6	49
		Heterogeneidade no grupo	1	
		Grupo mais reduzida	2	
		Materiais previamente preparados	3	
		Repetição de jogos	8	
		Linguagem simples e direta	5	
		Definição de temas para improvisação	1	
		Reflexão sobre o processo	6	
		Incentivo à sonoplastia	2	
		Materialidade diversa	9	
		Trabalho colaborativo	2	
		Intencionalidade pedagógica	4	

A Tabela 19 destaca diversos aspetos facilitadores no processo pedagógico, com ênfase nas condições facilitadoras no ambiente educativo. A “participação de vários adultos” foi identificada em 6 ocorrências, sugerindo que o envolvimento de diversos elementos pode contribuir positivamente, mas não foi o fator mais recorrente nas reflexões registadas. O “uso de materialidade diversa” (9) e a “repetição de jogos” (8) apareceram como os principais facilitadores, reforçando a importância de proporcionar oportunidades variadas e repetidas para a consolidação das aprendizagens. Além disso, elementos como a linguagem simples e direta (5) e a reflexão sobre o processo (6) também foram destacados, sublinhando a importância de um planeamento pedagógico claro e refletido para o sucesso das atividades teatrais.

6. Discussão de resultados

| | | | |

Chegada a esta etapa da investigação, acredito ser importante recuar um pouco e recordar a minha questão de partida: Como posso iniciar e conduzir práticas teatrais com as crianças, com intencionalidade artístico-pedagógica, no contexto de jardim de infância?

Este trabalho resultou dessa procura contínua, na tentativa de definir caminhos, experimentar novas práticas a partir de novas leituras e reflexões, atribuindo um lugar central à análise dos papéis que tanto o educador como as crianças exercem neste processo. Foram ciclos que se encadearam nesta busca, planificando, agindo e refletindo, com a convicção de que nada estava terminado.

Através do cruzamento de dados observados ao longo deste projeto, a par com a minha formação no mestrado de EI e ao enquadramento multidisciplinar mobilizado, fui tentando responder às questões orientadoras desta investigação, que se corporizaram nos objetivos propostos ponto 3.2. (problemática deste estudo). Neste sentido, considero importante proceder à discussão de resultados partindo das questões previamente definidas:

1) *Que estratégias pedagógicas mobilizar para implementar práticas teatrais com crianças em jardim de infância?*

As estratégias pedagógicas prendem-se em primeiro lugar com a minha *intencionalidade como educadora de infância*, ou seja, foi importante conhecer o grupo e o contexto, de forma a poder delinear prioridades educativas, que se adequem às necessidades sentidas. Esta intencionalidade foi referida por Ferreira e Tomás (2016), no ponto 2.2, “O teatro na organização do ambiente educativo”. Também Aguilar (2001) sustenta esta ideia ao defender o papel tripartido do educador na orientação do jogo dramático, o que pressupõe a intencionalidade para a ação.

A partir daí, será fundamental preparar a *organização do ambiente educativo*, no sentido de estimular a curiosidade e a descoberta natural das crianças, dotando-o de recursos e materiais com qualidade e outros que permitam a fruição artística. Esta organização deverá ser flexível e inacabada tal como sustentado por Silva et al. (2016), dado o processo educativo ser contínuo e as necessidades e interesses sentidos pelas crianças poderem ser alteradas. Esta ideia foi defendida no ponto 2.2., “O teatro na organização do ambiente educativo”, com variados autores (Clero & Gloton, 1976; Gauthier, 2000; Costa, 2003; Vieira, 2018). Destaco ainda Gauthier (2000), que valoriza a organização do ambiente educativo com oficinas/áreas, possibilitando à criança a

descoberta e a exploração dos materiais de forma livre. O Anexo B4 exemplifica a minha intencionalidade na organização do espaço e dos materiais, para as práticas teatrais. Também poderei sustentar como exemplo da NC4 (Anexo E1), em que duas se crianças organizaram na área da biblioteca, por iniciativa própria, para uma apresentação para o restante grupo recorrendo a um material construído pelas mesmas (cartas). Este recurso foi criado no ano letivo anterior, com base na ideia de Gauthier (2000).

A *existência na sala de uma área do faz de conta/casa* também poderá ser um incentivo para atividades mais estruturadas e para estimular o desejo pelo teatro, que é intrínseco em todas as crianças (Costa, 2000).

Outra estratégia importante foi a *definição de um momento semanal estruturado na rotina de sala para a prática de atividades teatrais*, pois, desta forma, foi pensada e refletida esta prática, valorizando a sua importância. Após esta definição, também foi fundamental *organizar* essas sessões por etapas, permitindo às crianças apropriar-se das mesmas e transmitir-lhes segurança emocional no processo. A estruturação destas práticas foi referida no enquadramento teórico deste trabalho, mais especificamente no ponto 2.3, “O teatro nas sessões estruturadas”. Autores como Spolin (2015) e Japiassu (2001) sugerem as sessões teatrais por etapas, prática também por mim sustentada nesta investigação e que foi apropriada pelas crianças ao longo do tempo. Tal como refere o Anexo G2f. – AC Participação das crianças: “[Verificou-se apropriação de regras] nestas dinâmicas nomeadamente o saber o que fazer quando chegam ao espaço (descalçar os sapatos e posicionar-se em roda)”.

A *utilização do jogo* como estratégia pedagógica nestas práticas também foi elementar, dado ser uma ação natural para as crianças e que inconscientemente a irá despertar para o desejo de teatro. Esta ideia foi sustentada por Costa (2003) que refere que, sendo “verdade que todas as instâncias da personalidade se instalam durante a primeira infância, não é menos verdade que as diversas potencialidades – nomeadamente as competências teatrais – serão bloqueadas ou desenvolvidas em função das condições/experiências de vida que se oferecem às crianças” (p. 203). O promover o faz de conta e a dramatização na sala de JI torna-se também fundamental. O Anexo G1, que diz respeito às sessões realizadas, torna evidente a utilização do jogo como base para todas as dinâmicas, sendo que as crianças mostram também gosto na sua utilização: “Eu gostei de fazer a câmara lenta [jogo] e da coisa do peixe [jogo do cardume] (Anexo F3d – AC da 2ªentrevista). Também Spolin (2015) e Japiassu (2001), defendem a implementação do ensino do teatro por meio de jogos e da improvisação.

Esta ideia foi também referida no ponto 2.3, “teatro nas sessões estruturadas”. Também Kowaski (2020) acrescenta a importância de explorar os elementos teatrais nas práticas, o que vai ao encontro das planificações/reflexões por mim desenvolvidas e que foram reflexo de AC em análises anteriores.

Reforço ainda, a opção estratégica de existir, na prática, *um equilíbrio na realização de atividades estruturadas (dirigidas pelo educador) e outras mais livres (iniciativa da criança)*, uma vez que esta complementaridade permite ao educador dotar a criança de conhecimentos e experiências, conhecer elementos e técnicas teatrais, que depois poderão em momentos livres ser explorados como quiserem e de forma natural (Vasconcelos, 2005).

A utilização de vídeo como instrumento de observação e avaliação também é uma estratégia facilitadora para o educador que dinamiza as atividades, permitindo-lhe ter um olhar mais externo e avaliar a ação e os resultados.

Para além destas estratégias, também será enriquecedor, na prática pedagógica, o *envolvimento de outros profissionais e até mesmo da comunidade escolar*, o que beneficiará todos os intervenientes no processo. Esta situação também está interligada com outra estratégia importante: o proporcionar às crianças uma *multiplicidade de experiências artísticas de qualidade, na comunidade envolvente e em meio escolar*, o que sustentará uma das dimensões da EA: a apreciação. O plano de intervenção (anexo C) engloba esta mesma planificação, que para além de incluir apenas os planos das sessões, também complementa este trabalho com o envolvimento de outros recursos humanos, sejam através de convidadas externas, de visitas de estudo ou de atividades com as famílias, no âmbito desta investigação-ação. Poderei dar como exemplo no Anexo E1, a NC19 (VE museu) e NC29 (atividade com pais). Na AC do Focus Group, as crianças também referiram como atividades preferidas alguns jogos realizados nas sessões com as convidadas, o que considero ser positivo como análise deste processo (Anexos – F3c e F4c AC).

As estratégias pedagógicas utilizadas também se cruzam em parte com a segunda questão desta investigação, dado estarem intimamente relacionadas com os “papéis” do educador e das crianças ao longo do processo educativo.

2) Como desempenham as crianças e o educador os seus "papéis" nas atividades teatrais?

No desenrolar das atividades teatrais, o processo deve ser mediado entre o educador e as crianças, sendo que está nas nossas mãos como adultos o tornar

possível essa mesma prática. Neste sentido, ao *papel do educador* [ênfase minha] estão inerentes algumas características essenciais: ser sensível, flexível, parceiro e ao mesmo tempo desafiador. São vários os autores que sustentam esta ideia e já referidos no ponto 2.5 (Slade,1978; Gauthier,2000; Costa, 2003; Spolin 2015; Mendonça, 2015; Aguilar, 2001).

De realçar o papel tripartido do educador na orientação do jogo dramático, como observador participante, ator participante e criador de situações (Aguilar, 2001).

Ao longo desta investigação foi possível colocar estes pressupostos em prática, através da AC das NC realizadas, o que me permitiu, focar o meu olhar nestas questões, através da AC das Atividades iniciadas pelas crianças (Anexo E2c).

Na AC das planificações/ reflexões sobre as sessões concretizadas com o grupo da sala 2 e que incidiram também sobre estas mesmas categorias: papel do educador (Anexo G2f) e a participação das crianças (Anexo G2g).

O Anexo E1 – NC38, permite constatar a liberdade de ação e de expressão que é permitida às crianças na sala 2 e que permite a fruição no processo artístico: “algumas crianças resolveram explorar a manipulação das suas marionetas de fios noutros espaços da sala [para além da área dos fantoches] (...) o Ronaldo parou e colocou a sua marioneta dentro de uma caixa dizendo: estamos numa piscina!”

Coube-me a mim também respeitar o ritmo de cada criança. Um exemplo desta situação está registado na Anexo G2g. – AC da “Participação das crianças” quando refere que “[No jogo 3,2,1, Ação] houve duas crianças que não quiseram participar. Foi sempre respeitada a decisão das crianças de participação em atividades de maior exposição” (Anexo G1k.).

O educador deverá ainda ter coragem de experimentar e aceitar o erro quando necessário para reformular práticas. Ao longo desta investigação foi sempre essa a minha premissa, principalmente nos planos realizados e perante as reflexões que iam sendo feitas ao longo do processo.

Neste sentido, será importante não esquecer algumas aprendizagens essenciais a promover nas crianças, que deverão priorizar quatro componentes essenciais: a construção da identidade e da autoestima, a independência e a autonomia, a consciência de si como aprendente e a convivência democrática e a cidadania (OCEPE, 2016).

No que diz respeito aos *papéis das crianças* [ênfase minha] nas práticas teatrais, os mesmos passam em primeiro lugar por terem voz e liberdade para se exprimir. Esta

ideia é sustentada por vários autores que referi no ponto 2.6 (Os papéis da criança) nomeadamente Costa (2003); Ferreira (2004); Spolin (2019), Silva et al. (2016) e Cardona (2021). Em todos os instrumentos utilizados na recolha de informação, esteve sempre presente subjacente esta premissa, concretizada nos Anexos referentes às NC (Anexos E1 e E2) Focus Group (Anexos F3 e F4), nos Planos das Sessões (Anexo G2g). A NC 43 (Anexo E1) é um exemplo desta liberdade de expressão, presente nesta investigação, mediada por mim enquanto educadora. Esta NC permite ainda compreender a importância da envolvência da criança no processo e não só no produto. Falcão (2014) sustenta também esta ideia, acrescentando também a questão da autoavaliação das crianças no mesmo. A organização das sessões estruturadas com uma etapa final de roda final, permitiu às crianças participarem no processo, tomando maior consciência também das suas dificuldades: “Eu não conseguia imitar muito bem porque o Thanos fazia muitas manobras e era rápido demais.” (Anexo F1q – Comentários das crianças). Também o Anexo F2g, na categoria da “Participação ativa”, indicador “avaliação e espírito crítico”, permite mais evidências desta situação.

Também é importante a interação com os seus pares e adultos ao longo do processo, sendo esta relação suportada também por Corsaro (2002) quando faz referência à cultura de pares e à influência que a mesma tem na sua ação. A NC8 (Anexo E1) evidencia esta cultura de pares em brincadeiras da iniciativa da criança. Também a entreajuda na realização de atividades estruturadas (S) permite confirmar esta ideia: “[perante] a insegurança de algumas crianças a dinamizadora fez com as crianças o gesto da «frase física» (Anexo G2g – Dependência de suporte externo).

- 3) Que recursos utilizei nas atividades teatrais, com vista à participação e à fruição, das crianças, no processo criativo?

Os recursos utilizados em atividades teatrais não deverão ser estanques nem limitativos a uma listagem de objetos. Bezelga e Mendonça (2020), no ponto 2.4 mencionam o corpo como principal material do fazer teatral (p. 145) e neste sentido, defini como 1ª temática nas sessões estruturadas a “Consciência de si e do outro” (Anexo C). Também Brito e Godinho (2010) e Vidor (2020) acrescentam os aspetos sensoriais como materialidade, referindo que os mesmos poderão ser facilitadores para um maior envolvimento das crianças no processo.

Slade (1978) dá exemplos de utilização de máscaras com crianças mais pequenas, ideia concretizada por mim e pelas crianças nesta investigação, nomeadamente para a apresentação final do espetáculo às famílias (Anexo E1 – NC43 e NC49).

Ferreira (2004) acrescenta ainda a importância de utilizar objetos com diferentes significados, o que foi evidente por exemplo nos Anexos G1h, através do “*Jogo vamos imaginar*” e no Anexo G1i “*Improvisação com objetos*”, que permitiu romper com estereótipos e fomentar a criatividade nas crianças. Também a NC42 (Anexo E1) permite sustentar a ideia, de que a materialidade para o Teatro poderá ser realizada com o que nós quisermos, de acordo com a intencionalidade que pretendemos e a sensibilidade do público que observa.

Quanto maior for a diversidade utilizada, maior a apropriação das crianças e a fruição no processo. Exemplos desta afirmação poderão ser visíveis no Anexo G2c, onde se especifica os recursos utilizados ao longo dos 17 planos das sessões.

Também poderá enriquecer o processo a criação de recursos criados pelo educador, com vista a desenvolver uma atividade específica.

Se houver diversidade de materiais nas práticas realizadas, as crianças gradualmente começam a recorrer a uma maior multiplicidade de objetos e a quebrar estereótipos e modelos já previamente definidos. Para esta situação, poderá ser facilitadora a utilização de objetos com funções diferentes das usuais, levando as crianças a saírem da sua zona de conforto e a tornarem-se mais criativas.

No enquadramento teórico, no início deste trabalho, a materialidade foi referida como facilitadora de práticas, sendo importante iniciar primeiro este processo com recursos mais sensoriais e que permitam a descoberta de si próprio e do outro. A música por exemplo, poderá ser um recurso que enriquecerá as atividades teatrais com crianças, podendo provocar reações físicas e emocionais e facilitar o seu envolvimento e liberdade expressiva corporal.

7. Considerações finais

| ' ' | | ' ' |

Este capítulo constitui a última paragem desta caminhada investigativa que contribuiu para uma reflexão sobre o papel do educador e das crianças nas práticas teatrais, em contexto de jardim de infância. Poderá ser um trabalho inspirador para outras pessoas que queiram iniciar este caminho, de forma a perceberem que não há “receitas”, mas que é através da ação que poderemos refletir sobre o processo e analisar resultados, valorizando todos os intervenientes no mesmo.

Neste sentido, considero importante nesta última etapa, lançar um olhar global aos objetivos traçados nesta investigação, salientando aqui as ideias principais decorrentes da apresentação e da discussão de resultados. A minha opção passa assim por nomeá-los, tal como fiz no ponto da discussão dos resultados, relativamente às questões orientadoras.

1. Implementar estratégias pedagógicas para iniciar práticas teatrais em contexto de jardim de infância;

Foi criado um momento específico na minha rotina semanal para as práticas teatrais, que me permitiu refletir sobre a minha ação pedagógica neste domínio e compreender algumas estratégias facilitadoras neste processo e já referidas na discussão de dados. Considero que a frequência no mestrado e a formação específica nesse domínio, me fez sentir mais confiante para a ação e desafiou-me a planear atividades estruturadas, tendo como base a metodologia do ensino do teatro. Em simultâneo, o meu olhar reflexivo enquanto educadora/investigadora com bastante prática na educação de infância, também me estar mais atenta às práticas teatrais intencionais que já realizava dentro da sala de jardim de infância, de forma mais autónoma e pouco estruturada e que adquiriram significado e sustentação teórica.

2. Caracterizar a participação – estruturada e autónoma – das crianças em atividades teatrais;

Considero que a participação das crianças foi bastante positiva, traduzindo-se num envolvimento no processo, tanto em momentos estruturados como mais livres e da sua iniciativa. No entanto, atento que a verdadeira essência do teatro está sim nos momentos autónomos e da iniciativa da criança, onde é possível perceber o seu desejo natural e onde o seu envolvimento é mais forte. Esta ideia é também defendida por Costa (2000) que considera o faz de conta como o embrião do teatro propriamente dito. A necessidade de público, de coletivo, de estar com o outro em interação, faz com que estas práticas tenham sentido.

3. Promover o contacto das crianças com a linguagem teatral nas suas diversas vertentes (experimentação, fruição e reflexão/análise);

Este objetivo esteve sempre presente ao longo de toda a investigação-ação, ao criar oportunidades no currículo educativo que enriqueceram todo este processo. Exemplos concretos foram a realização de visitas de estudo, as sessões estruturadas com convidadas externas à escola e o envolvimento das famílias em oficinas que complementaram toda a dinâmica. Também a reorganização do ambiente educativo e a inserção de materiais nos espaços, de forma intencional, também permitiu às crianças uma apropriação gradual dos elementos do teatro e sua linguagem própria.

4. Compreender os papéis de cada interveniente – educador e crianças – na implementação de práticas teatrais.

Foi importante ao longo desta investigação entender o meu papel e o das crianças nesta prática, estando esta reflexão esplanada nas AC realizadas ao longo do processo. A mediação entre estes dois intervenientes deverá estar sempre presente. Tal como refere Ferreira (2014), as “interações e relações sociais que as crianças estabelecem com outras crianças e os adultos em presença, incluindo a investigadora, dão significado e estruturam as experiências sociais” (p.11).

Será importante ainda mencionar que considero que, ao longo deste caminho, existiram algumas limitações neste estudo, nomeadamente: i) o tentar equilibrar o duplo papel de educadora/investigadora, o que, se, por um lado, facilitou a proximidade afetiva às crianças, por outro, dificultou a observação e a análise da minha intervenção; ii) o tempo disponível para a investigação e a pressão sentida na calendarização deste processo; iii) a dificuldade de me focar na análise e na avaliação de grupo, sem menosprezar a singularidade de cada criança; iv) a falta de tempo para analisar ao pormenor as produções autónomas das crianças; v) a ocupação, por outros grupos, do espaço selecionado para as atividades estruturadas de teatro (auditório), o que por vezes perturbou a dinâmica realizada; e vi) a dificuldade em encontrar artigos científicos centrados em práticas teatrais em contexto de jardim de infância, numa perspetiva transversal às áreas de conteúdo. Esta limitação está relacionada com o contributo deste estudo, dado que, potencialmente, amplia os seus resultados e cria pontos de partida para outras investigações.

Como sugestões para investigações futuras, deixo aqui algumas ideias que me surgiram neste processo e que poderão ajudar nesse sentido: i) dar maior enfoque numa próxima investigação ao papel das crianças, centrando-me na individualidade de cada

uma no processo; ii) Colocar esta investigação em prática com outro grupo de crianças e haver um estudo comparativo de resultados observados, percebendo se as estratégias utilizadas se mantêm como facilitadoras no processo pedagógico; ii) Continuar a observar estas crianças em anos letivos posteriores, percebendo se esta intervenção teve vantagens no processo pedagógico; iii) Realizar este estudo com outro grupo que não fosse o meu, em parceria com outro(a) educador(a), de forma a permitir-me um maior distanciamento afetivo do processo e ter outra profissional que poderia colaborar no processo avaliativo; iv) Realizar um novo projeto de investigação, que permita analisar a visão das famílias neste processo, compreendendo os efeitos desta prática nas crianças;

O meu papel como educadora começa a estar cada vez mais consciente neste processo e, tal como referido por Slade (1978), “[os educadores] aprendem a sentir o que se faz necessário (. . .) Se um adulto interfere com frequência excessiva, o Jogo dramático Infantil morre” (p.94).

E não poderia terminar este trabalho sem recorrer à voz das crianças. Tal como refere a Branca de Neve, “Teatro é fazer coisas espetaculares” (Anexo G – NC6). Esta afirmação é sustentada também por Costa (2003), quando afirma que “o teatro, é aos olhos da criança uma coisa «séria» de gente crescida” (p.242).

O meu papel como educadora de infância é o de despertar os mais pequenos para este desejo natural: o teatro.

Referências

| " | | " |

- Aguilar, L. (2001). *Expressão e Educação Dramática*. Guia pedagógico para o 1º ciclo do Ensino Básico. Instituto de Inovação Educacional.
- Antonello, C. (2015). Reflexão acerca do(s) caminho(s) de metodologias/ procedimentos no ensino de teatro. *Caderno do GIPE-CIT*, 19 (35), 51-62.
- Associação de Profissionais de Educação de Infância [APEI] (2011). *Carta de princípios dos associados da APEI para a tomada de decisão eticamente situada*. APEI.
- Bezella, I. & Mendonça, C. (2020). Um olhar sobre o impacto da experiência teatral no exercício da alteridade e no processo de socialização de crianças em contextos educacionais. *Educação, artes e inclusão*, 16(4), 143-165.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa Em Educação*. Porto Editora.
- Brito, M. & Godinho, J. (2010). *As artes no Jardim de Infância. Textos de apoio para Educadores de infância*. Ministério de Educação. Direção Geral de Educação.
- Caldas, J. & Pacheco, N. (1999). *A nostalgia do Inefável na escola*. Edição Quinta Parede.
- Cardona, M. J. (Coord.) (2021). *Planear e Avaliar na Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação (DGE).
- Caria, T. (org.) (2003). *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Edições Afrontamento.
- Castro, S. (2022). Triangulação: fundamentos teóricos, procedimentos e aplicações. In Cristina Vieira, *Contextos e Desafios da Investigação qualitativa em educação*. (pp. 349-373). https://doi.org/10.14195/978-989-26-2235-4_11/
- Charlot, B. (2006). A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, 11(31), 7-18. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000100002>
- Coelho, M. (2014, maio). Teatro na Escola: uma possibilidade de Educação efetiva. *Polémica*, pp. 1208-1224. <https://doi.org/10.12957/polemica.2014.10617>
- Comissão Nacional da UNESCO [CNU] (2006). *Roteiro para a educação artística*. Lisboa: Comissão Nacional UNESCO.
- Corsaro, W. (2002). A Reprodução Interpretativa no Brincar ao “Faz de Conta” das Crianças. *Educação Sociedade & Culturas*, pp. 113-134.
- Corsaro, W. (2011). *The sociology of childhood* (3rd ed.). SAGE Publications.

- Costa, I. (2003). *O desejo do teatro. O instinto do jogo teatral como dado antropológico*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coutinho, C. (2023). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. (2ªed.). Almedina.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). *Investigação-Ação: Metodologia Preferencial Nas Práticas Educativas*. Psicologia Educação e Cultura, vol. XIII (2), pp. 355-379.
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J. A. Lima & J. A. Pacheco (orgs). *Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto Editora.
- Falcão, M. (2014). Teatro no currículo: avaliar o quê e para quê. *Atas do VI Encontro do Centro de Interdisciplina de Estudos Educacionais* (pp. 148-164). Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais. ESELx.
Consultado em <http://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/3561>.
- Faria, A. L., Richter, S. R. & Silva, A. A. (2017). A pedagogia encontra a Arte: Apontamentos Político-Pedagógicos sobre Direitos e Pequena infância. *Zero-a-seis*, 19(36), 235-251. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2017v19n36p235>
- Fernandes, N. (2016). Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista brasileira de Educação*, 21(66), 759-779. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216639>
- Fernandes, N. & Caputo, S.G. (2020). Quem tem medo das imagens das crianças na pesquisa? Contributos para a utilização de imagens na pesquisa com crianças. *Sociedad e Infancias*, pp. 5-19. <http://dx.doi.org/10.5209/soci.71598>
- Ferreira, M. (2004). *A gente gosta é de brincar com os outros meninos! Relações sociais entre crianças no Jardim de Infância*. Edições Afrontamento.
- Ferreira, M. & Tomás, C. (2016). *Já podemos ir brincar?*, Atas do III Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança. <http://hdl.handle.net/10400.21/7353>
- Ferreira, M. & Tomás (2022). Investigação com crianças: é possível escapar à observação?. In I. Vieira, C., *Contextos e Desafios da Investigação qualitativa em educação*. (pp. 269-296). https://doi.org/10.14195/978-989-26-2235-4_8
- Ferreira, Sueli (2001). *O ensino das artes- Construindo caminhos*. Papyrus Editora.
- Ferreira, V. (2004). Entrevistas focalizadas de grupo: Potencialidades e limitações da sua utilização na Pesquisa Sociológica, *Actas do V Congresso Português de*

- Sociologia* (pp. 102-107). Associação Portuguesa de Sociologia. <http://hdl.handle.net/10316/48164>.
- Flores, M. A. & Silva, A. M. C. (2019). Investigação-ação: reflexão, ação e transformação. *Estreidiálogos*, 4 (1), 9-13. <https://hdl.handle.net/1822/62994>
- Gauthier, H. (2000). *Fazer Teatro desde os cinco anos*. Livraria Minerva.
- Godinho, J. & Brito, M. (2010). As artes no jardim de infância. Textos de apoio para Educadores de infância. Ministério de Educação, Direção Geral de Educação.
- Japiassu, R. (2008). *Metodologia do ensino do teatro*. 7ª Edição. Papyrus Editora.
- Koudela, I. D. (2011). *A nova Proposta de ensino do Teatro*. Sala Preta, 2, 233-239. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v2i0p233-239>.
- Kowalski, I. (2020). *...e a Expressão Dramática*. Escola Superior de Educação e Ciências sociais. Politécnico de Leiria.
- Lima, L. (2015). Teatro na escola: Um elo na educação, um passo para a cidadania. *Caderno do GIPE-CIT*, 19 (35), 41-50.
- Marques, L., Mata, L., Rosa, M. & Silva, I. (2016). Orientações curriculares para a educação pré-escolar: do passado ao presente, desafios para o futuro. *Cadernos de educação de infância*, 108/109, 4-14.
- Mendonça, C. (2015). Artes cênicas em espaço de formação. *Caderno do GIPE-CIT*, 19 (35), 8-24.
- Mendonça, C. (2020). Um olhar sobre o impacto da experiência teatral no exercício da alteridade e no processo de socialização de crianças em contextos. *Educação, Artes e Inclusão*, 16 (4), 143-165. <http://dx.doi.org/10.5965/198431781642020143>
- Nóvoa, A. (2007). Os lugares da teoria e os lugares da prática da profissionalidade docente. *Revista Educação Em Questão*, 30(16). <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4430>
- Oliveira, M. (2023). *Tempos (re)ligados pela arte*. A arte do século 20 como potenciadora do desenvolvimento das crianças do século XXI. APEI.
- Pais, J. M., Magalhães, P., & Antunes, M. L. (Coords.), Cameira, E., Silva, J. R. da, Martinho, T. D., Lapa, T., Gomes, R. T., Borges, V. (2022). Práticas Culturais dos Portugueses: Inquérito 2020. *Arquivo Português de Informação Social*, Lisboa. APIS0089. <http://hdl.handle.net/10400.20/2109>.
- Sarmiento, M. J. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In M. J. Sarmiento & A. B. Cerisara (Coords.), *Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (pp. 9-34). ASA.

- Silva, I. L. (2012). Problemas e dilemas da avaliação em educação de infância. In Cardona, M., *Avaliação na educação de infância* (pp. 151-168). Psicosoma.
- Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a Educação Pré-escolar*. Ministério de Educação, Direção Geral de Educação.
- Slade, P. (1978). *O jogo dramático infantil*. Summus Editorial.
- Spolin, V. (2019) [1963]. *Improvisação para o teatro*. 6ª Edição. Perspectiva.
- Spolin, V. (2019) [1986]. *Jogos teatrais na sala de aula*. 3ª Edição. Perspectiva.
- Tomás, C. (2011). *Há muitos mundos no mundo. Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Edições Afrontamento.
- Tomás, C., Trevisan, G., & Reis, M. (2024). Temos de ficar na mata para falar com as pessoas: Espaço público e ação coletiva das crianças de um jardim de infância. *Sociedad e Infancias*, 8(1), 63-76. <http://dx.doi.org/10.5209/soci.94719>.
- Trevisan, G. (2007). *Amor e afectos entre crianças: a construção social de sentimentos na interação de pares*. Vozes.
- Unesco (2006). *Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. Comissão Nacional da UNESCO. <https://crispasuper.files.wordpress.com/2012/06/roteiro2.pdf>
- Vasconcelos (2005). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. 1ª Edição. Texto editores.
- Vidor, H. (2020). Sobre as materialidades na aula de teatro: vestígios do drama na prática de uma professora artista. *OuvirOUver*, 17(2), 375-391. <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/53421>.
- Vieira, C. (2022). *Temas, contextos e desafios da Investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2235-4>.
- Vieira, D. (2018). O espaço ambiente em uma perspectiva estético-didática para pensar a prática educativa e o currículo na educação infantil. *Linhas*, 19 (40), 161-183.

Anexos

| | ' ' | | ' ' |

Anexo A. Contexto social e
económico das famílias

| " | | " |

A1. Dados relativos à estrutura familiar das crianças da sala 2

Crianças	N.º de irmãos	Irmãos a frequentar o estabelecimento educativo	Tipologia familiar
Afonso	1	0	Nuclear
Alface	0	0	Nuclear
Ariel	2	1	Nuclear
Aurora	1	0	Nuclear
Branca de neve	0	0	Nuclear
Dinossauro	1	0	Nuclear
Dudu	2	2	Nuclear
Elsa	1	0	Monoparental
Fada Madrinha	1	1	Nuclear
Gata	1	1	Monoparental
Homem aranha	1	0	Nuclear
Luana	3	2	Nuclear
Panda	1	1	Nuclear
Pedro	1	0	Nuclear
Pérola	3	0	Nuclear
Polícia	0	0	Nuclear
Robin	2	2	Nuclear
Ronaldo	2	2	Nuclear
Schreck	0	0	Monoparental
Thanos	1	1	Nuclear

A2. Dados relativos à condição social das famílias das crianças da sala 2

Crianças	Pai			Mãe		
	Profissão	Escolaridade	Nacionalidade	Profissão	Escolaridade	Nacionalidade
Afonso	Docente universitário	Mestrado	Angolana	Assistente administrativo	Licenciatura	Angolana
Alface	Analista	Licenciatura	Portuguesa	Técnica superior de recursos humanos	Mestrado	Portuguesa
Ariel	*	Bacharelato	Paquistanesa	**	Bacharelato	Paquistanesa
Aurora	Engenheiro eletrónico	Licenciatura	Portuguesa	Enfermeira	Licenciatura	Portuguesa
Branca de neve	Motorista	Secundário	Portuguesa	Gerente comercial	Secundário	Portuguesa
Dinossauro	*	*	*	Logista	Secundário	Portuguesa
Dudu	Engenheiro mecânico	Licenciatura	Portuguesa	Professora	Licenciatura	Portuguesa
Elsa	Educador social	Licenciatura	Portuguesa	Professora	Licenciatura	Portuguesa
Fada Madrinha	Comerciante	Bacharelato	Bangladesh	**	Bacharelato	Bangladesh
Gata	Engenheiro informático	Licenciatura	Portuguesa e francesa	Consultora de recursos humanos	Mestrado	Portuguesa
Homem aranha	Condutor de camiões	3ºciclo	Brasileira	**	3º ciclo	Brasileira
Luana	Talhante	3ºciclo	Portuguesa	**	2ºciclo	Portuguesa
Panda	Avaliador imobiliário	Licenciatura	Portuguesa	Responsável de equipas	Secundário	Portuguesa
Pedro	Gestor bancário	Licenciatura	Angolana	Gestora de comunicação	Mestrado	Angolana
Pérola	Médico	Licenciatura	Portuguesa e angolana	Psicoterapeuta	Secundário	Portuguesa
Polícia	Empregado de balcão	Secundário	Brasileira	Auxiliar ação médica	Secundário	Brasileira
Robin	Técnico de informática	Secundário	Portuguesa	Professora	Licenciatura	Portuguesa
Ronaldo	Gestor	Doutoramento	Portuguesa	Analista	Doutoramento	Portuguesa
Schreck	Restauração	3º ciclo	Portuguesa	**	Secundário	Portuguesa
Thanos	Programador	Mestrado	Portuguesa	Programadora	Licenciatura	Portuguesa

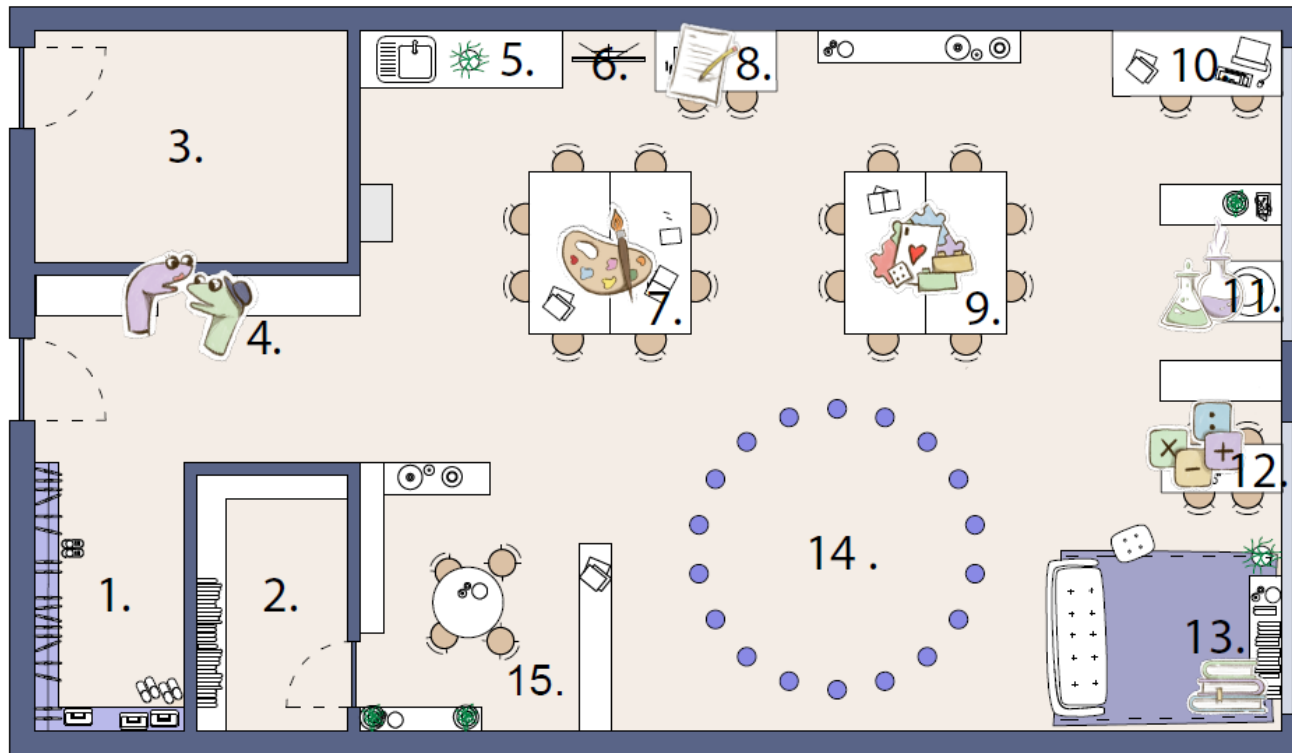
* Desconhecido

**Em situação de desemprego

Anexo B. Ambiente educativo

| | " | | " |

Anexo B1. Planta da sala- Figura 1



Sala 2

1. Zona de cabides
2. Despensa
3. WC
4. Área dos fantoches
5. Lavatório
6. Mural seca trabalhos
7. Área das artes visuais
8. Área da escrita
9. Área dos jogos de mesa
10. Área do computador
11. Área da ciência
12. Área da matemática
13. Área da biblioteca
14. Área dos jogos de chão e área polivalente
15. Área do faz de conta/Casinha

Anexo B2. Áreas de atividades na sala

Área do Faz-de-Conta/casinha



Área da biblioteca



Área do Polivalente/Jogos de chão



Área da escrita



Área da matemática



Área da ciência/natureza



Área das artes visuais



Área dos fantoches



Área dos Jogos de mesa



Área do computador



Anexo B3. Rotina educativa

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9-9:40 h	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9:40h- 10:45h	Atividades/ Projetos	Atividades/ Projetos	- Sessão estruturada de Teatro	Atividades/ Projetos	-Projeto “Brincar ao Desporto”
10:45 h	Suplemento alimentar	Suplemento alimentar	Suplemento alimentar	Suplemento alimentar	Suplemento alimentar
11h-11:30h	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11:30h-11:40h	Higiene Pessoal	Higiene pessoal	Higiene pessoal	Higiene pessoal	Higiene pessoal
11:40h- 12h	Acompanhamento no refeitório	Acompanhamento no refeitório	Acompanhamento no refeitório	Acompanhamento no refeitório	Acompanhamento no refeitório
12h-12:30h	Almoço com supervisão das AAAF				
12:30h- 13:15h	Recreio AAAF				
13:15h- 14h	Hora do conto	Hora do conto	Hora do conto	-Projeto “Música no JI”	Hora do conto
14h- 15h	Atividades/Projetos	Atividades/Projetos	Atividades/Projetos	Atividades/Projetos	-Balanço da semana em conselho -Arrumação de portefólios
15-15:15h	- Balanço em conselho	-Arrumação de espaços e balanço em conselho	-Arrumação de espaços e balanço em conselho	-Arrumação de espaços e balanço em conselho	Planificação para a semana seguinte

Observação: O acolhimento diário é caracterizado pela receção das crianças, canção do bom dia e preenchimento dos instrumentos de trabalho diários: mapa do tempo, calendário, mapa de presenças e contagem de crianças.

As atividades/Projetos englobam atividades livres e dirigidas.

O tempo de planeamento é feito também em grande grupo no tapete, durante o acolhimento.

No período das 11.30h às 12horas são trabalhadas atividades de vida diária com as crianças (AVD)- autonomia na higiene pessoal e na alimentação. Este trabalho é feito em articulação estreita com a AO que acompanha a sala 2 e a monitora da mesa que está definida para esta mesma sala, de forma a traçarem objetivos e estratégias comuns e que tenham em conta o bem-estar da criança.

Anexo B4. Áreas/Oficinas em contexto de sala, pensadas para a promoção de práticas teatrais, de forma autónoma, por parte das crianças

Áreas/Oficinas	Lotação do espaço	Materiais existentes	Elementos do teatro
1. Biblioteca/oficina de histórias	2 crianças	- Estante com livros diversos; - Quadro magnético; - Pano preto; - 2 Almofadas; - Tapete; - 1 sofá; - Luz; - 1 mesa pequena; - Leitor de CD's; - Instrumentos musicais; - A Caixa das histórias (cartas);	- Narrativa; - Personagens; - Som/sonoplastia;
2. Ciência	2 crianças	- Teatro de sombras; - Marionetas criadas pelas crianças; - 1 foco de luz; - Retroprojektor; - Mesa de luz; - Objetos e jogos translúcidos; - Materiais naturais: conchas, folhas, pedras, etc. - 1 mesa com duas cadeiras;	- Iluminação;
3. Faz-de-conta/casa	4 crianças	- Mobiliário de casa em tamanho adequado às crianças (fogão, mercearia, roupeiro, cabides, tábua de passar a ferro, etc.); - Disfarces; - Lenços; - máscaras e chapéus diversos; - Bonecas e roupas; - Carrinho de supermercado;	- Espaço cénico; - Personagens; - Narrativa; - Figurino; -Objetos de cena;
4. Fantoques	2 crianças	- <i>Castelet</i> ; - 2 bancos; - Marionetas de luva e de dedo;	- Narrativa; - Personagens; - Espaço cénico; - Luz/Iluminação; - Público/plateia;
5. Artes visuais	6 crianças	- Materiais variados de expressão plástica; - Materiais de reciclagem (caixas de cartão, papelão, restos de tecido, paus, etc.)	Dependendo das atividades realizadas e da intencionalidade do educador e da criança, poderão nesta área ser explorados

			<p>elementos variados do teatro: espaço cênico, personagens, figurinos, etc. Ex: realização de marionetas de fio, de luva, criação de teatros de papel; elaboração de um cenário para uma peça de teatro; etc.</p>
6. Projeto	3 crianças (flexível)	<ul style="list-style-type: none"> - Mesa; - Computador; - Livros alusivos ao tema a aprofundar; 	<ul style="list-style-type: none"> - Permite explorar temáticas que vão surgindo no processo educativo e enriquecer o conhecimento das crianças sobre o mesmo.
7. Jogos de chão	4 crianças	<ul style="list-style-type: none"> - Bonecos pequenos e miniaturas de animais selvagens, domésticos e outros; - Madeiras e legos; - Outros materiais de construções; - Lenços; - Cartão; 	<ul style="list-style-type: none"> - Narrativa - Personagens - Espaço cênico
8. Polivalente/ Atividades coletivas	Sem limite, podendo estar toda o grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço amplo onde se faz o acolhimento pela manhã e que permite reuniões de grupo, apresentações de espetáculos, partilha de ideias, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pode variar, mediante a atividade realizada no momento e a intencionalidade das crianças e dos adultos, mas é um local que fomenta a consciência de público.

Anexo C. Plano de atividades
estruturadas pela educadora

| ' ' | | ' ' |

Plano de atividades estruturadas pela educadora

Meses	Sessões (S)	Calendarização	Tema geral	Notas de campo (NC)	Calendarização	Atividade complementar			
Outubro	S1	Dia 25	Consciência de si e do outro	NC10	Dia 3	V.E. Antestreia no Teatro Carlos Paredes			
Novembro	S2	Dia 08							
	S3	Dia 22	Jogo simbólico: Corpo e voz						
	S4	Dia 29							
Dezembro	S5- Convidada (Bailarina)	Dia 04	Teatro de sombras (Workshop de sombras)	NC19	Dia 19	V.E. Museu do Teatro e da dança			
	S6*	Dia 06	Jogo simbólico: emoções	NC25	Dia 8	VE. Teatro Armando Cortês			
	S7	Dia 13	Jogo dramático						
	S8	Dia 20							
Janeiro	S9	Dia 10	Jogo dramático/teatro (Workshop teatral)	NC29 e NC30	Dias 19 e 21	Oficina de marionetas de luva			
	S10- Convidada (Atriz)	Dia 17							
	S11	Dia 24							
	S12	Dia 31							
Fevereiro	S13	Dia 21	Teatro de marionetas	NC33	Dia 4	Oficina de Teatro de papel			
	S14	Dia 28							
Março	S15	Dia 06	Teatro de objetos	NC35 e NC36 NC37 NC40 NC45	Dia 5	VE. Museu das Marionetas			
	S16- Convidada (Dinamizadora no museu)	Dia 13	Jogo dramático (Workshop corporal)						
	S17	Dia 21	Teatro de sombras				NC37	Dia 6 e 7	Oficina de marionetas de fio
							NC40	Dia 12	Oficina de marionetas de vara
				NC45	Dia 20	VE. Teatro Papaleguas			

*substituída pela NC16, com a temática Teatro de sombras

Anexo D. Ética na Investigação

|' '' | | ''

D1- Requerimento à diretora do AE, para a investigação-ação

Exa. Diretora
Agrupamento de Escolas
Dra.

Data: 01/09/2023

Assunto: Investigação a realizar por Célia Maria Manuelito Figueira Fonseca, no âmbito do Mestrado em Educação Artística, vertente de Teatro na educação.

Eu,, Educadora de Infância, pertencente ao Quadro de agrupamento de Escolas de, encontro-me no presente ano letivo 2023/2024, a concluir o Mestrado em Educação Artística, vertente de Teatro, na Escola Superior de Educação de Lisboa. Nesse âmbito, pretendo desenvolver a minha Dissertação/Tese, na sala dois do JI....., onde exerço funções, com o meu grupo de crianças. Este estudo terá como objetivos: (i) a implementação pelo educador de práticas teatrais em JI; (ii) a participação - estruturada e autónoma - das crianças em atividades de teatro; (iii) o contacto das crianças com a linguagem teatral nas suas diversas vertentes (experimentação, fruição...) e (iv) os papéis que cada interveniente - educador e crianças - desempenha ou pode desempenhar neste processo.

Prevê-se que a investigação se inicie em outubro de 2023 e esteja concluída até novembro de 2024.

Obviamente que se garante o anonimato de todos os participantes no estudo e dos dados recolhidos no âmbito desta investigação.

A realização do estudo tem a orientação do Professor Doutor Miguel Falcão, docente da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Grata pela atenção,

A Educadora de Infância

Lisboa,setembro de 2024

D2. Protocolo de consentimento informado às crianças e famílias

Eu,, Educadora de Infância a exercer funções na sala 2 do Jardim de Infância....., encontro-me, no presente ano letivo 2023/2024, a concluir o Mestrado em Educação Artística, vertente de Teatro, na Escola Superior de Educação de Lisboa. Nesse âmbito, pretendo desenvolver a minha Dissertação/Tese, “*Práticas teatrais numa sala de jardim de infância*”, com o meu grupo de crianças, ao longo deste ano letivo.

Venho por este meio solicitar que me seja autorizado tirar fotografias e/ou fazer filmagens do/a seu/sua educando/a em atividades na sala e no exterior para que estas possam ser integradas no meu Projeto final de curso.

Será garantida a ocultação de dados de identificação da criança e, no caso de recursos a técnicas visuais como a fotografia ou o vídeo, não será exibida a sua face a não ser que expressamente o autorize. É igualmente garantido que a presente autorização pode ser revogada em qualquer altura, sem que isso cause qualquer prejuízo ou afete os cuidados a prestar à criança.

Saliento ainda que, sendo a criança o centro da minha ação educativa, o desejo de ser fotografada e/ou filmada é determinante. Deste modo, sempre que a criança afirmar ou demonstre não querer ser fotografada e/ou filmada, será respeitada a sua vontade.

Assim, peço que assinie o presente protocolo como forma de declarar a sua autorização.

Grata pela atenção,

A Educadora de Infância CF

Lisboa,de 2023

Autorização da criança:

(nome ou impressão digital)

Assinatura do/a Encarregado/a de Educação:


Anexo E. Notas de campo

| | ' ' | | ' '


Anexo E1. Notas de campo

Nota de campo 1	
Data	03/10/2023
Horário	14:30 horas
Contexto	Área dos fantoches/Área polivalente
Intervenientes	Gata e Aurora
Descrição	<p>A Gata e a Aurora brincam na Área dos fantoches. Vêm chamar-me e pedir-me para assistir ao seu espetáculo. Eu pergunto se já ensaiaram e se querem treinar mais um bocadinho, sugerindo que poderão depois apresentar aos seus pares/grande grupo, ao final da tarde. Concordam com a proposta e então deixam autonomamente se prepararem.</p> <p>Após a canção de arrumar, aviso o grupo que temos uma surpresa das amigas antes de irmos embora. Vou buscar o <i>Castelet</i> e peço-lhes que tragam os fantoches que escolheram.</p> <p>Manipulam os fantoches, mas no momento de falar mostram-se "bloqueadas/envergonhadas" e não dizem nada. O grupo começa a insistir e a ficar mais agitado, pelo que resolvo intervir. Pergunto se posso ajudar. Perante a concordância das duas intervenientes, viro uma mesa ao contrário para permitir mais espaço para todos (uma adulta e duas crianças) e manipulo uma das personagens que elas selecionaram.</p> <p>Quando começo a falar, rapidamente provoço reações nas duas, que reagem também com outro fantoche e respondem à minha intervenção.</p> <p>Perante esta brincadeira, tivemos algumas reações no público presente: <i>Branca de neve- CF, és muito engraçada.</i> <i>Schreck- Tem piada!</i></p>
Comentários	<p>Esta situação permitiu-me perceber que a exposição em grande grupo, para algumas crianças, ainda lhes transmite uma certa insegurança e timidez. Perante um modelo ou a presença do adulto como mediador e provocador, ficaram mais participativas e à vontade.</p> <p>Será importante continuar a estimular as crianças para a partilha de trabalhos em grande grupo, de forma a se poderem tornar mais confiantes nas suas capacidades.</p>
Fotografia	Não existe.


Nota de campo 2	
Data	12/10/2023
Horário	14:30horas
Contexto	Sala de Jardim de Infância- Área dos fantoches
Intervenientes	<i>Gata (4anos) e Branca de neve (4anos)</i>

Descrição	<p>Duas crianças brincam livremente na Área dos fantoches. Vão convidar-me para assistir ao seu espetáculo. Sento-me num banco à frente do “Castelet” junto ao <i>Thanos</i> e <i>Ariel</i> que também assistem e observo. Perante a sua vergonha inicial, insisto para que comecem por apresentar o nome do espetáculo.</p> <p><i>Branca de neve</i>- <i>Chama-se o Bairro do espetáculo! Desliguem os telemóveis.</i></p> <p>Perante o meu movimento de desligar telemóvel real do meu bolso intervêm:</p> <p><i>Branca de neve</i>- <i>É só a fingir!</i></p> <p>Depois, manipula o fantoche de dedo da coruja e diz:</p> <p>- “<i>Sou a coruja do bairro. Consigo voar! Depois apareceu a cobra. Eu sou a Joker!</i>” (...)</p> <p>A <i>Gata</i> observa a <i>Branca de neve</i> mas não fala, só manipula os fantoches de dedo.</p>
Comentários	<p>As personagens entram e saem de cena sem continuidade na história e sem interação entre elas.</p> <p>As duas crianças que apresentam o espetáculo mostram necessidade de interação com o adulto (CF) que assiste.</p>
Fotografia	

Nota de campo 3	
Data	17 de outubro de 2023
Horário	14:15 horas
Contexto	Área dos fantoches
Intervenientes	Alface e Gata
Descrição	<p>Duas crianças brincam livremente na área dos fantoches. Aproximo-me do local e posiciono-me na plateia, junto a outras crianças, para assistir ao espetáculo. De referir, que este espetáculo foi realizado pelas crianças autonomamente: escolha de personagens, texto dramático e manipulação dos fantoches.</p>

	<p>Texto reproduzido:</p> <p><i>Era uma vez um papagaio que estava a voar. Depois a princesa viu o papagaio e depois bateu-lhe.</i></p> <p><i>Depois veio um cavalo e veio para as suas costas e veio passear.</i></p> <p><i>Depois apareceu um cavalo e um lindo menino que estava a passear e depois apareceu a zebra e eram lindos amigos.</i></p> <p><i>Depois apareceu a rainha e ele estava dentro de uma bolsa.</i></p> <p><i>Depois apareceu o capitão.</i></p> <p><i>Vitória, vitória, acabou-se a nossa história.</i></p>
Comentários	Foram trocando os diferentes fantoches (papagaio, princesa, cavalo, menino, zebra, rainha e capitão) e apresentando-os, à medida que os escolhiam, sem interligação na história.
Fotografia	

Nota de campo 4	
Data	17 de outubro de 2023
Horário	14:30horas
Contexto	Sala de jardim de Infância- Área Polivalente/tapete
Intervenientes	Afonso e Pedro
Descrição	<p>Após a escolha da Área da biblioteca para brincar no período da tarde, duas crianças vão ter com a Educadora e pedem para apresentar uma história ao grupo, depois da arrumação de materiais. A CF concorda com essa proposta e comunica ao grupo essa situação, sendo a mesma aceite por todos os envolvidos.</p> <p>As duas crianças dinamizadoras, referem que vão utilizar as <i>Cartas de histórias</i>, material existente na área da biblioteca e construído pelo grupo no ano letivo anterior. Neste sentido, foram buscar uma mesa e com o apoio da CF colocam sobre a mesma um pano preto, preparando o espaço para este espetáculo. Depois, seleccionam as cartas que pretendem utilizar para a sua narrativa e posicionam-nas na vertical para os restantes poderem ver.</p>


	<p>A história criada foi a seguinte: <i>Era uma vez um ladrão que vivia sempre a passear. Mas este ladrão não era mau, era bom! Depois viu um Venon e depois um homem aranha a falar nos ouvidos dele. Depois apareceu um animal especial que tinha um tapete mágico e ele andava com uma varinha e ele transformou-o num avião e o avião parou numa casa assombrada. Tinha pessoas boas! Eles não tinham medo de nada! Depois da festa dos fantasmas eles foram para casa deles. Os amigos do ladrão também foram para casa.</i> As restantes crianças da sala ouviram atentamente a história narrada, aplaudindo no final da apresentação, por incentivo da CF.</p>
Comentários	<p>Estas duas crianças já frequentaram esta sala no ano letivo anterior e pediram para criar uma história com recurso às cartas de histórias criadas no ano letivo transato, com o objetivo de partilhar depois com o restante grupo de crianças. De realçar, que as cartas estão agrupadas por categorias, que permitem às crianças enriquecer a narrativa, nomeadamente: personagens humanas, personagens animais, personagens faz de conta, objetos mágicos e cenários.</p> <p>De referir, que é prática pedagógica habitual da CF, reforçar a partilha de atividades entre as crianças, acreditando que a mesma valoriza a sua autoestima e aproxima o grupo.</p> <p>A história criada pelas crianças de forma totalmente autónoma, teve uma certa continuidade nas ações, ajudando as cartas a estruturarem um pouco o pensamento das crianças e a própria narrativa.</p> <p>As duas crianças organizaram-se autonomamente na narração da história, conseguindo alternar as suas intervenções e tentando reproduzir o que antes tinham combinado. A Educadora não interveio neste processo criativo e limitou-se a assistir a esta apresentação.</p>
Fotografias	

Nota de campo 5	
Data	25/10/2023
Horário	13:20horas
Contexto	Recreio
Intervenientes	CF e Dudu (5 anos)

Descrição	No recreio, depois do almoço, o <i>Dudu</i> vem ter com a CF e gerou-se uma conversa informal sobre as brincadeiras que estavam a ter no momento. A CF resolveu perguntar qual a percepção da criança sobre a sessão de Teatro já realizada. - <i>Gostaste da sessão de Teatro?</i> - <i>Sim...mas não se devia chamar Teatro.</i> - <i>Porquê?</i> - <i>Porque é parecido à ginástica...</i> - <i>Ah, ok...mas não é bem igual...ou achas que é?</i> - <i>Não...mas também mexemos o corpo...não fizemos teatro.</i> - <i>Temos que ver o que acham os teus amigos depois na sala.</i>
Comentários	A criança refletiu sobre algumas semelhanças entre as sessões realizadas de expressão motora no ginásio e a nova sessão de teatro, vivenciada nesse mesmo dia, no período da manhã. Ele referiu no Focus Group A, que o Teatro é “ <i>Fazer coisas tipo fantoches (...) e pode ser teatro sem nada...</i> ”, logo na sua visão poderá estar implícita a representação, o que não se coaduna com o conteúdo da sessão realizada pela CF.
Fotografia	Não existe.

Nota de campo 6


Data	26/10/2023
Horário	9:30horas
Contexto	Momento de acolhimento da manhã- Área polivalente na sala de JI
Intervenientes	CF e todas as crianças do grupo
Descrição	A CF resolveu partilhar com o grupo a conversa do dia anterior com o <i>Dudu</i> , referida na nota de campo nº4, para perceber a visão das restantes crianças do grupo. Neste sentido, perguntou-lhes se também concordavam com o mesmo, sobre a questão das sessões do dia anterior não se chamarem de “Sessões de Teatro” (nome dado pela CF aquando da entrevista focalizada de grupo). Algumas crianças intervieram: <i>Dinossauro, Pedro, Ronaldo, Branca de neve, Panda, Dudu, Ariel e Polícia.</i> Da conversa que se gerou, resultou um interesse em grande grupo para se iniciar um projeto que responda à questão “o que é preciso para fazer teatro?”
Comentários	<i>Dinossauro - Eu acho que é teatro...parece uma ginástica</i> <i>Pedro- Havia lá cadeiras...</i> <i>Ronaldo- Podia ser teatro... em vez dos pés, pomos as meias escorregadias nas mãos para fazer uns fantoches com as meias escorregadias com as mãos.</i> <i>Branca de neve- Teatro é fazer coisas espetaculares...</i> <i>Panda- Podemos usar instrumentos...</i> <i>Ariel- Music...</i> <i>Polícia- cantar...</i> <i>Pedro- O teatro pode ser personagens...</i> Após esta conversa a educadora registou estas ideias numa folha e combinaram que iniciariam um projeto para descobrir o que é preciso para fazer teatro. Foi sugerido pela CF que fizessem uma pesquisa para descobrir onde havia teatros

	em Benfica e podermos ir lá fazer uma visita, que nos ajude a responder à questão. <i>Dudu- Podemos ver no Google Maps.</i>
Fotografia	

Nota de campo 7	
Data	30/10/2023
Horário	13:45horas
Contexto	Acolhimento- Área polivalente
Intervenientes	CF e todo o grupo, à exceção do <i>Homem aranha</i> e do <i>Ronaldo</i> , que não estavam no JI nesse dia
Descrição	<p>A CF referiu que precisava de perguntar às crianças uma coisa importante, para o seu Projeto de Teatro da faculdade. Mencionou que se tinha esquecido, mas que era fundamental falar com eles, uma vez que fazem parte do processo e têm direito a serem ouvidos. Dito isto, explicou que não iria colocar os nomes deles verdadeiros na sua escrita e que poderia colocar números ou eles inventarem um nome fictício. Disse ainda, que não poderia colocar o nome da escola nem de ninguém, para proteção. Era uma regra importante a seguir!</p> <p>As crianças referiram que preferiam escolher um nome fictício e a educadora registou as suas escolhas e que irão substituir os números que primeiro foram definidos.</p> <p>A2-Robin, A3- Dudu; A4- Luana; A5- Pedro; A6- Afonso; A7- Elsa; A8- Polícia; Dinossauro; A10- Dinossauro; B1- Branca de Neve; B2- Panda; B3- Gata; B4- Pérola; B5- Shreck; B6- Alface; B7- Aurora; B8- Fada madrinha; B9- Tânus; B10- Ariel.</p> <p>A Gata, a Pérola, a Aurora, a Fada madrinha e a Ariel mostraram alguma dificuldade na escolha.</p> <p>A Educadora falou em inglês para a Fada madrinha e Ariel, para explicar o processo, mas num primeiro momento não manifestaram interesse na escolha/verbalização. O grupo ofereceu-se para a escolha de um nome para elas, mas a educadora referiu que lhe parecia que esta situação não seria justa para elas. Sugeriu que todos fossem dando ideias de nomes e elas escolhiam. Foram dados nomes: Princesa, Bela adormecida, Flor, fada madrinha, Elsa e as duas acenaram com a cabeça positivamente perante os nomes que foram escolhidos: Fada madrinha e Ariel.</p>
Comentários	A Fada madrinha e a Ariel, dado serem duas crianças cuja língua não materna não é o português, foi difícil este processo de escolha. No entanto, penso que foi

	possível encontrar uma solução mais democrática entre todos e participativa, respeitando as diferenças e a opinião de cada um dos intervenientes no processo investigativo.
Fotografia	Não existe.

Nota de campo 8	
Data	02/11/2023
Horário	10horas
Contexto	Área dos fantoches/ Sala de JI
Intervenientes	Robin, Dudu e Ronaldo
Descrição	<p>O <i>Robin</i>, o <i>Dudu</i> e o <i>Ronaldo</i> estão no Castelet e dizem que vão começar um espetáculo. Perguntam quem quer assistir e logo se aproximam muitas crianças que se sentam em frente ao mesmo: <i>Pedro</i>, <i>Afonso</i>, <i>Branca de neve</i>, <i>Gata</i> e <i>Ariel</i>. Eu também me junto a elas e pergunto aos manipuladores se querem utilizar o microfone a sério. Dada a resposta ser afirmativa, entrego os materiais às crianças e posiciono-me em frente ao espetáculo e assisto.</p> <p>- “<i>Era a Selva dos animais do leão esfomeado.</i>” – refere o <i>Ronaldo</i> com o microfone na mão.</p> <p>Depois, o <i>Robin</i> e o <i>Dudu</i> começam o espetáculo. O <i>Robin</i> é o único que fala e mantém sempre a mesma personagem na mão- Leão. O <i>Dudu</i> vai mudando de personagens: Capuchinho vermelho, lobo, panda, cobra, peixe e rei. A cena e o diálogo repete-se sempre:</p> <p>- “<i>Eu estou cheio de fome e vou-te comer!</i>” (<i>Robin</i>);</p> <p>O <i>Pedro</i> que está a assistir vai intervindo:</p> <p>- “<i>Estão numa luta, ou quê? (...) vai morrer em 3, 2, 1 (...) O meu panda favorito (...) Oh my god! (...) mas o leão não sabe nadar</i>”</p> <p>A <i>Gata</i> ri e repete também:</p> <p>- <i>Oh my god!</i></p> <p>O <i>Afonso</i> refere</p> <p>- <i>É comilão!</i></p> <p>A história acaba por terminar repentinamente por ser hora de arrumar e a AO ter cantado a canção, o que fez dispersar tanto os dinamizadores, como quem assistia.</p>
Comentários	<p>O <i>Ronaldo</i> manipulou com à vontade o microfone, o que permitiu ir apontando para o colega <i>Robin</i> que representava a personagem principal na história e ouvir-se bem o que este dizia. De referir, que foram escolhidos para esta apresentação, pelas crianças, fantoches de dedo e de luva, verificando-se facilidade na sua manipulação.</p> <p>O <i>Robin</i>, que é uma criança mais tímida e normalmente pouco interventiva em situações de exposição, neste momento estava muito à vontade e feliz nesta dinâmica. O <i>Dudu</i>, por outro lado, que costuma ser mais interventivo em situações de grande grupo, ficou mais calado, limitando-se a falar ao ouvido do <i>Robin</i>, que ia repetindo a mesma frase: “<i>Eu estou cheio de fome e vou-te comer!</i>”</p> <p>As crianças que assistiam estavam bastante atentas, verificando-se interação com as mesmas por parte do <i>Pedro</i> e do <i>Afonso</i>. O facto de perceberem que a repetição de uma frase fazia o público rir, levou a que as duas crianças que manipulavam os fantoches, repetissem a mesma, trocando apenas algumas</p>

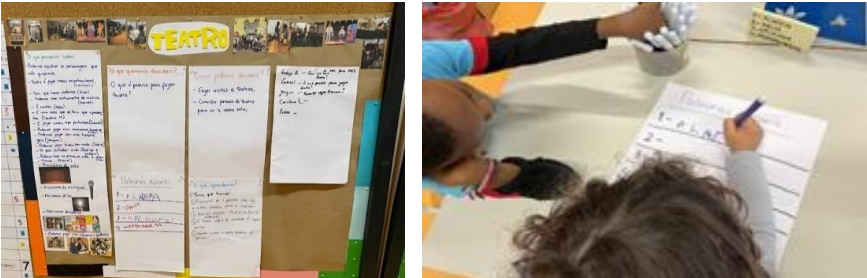
	personagens.
Fotografias	


Nota de campo 9	
Data	02/11/2023
Horário	9:30horas
Contexto	Área polivalente/ Sala JI
Intervenientes	Todos à exceção da Elsa e da Luana
Descrição	<p>Durante o acolhimento, com todas as crianças presentes, a CF partilhou com as duas crianças que estiveram a faltar, o que tinham feito na sala nos dias anteriores. Foi referido, a questão de estarem a escolher os nomes fictícios para o projeto que a CF estava a desenvolver na faculdade. Desta forma, foi dada oportunidade às duas crianças que faltavam de poderem escolher os mesmos. A criança que estava identificada como A1, decidiu que seria o <i>Homem Aranha</i> e o A9 optou pelo <i>Ronaldo</i>.</p> <p>Posto isto, a CF lembrou o grupo que à tarde iriam assistir ao Ensaio geral de uma peça teatral no Auditório Carlos Paredes e por essa mesma razão seria importante pensar no que gostariam de perguntar no final da peça a quem os iria receber. A CF questionou quem se queria inscrever para fazer as perguntas, respondendo afirmativamente o <i>Ronaldo</i>, o <i>Dudu</i>, a <i>Branca de Neve</i> e o <i>Afonso</i>. Posteriormente, o <i>Polícia</i> também mostrou interesse nesta tarefa, referindo:</p> <p>- “Oh CF, eu também quero...”</p> <p>As perguntas que foram decididas pelas crianças foram:</p> <p>- <i>O que é preciso para fazer teatro? Vocês têm que treinar muito para fazer um espetáculo? Quantas vezes treinam? Existe uma escola para aprender a fazer teatro?</i></p> <p>A CF lembrou ainda, que iriam assistir ao ensaio e não haveria mais ninguém a ver. Que seria um treino, para depois no fim de semana poderem apresentar a sério a mais crianças. E que por isso mesmo, não iriam pagar bilhete, nem haveria mais ninguém.</p> <p>No final, a educadora mostrou algumas imagens/impressões de fotografias de atividades e objetos realizadas pelas crianças na sala, desde o ano anterior, para que pudessem pensar se achavam que seria teatro e o <i>Afonso</i>, o <i>Dinossauro</i> e o</p>

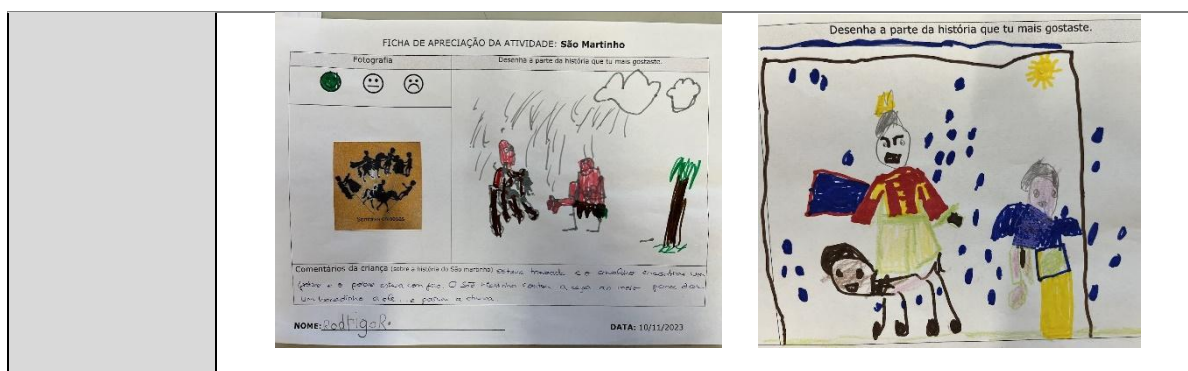
	Pedro, ofereceram-se para as colar no placard do projeto respetivo.
Comentários	As crianças mostraram-se envolvidas no diálogo e participaram ativamente na conversa.
Fotografias	

Nota de campo 10	
Data	03/11/2023
Horário	16horas
Contexto	Auditório Carlos Paredes
Intervenientes	Todo o grupo, à exceção da <i>Luana e Fada Madrinha</i>
Descrição	<p>As crianças tiveram oportunidade de ir assistir a um ensaio geral de uma peça infantil, bem como falar com o cenógrafo e com os atores e atrizes no final da representação. Neste sentido, deslocaram-se em grande grupo, sendo acompanhadas por três adultos da sala: CF, EST e AO.</p> <p>Quando chegámos ficamos na sala de espera, até sermos chamados pelo Realizador da peça que nos convidou a sentar na sala. Primeiro apresentou-se às crianças e depois referiu a importância de outras pessoas que por vezes não estão presentes e que são necessárias em todo este processo criativo: a pessoas das luzes, as pessoas das roupas (figurinos), a pessoa que organiza o cenário...</p> <p>De seguida, foi realizado o ensaio da peça e as crianças mostraram-se em alguns momentos assustadas com o desempenho das personagens, nomeadamente quando estas interagiam com o público (crianças).</p>
Comentários	<p>O horário proposto pela companhia, em componente não letiva de jardim de infância (após as 15:15horas), poderá ter influenciado um pouco uma menor participação das crianças no diálogo, no final do espetáculo. As mais pequenas já demonstravam um pouco de cansaço. Apesar de tudo, realço como muito positivo este momento, permitindo às crianças desmistificar o conceito de representação e perceber alguns pormenores que foram referidos pelo cenógrafo e que passam despercebidos na ida a um espetáculo. Exemplo: a importância das pessoas na iluminação e no som; a importância da plateia e os ensaios necessários para que tudo corra bem.</p>

Fotografias	
-------------	--

Nota de campo 11	
Data	03/11/2023
Horário	9:15horas
Contexto	Área polivalente/Sala de JI
Intervenientes	Todos, com exceção do Panda, do <i>Schreck</i> e da <i>Fada Madrinha</i> , que faltaram.
Descrição	<p>A CF questionou as crianças sobre o que acharam da ida ao Ensaio geral e o que tinham aprendido.</p> <p>As crianças referiram que se assustaram com o ladrão, pelo que a CF aproveitou para perguntar se a representação era uma coisa real? Todos concordaram que não.</p> <p>Então a CF sugeriu que escrevessem as palavras difíceis que já aprenderam: plateia; palco; aplausos e personagem. A Elsa e o Afonso ofereceram-se para ajudar neste processo e depois partilhar o resultado com o restante grupo de crianças.</p>
Comentários	<p>Estavam muito entusiasmados com a descrição do espetáculo e denotou-se uma maior atenção e foco em pormenores da peça, que envolveram maior movimento, tais como:</p> <p>Molhar o dedo na compota às escondidas da tia; pescar; as lutas entre espadas e o momento alto da interação do ladrão com a plateia.</p> <p>De realçar, que durante a peça cinco crianças choraram nesse momento e necessitaram de ir para junto do adulto para acalmarem: Homem aranha; a Branca de neve; a Gata; o Schreck; e a Ariel. A CF aproveitou para realçar o facto de o Teatro ser representar e por isso não ser real, apesar de o parecer.</p>
Fotografias	

Nota de campo 12	
Data	10/11/2023
Horário	13:30horas
Contexto	Área polivalente- Hora do conto
Intervenientes	Todo o grupo, com exceção de duas crianças
Descrição	<p>A CF e a EST apresentaram um espetáculo de sombras chinesas, com base na história do São martinho e para a comemoração desta data específica, incluída no Plano anual de atividades (PAA) do JI.</p> <p>O ambiente foi criado com a sala escura e apenas a luz apontada para o <i>castelet</i>. As duas adultas, dinamizaram primeiro a história com a sua voz e depois com suporte de música e de poesia. No final, foi dada a possibilidade às crianças de poderem experimentar o outro lado do <i>castelet</i> e deixarem de ser plateia para serem manipuladores das sombras chinesas. Foi dada a possibilidade de se agruparem em pares, como quisessem, havendo algumas que quiseram experimentar.</p> <p>No final, as crianças avaliaram a atividade e desenharam a parte da história que mais gostaram.</p>
Comentários	<p>As crianças revelaram muito interesse e atenção no decorrer desta atividade. Também mostraram gosto por manipular as sombras chinesas, denotando-se, no entanto, pouco cuidado com o posicionamento do mesmo na luz. Elas concentram-se mais na manipulação do mesmo, sem se preocuparem com o que a plateia está a ver.</p> <p>Foi dada a possibilidade a todos de experimentarem.</p> <p>A avaliação realizada posteriormente através da Ficha criada para o efeito, permitiu perceber que o conteúdo da história foi transmitido e todos gostaram da atividade.</p>
Fotografias	

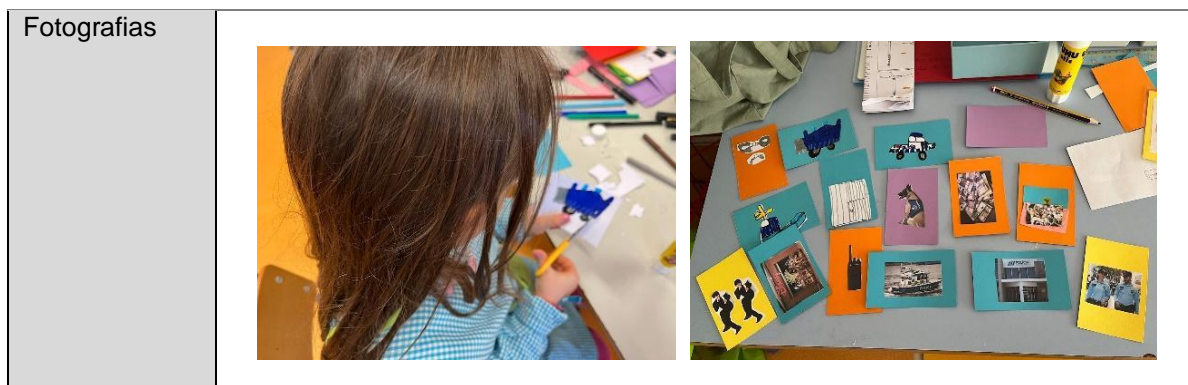


Nota de campo 13	
Data	15/11/2023
Horário	21h 37mn- horário da publicação
Contexto	Plataforma <i>classroom</i> - grupo virtual da sala de JI, para partilha de atividades semanais com as famílias e/ou colocação de perguntas ao longo do processo educativo
Intervenientes	12 pais responderam à questão colocada pela CF- Branca de neve; Homem aranha; Robin; Dudu; Pedro; Gata; Pérola; Alface; Elsa; Aurora; Ronaldo e Thanos.
Descrição	<p>Os pais responderam à questão colocada pela educadora na plataforma e que se encontra, na fotografia em anexo a esta NC.</p> <p>De acordo com o que os seus filhos lhes disseram em casa, ficam aqui as suas respostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “diz que fica andando descalço” (Homem aranha; 15 de novembro de 2023) - “diz que tem gostado muito de tudo o que tem feito” (Robin; 16 de novembro de 2023); - “No início, eu achava que estas sessões eram de ginástica. Bem, depois percebi que no teatro fazes coisas a falar e na ginástica é só fazer exercícios com o corpo. A primeira coisa que fizemos foi a corrida em câmara lenta, depois fizemos a atividade das almofadas e a CF batia palmas e tínhamos de fazer algumas coisas... acho que duas palmas era para ficar em estátua. O jogo das almofadas não correu bem no início porque os meninos estavam só a brincar com as almofadas e não respeitaram a regra da almofada de não tocar no chão. A CF parou de fazer o exercício e depois fizemos outro. Fazemos sempre relaxamento no final. Como fizemos muitas coisas, precisamos de relaxar. No último dia, tínhamos de fazer o que a CF dizia. Estávamos a passear e encontramos uma loja de louça e tínhamos de partir a louça da loja, mas a fingir.... Transformámo-nos numa borboleta, depois numa lagartixa e depois num gigante. O gigante estava cansado, cansado, foi para a cama, mas como tinha fome levantou-se e foi para a cozinha ... comeu e foi para a cama outra vez. Depois, houve outra atividade. Havia dez pessoas em cada fila. Os dois da frente tinham de fazer sons ou gestos... A carta amarela era para fazer sons e a carta azul era para os gestos. Fizemos sombras chineses antes disto... O que foi mais divertido para mim foi o relaxamento e o exercício da bomba de gasolina. Gostei de fazer o jogo dos

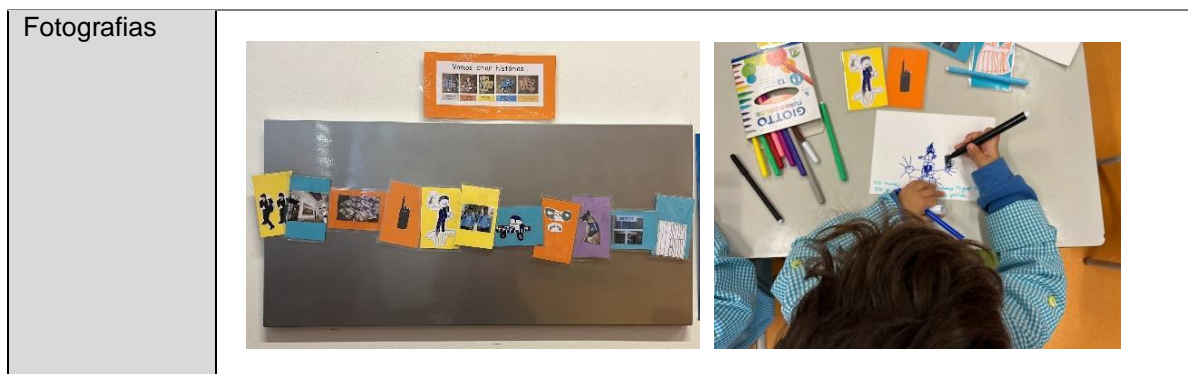
	<p>gestos e dos sons. E também gostei de fazer a luta em câmara lenta, mas era a fingir... tive um bocadinho de vergonha... Mas foi só um bocadinho de nada. Gosto destas sessões porque... Não sei bem.. Mas quando faço os exercícios fico divertido". (Dudu; 23 de novembro de 2023);</p> <p>- "o teatro é muito chato, e os aplausos são muito altos, e por isso fico com dor de cabeça". (Pedro; 16 de novembro de 2023);</p> <p>- "Gostou do teatro que tinha música (do S. Martinho) - Achou um pouco assustador a parte dos piratas do Tom Sawyer Gostava de fazer um teatro musical como a Branca de Neve: Eu quero, eu posso, eu consigo". (Gata; 19 de novembro de 2023);</p> <p>- "tem partilhado muitas das atividades realizadas na escola, mas não tenho a certeza que sejam todas no âmbito das sessões de Teatro. Ela exemplificou os exercícios da boneca (em que um menino fazia de boneco e o outro controlava) e um de corrida e movimentos em câmara de lenta. Também gostou muito da visita ao Teatro". (Pérola; 19 de novembro de 2023);</p> <p>- "Sabias que camara lenta é andar devagarinho? As mensagens fazem cócegas. Tinha ladrões, mas não são de verdade". (Alface; 19 de novembro de 2023);</p> <p>- "partilhou o que fez nas duas sessões. Na primeira mostrou a coreografia e na segunda vez quis brincar muito em «câmera lenta» (Elsa; 17 de novembro de 2023) ...gostou muito de fazer o jogo dos sons e objetos e dos pares". (25 de novembro de 2023);</p> <p>- "tem sempre contado o que faz, parece que tem gostado muito das aulas de teatro, falou em particular da sessão em que fizeram de espelho, movimentos em câmara lenta e gostou muito da oportunidade de ir ao teatro". (Aurora; 19 de novembro de 2023);</p> <p>- "contou que já foi para o auditório duas vezes fazer "coisas" com meias e explicou que tinha de mexer o corpo". (Ronaldo; 27 de novembro de 2023);</p> <p>- "O que eu mais gosto no teatro é quando andamos dum lado para o outro a fingir que somos puxados por fios na cabeça... Finges ser uma marioneta? Sim! Isso!!!" (Thanos; 17 de novembro de 2023);</p>
Comentários	<p>A maioria das respostas reporta às sessões/oficina de teatro, dinamizadas pela CF nas quartas feiras. Apenas três casos, referem algumas atividades realizadas na sala (Atividade de marionetas de vara no Dia de S. Martinho- nota de campo nº 12) ou noutro contexto externo à escola (Ida ao ensaio geral de uma companhia de Teatro- nota de campo nº10).</p> <p>As notas retiradas, evidenciam prazer nas crianças nas atividades.</p>

Fotografias	<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;">  <p style="text-align: center;">23-24- Sala 2 do JI Pedro... Educação Pré-escolar</p> </div> <div style="width: 50%;"> <h3 style="color: #0056b3; margin: 0;">Práticas teatrais em jardim de infância</h3> <hr style="border: 0.5px solid #ccc;"/> <p style="font-size: 0.9em; margin: 0;">Neste primeiro momento de avaliação intercalar e com apenas duas "sessões de Teatro" realizadas no auditorio, gostaria que me dissesse o que tem o/a vosso/a filho/a partilhado em casa? (De praticas teatrais no auditorio, na sala, em visitas realizadas...)</p> <p style="font-size: 0.8em; margin: 0;">(Caso não tenha partilhado nada até ao momento, pergunte-lhe e escreva mesmo, o que responder. O vosso feedback e importante para a minha investigação! Obrigada pela disponibilidade!</p> </div> </div> <div style="margin-top: 10px;"> <div style="display: flex; align-items: center; gap: 10px;"> <div style="text-align: center;">  <p style="font-size: 0.8em; margin: 0;">Anunciar algo à sua turma</p> </div> <div style="font-size: 1.2em;">↔</div> </div> <div style="margin-top: 5px;"> <p style="font-size: 0.8em; margin: 0;">Anexos</p> <div style="display: flex; align-items: center; gap: 5px;">  <p style="font-size: 0.8em; margin: 0;">15/11/2023 na ...</p> </div> </div> </div>
-------------	--

Nota de campo 14	
Data	22/11/2023
Horário	10:30horas
Contexto	Área Polivalente e área das artes
Intervenientes	Dudu, Robin, Aurora e Panda
Descrição	<p>Depois de uma conversa em grande grupo sobre o Projeto dos polícias, que está a ser desenvolvido na sala, a CF desafiou as crianças a acrescentar cartas com essa temática, ao instrumento existente na biblioteca para a criação de histórias. Todos concordaram e algumas crianças ofereceram-se para o fazer de seguida na área das artes: o Dudu, o Robin, a Aurora e a Panda.</p> <p>Neste sentido, foram para a área das artes e a CF deu-lhes os retângulos de cartolinas coloridas para que pudessem depois utilizar o que fosse necessário. O Dudu escolheu desenhar a prisão, o Robin escolheu as algemas, a Aurora o helicóptero e a Panda o carro da polícia.</p> <p>O dudu refere: <i>"O Francisco é algemas...é objetos. Eu preciso de azul porque é onde se passa as histórias"</i> (prisão).</p>
Comentários	<p>De realçar que este instrumento foi construído no ano letivo anterior e que neste ano foi colocado um placard magnético e imanes para suporte das cartas existentes, facilitando a sua utilização.</p> <p>O Dudu revelou lembrar-se do instrumento e de já ter interiorizado as categorias, relacionando-as com as cores.</p>




Nota de campo 15	
Data	27/11/2023
Horário	10 horas
Contexto	Área da biblioteca e área das artes
Intervenientes	Thanos e Pedro
Descrição	<p>O Thanos e o Pedro escolheram ir para a Área da biblioteca e a CF propõem-lhes que tentem fazer uma história com as novas cartas realizadas e que incluam a personagem do “polícia”.</p> <p>Recorda que existem cartas de várias cores e que podem ajudar a fazer a história: personagens, lugar e objetos.</p> <p>O Thanos conta a história com as cartas: <i>“Eram dois ladrões que foram para o museu e roubaram dinheiro. Depois um senhor viu e telefonou à polícia. Foi no seu carro, com o seu cão. Depois prenderam-no e levaram-no para a prisão...na esquadra...”</i></p> <p>Depois de terem elaborado a história, a CF propõe-lhes que construam um livro com a narrativa criada e que depois partilhem com os pares.</p>
Comentários	<p>As crianças mostraram-se bastante envolvidas na proposta da CF.</p> <p>De realçar, que o Pedro começa a colocar as cartas em sentido contrário (da direita para a esquerda, e a CF recorda que não está correto e que a direccionalidade deve ser igual à escrita- da esquerda para a direita. Com o apoio de retaguarda do adulto começam então a organizar a história.</p> <p>Foi necessário a ajuda do adulto para a sequência da história e para ter um início, um meio e um fim.</p> <p>A construção do livro na mesa das artes foi realizada com o apoio do adulto, que foi dividindo as cartas por ações, de forma a ser mais fácil perceber o que era preciso ilustrar em cada página.</p> <p>A CF foi escrevendo depois a história por baixo dos desenhos das crianças.</p> <p>Estas histórias criadas pelas crianças poderão mais tarde servir de base para a dramatização/teatro.</p>




Nota de campo 16	
Data	06/12/2023
Horário	9:45h-11h
Contexto	Sala do JI- Área polivalente
Intervenientes	Todo o grupo, à exceção da Branca de Neve, Luana e Pérola
Descrição	<p>Por indisponibilidade do espaço do auditório, a S6, que estava planificada pela CF, sofreu alteração em cima da hora.</p> <p>As crianças já se encontravam a realizar a roda inicial no espaço utilizado para as sessões semanais (Auditório), quando foram interrompidas por outra professora que necessitava de utilizar o espaço para um evento externo à escola. A falta de comunicação atempada desta situação, por parte da coordenação da escola com a CF, levou a um constrangimento e desmotivação, não só das crianças como também dos adultos envolvidos.</p> <p>Neste sentido, a CF teve que parar a sessão e regressar à sala de JI, tomando uma posição perante o que aconteceu: deixar a planificação que tinha para realizar, adaptada ao espaço existente e pensar de imediato o que faria sentido fazer na sala, que desse continuidade ao processo que tem vindo a ser vivenciado pelo grupo até ao momento, no âmbito das práticas teatrais.</p> <p>Dado o espaço da sala não permitir grandes movimentos, dado as áreas existentes e os materiais, a CF considerou que deveria aproveitar este espaço para dar continuidade a uma atividade não terminada pelas crianças e que poderia permitir-lhes liberdade de criação e ao mesmo tempo ter noção do processo, no âmbito do Teatro de sombras.</p> <p>A ideia prendeu-se com a criação de uma história para os personagens criados na sessão nº5 e que resultaram da realização do workshop já referido nessa mesma planificação/reflexão.</p> <p>A estratégia utilizada pela CF foi em primeiro lugar, propor às crianças a separação das marionetas por categorias: personagens humanas e animais; objetos e espaços/lugares. Desta forma, colocou 3 folhas de cartolina no chão onde se posicionariam as marionetas criadas pelas crianças.</p> <p>Estas, estavam sentadas em roda e a CF propôs que cada uma à sua vez e no sentido dos ponteiros do relógio, apresentasse a sua marioneta e a colocasse sobre uma das folhas, tendo em conta a sua categoria. Gradualmente, as folhas começaram a ter grupos de marionetas. De realçar, a necessidade de colocar uma quarta folha de cartolina, dado as crianças decidirem agrupar numa folha os elementos naturais e noutra, as casas e castelo.</p>


	<p>Deste processo, resultaram as seguintes personagens: um homem chamado José; duas rainhas chamadas Ariel e Catarina, uma menina bruxa, um porco e uma vaca. Como cenários ou lugares foram agrupados três locais: um jardim (flores e árvores), uma cidade (casas e prédios) e um castelo. Como objetos foram definidos: uma coroa, um portão, um coração e um chupa-chupa.</p> <p>A história criada pelas crianças foi a seguinte:</p> <p><i>Era uma vez um menino chamado José que estava a passear no jardim. Ele encontrou uma cidade e decidiu ir comprar uma casa. Foi ter com um senhor que vendia casas e escolheu um prédio. Lá dentro encontrou uma coroa e então ficou rei. Depois, decidiu ir procurar um castelo para viver. A aranha morava nesse castelo. O castelo era assombrado. O coração do rei José começou a bater porque ele queria apaixonar-se por uma rainha.</i></p> <p><i>Estava uma bruxa disfarçada de menina e depois o rei ficou desconfiado com a voz grossa e o riso dela. O rei foi atrás dela para a cozinha e descobriu que era uma bruxa, porque ela estava a fazer poções mágicas! Era mesmo uma bruxa! O rei descobriu uma chave na mesa. Ele agarrou na chave e abriu um portão. Lá estavam duas rainhas presas: a Ariel e a Catarina. O rei também descobriu dois animais presos: a vaca e o porco. Abriu-lhes a porta enquanto a bruxa estava distraída a fazer as poções e todos juntos foram prende-la.</i></p> <p><i>A bruxa ficou presa e todos ficaram felizes para sempre.</i></p> <p><i>Depois foram todos comer um chupa verde.</i></p> <p><i>FIM</i></p> <p>Depois da criação da história, a CF colocou um lençol branco suspenso na sala, sendo projetada uma luz com o retroprojetor, propondo às crianças que experimentassem manipular a sua marioneta detrás do lençol. Foram agrupadas três crianças de cada vez para esta apresentação (do lado do foco de luz), ficando as restantes como plateia (do outro lado do lençol).</p> <p>Esta proposta sensorial foi acompanhada com música de fundo, estando a CF como apoio de retaguarda e incentivando as crianças a explorarem a sua distância ou proximidade do foco de luz.</p>
Comentários	<p>A existência das Cartas para a criação de histórias na Área da Biblioteca, facilitou a compreensão das crianças na categorização das marionetas que tinham realizado, conseguindo dividi-las em personagens, cenários e objetos. A CF foi essencial neste processo, questionando as crianças no desenrolar das suas ideias... Alguns exemplos referidos:</p> <p><i>Se temos muitas flores e árvores, qual poderá ser o lugar onde começa a história? Na história realizada pela Sónia (dinamizadora do Teatro de sombras -nota nº16) como dividiram os cenários? Quantas partes tinha? E nós precisamos de que partes, tendo estas marionetas construídas? Precisamos de mais alguns adereços para a história que criámos? Podemos apresentar com voz? Com música?</i></p> <p>Desta forma, ajudou as crianças a pensar e a fazer relações sobre o que o mundo que as rodeia.</p> <p>De realçar ainda, que foi importante auxiliar as mesmas na continuidade entre ações, de forma a fazer sentido e não se esquecerem do ponto onde estavam anteriormente. As crianças nestas idades facilmente se esquecem do personagem anterior e passam para o outro, esquecendo-se de fazer a ligação com o anterior.</p> <p>Neste sentido, na construção da narrativa, foi essencial o apoio de retaguarda do adulto, valorizando as suas ideias e ajudando-os a estruturar o seu pensamento. Perante alguns bloqueios criativos, as perguntas da CF foram importantes, bem como o brincar à representação, no momento narrativo em que existia bloqueio. Por exemplo, na parte em que as rainhas estavam na prisão, a CF escolheu</p>

	<p>algumas crianças para exemplificarem esse momento da história através de dramatização, percebendo desta forma, o que faziam à bruxa nesse momento, até ela ir para a prisão.</p> <p>A pergunta “Como aconteceu?”, foi importante, sendo a experimentação da situação facilitadora na estruturação do seu pensamento e criatividade.</p> <p>De realçar, que se destacaram algumas crianças neste processo criativo: a Alface, a Aurora, o Dinossauro, o Dudu, o Pedro, o Robin e o Ronaldo.</p> <p>Os conceitos trabalhados nesta sessão foram: narrativa; personagens; improvisação; corpo e voz.</p>
Fotografias	

Nota de campo 17	
Data	07/12/2023
Horário	9:30h-10:30h e das 14:30-15horas
Contexto	Sala do JI- Área polivalente- Durante o Acolhimento
Intervenientes	Todo o grupo, à exceção da Branca de Neve
Descrição	<p>Foi partilhada a história criada no dia anterior, com a Pérola e a Luana, que faltaram.</p> <p>Depois disso, a CF propôs ao grupo que gravassem a sua voz com a narração da mesma. Sugeriu que utilizassem o seu telemóvel para este efeito e as crianças concordaram e mostraram-se entusiasmadas. De realçar, que houve negociação com as crianças de quem escolhia a frase para a narração.</p> <p>Como estratégia utilizada, a CF colocou a folha do texto escrito por si no dia anterior e ia lendo pequenas frases. Uma criança de cada vez foi escolhendo a parte que queriam dizer. A CF foi gravando individualmente cada uma, sendo a gravação ouvida de seguida. Nalguns casos foi necessário repetir a mesma, sempre que havia ruídos externos ou algum colega fazia barulho com o corpo ou com a sua voz.</p> <p>No final, resultaram 27 gravações de voz, que a CF combinou que iria fazer depois a montagem para ficar uma narração contínua da história e que no final poderia ser apresentada às outras salas, como foi feito pela Sónia, colocando as marionetas realizadas em simultâneo à gravação da narrativa.</p> <p>Os conceitos trabalhados nesta sessão foram: narrativa; personagens; improvisação; corpo e voz.</p>

Comentários	<p>É importante realçar neste processo, a importância da CF escrever a história numa folha, junto às crianças, mesmo que em rascunho e com enganos, o que permite a todos entender a importância do código escrito e a direccionalidade do mesmo, neste processo.</p> <p>Posteriormente, o processo da gravação de voz foi muito rico, verificando-se alguma dificuldade inicial em esperar pela sua vez sem falar ou interromper, até que conseguiram manter-se em silêncio, para ver se tinham conseguido avançar na história sem necessidade de repetir. A CF explicou que este era um processo difícil e demorado e que por exemplo nos desenhos animados as vozes das pessoas, também passam por muitos treinos para ficarem bem.</p> <p>A estratégia da CF de solicitar às crianças que fizessem sons com o seu corpo ou materiais, nalgumas partes da história (onomatopeias), foi muito bem aceite por todos. Ex: som da trovoadas com a agitação de papeis; do riso da bruxa com uma criança em simultâneo à narração de outra; da chuva com outro telemóvel; do bater do coração com o bater no peito com a mão, fazendo o compasso.</p> <p>O Dinossauro estava a bater mais rápido do que as restantes crianças, prejudicando o resultado que se pretendia. Para a resolução deste problema, a CF optou por colocar o áudio do resultado, para todos ouvirem e depois questionar sobre quantos corações batiam. A resposta dada pelas crianças foi dois, um rápido e um mais lento. Sendo apenas uma personagem, nesse momento o Dinossauro percebeu que teria que repetir o batimento e ser ao mesmo tempo dos colegas. Conseguiu fazê-lo de seguida e colaborou.</p> <p>Foi importante o saber ouvir o silêncio e esta aprendizagem foi conseguida no final do processo, com a verbalização do FIM numa só voz.</p>
Fotografias	

Nota de campo 18	
Data	15/12/2023
Horário	13:30horas
Contexto	Sala de JI- Área polivalente
Intervenientes	Todos, à exceção da Alface e da Panda
Descrição	A CF preparou a sala, de forma a propor às crianças a apresentação da história que criaram, com recurso ao Teatro de sombras. A sala estava escurecida, deixando um lençol branco suspenso e três mesas,

	<p>com três placas de esferovite sobre as mesmas. Este cenário, foi realizado tendo em conta o workshop já descrito no Plano da sessão nº5. Dado já terem definido três cenários (Jardim-1, cidade-2 e castelo assombrado-3), considerou-se que também deveriam ser mantidas 3 placas de esferovite.</p> <p>As cadeiras estavam posicionadas em semicírculo, de frente para o lençol e para as mesas.</p> <p>De seguida, a CF, posicionou as marionetas das crianças no chão da sala, pedindo a que cada uma, à sua vez, agarra-se na sua e a posicionasse em cima do esferovite respetivo (cenário1, 2 ou 3). Para a consecução do objetivo de posicionar corretamente a marioneta no cenário respetivo, pressupunha uma apropriação da história, de forma a compreender em que momento a sua personagem aparecia.</p> <p>Depois de distribuídas as personagens, a CF colocou as marionetas na vertical em cada uma das esferovites, com orientação das crianças que observavam. Depois, selecionou duas crianças para ficarem atrás dos cenários e das mesas e uma para manipular a lanterna/luz, tal como tinha sido realizado pela dinamizadora do Workshop SV. De referir ainda, que utilizou como instrumental de fundo, a gravação previamente preparada das vozes das crianças sobre as músicas selecionadas para cada cenário e já utilizadas e exploradas na sessão número 7 de 13 de dezembro.</p> <p>O objetivo, era as crianças irem manipulando alguns personagens móveis ao longo da narrativa, enquanto a outra dava movimento à história, através da manipulação da luz em movimento.</p> <p>Foram realizadas três apresentações, trocando as crianças de posições. Ficou combinado com o grupo, que iriam depois continuar este trabalho, de forma a resultar numa filmagem final, que possa depois ser partilhada com as famílias.</p>
Comentários	<p>Na tarefa solicitada da escolha/definição de cenários para a sua marioneta, a maioria das crianças não revelaram dificuldade, com exceção do Thanos, da Gata e do Polícia.</p> <p>Algumas crianças destacaram-se nalguns comentários, revelando já uma apropriação de conceitos e um pensamento crítico perante o que vivenciaram: <i>...O sol pode ser no um e no dois...porque no três há trovoada.</i> (Ronaldo) <i>...o rei é no um, no dois e no três...</i> (Dudu)</p> <p>Esta proposta revelou-se muito rica para o grupo, permitindo a todos perceber que o movimento não se verifica pela manipulação das marionetas neste caso, mas sim pela manipulação da fonte de luz (lanterna). Também foi visível, que a proximidade ou afastamento das marionetas, com a luz, permite destacar personagens e aumentar ou diminuir o seu tamanho.</p>
Fotografia	




Nota de campo 19


<i>Data</i>	19/12/2023
<i>Horário</i>	Das 10h-11:45horas
<i>Contexto</i>	Museu do Teatro e da dança
<i>Intervenientes</i>	Todo grupo, à exceção da Pérola e da Luana
<i>Descrição</i>	<p>As crianças iniciaram a visita com a realização de um workshop corporal. Foi-lhes pedido que descalçassem os sapatos e se sentassem no chão, posicionados de frente para a dinamizadora.</p> <p>Depois, a mesma iniciou a sessão com uma história, recorrendo apenas a um objeto indutor- um pote de barro.</p> <p>À medida que ia contando a história foi fazendo perguntas às crianças, envolvendo-as na mesma.</p> <p>De seguida, propôs-lhes que imaginassem como se movimentavam os diferentes personagens no espaço/sala: devagar, depressa, com pés pesados...etc. Referiu que não existe uma só hipótese válida, mas que as crianças poderão fazer como acharem e criarem a sua própria personagem.</p> <p>Também foram propostas outras atividades ao longo do workshop:</p> <p>Mexer partes do corpo: os dedos dos pés, os braços, os cotovelos...etc.; dizer o bom dia com o corpo quando se cruzam com os amigos; fazer estátua quando a música para; explorar o espaço do chão com os animais e dançar a pares com as palmas encostadas ao seu par e trocar de par quando na música se houve um som forte.</p>
<i>Comentários</i>	As crianças mostraram-se bastante envolvidas nas atividades propostas, sendo um complemento ao trabalho realizado nas sessões semanais no Jardim de Infância. O facto de haver semelhanças nas dinâmicas realizadas, poderá ter facilitado o seu envolvimento e maior expressividade corporal.
<i>Fotografias</i>	



Nota de campo 20	
Data	03/01/2024
Horário	14:45horas
Contexto	Sala de JI- Área polivalente- Momento de Arrumação de espaços e de retorno à calma
Intervenientes	Toda o grupo, à exceção do Pedro, do Schreck, da Gata, do Thanos e do Polícia
Descrição	<p>Depois do momento de arrumação na sala, as crianças reuniram-se na área polivalente. Para retorno à calma, a EST propôs às mesmas realizarem o Jogo do Adivinha, já dinamizado no Auditório, pela CF, na sessão nº3.</p> <p>Para complexificar o processo, a CF interveio na proposta e mostrou umas cartas novas às crianças e à EST, onde se alia o movimento/mímica e a voz/som. De realçar, que estas têm como cor de fundo o vermelho, cor distinta das anteriormente utilizadas na sessão referida.</p> <p>O Schreck sugeriu à EST que se colocassem em corredor para este jogo, sendo esta sugestão aceite pela dinamizadora.</p> <p>Após esta distribuição em duas laterais, a EST colocou-se de frente e foi escolhendo uma criança de cada vez, para ir ter com ela e selecionar uma carta para mimar e sonorizar em simultâneo.</p> <p>À medida que iam acertando, as imagens iam sendo colocadas do lado da equipa vencedora. No final, ganhou a que identificou mais imagens.</p>
Comentários	<p>As crianças aderiram desde logo à sugestão dada, mostrando-se muito entusiasmadas ao longo de todo o jogo.</p> <p>O Schreck demonstrou apropriação de um conceito de espaço cénico, já utilizado</p>

	<p>nas práticas teatrais estruturadas pela CF, quando questionou: <i>“Porque a gente não pode fazer um corredor?”</i> Esta situação, demonstra que é extremamente importante utilizar os vocábulos corretos no decorrer das práticas letivas, permitindo às crianças apropriarem-se dos mesmos e utilizá-los depois em contexto. Também se verificou maior consciência nas crianças da segmentação do seu corpo (separação da voz e do corpo), sendo que neste momento se pretendia a junção dos dois. Apenas a Panda, a Aurora e a Ariel, continuam a necessitar de incentivo e apoio de retaguarda do adulto para uma maior participação. Ainda se mostram inseguras na exposição perante o grande grupo. De realçar, no entanto, que não rejeitam a atividade e mostram-se alegres no seu desenvolvimento.</p>
Fotografia	


Nota de campo 21	
Data	03/01/2024
Horário	14:00horas
Contexto	Sala de JI- Área dos fantoches
Intervenientes	Aurora; Panda; Dudu; Robin; Luana; Elsa e Ronaldo
Descrição	<p>A Aurora e a Panda escolheram a Área dos fantoches de forma autónoma e brincavam ao faz de conta, manipulando algumas personagens. A EST veio dizer à CF que elas estavam a criar um espetáculo, mas que não a deixaram filmar nem assistir. A CF foi tentar a sua sorte e aproximou-se da brincadeira das crianças, perguntando se podia assistir. Perante o consentimento das mesmas, outras crianças se aproximaram e também mostraram interesse em ver o que se passava: Dudu; Robin; Luana; Elsa e Ronaldo.</p> <p>O Dudu perguntou se já tinham apresentador e ofereceu-se para desempenhar esse papel, sendo a sugestão aceite pelas duas meninas.</p> <p>O Dudu iniciou então a apresentação do espetáculo: Dudu/apresentador: <i>O nome da história é Capuchinho Vermelho no natal.</i> As duas meninas, manipulando os fantoches do Capuchinho vermelho (Aurora), da avó (Panda) e do lobo (Panda) começaram então a história inventada. Aurora/narradora: <i>Era uma vez um Capuchinho Vermelho que ia passar o natal na casa da avó.</i> Panda/Avó: <i>Olá Capuchinho Vermelho!</i> Aurora/Capuchinho: <i>Olá avó!</i></p>

	<p><i>Panda/Avó: Esta tudo bem?</i> Aurora/Capuchinho: <i>Sim.</i> Panda/Avó: <i>Vamos para a cama!</i> Aurora/Capuchinho: <i>Ok.</i> Aurora/narradora: <i>O lobo foi roubar as prendas todas...</i> Capuchinho/Aurora: <i>Oh, mas o que é que tu estás a fazer aqui?</i> Panda/Lobo: <i>A roubar as prendas.</i> Capuchinho/Aurora: <i>Não podes roubar as prendas...</i> Panda/Lobo: <i>Porquê?</i> Capuchinho/Aurora: <i>Porque assim os meninos ficam tristes.</i> Panda/Lobo - <i>Mas é assim...</i> Capuchinho/Aurora: <i>Não é não!</i> Panda/Lobo: <i>Ai não?</i> Capuchinho/Aurora: <i>Tu tens que recortar ou desenhar as coisas que tu queres.</i> Panda/Lobo: <i>Está bem...tchau!</i> Capuchinho/Aurora: <i>Tchau também...</i> FIM</p>
Comentários	<p>A Aurora que se revela muito envergonhada perante o grande grupo em momentos mais expositivos, ocupou nesta atividade uma posição de líder na brincadeira. Esteve sempre muito envolvida, entusiasmada e desinibida na verbalização da história, mostrando também bastante criatividade na criação da narrativa apresentada aos colegas e CF.</p> <p>O facto de estar escondida atrás do Castelet e não se encontrar tão visível aos outros, poderá ter influenciado esta situação.</p> <p>A manipulação dos fantoches também poderá ser facilitadora para uma maior desinibição, dado representarem personagens do seu faz de conta.</p> <p>A história teve continuidade e foi contextualizada com o calendário recente (natal).</p> <p>A interação entre as três crianças envolvidas na apresentação deste espetáculo foi muito boa, cooperando e esperando pela sua vez para falar e não se sobrepondo uns aos outros. O Dudu assumiu simplesmente o papel de apresentador no início do espetáculo, referindo o título da história, ao mesmo tempo que segurava na mão um objeto (jogo de ímanes), simulando um microfone verdadeiro.</p> <p>O público permaneceu sentado em frente ao <i>castelet</i> e bastante atento ao longo de todo o espetáculo, batendo palmas no final da apresentação.</p> <p>A CF valorizou no final o resultado deste trabalho em equipa, reforçando depois em momento de grande grupo esta situação.</p>
Fotografias	

Nota de campo 22	
Data	04/01/2024
Horário	9:30horas
Contexto	Sala de JI- Área Polivalente e área das artes
Intervenientes	Todo grupo, à exceção do Schreck
Descrição	<p>Em reunião de grande grupo, a CF aproveitou para partilhar e valorizar o espetáculo de fantoches apresentado pelos colegas no dia anterior (nota de campo 22). Também referiu qual a história contada na hora do conto: João e o Pé de feijão, dado na próxima semana irem ao teatro Armando Cortês, assistir à peça <i>Jack e o feijoeiro mágico</i>.</p> <p>Foi ainda partilhado pela CF mais dois livros encontrados dessa mesma história e mediante o interesse das crianças, a mesma propôs fazer a hora do conto de manhã e ler outra das histórias encontradas. As crianças concordaram com esta proposta, mostrando muito interesse durante a narração das mesmas.</p> <p>Após a leitura, foram questionadas as crianças sobre as diferenças e semelhanças entre as duas histórias: cenários, personagens, editoras...</p> <p>De seguida, a CF aproveitou uma das ideias da Aurora do dia anterior, que referiu saber fazer marionetas e lançou a ideia de fazerem um espetáculo desta história. Perguntou quem queria participar e registou os nomes das crianças que se manifestaram numa folha: Aurora, Dudu; Pedro; Panda; Alface; Robin; Afonso e Branca de Neve.</p> <p>Em grande grupo, a CF questionou as crianças sobre quais os cenários em que se passa a história, sendo definidos: a casa do João; o caminho para o mercado numa floresta e o castelo do gigante.</p> <p>Surgiram no processo criativo, algumas dúvidas das crianças sobre o som da galinha e da harpa, pelo que a CF fez ligação do seu TLM à coluna da sala, através de Bluetooth, para procurarem no Youtube essas respostas.</p> <p>De seguida, a CF propôs que o grupo de crianças que se inscreveu para a criação do espetáculo, fosse para a Área das artes e começasse a fazer as personagens e os cenários. As crianças organizaram-se sozinhas e a CF apenas colocou os materiais na mesa, para que pudessem escolher o que queriam utilizar: canetas e feltro, lápis de cera pastel, canetas posca; aguarelas; cola, tesoura; fita cola e paus de gelado.</p>
Comentários	<p>As crianças mostraram-se bastante envolvidas em todo o processo. Quiseram levar para a mesa, os três livros da história encontrada, para observarem as personagens.</p> <p>Foi necessária alguma ajuda de retaguarda da CF na parte da colagem do desenho sobre o cartão e recorte posterior.</p> <p>De realçar, que após este trabalho, o Dudu e o Ronaldo estavam na Área da biblioteca e o Ronaldo começou a bater com as mãos nas costas do sofá. De seguida, o Dudu veio ter comigo e disse:</p> <p>- <i>“O Ronaldo fez um barulho a parecer as pegadas do gigante. Quando fizermos o teatro podemos fazer isso.”</i></p> <p>Esta observação, revela já uma maior atenção para a questão da sonorização num espetáculo. A escolha foi bem conseguida e as crianças que estavam a desenhar as personagens concordaram com esta sugestão.</p>


Fotografias									
	Livros			Cenários			Personagens		
									

Nota de campo 23	
Data	08/01/2024
Horário	13:30horas
Contexto	Área polivalente- Momento da Hora do conto
Intervenientes	Dudu; Aurora; Pérola; Pedro e Afonso
Descrição	<p>Foi definido pelo grupo e pela CF no período do acolhimento, que iriam apresentar neste dia, na Hora do conto, o espetáculo com o recurso às marionetas de vara (NC 23, intitulado João e o feijoeiro mágico).</p> <p>Foi preparado este momento, na área polivalente, através da colocação de uma mesa retangular com um pano de flanela preto por cima, apontando depois um foco de luz para a mesma, numa das laterais da mesa. Também se colocou um fio de luzes LED, de forma a proporcionar um ambiente mais mágico. Os estores da sala foram fechados e as luzes da sala desligadas.</p> <p>A CF perguntou quem queria participar nesta apresentação e desta forma ficou definido o primeiro grupo acima descrito (cinco intervenientes).</p> <p>Nesta primeira apresentação, o Afonso foi o narrador da história, utilizando um microfone ligado a uma coluna Bluetooth. O Ronaldo desempenhou o papel de sonoplasta, ou seja, foi o que fazia o som dos passos do gigante. Estes dois elementos, encontravam-se atrás da plateia, que estava posicionada à frente da mesa do espetáculo.</p> <p>As restantes crianças (Dudu, Aurora e Pérola) ficaram por trás da mesa, onde estavam as marionetas previamente organizadas pela ordem da história.</p> <p>A CF deu liberdade às crianças para se organizarem e tentarem ultrapassar possíveis dificuldades no decorrer do processo. No final, todas as crianças envolvidas agradeceram a atenção e receberam aplausos por parte da plateia.</p> <p>Depois desta apresentação, a CF falou com as crianças sobre o processo e as</p>


	<p>dificuldades sentidas. Depois, foi dada a possibilidade de outros grupos se formarem e apresentarem também o mesmo espetáculo.</p>
Comentários	<p>A CF verificou que as crianças revelaram alguma dificuldade na manipulação das marionetas, ou seja, o segurar o arame por cima e manter a personagem direita e visível para a plateia. Facilmente voltam uma personagem para a outra que está ao seu lado, conversando com o seu par e esquecendo que estão a ser observados pelo público, que deixa de ver a marioneta de frente. Também é de referir, que várias vezes se baixavam atrás da mesa, o que se pode justificar pela utilização frequente em brincadeira livre do Castelet da sala (onde se escondem durante a manipulação dos fantoches). Este facto, leva a CF a pensar que deverá desconstruir este aspeto e mostrar dinâmicas e espetáculos que lhes permitam tomar consciência e experimentar outras possibilidades artísticas. De referir também, que a colocação do terceiro cenário (castelo do gigante) sobre o outro, não resultou muito bem na prática e movimentos das crianças. Terá que ser pensada outra forma de mudar o cenário, durante a cena. O Ronaldo no final da apresentação referiu: <i>- Podemos procurar o som da galinha no Google e depois por no momento do espetáculo, como fizemos no Teatro da Mosca fosca e do A que sabe a lua, no ano passado.</i> Este comentário reflete já uma apropriação deste elemento nos espetáculos e do seu espírito crítico no processo criativo. Nos três grupos de crianças que apresentaram o espetáculo, verificou-se alguma dificuldade em compartilhar o “palco” e o espaço, sendo essencial algum apoio de retaguarda do adulto para uma maior organização.</p>
Fotografia(s)	 <p>The top-left photograph shows two children, a boy and a girl, focused on manipulating a puppet on a stage. The puppet is a small figure with a long neck, mounted on a wooden base. The stage is lit with warm, yellow light. The top-right photograph shows a similar scene from a different angle, with a microphone on a stand in the foreground. The bottom photograph shows a group of five children standing in a line on a stage, wearing light-colored shirts with a yellow graphic. They appear to be in the middle of a performance or rehearsal.</p>

Nota de campo 24	
Data	09/01/2024
Horário	09:15horas
Contexto	Área polivalente- Momento do acolhimento
Intervenientes	Todo o grupo, com exceção da Fada madrinha e do Polícia
Descrição	<p>A EST e a CF, no momento do acolhimento, lembraram as crianças que iriam, de seguida, assistir a uma peça no Teatro Infantil de Lisboa (TIL): “O mundo mágico do Jack”.</p> <p>Nesse sentido, propuseram às mesmas que estivessem atentas a alguns pormenores durante essa mesma visita: ver se havia alguém definido a receber e acompanhar a plateia a sentar-se (frente da sala); como abriam as cortinas (de baixo para cima, para os lados...); a iluminação; a disposição do palco; as personagens da peça; os cenários; as roupas (figurinos); a música...</p> <p>Foram partilhados os livros “Teatro” e “O que se faz no Teatro?”, dando ênfase a algumas páginas e imagens que poderiam motivar e despertar as crianças para o que iriam observar de seguida e que complementaram as questões realizadas pelos adultos.</p> <p>Também foram lembrados os livros já trabalhados anteriormente na sala (fotografia na nota de campo nº23), alusivos à história do João e o feijoeiro mágico e que poderiam servir de base para o teatro que iriam assistir. Foi referido que a mesma história pode ser realizada de diferentes maneiras, conforme o autor e no caso do teatro também pode haver diferentes opções na adaptação da história tradicional.</p>
Comentários	<p>As crianças mostraram-se muito entusiasmadas para esta visita de estudo, mostrando-se disponíveis para este desafio. Os livros permitiram ao adulto consolidar o seu pensamento e ajudar as crianças a sistematizar algumas das perguntas.</p> <p>A CF e a EST pretenderam fomentar o olhar e o espírito crítico nas crianças para uma atividade que iria decorrer.</p>
Fotografias	


Nota de campo 25	
Data	09/01/2024
Horário	13:30horas
Contexto	Área polivalente e Área das artes
Intervenientes	Todo grupo, à exceção da Fada madrinha e do Polícia
Descrição	<p>Depois da ida ao Teatro infantil de Lisboa, no período da manhã, ver a peça “O mundo mágico do Jack”, foi proposto pela EST às crianças que falassem sobre o que tinham observado, sendo este registo escrito realizado com base na gravação áudio das suas respostas. De referir, que esta gravação foi realizada pela CF, com a autorização previa de todos os envolvidos.</p> <p>De seguida, foi proposto às crianças que fizessem uma maquete do palco, focando-se nas personagens que gostaram mais e no espaço cénico, alusivo ao momento da história (ação) que foi pensada nesse momento.</p> <p>Desta forma, as crianças desenharam primeiro as personagens e depois foram recortadas e coladas em cartão mais grosso. Pintaram depois as laterais da caixa de cor preta, tal como o palco observado e depois o fundo do palco/espaco alusivo ao momento da história que as crianças pretendiam representar.</p> <p>As personagens foram depois coladas em frente ao cenário, como se estivessem a representar no palco e coladas as cortinas em cima, simulando o momento da peça que as crianças selecionaram da visita de estudo.</p>
Comentários	<p><u>Registo coletivo/descrição das crianças:</u></p> <p><i>“Antes de entrarmos para dentro da sala do teatro estava um senhor à porta. Era o senhor da porta...frente da sala.</i></p> <p><i>O palco estava à nossa frente. Estávamos sentados de frente para o palco. As cortinas abriram-se para cima e não para os lados.</i></p> <p><i>O primeiro cenário era a casa do Jack, com a vizinha velhota que estava a beber o leite. Depois começou a chover, muitos relâmpagos e trovões. O segundo cenário era o rio, quando o Jack foi levar a vaca ao mágico, que era o senhor que dava os feijões. E o Jack colocou a vaca em cima numa jangada, como se fosse um barco. A mãe estava a despedir-se a dizer “Jack, Jack”, enquanto o Jack ia embora. Depois, apareceram os monstros que eram os ogres. Eles viviam num castelo.</i></p> <p><i>Não sabemos como é que a galinha pôs o ovo de ouro. Tinha um buraco, depois tinha uma coisa por baixo para abrir e fechar e puseram lá um ovo. Depois abriram e o ovo caiu. O feijoeiro apareceu de baixo para cima e estava a ser puxado por um fio que estava lá em cima. Não conseguíamos ver quem estava a puxar o fio. Podiam estar atrás das cortinas a puxar o fio, por isso é que não apareceu. Ou debaixo do palco. E o Jack tinha uma escada para subir no feijoeiro.</i></p> <p><i>Na história, também havia uma coisa transparente que parecia uma televisão, que baixava e subia, para não conseguirmos ver muito bem o que estava do outro lado e poderem trocar coisas do cenário. Nós não vemos a trocar as coisas do cenário para as coisas parecerem mágicas. As personagens da história não eram as mesmas que fizemos no nosso espetáculo. Tinha 3 ogres. Na nossa história só havia um gigante. No teatro tinha as vizinhas e uma das vizinhas queria matar a vaca, porque a vaca deixou de dar leite e já não tinham nada para comer nem para beber. O nome da vaca era “branquinha”. No final da história, o Jack fez câmara lenta a dar um abraço ao pai.</i></p> <p><i>O Jack e a menina da harpa ensinaram-nos uma lengalenga, que fez os ogres ficarem estátua:</i></p>

	<p><i>Acredito na magia Acredito no amor Acredito nesta lenda E quero um mundo melhor.”</i></p> <p>No Portefólio da PPS2, a EST refere que “A elaboração das maquetes proporcionou às crianças um espaço de expressão criativa e interpretativa, permitindo-lhes materializar visualmente as suas perceções da história do Jack. Ao longo do processo, observou-se a aplicação das habilidades manuais e artísticas das crianças na modelagem de personagens e cenários, evidenciando o desenvolvimento da destreza e da expressão individual. Ao representar visualmente os elementos da história, as crianças são incentivadas a consolidar e internalizar os conceitos e eventos narrativos, contribuindo para o reforço do entendimento e da apreciação da narrativa.”</p> <p>Na minha perspetiva enquanto investigadora, também considero ter sido uma boa ferramenta para consolidar informações e vivências, dado exigir que as crianças se focassem no que observaram e ao mesmo tempo, permitindo-lhes segmentar elementos que constituem a linguagem teatral: personagem, figurino e cenário. Pensar na contracena que pretendem representar, cruzando as personagens que estavam em palco nesse momento e o cenário.</p>
Fotografia(s)	 <p>The photographs show children's theater projects. The top-left photo shows a child working on a cardboard set. The top-right photo shows a stage set with a green curtain and a ladder. The bottom-left photo shows a stage set with a blue background and a character. The bottom-right photo shows a worksheet for 'Maquete n.º 6' with handwritten details.</p>

Nota de campo 26	
Data	18/01/2024
Horário	10:00 horas
Contexto	Área dos jogos de chão/ construções
Intervenientes	Branca de neve; Alface e Gata

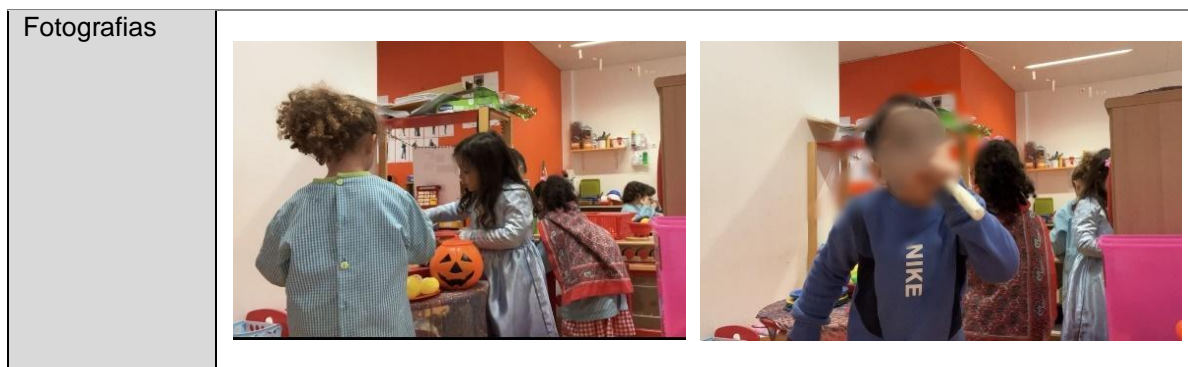
Descrição	<p>Após o acolhimento, as três crianças escolheram autonomamente a área da sala para onde queriam ir brincar: Jogos de chão.</p> <p>Nesse local, decidiram ir buscar a caixa dos animais de plástico (miniaturas), através do qual selecionaram alguns bonecos para brincarem juntas ao faz de conta. Os bonecos interagiam entre si, sendo as crianças os seus manipuladores. As três meninas, conversavam entre elas durante a brincadeira. A CF que as observa ao longe, aproxima-se sem ser notada e ouve algumas das suas intervenções:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>“Eu sou a má, mas sou só uma personagem...”</i> (Alface) - <i>“Ela não é a mãe! É a prima! (Gata)</i> - <i>“É a história dos animais, que vivem no mar.”</i> (Branca de neve)
Comentários	<p>Espontaneamente, as crianças brincam ao faz de conta assumindo diferentes personagens, através de bonecos. O inventar histórias com personagens faz parte do quotidiano das crianças e facilmente elas criam e dramatizam ações reais ou imaginárias. Em grupo, combinam as regras do jogo que pretendem realizar, incluindo a distribuição das personagens.</p> <p>De realçar ainda, que a Alface mostra apropriação de um conceito teatral: personagem. Neste sentido, o seu comentário, evidencia que o trabalho que tem sido desenvolvido na sala, tem já algum impacto nas suas competências linguísticas.</p> <p>O facto de estar a assumir um papel na sua narrativa/brincadeira, fá-la refletir que tem consciência que está a representar e que faz parte do faz de conta, que não é realidade.</p> <p>Não foi criada uma história com continuidade nesta pequena brincadeira, mas simplesmente criadas as personagens a partir de objetos selecionados pelas três crianças. Os objetos manipulados pelas crianças e que assumiram personagens foram estabelecendo relações de parentesco entre si, referindo as crianças alguns atributos que as caracterizavam- boa/má; mãe/prima...</p>
Fotografia	

Nota de campo 27	
Data	22/01/2024
Horário	14:30horas
Contexto	Ginásio
Intervenientes	EST, CF, AO e grupo à exceção de seis crianças: o Homem aranha, o Ronaldo, a Luana, o Dudu, e o Robin e a Elsa.

Descrição	<p>A EST propôs às crianças realizarem uma sessão de movimento com música. A duração da mesma foi de 45 minutos.</p> <p>O primeiro exercício proposto foi dançarem pelo espaço ao som duma música, tentando sentir a mesma e tendo o cuidado de respeitar o seu ritmo.</p> <p>O segundo exercício foi o de criar em grupo uma coreografia simples (sequência de movimentos). Nesta proposta foram realizados 3 grupos, ficando cada adulta de apoio de retaguarda às crianças. Cada grupo depois partilhou com os restantes a coreografia inventada, com apoio de um suporte musical.</p> <p>Por último, pretendeu-se que as crianças ouvissem uma narrativa contada pela EST e fossem dramatizando a mesma.</p>
Comentários	<p>A CF pode observar uma mudança na postura das crianças, relativamente ao início do projeto do Teatro. De realçar, que perante o pedido da EST para dançarem ao som/ritmo da música, as crianças conseguiram espalhar-se pelo espaço sem se aglomerarem, o que era uma atitude normal no início do ano letivo. Para além disso, foi visível uma maior criatividade na exploração e movimentação do seu corpo no espaço, não se limitando a imitar os colegas que observavam, mas a sentir a música de forma individual e única.</p> <p>Na segunda atividade proposta- criar uma coreografia, as crianças mostraram-se muito participativas e facilmente criaram um gesto ou movimento. O apoio do adulto foi mais necessário para a sequência e repetição dos movimentos da equipa completa.</p> <p>Penso que as sessões de teatro, têm ajudado nestas questões e a evitar os estereótipos e os movimentos sempre iguais. Verifica-se uma maior desinibição e foco das crianças no momento da instrução. Perante a chamada de atenção do adulto mais depressa fazem silêncio e respeitam as regras. A expressividade está mais presente, sendo os movimentos mais amplos e a exploração do corpo mais sentida.</p>
Fotografias	

Nota de campo 28	
Data	23/01/2024
Horário	14horas
Contexto	Área da casinha/ faz de conta
Intervenientes	Branca de neve; Alface, Gata e Schreck
Descrição	Após a hora do conto semanal, as crianças escolhem livremente as áreas para onde querem ir brincar. Estas 4 crianças vão para a Área da casinha e começam

	<p>a vestir roupas e a interagir entre elas, desempenhando diferentes papéis: duas rainhas, uma princesa e um rei.</p> <p>A Educadora que está a apoiar uma atividade na Área das artes, questiona o grupo sobre a possibilidade de gravar a sua brincadeira.</p> <p>O Dudu que escutou, interveio e pediu:</p> <p>- <i>Vá lá! Era giro...</i></p> <p>Perante esta intervenção, as quatro aceitaram a proposta e a educadora foi buscar o tripé, já utilizado nas sessões de teatro, para colocar o telemóvel e não ser necessário a sua presença. Da gravação observada, constatou-se que o Schreck foi várias vezes observar a câmara e começou a desempenhar ações, mostrando prazer por se observar no telemóvel: colocou um legume na boca, fazendo de conta que era um cigarro e fingindo que o mesmo estava a deitar o fumo.</p> <p>Também se verificou algum diálogo entre as crianças:</p> <p>Alface: <i>E estas coisas agora são para fumar</i> (legumes)</p> <p>Schreck: <i>Ah...ok.</i></p> <p>Alface: <i>Temos muitas bebidas...quem quer?</i></p> <p>Gata: <i>Eu...também temos o Halloween...</i></p> <p>Branca de neve: <i>Nós podíamos fazer um bolinho?</i></p> <p>Alface: <i>sim. Vamos trazer as bebidas para o piquenique...nós vamos sair da casinha porque vamos acampar...</i></p> <p>Schreck: <i>Alguém mexeu no meu telemóvel? Foste tu rainha?</i></p> <p>Alface: <i>Eu não...</i></p> <p>Schreck: <i>Olha a minha cama.</i></p> <p>Branca de neve: <i>Não é a tua cama.</i></p> <p>Schreck: <i>Rrrrrr.... (faz cara de mau)...</i></p> <p>Branca de neve: <i>Desculpa...já disse...desculpa....</i></p> <p>Alface: <i>Vamos fazer um piquenique! (...)</i> Quem quer levar isto? (e levanta um cesto do Halloween no ar?)</p> <p>Branca de neve: <i>Eu...</i></p> <p>Schreck: <i>Eu...</i></p> <p>Alface: <i>Desculpa Gata...é que eles queriam os dois e eu escolhi eles...Quem leva as bebidas?</i></p> <p>Gata: <i>Eu...</i></p> <p>Schreck: <i>É para ir para o meu carro, as bebidas...?</i></p> <p>Alface: <i>sim...</i></p> <p>Schreck: <i>É tudo para o meu carro (...)</i> Oh Gata, anda aqui ajudar-me no meu carro (...)</p>
Comentários	<p>As crianças facilmente se apropriam das personagens e assumem papéis entre elas, desempenhando ações, que permitem caraterizar a personagem que criam. Por exemplo o Schreck, criou um rei que fumava e que assumia uma postura de comando.</p> <p>A Alface mostrou uma posição de líder na brincadeira, organizando e sugerindo a dinâmica.</p> <p>A Gata foi participando na brincadeira, interagindo com os seus pares.</p> <p>A Branca de neve brinca mais isolada, revelando alguma dificuldade em partilhar objetos e em aceitar as frustrações. Nestes momentos, procura o adulto na resolução de conflitos.</p> <p>As crianças interagiram seguindo um tema criado por todos: uma festa de Halloween e a preparação para um piquenique, exterior ao espaço da casinha, o que pressupôs a utilização de um carro para a mudança de espaços. Os figurinos são escolhidos autonomamente pelas crianças e ajudam a caraterizar as personagens escolhidas pelas mesmas.</p>



Nota de campo 29	
Data	19/02/2024
Horário	13:45horas- 15horas
Contexto	Área Polivalente e Área das artes visuais/Sala de JI
Intervenientes	Pai da Elsa, CF e AO
Descrição	<p>O pai da Elsa foi desafiado pela CF para realizar uma Oficina de Marionetas de luva com as crianças, no âmbito do Projeto de Teatro. O desafio foi aceite pelo mesmo, propondo a utilização de meias, como base.</p> <p>No dia combinado, trouxe algumas marionetas já feitas por ele em casa, como exemplo e depois foi para a área das artes com um pequeno grupo de crianças, de forma a ser possível apoiar a consecução das mesmas.</p> <p>Os materiais disponibilizados às crianças para além da cola e tesoura, foram: meias, cartão, folhas de papel musgami coloridas, tintas de relevo, lãs, tecidos, canetas Posca, tesouras, olhos de mexer, pompons coloridos de vários tamanhos e cachimbos coloridos.</p> <p>As crianças começaram por escolher os materiais que queriam utilizar e depois com o apoio de retaguarda de um adulto, foram avançando na sua marioneta. De referir ainda, que a personagem a realizar, foi escolhida pelos mais pequenos, bem como os acessórios e pormenores. A AO e a CF também foram auxiliando no processo, principalmente na parte em que pressupunha a utilização da cola bisnaga, que nem todos conseguem utilizar de forma autónoma.</p> <p>Neste dia, foram realizadas 13 marionetas, sendo as restantes feitas nos dias seguintes, com a ajuda da CF e da AO.</p>
Comentários	<p>As crianças mostraram-se bastante motivadas durante a consecução das suas marionetas.</p> <p>De realçar, que nem todas partiram já duma ideia de personagem, antes da confeção, sendo criativas no processo de descoberta e na manipulação de materiais diversos.</p> <p>A articulação com a família no processo educativo é bastante rica e fomenta um maior envolvimento das crianças nas propostas. Foi natural a alegria em interagir com o pai da Elsa durante o processo criativo.</p>
Fotografias	



Nota de campo 30	
Data	21/02/2024
Horário	13:45h-15horas
Contexto	Área das artes visuais
Intervenientes	Todo o grupo, embora em pequenos grupos de 6 crianças de cada vez, de forma a dar apoio de retaguarda no processo.
Descrição	<p>A CF criou uma ficha de registo para cada criança desenhar a marioneta de luva que tinha realizado anteriormente e depois caracterizá-la: nome, local onde vive e quais as suas características.</p> <p>A estratégia da CF, foi colocar na mesa cada marioneta, junto a uma folha de registo e proposto a cada criança que desenhasse a mesma. De seguida, a CF escreveu o que cada criança dizia.</p> <p>No final, esta folha foi colocada no placard, juntamente com a marioneta, de forma a partilhar este trabalho com os pais, na Reunião de pais a realizar no dia seguinte.</p>
Comentários	<p>As crianças mostraram-se muito motivadas com esta proposta, fazendo o desenho proposto olhando para a marioneta.</p> <p>O facto da CF questionar mais pormenores sobre a personagem criada pelas crianças, estimulou a sua criatividade e levou-os a pensar, a ser mais criativos e a reforçar novamente o conceito de “personagem”, já trabalhado ao longo deste projeto.</p> <p>De realçar, que o nome e o espaço onde viviam as personagens foi de fácil escolha para a maioria das crianças, sendo que as características sobre a mesma necessitaram de estímulos por parte do adulto, ou seja, perguntas que ajudassem a pensar e desbloquear o processo.</p> <p>Por exemplo: O que gosta de fazer? O que come? Com quem vive? Tem poderes especiais?</p> <p>Exemplo de um registo (Dinossauro): chama-se <i>“Maria...vive num castelo assombrado...é uma menina! Come bruxas, vampiros, aranhas, monstros e fantasmas. Também esqueletos, múmias, morcegos, zombies, lobisomens e espantalhos. Não fica com dores de barriga!”</i></p>

Fotografias	
-------------	--

Nota de campo 31	
Data	15/02/2024
Horário	Não se aplica
Contexto	Comentário semanal das famílias na Plataforma Classroom
Intervenientes	Mãe e Dudu
Descrição	A mãe do Dudu, colocou na plataforma o seguinte comentário: “O Dudu apesar de ter adorado a sessão sugeriu que à próxima podiam falar e combinar o que iam fazer, pois tornou-se difícil improvisar e ainda por cima não falar nada com os colegas.”
Comentários	Esta observação refere-se à sessão nº12 e vai ao encontro do que foi escrito no comentário do educador/investigador sobre a mesma, quando refere que o Dudu “teve alguma dificuldade em se “soltar” e interagir com a sua colega”. Perante esta sugestão, a CF irá planificar e propor na próxima sessão, alguns exercícios de manipulação, mas com algum tempo para se organizarem por grupos e dando a possibilidade de utilizar o diálogo.
Fotografias	Não se aplica.

Nota de campo 32	
Data	28/02/2024
Horário	13:30horas
Contexto	Área polivalente- Hora do conto
Intervenientes	Pedro, Afonso, Dudu e Dinossauro (a apresentarem)
Descrição	Dado a apresentação do G2 (Sessão 13), de manhã não ter decorrido da melhor forma, ficou combinado que de tarde o mesmo grupo iria criar uma nova narrativa. Com a colaboração de todo o grupo, prepararam-se as cadeiras para a plateia e a mesa com o pano preto para se realizar o espetáculo. As restantes crianças ficaram a observar nas cadeiras, assumindo o papel de plateia: o Robin, a Elsa,

a Panda, a Gata, a Perola, a Aurora, a Fada madrinha e o Thanos.
No final do espetáculo a CF pediu às apresentadoras que se sentassem em frente à plateia para ouvir os comentários dos colegas sobre o mesmo.

1.ª versão:

- *Olá, eu sou uma cobra e vou embora daqui.* (Pedro)
- *Eu sou uma velha e vou embora daqui da tua casa* (Dinossauro)
- *Posso entrar na tua casa Zé? Eu preciso de fazer xixi...estou muito aflito agora...*(Pedro)
- *Eu não tenho a chave.* (Dudu)
- *Então vou fazer xixi nas cuecas ...*(Pedro)
- *Cuecas?* (Dinossauro)
- *Ok, eu vou aguentar...* (Pedro)
- *Parem, parem, parem...* (Afonso)

Enquanto isso, a personagem do Dinossauro vira-se para a personagem do Dudu e diz-lhe:

- *Eu vou comer-te a orelha!* (Dinossauro)

Entretanto cai um olho da personagem do Dudu e a história termina assim.

Combinando nos cabides a nova história:

- *Eu vou ser o primeiro.* (Dinossauro)
- *Não, tu vais ser o último.* (Afonso)
- *Se o Zé só tem um olho ele pode ser um polícia zombie.* (Dinossauro)
- *Não...*(Dudu)
- *Mas eu é que decido.* (Dinossauro)
- *Não! Cada um decide a sua parte...* (Dudu)
- *Depois paramos na casa do Dinossauro que não estava em obras...*(Pedro)
- *Nós paramos lá à porta e vimos o Zé e a Maria* (Afonso)
- *E eu digo como é que tu te chamas?*

2ª versão:

O Dinossauro vira a sua marioneta (Maria) para o Dudu (personagem Zé) e diz:

- *Olá! Nós somos namorados.* (Dinossauro)

- *Não!* (Dudu)

(risos da plateia)

- *Vocês não são namorados!* (Pedro)

Depois a Maria (Dinossauro) vira-se para a cobra (Pedro):

- *Estou a brincar...então somos namoradas!* (Dinossauro)

- *Eu não sou namorada, sou um menino, tenho óculos!* (Pedro)

- *Então és o Pedro...*(dinossauro)

- *Eu não sou o Pedro, sou uma cobra!* (Pedro)

- *Uma cobra...* (dinossauro)

- *Parem com isso meninos!* (Afonso)

- *Eu sou um menino novo! Não acreditam em mim?* (Pedro)

- *Está na hora da escola meninos! Vamos!* (Afonso)

- *Viva, vamos à escola! Ficas aí sossegado! ...de castigo!* (Dinossauro)

- *Ok, eu vou para o baloiço...vou jogar à bola! Golo!* (Pedro)

- *Agora vou jogar à bola!* (Pedro)

- *Pi, pi, pi...Eu sou o árbitro, acabou o jogo!* (Afonso)


- *Acabou...eu vou para casa.* (Dudu)

- *De castigo.* (Dinossauro)




- *Dorme!* (Pedro)

- *Eu durmo...até amanhã.* (Dudu)

Depois destas duas tentativas de apresentações, a plateia comentou o que acabou de ver, cruzando conversas com os apresentadores:


	<ul style="list-style-type: none"> - Quando o Pedro dizia para tu dormires era para tu dormires. Não devias ter comido o fantoche do Dudu. (Ronaldo). - Mas os meus dentes eram “bueda” fortes. (Dinossauro) - Eu também não percebi nada. (Gata) - Fizeram palhaçadas a mais. (Thanos) - O boneco do Dudu, que era o Zé, podia não ter o olho... podia ter comprado uns óculos...(Pérola) - Eu já sabia que vocês não iam gostar. Nós estávamos a fazer a história e depois foi uma confusão e nós estávamos tão cansados de fazer tanta confusão que depois fomos dormir. (Pedro) - Eu não estava com sono. (Dinossauro)
Comentários	<p>As crianças estão mais autónomas, na sua maioria, na resolução de conflitos e mais críticas no processo educativo, conseguindo partilhar com os outros a sua opinião.</p> <p>Ao perceberem que a plateia se ri com a sua manipulação com as marionetas de luva, repetem os comportamentos, de forma a manter o interesse dos observadores. Esta situação, revela já uma maior preocupação com o público e a intencionalidade de querer agradecer e provocar reações.</p>
Fotografias	

Nota de campo 33	
Data	04/03/2024
Horário	9:30horas
Contexto	Área polivalente e área das artes
Intervenientes	Todo grupo, à exceção do Polícia e do Schreck
Descrição	<p>A CF partilhou com o grupo no acolhimento o que aprendeu na formação das Marionetas, durante o fim de semana: a criação de um Teatro de papel.</p> <p>Explicou que utilizou papel, lápis, canetas, tesoura e cola e escolheu como suporte a História do Coelho Branco para a escolha das personagens a desenhar. As crianças pediram para mostrar como funcionava e a mesma solicitou então às crianças que se posicionassem de frente, para conseguir ver e depois contou a história, utilizando o teatro realizado.</p> <p>As crianças mostraram muito interesse na mesma, havendo três que posteriormente perguntaram se podiam fazer também um teatro de papel (Dinossauro, Ariel e Pérola). A CF disse que sim e acompanhou as mesmas para a Área das artes, ajudando-as no processo. Dado termos na sala tampas de caixas de sapatos, utilizaram-se como base do palco.</p>

Comentários	<p>As crianças mostraram-se muito envolvidas no processo criativo, estando a CF de apoio de retaguarda no mesmo. O recorte do cartão para a realização do cenário, teve de ser realizado pelo adulto, dado ser difícil para as crianças. Mas a fase seguinte foi feita por eles: desenho das personagens e cenário em cartão fino e colagem posterior em tiras de cartão e na caixa.</p> <p>Mostraram-se muito criativas na escolha de personagens, escolhendo outras que não foram realizadas no modelo inicial feito pela CF, o que revela espírito crítico e criatividade.</p> <p>O facto de três crianças tomarem iniciativa para a realização deste trabalho, originou que mais se aproximassem e depois, também quisessem experimentar: Dudu, a Panda e a Aurora.</p> <p>É importante trazer materiais diversificados para a sala de jardim de infância, que permitam às crianças experimentar e tornar-se mais críticos e criativos. As novas propostas, enriquecem o currículo e criam maiores oportunidades educativas.</p> <p>Também a formação dos educadores é importante para a reciclagem de conhecimentos e para conhecer novas atividades e estratégias que diversificam o processo educativo. Também a valorização e reforço positivo do adulto ao longo do processo criativo, é fundamental para ultrapassar obstáculos.</p>
Fotografias	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Teatro de papel realizado pela CF</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Teatro de papel construído pela Ariel</p> </div> </div> <div style="text-align: center; margin-top: 20px;">  <p>Teatro de papel do Dinossauro</p> </div>


Nota de campo 34

Data	04/03/2024
Horário	9:30horas
Contexto	Área das ciências






Intervenientes	Luana, Pedro, Afonso, Dinossauro, Gata, Pérola, Fada madrinha, Dudu, Ariel e Alface
Descrição	<p>A CF resolveu trocar a Área das ciências com a da Biblioteca, após a saída das crianças da sala no dia 29 de fevereiro, de forma a permitir a utilização de alguns objetos que necessitavam de ficha elétrica e enriquecer desta forma, as descobertas de luz na Área das ciências.</p> <p>As crianças deram conta da mudança assim que entraram na sala, ficando curiosas com os novos materiais: Mesa de luz e Retroprojektor.</p> <p>A CF disponibilizou às crianças materiais diversos, translúcidos e opacos, que lhes permitissem fazer descobertas: Sólidos, círculos, insetos em miniatura, legos, etc. As crianças aprenderam a ligar/desligar o Retroprojektor, experimentando as suas criações, que eram projetadas na parede.</p> <p>As crianças puderam escolher esta área com a mesma lotação, já definida pelo grupo no início do ano letivo: dois de cada vez.</p> <p>A pares, foram passando nesta área e explorando os materiais, resultando quadros bastante criativos. Também houve momentos de maiores descobertas, em que mais crianças se aproximaram para observar o que os restantes estavam a fazer.</p>
Comentários	<p>A intencionalidade do educador é essencial no processo educativo e deverá ser a base de todo o trabalho. É na reflexão que o mesmo faz da sua prática e da observação das crianças e das suas necessidades que deverá partir todo o seu trabalho.</p> <p>O facto de haver mudanças no ambiente educativo no decorrer do ano letivo, motiva as crianças a fazer novas descobertas e a sair da sua zona de conforto. Também lhes permite diversificar as suas escolhas livres e desafia-las a ultrapassar dificuldades ou a resolver problemas.</p> <p>A exploração da luz em contexto de brincadeira livre, irá fomentar a apropriação de conhecimentos e descobertas, partilhadas com os seus pares e que poderão ser importantes para atividades futuras.</p> <p>Ex: o objeto opaco não deixa passar a luz.</p> <p>A mudança de materiais nas áreas de trabalho é importante para aguçar a curiosidade natural das crianças e a curiosidade pela experimentação e descoberta.</p>
Fotografias	



Nota de campo 35	
Data	05/03/2024
Horário	9:30horas
Contexto	Museu da marioneta em Lisboa
Intervenientes	Todos à exceção do Polícia
Descrição	<p>No início da visita, o dinamizador P... começou por perguntar às crianças se sabiam o que era uma marioneta e algumas responderam:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>É uma coisa que dá para fazer histórias.</i> (Branca de neve) - <i>É um fantoche.</i> (Afonso) - <i>Pode ser com meias.</i> (Ronaldo) - Já fizemos com o pai da Elsa. (Dinossauro) <p>O P... tirou o sapato e perguntou se o mesmo poderia ser uma marioneta. A maioria respondeu que não, só o Dudu e o Afonso disseram que sim. O P... explicou:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Qualquer coisa que nós podemos pegar ou transformar, pode ser uma marioneta! (...) eu posso inventar uma história com este sapato (...) Era um sapato furioso que adorava comer chulés! Todos os dias ele andava de casa em casa à procura dos chulés...</i> (P) - <i>...e gostava de meias</i> (interveio a Branca de neve) - <i>...então...era o meu sapato que andava a roubar as meias...</i>(P) <p>(risos das crianças)</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>se desaparecerem meias na vossa casa já sabem que foi o meu sapato que as roubou...</i>(P) <p>(riso das crianças)</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Todo o objeto pode ser uma marioneta...pode ser o teu laço, pode ser o telemóvel da professora, pode ser a professora, pode ser os óculos...desde que haja alguém que a manipule com uma intenção de contar uma história...</i> (P) <p>Depois desta conversa inicial, as crianças puderam fazer a visita ao museu com o P, que foi explicando as diferenças entre as marionetas observadas e aproveitou para contar um pouco da sua história, interligando-as com o país de origem.</p> <p>Na penúltima sala, o P mostrou e manipulou uma marioneta de fios (dinossauro), que interagiu com as crianças. Fez algumas questões em grande grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Se eu cortar este fio o que acontece?</i> (E o P deixa cair o fio que segura a cabeça) - <i>Ele fica morto...</i> (Branca de neve)

Comentários	<p>A visita ao Museu para além de educar as crianças para a sensibilidade estética, fomentou a sua capacidade de observação, interpretação e reflexão, o que se torna muito importante no processo educativo.</p> <p>Esta saída do contexto educativo, permitiu-lhes ver e ampliar os seus conhecimentos sobre as marionetas e ao mesmo tempo, quebrar estereótipos, ou seja, perceberem que é possível criar marionetas com objetos de uso comum. Ex: sapatos, rolos de papel higiénico...entre outros.</p> <p>Esta situação poderá também servir de indutor e continuidade para a sessão nº 14, planificada pela CF, a realizar nesta semana e em que o conceito escolhido será o de Teatro de objetos.</p> <p>A diversidade de marionetas observadas, também é importante, para estimular a criatividade das crianças no processo artístico, em contexto escolar. Desta forma, esta visita funcionou como um complemento enriquecedor para a prática que se vai desenvolvendo na sala e para as suas experiências em torno da exploração e descoberta (criação), da utilização das técnicas (execução) e do contacto com diferentes formas de manifestação artística (apreciação).</p> <p>O comentário da Branca de neve ao “cair” a cabeça da marioneta dinossauro no chão, também me levou a refletir da capacidade que as crianças têm de sentirem a personagem como algo real. O facto de o manipulador colocar sentimento na sua ação e manipulação do objeto, tornou o objeto numa forma animada, reagindo o público de diversas formas. Esta ideia é defendida por Ariel Bufano (Lorefie, 2002), marionetista argentino, fala também da intencionalidade prévia do animador, não sendo suficiente o simples uso e manipulação dos objetos para os transformar em Marionetas ou Formas Animadas. Para tal transformação, o marionetista não pode, apenas, MANIPULAR – processo externo; sem se envolver com o objeto – necessita INTERPRETAR – processo interno de procura da sua personagem – uma ação afetuosa de envolvimento e amor.</p> <p>Posso ainda referir como exemplo o facto da Panda, da Alface, da Gata e da Ariel recuarem com algum medo, perante a aproximação da marioneta e não lhe quiserem tocar. Outros mostraram felicidade e alguma sensibilidade no toque (Robin, Dudu, Ronaldo).</p>
Fotografias	


Nota de campo 36	
Data	04/03/2024
Horário	14:00horas
Contexto	Área polivalente- Mesas da sala
Intervenientes	Todo o grupo com exceção do Polícia

<p>Descrição</p>	<p>Após a hora do conto, a CF propõe às crianças que façam o Registo individual, através de desenho, da marioneta que mais gostaram, na Visita de estudo realizada de manhã, ao Museu das marionetas.</p> <p>Colocou vários riscadores na mesa e deu oportunidade de escolha dos mesmos: lápis de cor, canetas ou lápis de cera.</p> <p>A folha foi criada pela CF, tendo o título Museu da Marioneta no topo e por baixo um retângulo em branco, para posteriormente a mesma, poder registar o que as crianças quisessem, sobre o seu desenho.</p>
<p>Comentários</p>	<p>Em 19 desenhos realizados pelas crianças, 15 foram da marioneta de fios do dinossauro com o dinamizador da visita (P), 1 representando apenas pessoas (dos colegas e P), 1 do Teatro de sombras (com algumas colegas e o P), 1 da marioneta realizada com rolo de papel higiénico do Minion e 1 apenas de uma personagem da exposição (personagem de vilão com 50 cabeças).</p> <p>Este facto, poderá levar-me a refletir que as crianças nestas idades mostram maior preferência pelos objetos manipulados, mais do que apenas visualizados. O facto de o P mostrar e manipular o Dinossauro permitindo o toque por parte das crianças, poderá ter ajudado nesta seleção.</p> <p>Ficam aqui alguns comentários associados aos desenhos que se encontram em baixo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Desenhei o P e o dinossauro. Fiz os 5 fios presos numa cruz de madeira.</i> (Robin) - <i>Desenhei o dinossauro e o P mas o dinossauro ficou grande demais! Se calhar o P estava mais afastado!. Também gostei do Mínimo, que era feito com o rolo de papel higiénico.</i> (Dudu) - <i>Eu desenhei o P a segurar no Minimo. Era feito de rolo de papel higiénico e tinha um buraco para por os dedos.</i> (Panda) - <i>Desenhei o P a fazer as sombras.</i> (Aurora) - <i>Desenhei o dinossauro e o P. Ele mexeu as mãos no pau e nas cordas. Eu gostei muito do dinossauro e de lhe dar festinhas!</i> (Pérola).
<p>Fotografias</p>	<div style="display: flex; flex-wrap: wrap; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Robin</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Dudu</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Panda</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Aurora</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Pérola</p> </div> </div>


Nota de campo 37	
Data	6 e 7 de março de 2024
Horário	13:30horas e 9:30horas
Contexto	Mesa das artes
Intervenientes	Mãe da Branca de neve e mãe do Schreck (uma em cada dia), CF e AO
Descrição	<p>Foi realizada uma Oficina de criação de Marionetas de fio, durante dois dias, na sala de jardim de infância. A mesma, foi dinamizada por uma mãe em cada dia, com a ajuda de retaguarda da CF e AO.</p> <p>De realçar, que a ideia foi lançada pela CF, de forma a enriquecer o trabalho que tem vindo a ser realizado até ao momento.</p> <p>Os materiais foram colocados na mesa antecipadamente (rolos de papel, palhinhas de cartão, canetas, cola, olhinhos, tesouras, fio de pesca e lã, papel de lustro, etc.) e as crianças puderam selecionar o que queriam fazer: personagem e pormenores.</p> <p>As restantes crianças estavam distribuídas pelas restantes áreas de sala.</p>
Comentários	<p>Este tipo de Marioneta revelou-se mais difícil para as crianças fazerem de forma autónoma, necessitando de um grande apoio de retaguarda por parte do adulto. Também o facto de nenhuma mãe ter trazido um exemplo já feito que demonstrasse o resultado, dificultou a compreensão das crianças para o processo. A CF optou por não interferir na dinâmica, dado ser a mãe que trouxe alguns materiais e já ter a ideia pré-concebida, no entanto, no final foi perceptível que se tornaria mais fácil se tivesse um modelo já construído como exemplo e também os materiais necessários organizados previamente, de forma a diminuir os tempos de espera. O facto de as mães não estarem habituadas a trabalhar com tantas crianças desta faixa etária ao mesmo tempo, também fez pensar sobre a complexidade desta proposta e se não foi um desafio lançado pela CF, demasiado alto.</p> <p>Apesar disso, considera-se muito positiva esta Oficina, não só para a família, como também para as próprias crianças. Para a família, dado permitir um maior envolvimento no processo educativo. Para as crianças, uma vez que valoriza o seu trabalho e lhes permitiu tomar maior consciência deste tipo de marionetas e consequentemente da dificuldade de colocação de fios no local a movimentar e na sua manipulação.</p> <p>Os comentários deixados na plataforma Classroom por alguns pais, também revelam o feedback desta situação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “(...) gostei imenso de estar dentro da dinâmica de sala de aula, gostei da concentração e carinho. (Mãe do Schreck, que desenvolveu a oficina no segundo dia)” - “(...) gostou de fazer os fantoches de fio e de ir ao museu das marionetas (...)” (Mãe da Elsa) - “(...) gostou muito da visita das marionetas e ficou muito orgulhoso da sua marioneta (...)”. (Mãe do Ronaldo) - “(...) o que mais gostei foi de ter a minha mãe na escola (...)” (Mãe da Branca de neve)



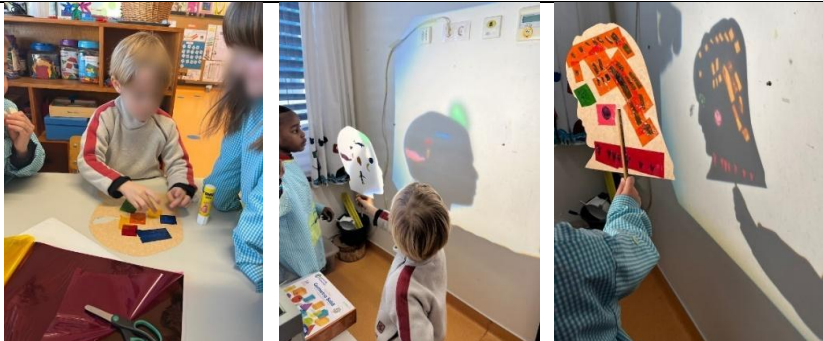
Nota de campo 38	
Data	07/03/2023
Horário	10horas
Contexto	Área dos fantoches e Área polivalente
Intervenientes	Afonso, Ronaldo, Robin, Luana, Dudu e Pérola
Descrição	<p>Depois da hora do conto diária e à medida que as crianças vão terminando as suas marionetas de fios, na Área das artes, o Dudu e o Ronaldo perguntam à CF se podem ir brincar com elas, na sala. Eles partilharam com a CF interesse em fazer um espetáculo.</p> <p>A CF concordou com a sugestão das crianças e sugeriu que juntassem uns bancos de plástico e colocassem um pano preto por cima, para fazerem o palco/espço cénico. O local sugerido pela educadora para esta dinâmica foi a área dos fantoches, dado o material utilizado ser Marionetas de luva, feitas pelas crianças. As crianças aceitaram a sugestão da CF e colaboraram entre elas na arrumação dos materiais necessários para o efeito.</p> <p>As seis crianças referidas acima, estiveram a explorar os seus movimentos, mostrando um grande envolvimento na manipulação desse novo material. Por vezes, tiveram dificuldade em perceber como conseguir fazer andar o “boneco” e os fios enleavam-se, recorrendo por vezes ao adulto para os ajudar a resolver esta situação. Apesar de tudo, foram todos muito persistentes e continuaram a movimentar as suas marionetas, o que originou cada vez uma maior apropriação deste novo material e descoberta de novas possibilidades de utilização.</p> <p>O Robin e o Pedro ofereceram-se para ficar os apresentadores do espetáculo. Houve alguns comentários de crianças sobre a manipulação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Eu não sei como o Pedro conseguiu mexer no dinossauro com 5 fios.</i> (Dudu) - <i>É difícil.</i> (Robin) <p>De referir ainda, que no decorrer desta dinâmica, algumas crianças resolveram explorar a manipulação das suas marionetas de fios noutros espaços da sala, nomeadamente a área polivalente/Jogos de chão. Nesta área, o Ronaldo, por exemplo, parou e colocou a sua marioneta dentro de uma caixa dizendo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Estamos numa piscina.</i> (Ronaldo)
Comentários	As crianças revelam já uma grande predisposição para explorarem novos materiais e organizarem, de forma autónoma, pequenos espetáculos. Mostram

	<p>gosto pela partilha e pelo público.</p> <p>De referir ainda, que à medida que outras crianças foram terminando as marionetas, começaram a juntar-se ao par inicial. Foram elas a Luana, o Robin, a Pérola e o Dudu).</p> <p>Pediram para apresentar, entretanto, um espetáculo para o grupo no final do dia. A CF concordou e ajudou a prepararem os materiais: mesa, pano preto e luz (este último elemento foi sugestão do adulto, para tornar o momento do espetáculo mais mágico). Desta vez, experimentaram luz negra.</p> <p>Foi visível a satisfação e envolvimento das crianças na manipulação das suas marionetas. Também houve cuidado na sua manipulação, dado sentirem que o material era um pouco mais frágil (fio) e exigia maior atenção para não se enlearem os fios. A exploração caracterizou-se fundamentalmente por levantar e baixar as mesmas, ouvindo o bater dos pés na mesa (Tampas). Não criaram nenhuma narrativa com continuidade, mas limitaram-se à exploração livre dos seus objetos animados, vocalizando alguns sons onomatopaicos (Boing, pummm). De referir, que tiveram dificuldade em se organizar em grupo na apresentação, dado o grande entusiasmo perante a utilização da luz negra e pelos novos materiais (marionetas de fios). O adulto interveio sempre que se considerou necessário.</p>
Fotografias	

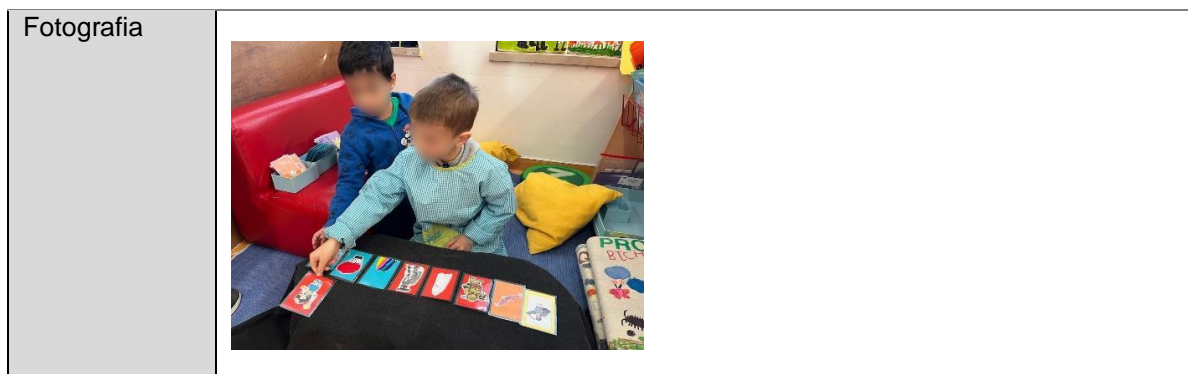
Nota de campo 39	
Data	11/03/2024
Horário	10horas
Contexto	Área da ciência
Intervenientes	Branca de neve, Pérola
Descrição	<p>Enquanto duas crianças brincavam na área da ciência autonomamente, na exploração da luz com diversos materiais, a CF aproximou-se e perguntou-lhes se sabiam o que era o perfil e como seria a sua sombra projetada na parede. A noção de frente e perfil foi utilizada pela CF.</p> <p>As crianças mostraram-se muito interessadas e a CF propôs que se colocassem de lado para a luz do retroprojektor, observando a sua sombra na parede branca da sala. Perante esta descoberta, foi sugerido depois, que fizessem o contorno do seu rosto, sentando-se à vez, numa cadeira e colocando uma cartolina na parede, com bostik, que serviria de base para o desenho do contorno da sua sombra.</p>
Comentários	<p>A intencionalidade do educador é fundamental para mais descobertas e para fomentar nas crianças o seu espírito crítico.</p> <p>Esta situação poderá ser um ponto de partida para explorar as suas silhuetas e</p>

	servir de indutor para construir Marionetas de vara. O contorno do seu rosto não foi possível fazer pelo seu par, dado as crianças se mexerem muito e não conseguirem estar quietas durante muito tempo, o que dificultou o traço contínuo. Neste sentido, a CF optou por ser ela a contornar o mesmo, considerando que seria positivo o resultado, podendo depois ser explorado e personalizado por cada uma a sua decoração interior. Mais crianças mostraram depois interesse em fazer a silhueta.
Fotografias	

Nota de campo 40

Data	12/03/2024
Horário	9:30h
Contexto	Área polivalente e área das artes- Acolhimento
Descrição	<p>A CF propõe a criação de uma Oficina de marionetas de vara, com a silhueta das crianças.</p> <p>Depois do desenho e recorte da mesma, realizado pelo adulto, a CF propõe a cada criança que desenhe algumas figuras que queira, para posteriormente serem recortadas e decoradas com papel celofane, de cores diversas, escolhidas pelas crianças. O objetivo, será depois explorarem esta marioneta com a incidência da luz.</p>
Comentários	<p>O objetivo desta oficina será que as crianças compreendam o processo de construção de uma marioneta de silhueta.</p> <p>O Robin começa por desenhar figuras muito pequenas e próximas entre si. Também desenha o interior das figuras, apercebendo-se depois que o mesmo não se verá depois de recortar e que apenas seria importante o contorno.</p> <p>A Pérola, depois de observar o produto do amigo, faz alguns desenhos mais separados e mostra-se muito feliz com o resultado, explorando no retroprojetor as sombras em movimento. Manipula a marioneta perto e longe do foco de luz, percebendo que o tamanho é influenciado pela proximidade da mesma.</p>
Fotografias	

Nota de campo 41	
Data	12/03/2024
Horário	14 horas
Contexto	Área da biblioteca
Intervenientes	Thanos e Dinossauro
Descrição	<p>As duas crianças escolheram a área da biblioteca de forma autónoma, mostrando interesse na utilização e manipulação do baralho de histórias (cartas). O Dinossauro foi ter com a CF e houve um diálogo entre eles:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Podemos ir buscar uma mesa para a biblioteca e o pano preto? Queremos fazer uma história com as cartas.</i> (Dinossauro) - <i>Sim, claro. Mas não querem o quadro, para colarem as cartas?</i> (CF) <p>De referir, que as cartas têm íman atrás, o que lhes permite ficarem expostas sem cair, num quadro magnético.</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Não. Queremos a mesa...</i> (Dinossauro) - <i>Mas as mesas pequenas estão ocupadas com a exposição no corredor. Podes utilizar dois bancos amarelos e colocar o pano por cima!</i> (CF) - <i>Boa!</i> (Dinossauro) <p>E as duas crianças foram buscar os bancos e começaram a preparar o cenário. Depois, escolheram as cartas e inventaram duas pequenas narrativas em conjunto.</p> <p>Entretanto, mais três crianças se aproximaram deste espaço - Afonso, Pedro e Gata- colocando-se em frente à apresentação dos amigos para assistir à história. A CF também permaneceu como público, de forma a valorizar o esforço do par na realização da atividade e ao mesmo tempo poder ajudar no processo, desafiando-os.</p>
Comentários	<p>Foi visível a apropriação por parte das crianças de material existente na sala (cartas). Também se verificou capacidade nas crianças para a organização do espetáculo de forma autónoma: prepararam os materiais para apresentar aos outros.</p> <p>O facto de o pano preto ser utilizado ao longo destes meses para os teatros, foi considerado pelas crianças como essencial neste momento.</p> <p>A CF manteve-se a assistir e foi ajudando, com apoio de retaguarda, no processo criativo. Perante a escolha inicial das crianças, de cartas só de personagens, perguntou onde se passava a história, lembrando que as cartas azuis são as do espaço/lugares. As suas perguntas foram importantes para a organização da narrativa e para as duas crianças, pensarem na sequencialidade de acontecimentos.</p> <p>Perante estas questões, as crianças acrescentaram mais cartas de diferentes categorias, enriquecendo a narrativa criada.</p> <p>O público (restantes crianças que se aproximaram), estiveram atentas e mostraram entusiasmo na narrativa dos colegas.</p>




Nota de campo 42	
Data	15/03/2024
Horário	10:45horas
Contexto	Mesas- Hora do lanche matinal
Intervenientes	Robin, Pedro, Afonso Ronaldo, Luana, Alface
Descrição	<p>Enquanto as crianças descascavam a fruta para o seu lanche, descobriram que havia vários tamanhos de tangerinas.</p> <p>A CF que estava junto ao grupo na mesa, relacionou os três tamanhos com a História dos 3 ursos: pequeno (filho), médio(mãe) e grande (pai). Gerou-se um diálogo com algumas crianças e a CF:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Este pode ser a caracolinhas de oiro...</i>(Ronaldo, agarrando uma casca de tangerina enrolada.); - <i>Boa ideia.</i> (CF, dando continuidade à brincadeira.) - <i>Olá! Eu sou o urso bebé...não quero que comas a minha sopa...</i>(CF, movimentando a casca, em direção à tangerina pequena); <p>Perante o riso das crianças, o Pedro intervém, agarrando a casca e respondendo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Vou comer sim...quando fores passear na floresta.</i>
Comentários	<p>A CF aproveitou um momento descontraído para brincar ao faz de conta e reforçar o conceito já trabalhado anteriormente com as crianças: o teatro de objetos.</p> <p>O facto de utilizar as tangerinas para esta situação, permite quebrar estereótipos e proporcionar às crianças uma experiência sensorial única, estimulando a sua criatividade, imaginação e habilidades de comunicação, enquanto também promove o desenvolvimento cognitivo e emocional.</p> <p>Ao ver as frutas transformadas em personagens, as crianças são incentivadas a usar a sua imaginação para criar histórias e situações imaginárias, ampliando as suas habilidades de pensamento criativo.</p> <p>O uso de objetos não convencionais pode também facilitar a expressão das emoções e sentimentos pelas crianças, já que elas se podem conectar com os objetos de maneiras diferentes, expressando-se de forma mais livre e criativa.</p> <p>Também é uma forma de desenvolver a linguagem de forma lúdica, dado incentivar a comunicação verbal e ajudar no desenvolvimento da linguagem oral e narrativa. A intencionalidade do educador é fundamental, para fomentar em momentos de rotina e de forma lúdica, a consolidação e aquisição de aprendizagens várias.</p>

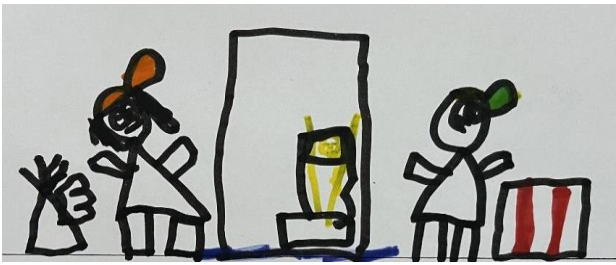



Nota de campo 43	
Data	15/03/2024
Horário	9:30horas
Contexto	Área polivalente- Conversa em grande grupo- Acolhimento
Intervenientes	Todo grupo, à exceção do Polícia, Schreck, Dudu e Ariel (16)
Descrição	<p>Em reunião de grande grupo, na área polivalente, as crianças perguntam à CF se não podem preparar um Teatro, para apresentar aos pais.</p> <p>A CF pergunta se já pensaram qual a história que querem fazer e que terão que pensar no que é necessário.</p> <p>As crianças decidem que querem fazer duas histórias- “O Coelho branco” e “Eu não fui”. A CF sugere então que o grupo se divida em dois, para os diferentes espetáculos. As crianças concordam e depois, a CF pergunta como irá ser feita a distribuição das personagens. As crianças referem que se podem inscrever e assim a CF vai buscar uma folha branca para tomar notas das suas ideias e desejos.</p> <p>Decidem também que para a história do Coelho Branco querem fazer máscaras e a CF sugere que utilizem como base as caixas de sapatos que trouxe a mãe do Dinossauro.</p> <p>A CF vai então para a mesa das artes com três crianças iniciar este processo: Luana (Coelho branco), Robin (Porco) e Panda (Cavalo).</p> <p>Entretanto, aproxima-se também o Robin e começam um diálogo com a presença da CF:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é o dia? (Luana) - Temos de combinar depois o dia, mas primeiro temos que escrever o que faz falta para o espetáculo. (CF) - Todos os dias eu vou de branco? (...) Posso fazer com o [fato de] cozinheiro da casinha (Luana, personagem escolhida Coelho) - Ah ...ia buscar uma roupa da cozinha. (Robin) - Eu entendo o que o Robin estava a dizer, se a Luana não trouxer a roupa branca, ela pode usar a roupa de cozinheiro da nossa casinha que é branca. (Ronaldo) - Sim...e para o cenário podemos esticar lençóis esticados verdes...para a horta. (Robin) - E como fazemos a casa? (Ronaldo) - Temos que pensar (...) Podemos fazer com o Jogo de construção dos paus, como fizemos o autocarro grande. (CF) - Boa ideia. (Ronaldo)


	<p>- <i>Vamos ter que organizar tudo...</i> e falar depois com todas as crianças que vão participar, porque é um trabalho em equipa. (CF)</p> <p>- <i>E podemos mostrar aos pais, como no ano passado.</i> (Luana)</p> <p>- <i>Parece-me muito boa ideia.</i> (CF)</p> <p>Na realização de máscaras a CF percebe que o apoio do adulto se torna essencial numa primeira fase, principalmente na criação da base da máscara, sendo que a decoração e pormenores poderá ser realizada depois de forma mais autónoma. Neste sentido, apoia as crianças nesse sentido, utilizando as caixas, tesouras e fita cola de pintor. As crianças sugerem que vejam no livro da história as imagens das personagens, de forma a perceber algumas características específicas: orelhas e nariz...</p> <p>Enquanto isso, um pequeno grupo resolve ir fazer uma casa para o coelho branco nos jogos de chão, com o Jogo das varas. Depois, a CF dá-lhes papel celofane para colocarem na zona do telhado.</p>
Comentários	<p>O desejo das crianças para a realização de um espetáculo será uma forma transdisciplinar de trabalhar diversos conteúdos. Irá ser necessário definir o que é indispensável para a caracterização das personagens, o espaço, a narrativa, o som utilizado e as luzes. Também será fundamental depois escolher o texto.</p> <p>Este projeto será importante para as crianças se apropriarem de conceitos e elementos teatrais já trabalhados até ao momento. A listagem do que necessitam é essencial neste processo, de forma a interiorizarem o processo e não só o resultado final.</p> <p>A participação de todos os envolvidos é essencial e a decisão em grupo, de forma a se tornar um espetáculo sentido por todos como coletivo e não um trabalho individual.</p>
Fotografias	 <p>The photographs show the children's work. The top-left photo shows two children working together at a table with cardboard boxes. The top-right photo shows three completed paper masks made from cardboard boxes, decorated with white paper and black dots for eyes. The bottom-left photo shows a child wearing a white paper mask with a large red smile and black eyes. The bottom-right photo shows a structure made of blue metal rods and red and green cellophane paper, representing a house for a white rabbit.</p>

Nota de campo 44	
Data	18/03/2024
Horário	10:00 horas
Contexto	Área do Faz de conta/casinha
Intervenientes	Afonso; Schreck; Elsa e Branca de neve
Descrição	<p>As quatro crianças que estavam na Área da casinha, saíram deste espaço e foram buscar quatro cadeiras de forma autónoma e posicionaram-nas na área polivalente. A CF, numa primeira fase, observou-as e aproximou-se sem intervir, observando a brincadeira.</p> <p>Estavam a simular que viajavam num carro.</p> <p>De forma a perceber mais ao pormenor, qual a situação que estavam a representar, a CF colocou algumas questões, envolvendo-se na brincadeira das crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Olá! Vão de viagem?</i> (CF) - <i>Sim...estamos a viajar para a Disney e eu vou a conduzir.</i> (Schreck) - <i>Ah...ok...e quem és tu?</i> (CF) - <i>Eu sou o pai.</i> (Schreck) - <i>Eu sou a mulher dele e temos um filho.</i> (Branca de neve) - <i>Eu sou o marido da Elsa.</i> (Afonso) - <i>Ah...e colocaram o cinto de segurança?</i> (CF) - <i>Sim, claro! Porque senão somos multados.</i> (Afonso)
Comentários	<p>As crianças em situação de brincadeira livre, representam facilmente situações da vida diária, revelando-se muito criativos e desinibidos entre os seus pares. Interagem entre si sem necessidade de reforço do adulto e organizam a brincadeira entre eles. A distribuição de personagens entre todos foi realizada em concordância, representando os papéis após a mesma.</p> <p>Representam muitas vezes personagens reais, que observam no seu dia a dia. Partilham culturas entre si e vivências sociais, o que se revela muito rico para todos.</p> <p>A liberdade pessoal para experimentar é essencial e poderá ser a base para a prática teatral. Tal como referia Viola Spolin [1963](2015) o jogo é uma forma natural do grupo que propicia a criatividade e as interações.</p>
Fotografia	

Nota de campo 45	
Data	20/03/2024
Horário	13:30horas
Contexto	Área polivalente- Conversa em grande grupo
Intervenientes	Toda o grupo
Descrição	<p>Após a ida ao Teatro papa-léguas, no período da manhã, ver um espetáculo: “Um presente diferente” a CF questionou as crianças sobre o que tinham visto e as diferenças encontradas, relativamente a outros espetáculos que já tinham ido anteriormente (Teatro infantil de Lisboa e Teatro Bifurcação).</p> <p>Também solicitou depois que fizessem o desenho do que mais gostaram, para colocar no seu portefólio.</p> <p>De realçar, que a CF pediu às crianças para gravar através do TLM as suas opiniões, enquanto falavam, de forma a poderem depois ouvir e relembrar o que disseram, para o seu trabalho. Aqui ficam alguns registos que se consideraram interessantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Neste teatro já estavam as cortinas abertas.</i> (Dudu) - <i>Havia luzes</i> (Toda o grupo) - <i>Havia um laser...</i>(Robin) - <i>Eu acho que era uma luz de gatos...</i>(Pérola) - <i>Eles estavam em baixo do lençol.</i> (Branca de neve) - <i>Eu descobri que estavam a respirar debaixo do lençol.</i> (Alface) - <i>Eram duas pessoas em baixo do lençol, que estavam a fazer gestos.</i> (Luana) - <i>Depois eles começaram a mexer-se e a subir.</i> (Panda) - <i>O Schreck desta vez não teve medo...porquê?</i> (CF) - <i>Porque não havia maus...o fantasma não era nada mau!</i> (Alface) - <i>Eu vi a cara de quem era mau e por isso não era assustador.</i> (Branca de neve) - <i>Quantas personagens havia neste espetáculo?</i> (CF) - <i>Duas...</i>(Muitas crianças em simultâneo) - <i>Só havia duas pessoas, mas eram quatro personagens.</i> (Robin) - <i>Acham que sim?</i> (CF) - <i>As amigas queriam um presente perfeito...</i>(Pedro) - <i>O lençol fazia pensar que era o mar.</i> (CF) - <i>Como é que elas conseguem esticar o mar se depois as ondas vão mais para trás?</i> (Panda) - <i>Podemos fazer como nós fazemos na casinha ... faz de conta.</i> (Pérola) - <i>Faz de conta e teatro é a mesma coisa?</i> (CF) - <i>Podemos fazer as coisas como nós quisermos.</i> (Dinossauro) - <i>Parece...</i>(Pedro) - <i>Eu acho que não. O faz de conta é fingirmos as coisas a brincar e teatro nós temos público e é mais a sério.</i> - <i>Ah...tem público...</i>(CF) - <i>Não estão bem a brincar...</i>(Dudu) - <i>Pois, têm razão...as atrizes estão a representar...é o trabalho delas...</i>(CF) - <i>Eu ri-me...</i>(Schreck) - <i>Eu não me ri porque fico cansado de ser muito tempo.</i> (Pedro) - <i>Este teatro podia ter um intervalo como o Jack...</i>(Afonso) - <i>Mas se calhar não houve porque não precisavam de mudar de cenário. Estava sempre o mesmo e elas escondiam-se e trocavam de roupa e a história foi mais pequena.</i> (CF) - <i>Havia um senhor lá em cima a mandar aquela luz.</i> (Alface) - <i>Eu gostei quando chegou ao fim e elas deram um abraço.</i> (Branca de neve)- -

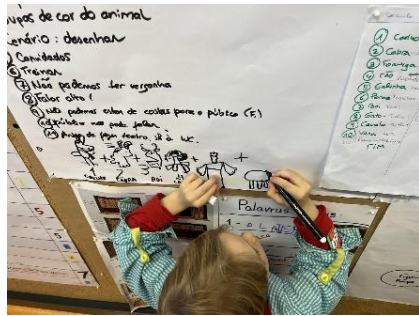
	<i>No Jack tinham muitas personagens e não conseguiam ter poucas pessoas, porque assim demoravam muito tempo a vestir. (Panda)</i>
Comentários	<p>Foi interessante perceber que as crianças já estiveram mais despertas para pormenores, revelando maior espírito crítico perante o que observavam. A intencionalidade do educador na condução do diálogo, foi fundamental para os ajudar a relembrar pormenores importantes neste processo de descoberta.</p> <p>As crianças, já perceberam claramente que um espetáculo necessita de luzes, adereços, personagens, uma história, um cenário, roupas e alguém que mexe nas luzes e no som.</p> <p>O facto desta peça ter menos atores também foi importante neste processo de descoberta, dado que as crianças perceberam que as mesmas pessoas podem assumir diferentes papéis numa só peça, situação que não foi muito vivenciada nos teatros anteriores.</p>
Fotografias	 <p>Robin</p>  <p>Pérola</p>

Nota de campo 46	
Data	20/03/2024
Horário	15horas
Contexto	Área polivalente- Conversa em grande grupo
Intervenientes	Toda a grupo
Descrição	<p>O Robin e o Dudu vão ter com a CF e perguntam se podem ensaiar o Teatro do Coelho branco. A CF diz que sim e pede que se organizem. Deixa as crianças fazerem-no sozinhas sem interferir e só observando o que fazem.</p> <p>Estas duas crianças lideram o grupo e colocam cadeiras para os restantes assistirem ao espetáculo.</p> <p>Autonomamente, utilizam a casa que construíram anteriormente (NC 43) e</p>


	<p>pedem o microfone e coluna real para começarem o espetáculo, assumindo o Dudu o papel de apresentador e narrador da história.</p> <p>Os dois chamam as crianças que fazem parte dessa história e as restantes convidam-nas a sentar-se. A adulta não interfere, ficando a observar como decorre o processo criativo.</p> <p>No momento do diálogo, há personagens/crianças que estão mais distraídas e não falam no momento certo, sendo que os dois organizadores deste ensaio, decidem após esta dificuldade, chamar a personagem pelo nome, de forma a facilitar este processo e permitir a continuidade na narrativa.</p> <p>As crianças que representam, fazem as vozes dos animais e falam o texto, referente ao momento da história, revelando apropriação da narrativa.</p> <p>O público mante-se bastante envolvido no processo e o final, bate palmas aos atores.</p>
Comentários	<p>As crianças que propuseram esta atividade revelaram-se conhecedores da história e conseguiram concretizar os seus objetivos, apesar de perceberem que seria necessário definir antes das apresentações a ordem das personagens. Depois desta atividade, foi escrita esta ordem, de forma a ser replicada em próximos ensaios.</p> <p>A tomada de iniciativa das crianças neste tipo de atividades é fundamental para a consolidação de competências e para conseguirem autonomamente tornar-se mais críticos e ativos em todo o processo. O apoio de retaguarda do adulto e o incentivo positivo pelo seu esforço é também essencial.</p> <p>Neste momento, as crianças já se revelam bastante autónomos e mais confiantes em si próprios e nas suas capacidades, o que transparece no seu desempenho e dramatização das ações.</p> <p>Na organização, não referiram qual a ordem dos animais, o que provocou conversas no meio da apresentação e que se colocassem de costas para o público.</p>
Fotografia	

Nota de campo 47	
Data	21/03/2024
Horário	9:30horas
Contexto	Área polivalente/Momento de Acolhimento
Intervenientes	Toda a grupo com exceção do Dudu, da Pérola, do Schreck e do Dinossauro


<p>Descrição</p>	<p>No momento do acolhimento, a CF questiona as crianças sobre a necessidade de fazerem um Plano para as apresentações dos espetáculos/teatros: O coelhinho branco e o Eu não fui.</p> <p>Combinam que têm que fazer um de cada vez, dado ser necessário o apoio de retaguarda do adulto e ser mais confuso preparar os dois ao mesmo tempo.</p> <p>Nesse sentido, fica decidido que começam com o do Coelhinho branco, dado já terem sido feitas mais máscaras de personagens.</p> <p>A CF refere que talvez fosse melhor prepararem tudo e apresentarem primeiro a uma sala do JI, como ensaio geral e só depois aos pais, para poderem perceber o que precisam de melhorar. As crianças concordam e fica combinado que depois da interrupção letiva terminarão as personagens e a definição de pormenores, para depois iniciarem os ensaios. Foi referido a importância de pensarem o que vão falar e as crianças dizem que será como a história do livro que está na biblioteca, com mais alguns personagens.</p> <p>A CF relembra que têm que definir muito bem o que precisam de fazer e recorda que a distribuição de personagens já foi feita, mas que é importante escrever o que consideram importante. Desta forma, as crianças referem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>O teatro do coelhinho branco é com máscaras.</i> (Pedro) - <i>Temos que ter roupas de animais...</i>(Afonso) - <i>Ou vir com roupas de cor...</i>(Pedro) - <i>Não pode comer quem assiste.</i> (Branca de neve) - <i>Não se pode fazer barulho ou os convidados vão-se embora.</i> (Thanos) - <i>Ontem, houve alguma confusão na vossa peça do coelhinho que estavam a representar. Não tinham combinado a ordem dos animais e depois começaram a discutir no meio do espetáculo.</i> (CF) - <i>Isso não pode acontecer.</i> (Thanos) - <i>Temos que ver a ordem das personagens</i> (CF) - <i>Sim...e também não podemos estar de costas para o público.</i> (Robin) - <i>Qual é o cenário que vamos usar?</i> (CF) - <i>A casa que fizemos!</i> (Branca de neve) - <i>E como fazemos a horta?</i> (Alface) - <i>Podemos desenhar como nos teatros de papel, mas com uma folha grande e depois colocar colada nas mesas ao alto.</i> (CF) - <i>À frente das mesas...Foi como fizemos o ano passado no Teatro “A que sabe a lua” e “A mosca fosca”.</i> (Ronaldo) - <i>Mas aí tínhamos luzes e um pano preto...</i>(Robin) - <i>Também precisamos de microfone</i> (Alface) - <i>Assim precisamos de um apresentador, mas se todos têm personagens quem fica o apresentador?</i> - <i>Eu posso ser.</i> (Luana) - <i>Mas se tu és o coelhinho branco, como vais ser apresentadora? Depois tens que estar preparada para começar a peça...e já com a tua máscara preparada...</i>(CF) - <i>Ah, pois é!</i> (Luana) - <i>Pode ser algum menino do “Eu não fui”.</i> (Pérola) - <i>Pode ser...ou então fazemos como no Teatro do Papa-léguas. Gravamos a voz antes e depois colocamos no momento da apresentação, para o público que está a assistir.</i> (CF) - <i>Sim...também pode ser assim.</i> (Afonso) <p>A CF pergunta então às crianças da outra história se não querem utilizar outro recurso/técnica, sem ser Teatro com máscaras.</p> <p>Em concordância com as crianças escreve numa folha as possibilidades que as crianças vão dizendo: marionetas de luva, marionetas de fio, marionetas de vara e com máscaras. Resolvem fazer votação (8 crianças presentes desse grupo) e os resultados foram empate para a marioneta de luva e máscaras. Será o</p>
------------------	---


	Dinossauro a votar no dia seguinte e a desempatar a situação, apesar de que ele já iniciou a sua máscara de velha, o que pode pressupor que também irá preferir esse recurso.
Comentários	<p>A conversa com as crianças e o papel da CF nesta situação, é essencial para os ajudar a organizar o pensamento e a perceber pormenores que de outra forma passariam despercebidos.</p> <p>A importância de fazer um plano, de organizar os materiais, de ir escrevendo o que precisamos terminar, faz parte do processo e permite a todos sentir-se envolvidos no mesmo. A questão da democracia e de dar voz às crianças também é essencial em todo este processo criativo.</p> <p>O finalizar com a apresentação de um espetáculo com uma história escolhida pelas crianças, será importante para ir concretizando aprendizagens e ao mesmo tempo torna-los conscientes das etapas necessárias. As dificuldades e problemas que surgem no processo, também são importantes para estimular o espírito crítico e aprenderem a ultrapassar problemas. Nem sempre as coisas correm pelo melhor!</p>
Fotografia	 <p><i>Nota: O Robin oferece-se para desenhar a ordem sequencial de entrada das personagens do Coelhoinho branco.</i></p>

Nota de campo 48	
Data	22/03/2024
Horário	9:30horas
Contexto	Corredor do JI
Intervenientes	Dinossauro, Luana, Ronaldo, Ariel, Robin, Afonso, Pedro e Fada madrinha
Descrição	<p>Após o acolhimento, um grupo de crianças decidiu que queria fazer o cenário para o Teatro do Coelhoinho branco. A CF propôs que fossem para o corredor do JI, dado ter mais espaço para esticar o papel de cenário e desenhar e pintar mais tranquilamente. As crianças mostraram-se muito entusiasmadas e ajudaram a preparar as tintas necessárias e a organizar os materiais. De realçar que o tamanho da folha foi escolhido medindo a largura de 3 mesas da sala, pois foi o local definido para colar depois deste suporte (espaço cénico).</p> <p>A CF referiu que teriam que pensar no fundo do teatro, tal como fizeram na realização das Maquetes (NC 25) e no Teatro de objetos (NC 33).</p> <p>Então as crianças, desenharam primeiro a lápis e depois pintaram com tinta, utilizando pinças e rolos. A CF ajudou na organização espacial, dado ser uma folha muito grande e ser importante desenhar em função do tamanho.</p>

	No final, combinaram que iriam procurar imagens de legumes reais no google (couves e cenouras) para depois colar no espaço da horta do Coelho branco.
Comentários	As crianças mostraram-se muito motivadas e envolvidas na elaboração do cenário, respeitando os seus pares durante o trabalho em equipa. Para esta situação, a CF ajudou a distribuir tarefas, para que em conjunto conseguissem um produto mais harmonioso. Ex: perguntar quem fazia a casa, quem pintava, quem desenhava a horta, etc. Estas questões ajudam as crianças a organizar-se e a trabalhar em equipa de forma mais tranquila e sem conflitos.
Fotografias	 <p style="text-align: center;"><i>Cenário para o Teatro</i></p>

Nota de campo 49	
Data	17/06/2024
Horário	14 horas
Contexto	Auditório Pedro de Santarém
Intervenientes	Toda a grupo, com exceção da Ariel e da Gata e os familiares das crianças.
Descrição	<p>Foi realizado pelas crianças, em contexto de sala um convite para todos os pais, de forma a poderem estar presentes na apresentação dos dois Teatros preparados pelas crianças no dia 17 de junho no Auditório. Esta data foi escolhida pelas crianças em articulação com a CF. Os pais colaboraram nos figurinos, trazendo as crianças roupa ou adereços, de acordo com a sua personagem.</p> <p>As crianças ajudaram na preparação do espaço/sala no período da manhã, levando o cenário, as máscaras e os adereços necessários para este momento de representação teatral. Também decidiram que preferiam desligar as luzes grandes e levar o retroprojektor da sala, para apontar para o cenário, o que permitiu criar um ambiente mais de palco.</p> <p>A CF ajudou na organização das crianças no espaço, definindo linhas no chão com fita cola de pintor, para as crianças saberem onde deveriam ficar quando entram ou saem de cena. Esta situação permite às crianças estarem mais calmas e organizadas e ao mesmo tempo dá-lhes autonomia e responsabilidade durante o momento escolhido.</p> <p>Depois de tudo preparado, fizeram o ensaio geral no local.</p> <p>Antes do espetáculo, as crianças prepararam-se na sala, vestindo-se e maquilhando-se (por opção de cada uma) e depois de prontas foram para o local já previamente preparado por todos, aguardando as famílias. De referir que a adesão foi enorme, estando 2 a 3 pessoas por criança no auditório.</p> <p>No momento do espetáculo, a CF permaneceu junto à criança que ia apresentar</p>

	<p>o nome da peça e dar indicações sobre normas para o público, para o caso de ser necessária a sua intervenção e ajuda.</p> <p>As duas crianças manipularam o microfone sem problema algum, mostrando já apropriação deste material e ligando/desligando quando necessário.</p> <p>A AO permaneceu por trás das mesas onde estava colado o cenário e que serviu de cortina de entrada em cena das personagens. A adulta, posicionada nesse local, permitiu que as crianças se sentissem apoiadas e mais calmas enquanto esperavam a sua entrada, bem como ajudar aquelas que perdiam o foco com maior facilidade.</p> <p>A apreciação e avaliação dos espetáculos foi excelente, estando todas as crianças muito envolvidas e felizes com este momento. Mostraram-se bastante descontraídas na representação, interagindo com as personagens da história com bastante à vontade.</p> <p>As máscaras utilizadas foram um adereço bem aceite pelas crianças e que as ajudou a materializar mais a sua própria personagem.</p> <p>As crianças falaram mais alto durante a sua representação, o que revelou maior consciência desse elemento importante para o público que assiste.</p> <p>Cada grupo apresentou o seu Teatro à vez, assistindo de seguida ao restante grupo, em espaço já definido nas laterais.</p> <p>No final agradeceram e o público aplaudiu.</p>
Comentários	<p>Duas crianças ofereceram-se para serem os apresentadores dos espetáculos (Aurora e Pedro). O seu desempenho foi todo realizado sem intervenção do adulto, desde a apresentação do espetáculo (Aurora no espetáculo do <i>Coelhinho branco</i> e Pedro, no espetáculo do <i>Eu não fui</i>).</p> <p>De realçar, que estas funções de apresentadores foram escolhidas pelas crianças.</p> <p>As personagens principais de ambas as histórias se revelaram bastante importantes neste processo, dado se mostrarem bastante desinibidas em palco e saberem o texto completo, o que ajudou no processo.</p> <p>Faltaram 2 crianças da História "<i>Eu não fui</i>" pelo que tiveram que ser substituídas logo no ensaio geral, por outros colegas. Esta substituição foi feita pelas crianças, de forma a se sentirem seguras neste novo papel. A troca correu muito bem e as crianças estiveram bastante calmas nesta representação extra. O facto de nos ensaios haver sempre falta de alguém e substituição de crianças, ajudou a sentir esta questão como uma situação que poderá ser normal.</p>
Fotografias	 <p style="text-align: center;"><i>Ensaio das duas peças teatrais</i></p>

Nota de campo 50	
Data	17/06/2024
Horário	14 horas
Contexto	Auditório Pedro de Santarém
Intervenientes	Toda a grupo, com exceção da Ariel e da Gata Estiveram presentes familiares de 16 crianças, na totalidade de 18 presentes na apresentação.
Descrição	A CF aproveitou a presença dos familiares (NC49), para os convidar de seguida, a assistir a um filme, com momentos vividos pelas crianças ao longo do Projeto do Teatro. Desta forma, a CF e as crianças puderem partilhar com os presentes, algumas das atividades realizadas desde outubro até ao momento, não só nas sessões do auditório, como também outras atividades importantes neste processo.
Comentários	Os familiares deram um feedback muito positivo e as crianças estavam muito felizes com este momento partilhado. Estas atividades permitem aproximar a escola da família e valorizar todo o trabalho desenvolvido em contexto de jardim de infância.
Fotografias	

Anexo E2. Análise de conteúdo das Nota de Campo

E2a. Análise de conteúdo da Nota de Campo: *Localização*

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
Localização	Dentro da sala de JI	Na sala, na Área dos fantoches	NC1, NC2, NC3, NC8, NC21, NC38	6
		Na sala, na Área do faz de conta/casinha	NC28, NC44	2
		Na sala, na Área da biblioteca	NC15, NC25, NC41	3
		Na sala, na Área da ciência/natureza	NC34, NC39, NC40	3
		Na sala, na Área das artes visuais	NC14, NC15, NC22, NC29, NC33, NC37, NC40, NC48	8
		Na sala, na Área dos Jogos de chão/construções	NC26	1
		Na sala, na área polivalente da sala	NC4, NC9, NC10, NC11, NC12, NC16, NC17, NC18, NC20, NC22, NC23, NC24, NC25, NC31, NC32, NC33, NC38, NC43, NC45, NC46, NC47	21
		Na sala, nas mesas, durante momentos de rotina	NC36, NC42	2
	Fora da sala de JI	No Ginásio	NC27	1
		No Recreio, em momentos lúdicos	NC5	1
		No auditório	NC49; NC50	2
		Fora do contexto escolar	NC13, NC19, NC30, NC35	4

E2b. Análise de conteúdo da Nota de Campo: *Tipos de atividades*

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
Tipos de atividades	Atividades realizadas em contexto de sala	Atividades iniciadas pela criança	NC1, NC2, NC3, NC4, NC8, NC15, NC21, NC26, NC28, NC38, NC41, NC43, NC44, NC46, NC48	15
		Atividades iniciadas ou propostas pelos adultos	NC5, NC6, NC7, NC9, NC11, NC14, NC16, NC17, NC23, N27, NC32, NC34, NC37, NC39, NC42, NC47	16
		Atividades centradas nos adultos	NC12, NC18, NC19, NC20, NC22, NC24, NC25, NC29, NC30, NC33, NC35, NC36, NC40, NC45, NC50	15
	Atividades/Registos fora do contexto escolar	Visitas de estudo	NC10, NC19, NC35	3
		Plataforma Classroom	NC13, NC31	2
	Elementos do teatro implícitos nas atividades	Narrativa	NC1, NC2, NC3, NC4, NC8, NC10, NC11, NC12, NC15, NC16, NC17, NC18, NC19, NC21, NC22, NC23, NC24, NC25, NC26, NC28, NC29, NC32, NC33, NC38, NC42, NC43, NC44, NC45, NC46, NC47, NC49, NC50	32
		Personagens	NC1, NC2, NC3, NC4, NC8, NC10, NC11, NC12, NC14, NC15, NC16, N17, NC18, NC19, NC21, NC22, NC23, NC24, NC25, NC26, NC28, NC29, NC32, NC33, NC35, NC36, NC37, NC38, NC42, NC43, NC44, NC45, NC46, NC47, NC49, NC50	36
		Espaço cénico	NC1, NC2, NC3, NC4, NC8, NC10, NC11, NC12, NC14, NC15, NC16, NC18, NC21, NC22, NC23, NC24, NC25, NC28, NC29, NC32, NC33, NC38, NC43, NC44, NC45, NC46, NC47, NC48, NC49, NC50	28
		Som/sonoplastia	NC10, NC12, NC17, NC18, NC19, NC20, NC21, NC22, NC23,	17

			NC24, NC28, NC33, NC45, NC46, NC47, NC49, NC50	
		Luz/Iluminação	NC10, NC12, NC16, NC18, NC23, NC24, NC34, NC38, NC39, NC40, NC45, NC46, NC47, NC49, NC50	15
		Figurino	NC10, NC24, NC25, NC28, NC44, NC45, NC49, NC50	8
		Objetos de cena	NC10, NC11, NC14, NC15, NC16, NC18, NC22, NC23, NC24, NC25, NC26, NC28, NC43, NC44, NC45, NC46, NC47, NC49, NC50	19
		Publico/plateia	NC1, NC2, NC3, NC4, NC8, NC10, NC11, NC12, NC16, NC18, NC21, NC23, NC24, NC32, NC33, NC43, NC45, NC46, NC47, NC49, NC50	21
	Técnicas teatrais implícitas nas atividades	Teatro de marionetas	NC1, NC2, NC3, NC8, NC21, NC22, NC23, NC29, NC30, NC32, NC35, NC36, NC37, NC38, NC39, NC50	16
		Teatro de sombras	NC12, NC16, NC18, NC34, NC39, NC40, NC50	7
		Teatro de papel	NC33	1
		Improvisação	NC1, NC2, NC3, NC4, NC8, NC10, NC15, NC16, NC17, NC18, NC19, NC20, NC22, NC23, NC27, NC28, NC29, NC32, NC33, NC43, NC44, NC45, NC46, NC47, NC49, NC50	26
		Teatro de objetos	NC26, NC42, NC50	3

E2c. Análise de Conteúdo das Notas de Campo: Atividades iniciadas pelas crianças

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
Atividades iniciadas pelas crianças	Iniciativa e Proatividade	Início de uma atividade de forma autónoma	<ul style="list-style-type: none"> - “A Gata e a Aurora brincam na Área dos fantoches, por sua iniciativa”. NC1 - “Duas crianças escolhem a Área dos fantoches para brincar”. NC2 - “Duas crianças brincam autonomamente na Área dos fantoches”. NC3 - “[Vão] ter com a Educadora e pedem para apresentar uma história ao grupo”. NC4 - “[Três crianças] estão no <i>Castelet</i> e dizem que vão começar um espetáculo”. NC8 - “O Thanos e o Pedro escolhem ir para a Área da biblioteca”. NC15 - “A Aurora e a Panda escolheram a Área dos fantoches de forma autónoma”. NC21 - “[As] três crianças escolheram autonomamente a área da sala para onde queriam ir brincar: Jogos de chão”. S26 - “[As] crianças escolhem livremente as áreas para onde querem ir brincar. Estas 4 crianças vão para a Área da casinha”. NC28 - “[À] medida que as crianças vão terminando as suas marionetas de fios, na Área das artes, o Dudu e o Ronaldo perguntam à CF se podem ir brincar com elas, na sala”. NC38 - “As duas crianças escolheram a área da biblioteca de forma autónoma”. NC41 - “Em reunião de grande grupo, na área polivalente, as crianças perguntam à CF se não podem preparar um Teatro, para apresentar aos pais”. NC43 - “As (...) crianças que estavam na Área da casinha, saíram deste espaço e foram buscar quatro cadeiras de forma autónoma e posicionaram-nas na área polivalente (...) Estavam a simular que viajavam num carro”. NC44 - “[Um] grupo de crianças decidiu que queria fazer o cenário para o Teatro do Coelhoinho branco”. NC48 	14

		<p>Atividade desenvolvida com sugestões e incentivo do Educador</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu pergunto se já ensaiaram e se querem treinar mais um bocadinho e lanço a ideia de poderem posteriormente apresentar aos seus pares/grande grupo, ao final da tarde”. NC1 - “[Pergunto aos manipuladores se querem utilizar o microfone a sério”. NC8 - “[A CF] resolve aproximar-se e desafia-los para que tentem fazer uma história”. NC15 - “A CF (...) sugeriu que juntassem uns bancos de plástico e colocassem um pano preto por cima, para fazerem o palco/espaco cénico”. NC38 - “O local sugerido pela educadora para esta dinâmica foi a área dos fantoches, dado o material utilizado ser Marionetas de luva, feitas pelas crianças”. NC38 - “[A CF] ajudou a prepararem os materiais: mesa, pano preto e luz (este último elemento foi sugestão do adulto, para tornar o momento do espetáculo mais mágico)”. NC38 - “[A] CF sugere que [para fazer máscaras para o teatro], utilizem como base as caixas de sapatos que trouxe a mãe do Dinossauro”. NC43 - “A CF vai para a mesa das artes com três crianças iniciar este processo [realização de máscaras de personagens]”. NC43 - “[A] CF colocou algumas questões, envolvendo-se na brincadeira das crianças”. NC44 - “A CF propôs que fossem para o corredor do JI, dado ter mais espaço para esticar o papel de cenário e desenhar e pintar mais tranquilamente”. NC48 - “A CF ajudou na organização espacial, dado ser uma folha muito grande e ser importante desenhar em função do tamanho”. NC48 - “Foi realizado pelas crianças, em contexto de sala um convite para todos os pais, de forma a poderem estar presentes na apresentação dos seus dois Teatros”. NC49 - “As crianças ajudaram na preparação do espaço/sala no período da manhã, levando o cenário, as máscaras e os adereços necessários para este momento de representação teatral”. NC49 - “A CF ajudou na organização das crianças no espaço, definindo linhas no chão com fita cola de pintor, para as crianças saberem onde deveriam ficar quando entram ou saem de cena”. NC49 	15
--	--	---	--	----

			- “[As] crianças prepararam-se na sala, vestindo-se e maquilhando-se (por opção de cada uma) e depois de prontas foram para o local já previamente preparado por todos, aguardando as famílias”. NC49	
		Exploração independente de materiais	<ul style="list-style-type: none"> - “Manipulam os fantoches de luva de forma autónoma”. NC1 - “[A CF pergunta] se precisam do <i>castelet</i> [para o espetáculo] e perante esta confirmação”. NC1 - “[Observo] que manipulam os fantoches com bastante facilidade”. NC1 - “Perante o meu movimento de desligar telemóvel real do meu bolso intervém: Branca de neve- É só a fingir!”. NC2 - “De realçar, que estas duas crianças escolheram fantoches de dedo para esta apresentação, revelando facilidade na sua manipulação”. NC2 - “Foram trocando e manipulando os diferentes fantoches (...) e apresentando-os, à medida que os escolhiam.” NC3 - “De referir, que foram selecionados e manipulados pelas crianças, não só fantoches de dedo com de luva.” NC3 - “A seleção destes materiais foi livre e não houve qualquer intervenção do adulto”. NC3 - “As duas crianças dinamizadoras, referem que vão utilizar as Cartas de histórias, material existente na área da biblioteca e construído pela grupo no ano letivo anterior”. NC4 - “[As crianças] foram buscar uma mesa”. NC4 - “De referir, que foram escolhidos para esta apresentação, pelas crianças, fantoches de dedo e de luva, verificando-se facilidade na sua manipulação.” NC8 - “[Começam] a explorar de forma autónoma as cartas existentes neste espaço na sala”. NC15 - “[As crianças] decidiram ir buscar a caixa dos animais de plástico (miniaturas), através do qual selecionaram alguns bonecos para brincarem juntas ao faz de conta”. NC26 - “Espontaneamente, as crianças brincam ao faz de conta assumindo diferentes personagens, através de bonecos”. NC26 - “[Começam a vestir roupas e a interagir entre elas, desempenhando diferentes 	19

			<p>papeis: duas rainhas, uma princesa e um rei". NC28</p> <ul style="list-style-type: none"> - "Foi visível a satisfação e envolvimento das crianças na manipulação das suas marionetas". NC38 - "[As crianças mostraram] interesse na utilização e manipulação do baralho de histórias (cartas)". NC41 - "Foi visível a apropriação por parte das crianças [deste] material." NC41 - "As duas crianças manipularam o microfone sem problema algum, mostrando já apropriação deste material e ligando/desligando quando necessário". NC49 	
	Criatividade e expressão pessoal	Intervenções	<ul style="list-style-type: none"> - "Chama-se o Bairro do espetáculo! Desliguem os telemóveis". NC2 - "De referir, que foram nomeados alguns atributos das personagens, existindo também interação física entre as personagens, que apareciam em cena em simultâneo (fantoques manipulados pelo par)". NC3 - "O facto de perceberem que a repetição de uma frase fazia o público rir, levou a que as duas crianças que manipulavam os fantoches, repetissem a mesma, trocando apenas algumas personagens." NC8 - "O Dudu iniciou então a apresentação do espetáculo". NC21 - "Os bonecos interagiam entre si, sendo as crianças os seus manipuladores". NC26 - "[As crianças] partilharam com a CF interesse em fazer um espetáculo". NC38 - "A exploração [das marionetas de fios pelas crianças], caracterizou-se fundamentalmente por levantar e baixar as mesmas, ouvindo o bater dos pés na mesa (Tampas)". NC38 - "[As] crianças perguntam à CF se não podem preparar um Teatro, para apresentar aos pais". NC43 - "[Assumindo] o Dudu o papel de apresentador e narrador da história". NC46 - "As crianças que representam, fazem as vozes dos animais e falam o texto, referente ao momento da história, revelando apropriação da narrativa". NC46 - "[As] crianças, desenharam primeiro a lápis e depois pintaram com tinta, utilizando pinceis e rolos". NC48 - "[As crianças] decidiram que preferiam desligar as luzes grandes e levar o retroprojetor da sala [durante o espetáculo], para apontar para o cenário, o que 	13

			<p>permitiu criar um ambiente mais de palco". NC49</p> <p>- "As crianças que desempenharam as personagens principais de ambas as histórias, revelaram-se bastante importantes neste processo, dado se mostrarem bastante desinibidas em palco e saberem o texto completo, o que ajudou no processo". NC49</p>	
		Criação de histórias/narrativas com continuidade	<p>- "A história criada (...) teve uma certa continuidade nas ações". NC4</p> <p>- "Eram dois ladrões que foram para o museu e roubaram dinheiro. Depois um senhor viu e telefonou à polícia. Foi no seu carro, com o seu cão. Depois prenderam-no e levaram-no para a prisão...na esquadra". NC15</p> <p>- "A história teve continuidade e foi contextualizada com o calendário recente (natal)". NC21</p> <p>- "As crianças interagiram seguindo um tema criado por todos: uma festa de Halloween e a preparação para um piquenique, exterior ao espaço da casinha, o que pressupôs a utilização de um carro para a mudança de espaços". NC28</p> <p>- "As crianças em situação de brincadeira livre, representam facilmente situações da vida diária, revelando-se muito criativos e desinibidos entre os seus pares". NC44</p> <p>- "As crianças que propuseram esta atividade revelaram-se conhecedores da história". NC46</p>	6
		Criação de histórias/narrativas sem continuidade	<p>- "[Durante a manipulação de fantoches,] as personagens entram e saem de cena sem continuidade na história e sem interação entre elas". NC2</p> <p>- "[Na manipulação de fantoches], sem interligação na história". NC3</p> <p>- "[la] repetindo a mesma frase: "Eu estou cheio de fome e vou-te comer!". NC8</p> <p>- "Não foi criada uma história com continuidade nesta pequena brincadeira, mas simplesmente criadas as personagens a partir de objetos selecionados pelas três crianças". NC26</p> <p>- "Não criaram nenhuma narrativa com continuidade, mas limitaram-se à exploração livre dos seus objetos animados, vocalizando alguns sons onomatopaicos (Boing, pummm)". NC38</p>	5
		Uso criativo de materiais	<p>- "[Elas] vão buscar os fantoches que escolheram para o espetáculo que pretendem partilhar com a grupo". NC1</p> <p>- "[Foram] utilizados pelas crianças, não só fantoches de dedo com de luva". NC3</p>	15

			<ul style="list-style-type: none"> - “[Selecionam] as cartas que pretendem utilizar para a sua narrativa e posicionam-nas na vertical para os restantes poderem ver”. NC4 - “O Ronaldo manipulou com à vontade o microfone”. NC8 - “[O Dudu durante a apresentação assumiu o papel de apresentador], ao mesmo tempo que segurava na mão um objeto (jogo de ímanes), simulando um microfone verdadeiro”. NC21 - “Os objetos manipulados pelas crianças e que assumiram personagens foram estabelecendo relações de parentesco entre si, referindo as crianças alguns atributos que as caracterizavam- boa/má; mãe/prima”. NC26 - “[O Schreck], colocou um legume na boca, fazendo de conta que era um cigarro e fingindo que o mesmo estava a deitar o fumo”. NC28 - “Os figurinos são escolhidos autonomamente pelas crianças e ajudam a caracterizar as personagens escolhidas pelas mesmas”. NC28 - “As seis crianças referidas acima, estiveram a explorar os seus movimentos, mostrando um grande envolvimento na manipulação desse novo material”. NC38 - “[No] decorrer desta dinâmica, as crianças resolveram explorar a manipulação das suas marionetas de fios noutros espaços da sala, nomeadamente a área polivalente/Jogos de chão. Este alargamento de espaços, permitiu-lhes explorar mais a manipulação”. NC38 - “[O Ronaldo] parou e colocou a sua marioneta dentro de uma caixa dizendo: Estamos numa piscina. NC38 - Decidem que para a história do Coelho Branco querem fazer máscaras”. NC43 - “As crianças sugerem que vejam no livro da história as imagens das personagens, de forma a perceber algumas características específicas: orelhas e nariz”. NC43 - “Utilizam a casa que construíram anteriormente (NC 43) e pedem o microfone e coluna real para começarem o espetáculo”. NC46 - “As máscaras utilizadas foram um adereço bem aceite pelas crianças e que as ajudou a materializar mais a sua própria personagem”. NC49 	
--	--	--	--	--

	Solução de problemas e resiliência	Resolução independente de problemas	<ul style="list-style-type: none"> - “[A Aurora esteve] sempre muito envolvida, entusiasmada e desinibida na verbalização da história, mostrando também bastante criatividade na criação da narrativa apresentada aos colegas e CF”. NC21 - “[As] duas crianças foram buscar os bancos e começaram a preparar o cenário”. NC41 - “As crianças decidem que querem fazer duas histórias- “O Coelho branco” e “Eu não fui”. NC43 - “[Se] a Luana não trouxe a roupa branca, ela pode usar a roupa de cozinheiro da nossa casinha que é branca”. NC43 - “[Para] o cenário podemos esticar lenços esticados verdes (...) para a horta”. NC43 - “[Um] pequeno grupo [de crianças] resolve ir fazer uma casa para o coelho branco nos jogos de chão, com o jogo das varas”. NC43 - “No momento do diálogo, há personagens/crianças que estão mais distraídas e não falam no momento certo, sendo que os dois organizadores deste ensaio, decidem após esta dificuldade, chamar a personagem pelo nome, de forma a facilitar este processo e permitir a continuidade na narrativa”. NC 46 - “O (...) desempenho [dos apresentadores das duas peças apresentadas] foi realizado sem a intervenção do adulto”. NC49 	8
		Resolução de problemas com intervenção do adulto	<ul style="list-style-type: none"> - “[As crianças] mostram-se envergonhadas e não dizem nada (...) pelo que resolvo intervir (...) reagem também com outro fantoche e respondem à minha intervenção”. NC1 - “Perante a sua vergonha inicial, insisto para que comecem por apresentar o nome do espetáculo”. NC2 - “As duas crianças que apresentam o espetáculo mostram necessidade de interação com o adulto (CF) que assiste”. NC2 - “De realçar, que o Pedro começa a colocar as cartas no quadro em sentido contrário (da direita para a esquerda) [com] o apoio de retaguarda do adulto [corrigem a situação]”. NC15 - “Por vezes, tiveram dificuldade em perceber como conseguir fazer andar o “boneco” e os fios enleavam-se, recorrendo por vezes ao adulto para os ajudar a resolver esta situação”. NC38 	10

			<ul style="list-style-type: none"> - “[Tiveram] dificuldade em se organizar em grupo na apresentação, dado o grande entusiasmo perante a utilização da luz negra e pelos novos materiais (marionetas de fios). O adulto interveio sempre que se considerou necessário”.NC38 - “A CF manteve-se a assistir e foi ajudando, com apoio de retaguarda, no processo criativo”. NC41 - “Perante (...) questões [da CF], as crianças acrescentaram mais cartas de diferentes categorias, enriquecendo a narrativa criada”. NC41 - “[A] CF percebe que o apoio do adulto se torna essencial numa primeira fase, principalmente na criação da base da máscara”. NC43 - “[A] CF ajudou a distribuir tarefas, para que em conjunto conseguissem um produto mais harmonioso”. NC48 	
		Persistência em tarefas desafiadoras	<ul style="list-style-type: none"> - “O Robin, que é uma criança mais tímida e normalmente pouco interventiva em situações de exposição, neste momento estava muito à vontade e feliz nesta dinâmica”. NC8 - “A Aurora que se revela muito envergonhada perante o grande grupo em momentos mais expositivos, ocupou nesta atividade uma posição de líder na brincadeira”. NC21 - “[Foram] todos muito persistentes e continuaram a movimentar as suas marionetas, o que originou cada vez uma maior apropriação deste novo material e descoberta de novas possibilidades de utilização”. NC38 - “Neste momento, as crianças já se revelam bastante autónomos e mais confiantes em si próprios e nas suas capacidades, o que transparece no seu desempenho e dramatização das ações”. NC46 - “[O Dudu e o Ronaldo] conseguiram concretizar os seus objetivos [ensaiar o Teatro do coelhinho branco], apesar de perceberem que seria necessário definir antes das apresentações a ordem das personagens”.NC46 - “As crianças falaram “mais alto” durante a sua representação, o que revelou maior consciência desse elemento importante para o público que assiste”. NC49 - “A necessidade de substituição de atores, foi resolvida pelas crianças, de forma a se sentirem envolvidas nesta mudança e se apropriarem mais desse novo papel. A troca correu muito bem e as crianças estiveram bastante calmas nesta representação extra”. NC49 	7

	Interação social e colaboração	Iniciativa em atividades cooperativas	<ul style="list-style-type: none"> - “[Aa crianças] conversam entre elas sobre a narrativa que pretendem apresentar”. NC1 - “A Gata observa e escuta a Branca de neve na sua narrativa, deixando-se levar pela mesma e apenas manipulando as personagens que vão sendo nomeadas”. NC2 - “Uma criança ocupa o lugar de líder na brincadeira, sendo a outra colaboradora no processo criativo”. NC2 - “De referir, que foram nomeados alguns atributos das personagens, existindo também interação física entre as personagens, que apareciam em cena em simultâneo (fantoques manipulados pelo par)”. NC2 - “A Alfaca foi a líder na brincadeira e a Gata mostrou-se feliz no processo criativo que construíram em conjunto”. NC3 - “As duas crianças organizaram-se autonomamente na narração da história, conseguindo alternar as suas intervenções e tentando reproduzir o que antes tinham combinado”. S4 - “Perguntam quem quer assistir”. S8 - “A interação entre as três crianças envolvidas na apresentação deste espetáculo foi muito boa, cooperando e esperando pela sua vez para falar e não e sobrepondo uns aos outros”. S21 - “O Dudu assumiu simplesmente o papel de apresentador no início do espetáculo, referindo o título da história”. S21 - “As três meninas, conversavam entre elas durante a brincadeira”. S26 - “Em grupo, combinam as regras do jogo que pretendem realizar, incluindo a distribuição das personagens”. S26 - “[No decorrer da brincadeira de faz de conta], verificou[-se] algum diálogo entre as crianças”. S28 - “As crianças aceitaram a sugestão da CF e colaboraram entre elas na arrumação dos materiais necessários para o efeito”. S38 - “Pediram para apresentar, entretanto, um espetáculo para a grupo no final do dia”. NC38 - “[Escolheram] as cartas e inventaram duas pequenas narrativas em conjunto”. NC41 	19
--	--------------------------------	---------------------------------------	--	----

			<ul style="list-style-type: none"> - “Interagem entre si sem necessidade de reforço do adulto e organizam a brincadeira entre eles”. NC44 - “A distribuição de personagens entre todos foi realizada em concordância, representando os papéis após a mesma”. NC44 - “As crianças mostraram-se muito motivadas e envolvidas na elaboração do cenário, respeitando os seus pares durante o trabalho em equipa.” NC48 - “De referir ainda, que as crianças se mostraram bastante descontraiadas na representação, interagindo com os seus pares/ personagens da história com bastante à vontade”. NC49 	
		Partilha de ideias e feedback	<ul style="list-style-type: none"> - “O Dudu perguntou se já tinham apresentador e ofereceu-se para desempenhar esse papel, sendo a sugestão aceite pelas duas meninas”. S21 - “[O Dudu referiu:] Eu não sei como o Pedro conseguiu mexer no dinossauro com cinco fios”. NC38 - “[O Robin referiu:] É difícil [a manipulação de marionetas de fio]”. NC38 - “[As crianças mostram] gosto pela partilha e pelo público”. NC38 	4
		Envolvimento do público na atividade	<ul style="list-style-type: none"> - “Perante esta brincadeira, tivemos algumas reações bastante positivas, no público presente”. NC1 - “Sento-me num banco à frente do <i>Castelet</i> junto ao Thanos e Ariel que também assistem e observo”. NC2 - “[Aproximo-me], por iniciativa própria para assistir, juntamente outras crianças que já lá se encontravam”. NC3 - “As restantes crianças da sala ouviram atentamente a história narrada, aplaudindo no final da apresentação, por incentivo da CF [que também assistia ao espetáculo]”. NC4 - “[Perante o convite verbal para assistirem ao espetáculo] logo se aproximam muitas crianças”. NC8 - “O Pedro que está a assistir vai intervindo [com perguntas sobre o que observa]”. NC8 - “A gata ri”. NC8 - “O Afonso refere: É comilão!”. NC8 - “O público permaneceu sentado em frente ao <i>castelet</i> e bastante atento ao 	14

			<p>longo de todo o espetáculo, batendo palmas no final da apresentação”. NC21</p> <p>- “[À] medida que outras crianças foram terminando as marionetas, começaram a juntar-se ao par inicial”. NC38</p> <p>- “[Mais] três crianças se aproximaram [da Área da biblioteca] (...) colocando-se em frente à apresentação dos amigos para assistir à história”. NC41</p> <p>- “O público (restantes crianças que se aproximaram), estiveram atentas e mostraram entusiasmo na narrativa dos colegas”. NC41</p> <p>- “O público mante-se bastante envolvido no processo e o final, bate palmas aos atores”. NC46</p> <p>- “A apreciação e avaliação dos espetáculos foi excelente, tanto por parte das crianças como dos adultos, estando todas as crianças muito envolvidas e felizes com este momento. Verbalizaram no final esta avaliação”. NC49</p> <p>- “[Após os espetáculos] o público aplaudiu”. NC49</p>	
		Convite ao adulto para assumir o lugar de público	<p>- “Vêm chamar-me e pedir-me para assistir ao seu espetáculo”. NC1</p> <p>- “Vão convidar-me para assistir ao seu espetáculo”. NC2</p>	2
	Modalidades de participação	A pares	NC1, NC2, NC3, NC4, NC15, NC41	6
		Em pequenos grupos (até 5 crianças)	NC8, NC21, NC26, NC28, NC44	5
		Em grande grupo (mais de 5 crianças)	NC38, NC43	2
	Autogestão e responsabilidade	Planeamento e organização de atividades	<p>- “As crianças revelam já uma grande predisposição para (...) organizarem, de forma autónoma, pequenos espetáculos”. NC38</p> <p>- “Podemos ir buscar uma mesa para a biblioteca e o pano preto? Queremos fazer uma história com as cartas”. NC41</p> <p>- “Também se verificou capacidade nas crianças para a organização do espetáculo de forma autónoma: preparam os materiais para apresentar aos outros”. NC41</p> <p>- “As crianças referem que se podem inscrever [para a distribuição das personagens]”. NC43</p> <p>- “[Duas crianças] vão ter com a CF e perguntam se podem ensaiar o Teatro do Coelho branco. Estas duas crianças lideram o grupo e colocam cadeiras para</p>	6

			os restantes assistirem ao espetáculo”. NC46 - “Os dois chamam as crianças que fazem parte dessa história e as restantes convidam-nas a sentar-se”. NC46	
		Cuidado com os materiais	- “[Houve] cuidado na sua manipulação, dado sentirem que o material era um pouco mais frágil (fio) e exigia maior atenção para não se enlearem os fios”. NC38	1

Anexo F. Entrevista focalizada de grupo

| ' ' | | ' ' |

Anexo F1. Guião da entrevista focalizada de grupo

Blocos	Objetivos	Para um formulário de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação dos/as entrevistados/as	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista. - Motivar os/as entrevistados/as. 	<ul style="list-style-type: none"> - Informar sobre a natureza do estudo em curso e o objetivo. - Solicitar a colaboração dos entrevistados. - Solicitar autorização para proceder à gravação vídeo da entrevista. - Assegurar o anonimato e a confidencialidade das informações prestadas em entrevista. 	A entrevistadora deverá ter em conta a faixa etária dos/as entrevistados/as. Desta forma, será importante adequar o vocabulário, de forma a tornar-se claro.
B. Conceções sobre teatro	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a conceção das crianças sobre o conceito de Teatro. - Perceber a importância da materialidade para as crianças entrevistadas. - Perceber se o faz de conta no JI, é visto pelas crianças como prática teatral. 	<ul style="list-style-type: none"> - Perguntar sobre a noção de Teatro. - Questionar sobre o que é preciso para fazer teatro. - Perguntar se o faz de conta é considerado teatro. 	Durante a entrevista, valorizar as opiniões de todas as crianças, mesmo divergentes, de forma que se sintam respeitadas.
C. Experiências teatrais	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber quais as vivências das crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> - Perguntar quais as experiências das crianças em teatro no jardim de infância. 	Durante a entrevista, a entrevistadora pode questionar se as experiências de teatro no jardim de infância também incluem visitas de estudo.
D. D1. Expectativas sobre as atividades de teatro (outubro) D2. Opinião sobre as práticas vivenciadas (abril)	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as expectativas das crianças sobre a criação da rotina semanal de Teatro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Questionar as crianças sobre o que esperam fazer nas sessões de Teatro, a incluir na rotina semanal de sala, em contexto escolar. 	- Caso não explicitem, perguntar se têm ideias para atividades a realizar.
E. Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Finalizar a entrevista. - Agradecer a colaboração na realização do trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Questionar se, para além das questões já realizadas, querem prestar mais alguma informação que considerem pertinente. - Agradecer a colaboração prestada. 	- Confirmar se existe algo mais a acrescentar.

Anexo F2. Formação de grupos- entrevista focalizada do grupo A e B

Formação de grupos	Critério selecionado	Nome codificado das crianças	
Focus Group A	Crianças que já frequentaram a sala 2 no ano letivo anterior	A1	Homem Aranha
		A2	Robin
		A3	Dudu
		A4	Luana
		A5	Pedro
		A6	Afonso
		A7	Elsa
		A8	Polícia
		A9	Ronaldo
		A10	Dinossauro
Focus Group B	Crianças que frequentaram este JI pela primeira vez	B1	Branca de neve
		B2	Panda
		B3	Gata
		B4	Pérola
		B5	Schreck
		B6	Alface
		B7	Aurora
		B8	Fada madrinha
		B9	Thanos
		B10	Ariel

Anexo F3. Entrevista focalizada do Grupo A

Anexo F3a. Transcrição da 1ª Entrevista- Grupo A- outubro 2023

Entrevistados: 8 crianças_(Homem Aranha, Robin, Dudu, Pedro, Afonso, Elsa, Ronaldo e Dinossauro)

Entrevistadora: CF

Local: Local de trabalho da entrevistadora; sala de Jardim de Infância

Data: 11 de outubro de 2023

Horário: 9:30horas

Nota: A criança Luana faltou e a criança Polícia, não quis participar no momento da entrevista, pelo que se respeitou a sua vontade.

Entrevista gravada em vídeo e áudio (11:12)

CF: Então vá, vamos começar. Vocês sabem porque eu vou fazer esta entrevista?

Todos: Não. Não. Sim.

Pedro: O Dinossauro já está com medo.

CF: Então, porquê? Com medo de quê? Eu nem lhe disse nada. Vocês têm medo de entrevistas? Não, vocês vão ver o que é para responder. Isto são só perguntas que eu vou fazer e que vocês sabem o que vão responder.

Olha, mas eu preciso de fazer este trabalho porquê? Dudu, tu achas que sabes? É para eu entregar este trabalho onde? Eu já disse, estava... Eu pedi aos pais. Eu pedi aos pais. Porque a CF está a estudar na faculdade que é lá em cima naquela escola onde esteve a Marta o ano passado e que está a EST e a CF também está nessa escola à noite. Estou a tirar o curso de teatro que eu disse a vocês o ano passado. Então, eu tenho que fazer um trabalho com vocês e fazer perguntas e fazer coisas giras. E temos ali no dia azul que vai começar o teatro. Sessões do teatro que nós vamos começar. Vamos começar o teatro.

Ronaldo: E já passou os anos do Homem aranha.

CF: O Homem Aranha só faz anos na sexta-feira.

Ronaldo: Mas quando começar aquilo, já passou os do Homem Aranha.

CF: Sim...quando começar o teatro já passou os anos do Homem Aranha. Então vou começar. Ah, primeira coisa, preciso de saber se vocês aceitam dar esta entrevista. Vamos filmar...concordam?

Todos: Sim!

CF: Então vamos começar. Vamos filmar e depois vamos ver a entrevista. Pode ser? É claro. Depois nós vemos projetado. Primeira pergunta. O que é que vocês acham que é o teatro?

Dudu: Fazer coisas tipo fantoches.

CF: O teatro é só fantoches?

Pedro: E também podemos fazer fantoche com meias.

Dinossauro: Com meias...

CF: O teatro é só fantoches?

Dudu, Pedro e Ronaldo: Não

Pedro: Também podemos fazer com microfone.

Afonso: Pode ser uma história gira. Sim.

CF: E é preciso uma história para fazer teatro?

Dinossauro: Eu quero *A que sabe a lua*.

CF: Mas é preciso algum material ou alguma coisa para fazer teatro ou pode-se fazer teatro sem nada?

Dudu: Pode-se fazer teatro sem nada.

CF: O Dudu acha que pode ser um teatro sem nada. Mas vocês falaram em fantoches. Fantoche não é nada? Se for fantoches é preciso o quê?

Ronaldo: ...de pau...

CF: Sim...de vara e mais? Então precisamos de fantoches se for um teatro de fantoches. E se for um teatro de histórias, como disse o Afonso, é preciso o quê para fazer um teatro de histórias?

Afonso: Máscaras.

CF: Ah, então precisamos de máscaras. E mais?

Pedro: E também podemos fazer bonecos.

CF: Bonecos também dá para fazer teatro... e vocês têm uma área aqui na nossa sala que é a área da casinha. A área da casinha, vocês brincam ou faz de conta? Também é teatro ou não? A casinha?

Afonso: Pode Ser.

CF: **Pode ser?**

Ronaldo: Sim.

CF: **Porquê?**

Pedro: Porque o... O Afonso, no ano passado, ele estava sempre a brincar. Estava sempre a brincar, às escondidas. Ele saiu de lá a brincar aos ladrões. Acabam a brincar aos ladrões a fingir. Com máscara.

CF: **Sim. Então achas que é teatro? Também na casinha também se faz teatro?**

Dudu: Sim, mas como se fosse numa casa de verdade.

Pedro: A fingir que a casinha é uma casa de verdade.

CF: **Ah, e vocês são pais e mães e ladrões, vilões...e o que for? Personagens...**

Dinossauro: E polícias...

Pedro: como bombeiros...temos lá!

CF: **Porque temos fatos?**

Dinossauro: E também ambulâncias...

Pedro: Sim, Ó CF, podes comprar um fato de polícia ou de ladrão!

Dinossauro: Eu gosto de teatros...

CF: **Também podemos criar fatos.**

CF: **O que é que vocês já fizeram de teatro aqui no Jardim de Infância?**

Todos: [A] Que Sabe a lua? [A] Mosca Fosca. *Teatro da Mosca Fosca.*

CF: **O *Teatro da Mosca Fosca*?**

Dinossauro: Não...e o Rei Leão.

CF: **Ah, do teatro do final do ano passado. Sim. Mas vocês falaram de teatro de fantoches? Fizeram teatros de fantoches?**

Pedro: Sim...Mas não fizeram *A que sabe a lua* e *A mosca fosca*...não fizeram com fantoches.

CF: **Pois não... foi com o quê?**

Dudu: Foi com máscaras. Só com máscaras.

CF: Com máscaras na nossa cara.

Afonso: E os pais sentados a ver.

CF: Ah, e os pais vieram a ver, ficaram sentados a ver, pois foi.

Pedro: E o meu irmão também estava.

CF: No final do ano, foi aquele teatro que vocês falaram também, que foi o *Aniversário do Leão*.

Dinossauro: Sim. Sim, eu sou o peixe!

Pedro: Muitas pessoas foram lá.

Dinossauro: Sim. Sim, eu sou o peixe!

CF: Sim, foste o peixe! E muitas pessoas vieram. Porque vocês fizeram personagens, mas havia pessoas a assistir. Mas na casinha não há ninguém a ver...como é que é teatro?

Ronaldo: Sim, podem chamar e ver.

Dudu: Podem...

CF: O que acham que a CF vai fazer a partir daquele dia que está ali? O que é que acham que eu vou fazer nessas sessões de Teatro? Quais são as vossas ideias? O que vocês acham que eu vou fazer?

Dinossauro: Não sei.

CF: Pensem.

Ronaldo: Já sei.

CF: Diz lá, Ronaldo.

Ronaldo: É fantoches. São pretos e brancos e azuis.

Dinossauro: Amarelos. Sim, sim. E eu quero ir na cozinha.

CF: Olha, ainda não ouvia Elsa. Não quer dizer nada. O que é que tu achas que eu vou fazer no teatro? Os dias de teatro que nós vamos ter especiais. Os dias de quartas-feiras, os dias azuis.

Ronaldo: Acho que já sei. Vamos fazer com aquilo que está lá ao fundo (aponta para a barraca dos fantoches).

CF: Olha, mas não vai ser na nossa sala os dias do teatro. Vamos fazer no auditório. No auditório não temos lá nada. Oh, oh e agora?

Dudu: Vai ter que ser com o corpo.

CF: Com o corpo? Pode ser.

Dudu: Com meias!

CF: Porque vocês viram que eu pedi meias aos pais. Uma boa ideia. Descalçar os sapatos? Pois é, pode ser uma ideia. Descalçar os sapatos. No dia do teatro, já descobriste alguma coisa, Dudu? Tens ideias, Elsa? Não? E vocês querem dizer mais alguma coisa sobre o teatro?

Pedro: Eu quero.

CF: Diz lá e fala.

Pedro: Também podemos levar os primos, os avós, os irmãos para verem.

CF: Querias que eles vissem?

Pedro: Sim.

CF: Mas nós quando fizemos teatro... - Sim. Espera, Dinossauro. O que é que nós tivemos que fazer muitas vezes antes de apresentar...?

Dudu: - Treinar. - Treinar.

CF: Não sei...podemos depois no final, se vocês quiserem, fazer qualquer coisa para apresentar.

Ronaldo: CF... Já sei, é da vossa escola.

CF: Achas que é alguém da escola lá de cima, como fomos o ano passado? - Sim. - Há uma sessão que nós fomos lá em cima, que foi de dança, que o Dudu adorou.

Pedro: Foi no ano passado? Mas eu ainda não estava nessa escola...

Ronaldo: Estavas sim Pedro.

CF: Vai ser surpresa.

Ronaldo: E só foi no ano passado?

CF: Foste lá acima a dançar, com a professora Susana...com os crescidos! Não me lembro o que mais disse ... que também dançaram com vocês e tudo. Só não te lembras. Se calhar faltaste nesse dia.

Ronaldo: Não, não faltei.

Dinossauro: No Halloween!

Pedro: No dia do Halloween nós fomos lá em cima, ao primeiro ano, para ver as máscaras e as músicas.

Ronaldo: Não! Doces!

CF: Ah, olha o Afonso quer dizer qualquer coisa.

Afonso: O meu primo, no Halloween, me deu um doce.

CF: Mas nós não estamos a falar sobre o Halloween.

Pedro: Pois não. É no fim do mês. No dia amarelo...

CF: Era do teatro. Sim, o Halloween é no fim do mês de outubro. No fim do mês, onde ele tem a amarela. Olhem, vocês costumam ir ao teatro com os pais? Alguma vez foram ao teatro com os pais?

Dinossauro: O Pedro já foi...

Pedro: Eu já fui há muito tempo, muito tempo... ainda não estava com vocês nesta escola. Quando eu era pequeno e tinha muito medo em fazer e não sabia fazer entrevistas.

CF: Estavas noutra escola. E às vezes dá vergonha de falar ao pé das outras pessoas. É normal...

Pedro: Os meus pais também iam e eu tinha vergonha porque tinha muitas pessoas. Mas os meus amigos não tinham vergonha. Uns tinham quatro e outros tinham três e outros dois...e eu era o único que tinha quatro e não gostava de fazer entrevistas...

CF: Não querem dizer mais nada?

Todos: Não...

CF: Obrigada, pela entrevista.

Anexo F3b. Análise de Conteúdo da 1ª Entrevista- grupo A

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	F.U.R.
Conceções sobre o Teatro	Conceito de Teatro	Dramatização de histórias	- “[Pode] ser uma história gira.” (Afonso) - “Eu quero <i>A que sabe a lua</i> .” (Dinossauro) - “[O] <i>Teatro do rei Leão</i> .” (Dinossauro)	3
		Expressão Corporal	- “Pode-se fazer teatro sem nada.” (Dudu)	1
		Teatro de Marionetas	- “Fazer coisas tipo fantoches.” (Dudu) - “[São marionetas feitas] de pau.” (Ronaldo) - “[Podemos] fazer fantoches com meias.” (Pedro)	3
		Atuação/ performance	“Treinar...treinar.” (Dudu)	1
	Materialidade no Teatro	Objetos enquanto formas animadas	- [Podemos fazer fantoches] com meias.” (Dinossauro) - “[São] máscaras.” (Afonso) - “[Podemos] fazer bonecos.” (Pedro) - “[Com] máscaras.” (Dudu)	3
		Objetos enquanto adereços	- “[Podemos] fazer com microfone.” (Pedro)	1
		Objetos enquanto Figurinos	- “CF, podes comprar um fato de polícia ou de ladrão.” (Pedro)	1
	Relações Teatro/Faz de conta	Assumir papéis/personagens	- “[O] Afonso saiu de lá a brincar aos ladrões. [Afonso] - “Acabam a brincar aos ladrões a fingir.” (Pedro) - “[Podemos ser] polícias.” (Dinossauro) - “[Podemos ser] bombeiros.” (Pedro)	3
		Manipular objetos	- “[Podemos inventar]” ambulâncias.” (Dinossauro) - “[Na área do faz de conta), temos coisas de bombeiro.” (Pedro)	2

		Inventar ou recriar Espaços/ cenários	- “[Podemos] brincar como se [área do faz de conta/casinha] fosse uma casa de verdade.” (Dudu) - “[Podemos] fingir que a casinha é uma casa de verdade.” (Pedro)	2
		Ter público	- “Na casinha podem chamar e ver.” (Ronaldo) - “Podem.” (Dudu)	2
Experiências teatrais	Memórias sobre teatro em contexto de JI	Desempenho de personagens	- “[Eu fui] o peixe.” (Dinossauro)	1
		A experiência de ter público	- “[Os] pais [estavam] sentados a ver.” (Afonso) - “[O] meu irmão também estava.” (Pedro) - “[Muitas] pessoas foram lá.” (Pedro)	3
		A experiência “de fazer”	- “Quando eu era pequeno e tinha muito medo em fazer e não sabia fazer entrevistas (...) os meus pais também iam e eu tinha muita vergonha, tinha muitas pessoas.” (Pedro)	1
	Memórias sobre teatro em contexto familiar	Assistir a espetáculos	- “O Pedro já foi.” (Dinossauro) - “Eu já fui há muito tempo (...) ainda não estava com vocês nesta escola.” (Pedro)	2
Expectativas das sessões de Teatro	Realização de sessões no auditório	Atividades de Teatro de marionetas	- “É fantoches.” (Ronaldo) - “Vamos fazer com aquilo que está lá ao fundo [e aponta para o <i>Castelet</i> na sala de JI].” (Ronaldo)	2
		Atividades de Expressão corporal	- “Vai ter que ser com o corpo...com meias.” (Dudu)	1
		Participação de convidados	- “Já sei! É [alguém] da vossa escola [faculdade].” (Ronaldo)	1
		Apresentação para a família	- “Podemos levar os primos, os avós, os irmãos para verem.” (Pedro)	1

Anexo F3c. Transcrição da 2ª Entrevista- grupo A- abril 2024

Entrevistados: 9 crianças (Homem aranha, Robin, Dudu, Pedro, Afonso, Elsa, Ronaldo e Luana)

Entrevistadora: CF

Local: Local de trabalho da entrevistadora; sala de Jardim de Infância

Data: 5 de abril de 2024

Horário: 13:30horas

Nota: A criança Dinossauro faltou.

Entrevista gravada em vídeo e áudio (19:37)

CF: Vou começar...a primeira coisa...posso filmar?

Todos: Sim.

CF: Ok. Autorizam então...OK! Depois, sabem para que é que esta entrevista?

Pedro: Não, não.

CF: Não? Já não se lembram?

Ronaldo: Para...

Dudu: Sim.

CF: Então é para quê? Porque eu estou a fazer o quê?

Afonso: Teatro.

Polícia: Teatro.

CF: Que eu estou a fazer Teatro? Mas, porque é que eu comecei a fazer Teatro?

Dudu: Sim, porque fizemos um projeto [de teatro].

CF: Eu estou a estudar. Lembram-se, onde?

Dudu: Na faculdade.

CF: Na faculdade e preciso fazer entrevistas às crianças...pois, que são vocês.

Polícia: E que mais CF? As crianças...que mais, CF?

CF: A pronto, mas eu não vou mostrar a ninguém estas filmagens. Só para vocês e para mim e para os pais, se quiserem ver depois, não é? Não vou levar para a escola sem vocês me deixarem. Só se vocês depois deixarem, mas eu depois peço-vos.

CF: Então primeira pergunta, o que é o teatro?

Ronaldo: É uma coisa para mostrar às pessoas.

Dudu: ...às pessoas.

Luana: Um trabalho.

Afonso: Para nós apresentarmos uma história.

Polícia: Para as pessoas. É uma história, CF.

CF: É uma história. Mais alguma ideia?

Pedro: Pode ser histórias.

Afonso: Também pode ser uma história de há muito tempo.

Ronaldo: Histórias que ninguém conhece.

Luana: Também pode ser pelo Trabalho, como como aquele outro trabalho que tu falaste.

CF: Qual trabalho?

Dudu: A faculdade?

Luana: Não. O outro, no teatro. Aquele, que quando a gente saiu do teatro, a gente foi à casa de banho e tu falaste que aquilo era um trabalho...

CF: A dos atores?

Luana: Sim...

CF: As meninas que estavam a representar? As atrizes? Que o trabalho delas de estar a fazer teatro pode ser um trabalho de uma pessoa, é isso? Que pode ser uma profissão? Que é como ser professor...pode ser atriz e o teatro achas que é de uma profissão? Pode ser, é isso, diz lá eles o que é o teatro? Era isso que tu ias dizer?

Luana: Sim.

CF: E tu Homem aranha não queres dizer nada? E tu Elsa? [acenam que não com a cabeça]
E tu Robin?

Robin: Estou a pensar.

Ronaldo: É para verem os seus meninos.

CF: Para verem os meninos? Quais meninos?

Afonso: Não, para os pais verem os seus meninos a "atar".

CF: A atuar?

Afonso: ...sim...

CF: Ah, mas isso é teatro de crianças. Há teatros diferentes?

Luana: Sim, uma vez a gente fez, eu era um passarinho.

Ronaldo: Para adultos, médios e pequeninos.

CF: Sim...no final do ano fizemos um teatro para toda a gente ver, no final do ano.

Luana: sim...e eu não queria ir para a escola.

CF: Estavas com vergonha?

Luana: sim...

CF: Ok. Segunda pergunta, o que é que é preciso para fazer teatro?

Afonso: Máscaras.

Luana: Máscaras.

CF: Diz lá, Robin...

Robin: Marionetas.

Pedro: Vestidos.

Ronaldo: Máscaras.

Luana: Roupa para se disfarçar e para se vestir.

CF: Mais alguma coisa? O que é que é preciso mais, para fazer Teatro?

Dudu: Atores.

Ronaldo: Palco.

Afonso: Treinar...

CF: Boa...treinar...

Luana: E uma panela para fazer a sopa. [relação com a história do coelhinho branco]

Ronaldo: E também pessoas para ver.

Afonso: E também um apresentador.

CF: Mas é sempre preciso um apresentador?

Ronaldo: Não, não é preciso. Naquela história das duas meninas [Teatro Papa-léguas], não havia. Só havia música!

CF: Mas na história das duas meninas não havia apresentador, foi? Então é preciso música?

Dudu: Às vezes sim.

CF: OK, então às vezes, pode haver Teatro com música.

Afonso: Na das meninas tinha lengalengas.

CF: Também pode ser lengalengas.

Robin: Precisamos de cadeiras para as pessoas se sentarem.

CF: Mas o último teatro que nós fomos, tinha cadeiras?

Todos: Não.

Robin: A do Papa-léguas não tinha. Só a do Jack.

CF: Tinha uns bancos corridos e nós sentámo-nos lá nas almofadinhas. Então pode ser um sítio para sentar.

Afonso: Só que era muito pequeno.

CF: Sim, era um espaço mais pequeno. O teatro do Jack era um espaço grande. Levava muita gente.

Afonso: Muito maior.

CF: Elsa, tu não queres dizer nada? O que é que é preciso para fazer teatro?

Luana: Eu acho que ela não sabe.

CF: Claro que sabe. Ela também já fez teatro. Está a pensar.

Dudu: Máscaras.

Ronaldo: As meninas também não usaram.

Luana: Objetos.

Afonso: Elas estavam a trocar de roupa. Estavam a por outras roupas para ser mais personagens.

CF: Então precisam de personagens no Teatro?

Todos: Simmm.

Ronaldo: Mas têm que por pausa...A fingir que era uma história muito grande...também precisam de pôr em pausa para as pessoas fazerem xixi.

Afonso: Não.

CF: Mas no meio do Teatro, achas que as personagens saem...?

Ronaldo: Não. Para fazerem pausa, para eles mudarem...

Pedro: Aquela não tinha, do Papa-léguas [não tinha intervalo]!

Robin: Só a do Jack, tinha!

Pedro: O do Jack tinha, porque era muito alto.

CF: Achas que era porque o palco era alto ou porque tinha cenários diferentes?

Luana: Sim...cenários diferentes.

Afonso: Cenários diferentes.

Dudu: Sim...porque demoravam muito. [troca de cenários].

Robin: E depois tinham que trocar as coisas.

CF: O do Jack era um espaço maior.

Pedro: Mas nós às vezes...nós vimos uma parte que tinha rodinhas baixo e depois mexia-se no palco.

CF: Ah para mudar as coisas, alguns objetos que tinham rodas para ser mais rápido, deslizar no palco, é isso, OK?

Pedro: Simmm...

CF: Também vimos outras pessoas que são importantes no teatro.

Afonso: Estava um buraco ali [e apontou para o teto] e outra pessoa ali.

Robin: Para meter o cortinado?

CF: Ali aonde? No buraco? E o que é que fazia lá em cima?

Dudu: Era para meter o feijoeiro...

Luana: Sim, o feijoeiro mágico.

CF: Ah e eu perguntei se vocês achavam que brincar ao faz de conta na casinha, se era Teatro?

Luana: Não.

Pedro: Pode ser.

Dudu: Mais ou menos.

Afonso: Pode ser...

Ronaldo: Pode ser se chamarem as pessoas para verem.

Dudu: Sim...chamarem as pessoas a fingir.

CF: Sim, deixa explicar o Afonso a ideia dele.

Afonso: Podemos tirar aquela parte... [e aponta para os móveis da área do faz de conta/casinha] e a seguir fica.

CF: Os móveis? Se estiver tudo aberto fica um teatro?

Afonso: Não...

CF: Se mudarmos a disposição dos móveis, é isso?

Afonso: Sim.

CF: Mudar a mercearia de sítio. E apresentar de outra maneira?

Afonso: Sim.

CF: Ah, se vocês já foram se já fizeram teatro no Jardim de infância.

Todos: Já.

CF: Quais as vossas experiências em teatro no Jardim de infância? O que é que nós já fizemos de teatro aqui no jardim de infância?

Homem aranha: "Teatro de "O coelhinho branco".

Afonso: "A Mosca Fosca".

Pedro: "A que sabe a lua".

Luana: "Eu não fui".

CF: Sim, ainda vamos fazer depois para apresentar...

Dudu: E o leão que fez anos.

CF: E com a família, já foram ao Teatro?

Polícia: Não.

Homem aranha: Não.

Elsa: Eu fui com a mãe e o pai.

Dudu: Acho que não. Se calhar, também era mais pequeno.

CF: Não te lembrás?

Ronaldo: Eu já fui, mas não foi este ano. Foi no ano passado e fui com o meu mano.

Pedro: Eu já fui lá com a mãe.

CF: E se nos lembrarmos das sessões de teatro que eu fiz no Auditório...você disseram no início do projeto, o que é que vocês achavam que eu ia fazer. Acham que as atividades que eu fiz, era o que vocês estavam à espera ou foi diferente daquilo que esperavam? Olhem, por exemplo o Rodrigo, na outra entrevista, achava que eu ia fazer fantoches no auditório...

Luana: Com bonecos?

CF: Sim...ele achava que eu ia levar fantoches.

Luana: Eu achava que era para pôr lá brinquedos, para a gente brincar no auditório.

CF: Tu pensavas isso, mas não foi... E vocês gostaram das coisas que eu fiz nas sessões do teatro?

Todos: Siiiiimmm.

CF: E o que gostaram mais?

Afonso: Eu gostei da câmara lenta.

Dudu: Câmara lenta.

Luana: Ah... eu gostei de fazer a Câmara lenta e da coisa do peixe...

Ronaldo: Eu gostei mais da espada daquela luta...em câmara lenta.

Pedro: O jogo do cardume...

Afonso: Eu gostei da luta e da corrida [câmara lenta].

Dudu: Eu gostei da luta e da corrida [câmara lenta].

Pedro: Qual corrida CF?

CF: A corrida em câmara lenta.

Ronaldo: Podemos fazer para a próxima?

CF: sim...

Luana: Gostei de tudo...

Homem aranha: Também eu.

CF: Fizemos muitos jogos diferentes. Fizemos aquele também de ter uma buzina que vocês estavam a dançar e depois trocavam de par. Fizemos muitos jogos.

Luana: E tu disseste que podíamos fazer repetidos...

CF: Pois, a partir deste momento podemos repetir os vossos preferidos.

Pedro: Oh CF, também tinha o do Filipe [História Quero um abraço].

CF: O da história que contou a OL.

Luana: E também aquela coisa que a OL estava a fazer objetos e não falava e a gente imitava.

CF: Sim...e também levei objetos para vocês fazerem teatro.

Robin: Também fizemos o jogo de almofada.

CF: Pois foi.

Luana: E o Polícia queria sempre a almofada para ele, não era?

Pedro: O jogo do balão.

CF: E querem dizer mais alguma coisa que acham importante, sobre o Teatro?

Ronaldo: Não sabemos.

CF: Gostavam de fazer mais alguma coisa que nós não fizemos ainda?

Luana: Mais alguma coisa...

CF: O quê? Ou queriam só repetir coisas que já fizemos?

Todos: Repetir...repetir...repetir...

CF: Olhem, então depois, vamos combinar quais foram os vossos exercícios preferidos, que gostaram mais e vamos repetir os que vocês gostaram mais. Vamos fazer votos!

Ronaldo: Oh CF, mas quando vai ser esse dia?

CF: Nos dias azuis [quartas feiras] é sempre o dia de irmos para o auditório.

Ronaldo: É que no dia azul [quarta feira], o Thanos faz anos aí...

CF: Não faz mal, porque o auditório é de manhã e o aniversário é de tarde. Oh, mas nós também fizemos coisas de teatro dentro da nossa sala. Não foi só no auditório.

Dudu: Das sombras.

CF: Das sombras...como é que fizeram?

Pedro: Mas nas sombras toda a gente estava a bater ali e a Fada Madrinha estava a bater também, depois eu não conseguia ficar quieto e depois era aborrecido porque demorava muito tempo.

CF: Mas nós fizemos dois Teatros de sombras, fizemos um...

Ronaldo: Com o pano...

Robin: E outro com os perfis...

CF: Pois foi, fizemos duas vezes com o pano. E fizemos com a SC que ela veio cá fazer com a lanterna que vocês fizeram aquela história também.

Luana: Sim, a gente estava a fazer com o Pedro. Ele fez o Coração azul. Foi a história com as Princesas e em que os animais ficaram presos...mais... tinha prédios.

CF: Então também há teatro sem ser de pessoas, pode ser teatro de objetos?

Pedro: Pode... Sim, como nós fizemos naquela história de “Os três chibinhos”.

Luana: A gente também fez o peixe com o pai da Elsa.

CF: Não, o pai da Elsa fez as marionetas de luva e o pai do Afonso é que fez as dobragens do peixe, que não foi Teatro.

Pedro: Também tinha aquele [jogo] que parecia um boneco de neve...aquele que estávamos a virar com o barulho.

CF: Sim...parecia um Jogo de ténis! Com a marioneta, com a bola de esferovite. Quando batia as palmas, parecia que estava a jogar ténis de um lado para o outro: Ping pong Ping pong Ping pong.

Ronaldo: Mas quando fizemos um teatro, todos queriam ter a lanterna.

Luana: Todos queriam experimentar a luz.

CF: ...da lanterna?

Ronaldo: Simmm...

CF: Então vocês acham que é mais fácil fazer Teatro só com o corpo ou com Objetos?

Luana: Com Objetos.

Ronaldo: Com Objetos.

CF: Nós já fizemos o espetáculo das marionetas. Aquele espetáculo...em que fizemos aquela história do João Pé de Feijão com as marionetes em que fizemos os três cenários.

Luana: Mas a gente precisa explicar tudo.

CF: Estava a perguntar, se vocês achavam mais fácil ser com as marionetas ou se era mais fácil com o corpo...

Dudu: Depende. Se não tivermos vergonha com o corpo. E se combinarmos bem as coisas, com os objetos.

Ronaldo: Não, não! Nós, eu e o Robin e o Dudu, fizemos sem combinar.

CF: Sim, mas o Dudu diz que se tiverem vergonha as pessoas ficam a olhar para ti. Se tu tiveres um boneco na mão podem olhar mais para o boneco e menos para a tua cara.

Luana: Às vezes olham para as pessoas e outras vezes, para o boneco.

Dudu: É um bocadinho difícil.

Luana: Às vezes eu olho.

CF: Se não querem dizer mais nada, está terminado. Obrigada pela entrevista.

Pedro: Quero ouvir tudo...(risos) [e dirigiu-se ao tripé].

Anexo F3d. Análise de Conteúdo da 2ª Entrevista- grupo A

Categories	Subcategories	Indicadores	Unidades de registo	F.U.R.
Conceções sobre o Teatro	Conceito de Teatro	O teatro implica histórias.	- “Para nós apresentarmos uma história.” (Afonso) - “É [preciso] uma história.” (Polícia) - “Pode ser histórias.” (Pedro) - “Também pode ser uma história de há muito tempo.” (Afonso) - “[Podem ser histórias] que ninguém conhece.” (Ronaldo)	5
		O teatro implica intérpretes.	- “Atores.” (Dudu) - “E também um apresentador.” (Afonso) - “Mas têm que por pausa, para eles mudarem [O teatro tem pausas para os atores mudarem de personagens].” (Ronaldo)	3
		O teatro implica público.	- “[O teatro é] uma coisa para mostrar às pessoas.” (Ronaldo) - “[Serve para] mostrar às pessoas.” (Pedro) - “[O teatro serve para mostrar] às pessoas.” (Dudu) - “[É para] as pessoas. Para adultos, médios e pequeninos.” (Ronaldo) - “[O teatro é] também pessoas para verem.” (Ronaldo)	5
		O teatro implica recursos.	- “[É preciso um] palco.” (Ronaldo)	1
		O teatro implica trabalho.	- “É um] trabalho. (Luana) - “[É preciso] treinar.” (Afonso)	2
	Materialidade no Teatro	Objetos enquanto formas animadas	- “[Podemos usar] máscaras.” (Afonso) - “Máscaras.” (Luana) - “Máscaras.” (Ronaldo) - “Máscaras.” (Dudu) - “Marionetas.” (Robin)	5
		Objetos enquanto adereços	- “[Precisamos de] uma panela para fazer a sopa, [no teatro do coelhinho branco.” (Luana)	2

			- “[Precisamos de] objetos.” (Luana)	
		Objetos enquanto Figurinos	- “[Precisamos de] vestidos.” (Pedro) - “[Precisam de] roupa para se disfarçar e para se vestir.” (Luana) - “[As personagens] estavam a trocar de roupa.” (Afonso)	3
		Objetos enquanto espaço	- “Precisamos de cadeiras para as pessoas se sentarem.” (Robin)	1
	Relações Teatro/Faz de conta	Sobreposição de Faz de conta e Teatro	[brincar ao faz de conta na casinha pode ser teatro] - “Pode ser.” (Pedro) - “Pode ser.” (Afonso) - “Sim.” (Dudu)	3
		Faz de conta distinto de Teatro	[brincar ao faz de conta na casinha não é teatro] - “Não.” (Luana)	1
		Inventar ou recriar Espaços/ cenários	- “Podemos tirar aquela parte [e aponta para os móveis da área do faz de conta/casinha] e a seguir fica.” (Afonso)	1
		Ter público	- “Pode ser [teatro] se chamarem as pessoas para verem.” (Ronaldo) - “[Na casinha podem] chamarem as pessoas a fingir.” (Dudu)	2
Experiências teatrais	Memórias sobre teatro em contexto de JI	A representação de personagens	- “Sim, uma vez a gente fez, eu era um passarinho.” (Luana)	1
		A experiência de ter público	- “É para verem os seus meninos.” (Ronaldo) - “[O teatro na escola serve] para os pais verem os seus meninos a “atar” [atuar].” (Afonso) - “[Sim] [no final do ano fizemos um teatro para toda a gente ver, no final do ano] (Luana) - “É um bocadinho difícil [porque ficam com vergonha].” (Dudu)	4
		A experiência do Teatro de sombras	- “Das sombras. [Teatro de sombras].” (Dudu) - “Com o pano.” (Ronaldo) - “Com os perfis [marionetas de vara realizadas pelas crianças].” (Robin)	5

			<ul style="list-style-type: none"> - “Todos queriam experimentar a luz. [da lanterna].” (Luana) - “Simm [queriam experimentar o movimento da luz].” (Ronaldo) 	
		A experiência com o Teatro de objetos	<ul style="list-style-type: none"> - “Pode, sim, como nós fizemos naquela história de <i>Os três chibinhos</i>.” (Pedro) - “Às vezes olham para as pessoas e [outras vezes] para o boneco.” (Luana) 	2
		Espírito crítico perante as experiências vividas	<ul style="list-style-type: none"> - “[A] Fada Madrinha estava a bater também, depois eu não conseguia ficar quieto e depois era aborrecido porque demorava muito tempo.” (Pedro) - “Mas quando fizemos um teatro, todos queriam ter a lanterna.” (Ronaldo) - “[É mais fácil fazer teatro com o corpo ou com objetos?] Com Objetos.” (Luana) - “Com Objetos.” (Ronaldo) - “Depende. Se não tivermos vergonha [é mais fácil] com o corpo. E se combinarmos bem as coisas [para apresentar ao público, com os colegas], com os objetos.” (Dudu) - “Não, não! ...eu, o Robin e o Dudu, fizemos [o Teatro de objetos] sem combinar.” (Ronaldo) - “[O] Polícia queria sempre a almofada para ele, não era?” (Luana) 	7
		A experiência “de fazer” teatro através de histórias	<ul style="list-style-type: none"> - “[Fizemos o] teatro de <i>O coelhinho branco</i>.” (Homem aranha) - “A Mosca Fosca”. (Afonso) - “A que sabe a lua”. (Pedro) - “Eu não fui”. (Luana) - “E o leão que fez anos.” (Dudu) - “[Fizemos o teatro] do Filipe [História Quero um abraço].” (Pedro) - “Sim, a gente estava a fazer com o Polícia. Ele fez o Coração azul. Foi a história com as Princesas e em que 	7

		os animais ficaram presos (...) mais (...) tinha prédios.” (Luana)	
	A experiência de “assistir”	<ul style="list-style-type: none"> - “[No teatro] havia música!” (Ronaldo) - “Às vezes sim. [música no teatro] (Dudu) - “Na das meninas tinha lengalengas.” (Afonso) - “Não. [o último espetáculo que fomos não tinha cadeiras no público].” (Todos) - “[O teatro] do Papa-léguas não tinha [cadeiras]. Só a do Jack.” - “[O Teatro Papa-léguas] era muito pequeno.” (Afonso) - “[O Teatro] do Jack, era muito maior.” (Afonso) - “As meninas também não usaram [máscaras].” (Ronaldo) - “Aquela não tinha, do Papa-léguas [não tinha intervalo]!” (Pedro) - “Só [o espetáculo] do Jack, tinha [intervalo].” (Robin) - “[O teatro do Jack tinha] cenários diferentes.” (Afonso) - “[Havia intervalo no teatro do Jack] porque demoravam muito [na troca de cenários].” (Dudu) - “[Durante o espetáculo] tinham que trocar as coisas.” (Robin) - “Estavam a por outras roupas para ser mais personagens.” (Afonso) - “Nós vimos uma parte que tinha rodinhas baixo e depois mexia-se no palco.” (Pedro) - “Estava um buraco ali [e apontou para o teto] e outra pessoa ali.” (Afonso) - “[O buraco no teto servia] para meter o cortinado.” (Robin) - “Era para meter o feijoeiro.” (Dudu) - “Sim, o feijoeiro mágico.” (Luana) 	21

	Memórias sobre teatro em contexto familiar	A não fruição de espetáculos em família	- “Não.” (Polícia) - “Não.” (Homem aranha) - “Acho que não. Se calhar, também era mais pequeno.” (Dudu)	3
		A memória das experiências vividas	- “Eu fui com a mãe e o pai.” (Elsa) - “Eu já fui, mas não foi este ano. Foi no ano passado e fui com o meu mano.” (Ronaldo) - “Eu já fui lá com a mãe.” (Pedro)	3
Expectativas/ avaliação das sessões de Teatro	Realização de sessões no auditório	Realização de Atividades lúdicas e de brincadeira livre	- “Eu achava que era para pôr lá brinquedos, para a gente brincar no auditório.” (Luana)	1
		Preferências sobre as Sessões realizadas	- “[O] jogo da almofada.” (Robin) - “O jogo do balão. (Pedro) - “Também tinha aquele [jogo] (...) que estávamos a virar com o barulho.” (Pedro) - “[O jogo da] Câmara lenta.” (Dudu) - “[Eu] gostei de fazer a Câmara lenta e da coisa do peixe [cardume].” (Luana) - “Eu gostei mais da espada daquela luta, em câmara lenta.” (Ronaldo) - “O jogo do cardume.” (Pedro) - “Eu gostei da luta e da corrida [em câmara lenta].” (Afonso) - “Eu gostei da luta e da corrida [câmara lenta].” (Dudu) - “Gostei de tudo.” (Luana) - “Também eu [gostei de tudo].” (Homem aranha) - “E também aquela coisa que a OL estava a fazer objetos e não falava e a gente imitava.” (Luana)	12
		Sugestões para próximas sessões	- “Podemos fazer para a próxima [sessão, a câmara lenta]?” (Ronaldo) - “[Podemos fazer mais] alguma coisa [diferente].” (Luana) - “Repetir...repetir... repetir... [atividades	10

			preferidas].” (Homem aranha, Robin, Dudu, Pedro, Afonso, Elsa, Ronaldo e Luana)	
--	--	--	---	--

Anexo F4. Entrevista focalizada ao grupo B

Anexo F4a. Transcrição da 1ª Entrevista- grupo B- outubro 2023

Entrevistados: 10 crianças_(Branca de neve, Panda, Gata, Pérola, Schreck, Alface, Aurora, Fada madrinha, Thanos, Ariel)

Entrevistadora:_CF

Local: Local de trabalho da entrevistadora; sala de Jardim de Infância

Data: 11 de outubro de 2023

Horário: 10horas

Nota: As crianças Fada Madrinha e Ariel não falam português, mas quiseram vir sentar-se nas cadeiras com os colegas, no momento da entrevista e a entrevistadora não as quis excluir deste momento de grupo. No entanto, tornou-se evidente que não entenderam quase nada do que foi referido, sendo a sua participação nula.

Entrevista gravada em vídeo e áudio (11:57)

CF: Olá! Estão nervosos?

Panda, Pérola, Aurora: Sim...

CF: Sim? Estás nervosa, Aurora?

Aurora: Sim...E a Pérola também.

CF: A EST vai filmar e depois nós, quando a gravação estiver no computador a CF vai por ali para nós vermos os nossos vídeos. Ok? E vocês vão-se ver a vocês próprios...

Não é nada de especial, isto é só perguntas como nós conversamos às vezes.

Thanos: Isso não é nada de especial?

CF: Ah...é especial...mas...são perguntas que vocês conseguem responder...não é grave...não é muito, muito difícil...é fácil...

Thanos: Então, não é nada de especial?

CF: É especial para mim e para vocês, se calhar também!

Branca de neve: Para mim é especial...

Aurora: Para mim também.

CF: Posso perguntar? Preparados?

Branca de neve, Panda, Pérola, Schreck, Alface, Aurora e Thanos: Simmm...

CF: Então vamos começar. Olhem, não se esqueçam quem quiser falar tem que esperar que o outro amigo fale, não é preciso estar a pôr o dedo no ar. Podem falar um de cada vez. Vamos começar. Eu estou a fazer esta entrevista...vocês sabem porquê?

É para a minha escola, porque eu estou a estudar à noite. Sobre coisas de teatro, um curso de teatro ...e o meu professor pediu-me para eu fazer perguntas.

Branca de neve: O que é o Teatro?

CF: Olha é isso mesmo que eu ia perguntar a vocês.

O que é que vocês acham que é o teatro?

Panda: O teatro é uma coisa que tem que se apresentar.

CF: Uma coisa que se tem que apresentar?

Pérola: É para fazer coisas...

CF: Para fazer o quê, Pérola? Explica lá melhor.

O que é que tu achas, Thanos? O que achas que é o teatro?

Panda: Já fiz lá na CEBE. E o Thanos também..

CF: Já fizeste na CEBE? Ah... na vossa escola antiga, faziam teatro? Qual foram os teatros que vocês fizeram?

Thanos: Não, não: Eu...na minha CEBE. Só que era noutra sala.

CF: Tu andavas na outra sala, mas fizeram qual teatro? Foi o mesmo que a Panda?

Branca de neve: Eram diferentes.

Tânus: Porque as salas eram diferentes...eu era da amarela que era da Ana, e ela era da azul que era da Inês.

CF: Ah, eram de salas diferentes, por isso fizeram dois teatros diferentes. Para apresentar a quem?

Panda: Aos pais.

CF: Ah... Nunca faziam teatro sem ser para apresentar aos pais?

Branca de neve: Não.

CF: OK. E mais alguém fazia teatro na escola onde estava?

Alface: Eu, não.

CF: E tu Alface?

Alface: Eu não.

CF: E tu Branca de neve? Ah...a Branca de neve nem sabe o que é o teatro...

Branca de neve: Eu estava a brincar contigo...

CF: Ah, OK. Então e fazias teatro de quê?

Branca de neve: Eu não me lembro.

CF: E tu Gata fazias teatro na outra escola? Sim? Na P... não faziam teatro?

Aurora: Às vezes.

CF: A Aurora diz que sim, se calhar na sala da Aurora faziam.

Aurora: E ela era.

Branca de neve: Tu eras de qual sala? Eras da sala rosa?

Luz: Sim, eu também era de fala de rosa.

CF: E na sala Rosa, faziam um teatro de quê, com o corpo ou com algum objeto? O que é que vocês usavam para fazer teatro? Lembra-te, Aurora?

(acenam que não com a cabeça)

E é preciso alguma coisa para fazer teatro ou pode-se fazer teatro sem nada?

Pérola: Com Máscaras.

CF: Com máscaras? E mais alguma coisa... o que é que vocês usaram no teatro, Panda? Nada?

(riso da Branca de neve)

Panda: Acho que não.

Alface: Eu nem fiz nenhum.

Aurora: Nada... *(riso)*

Panda: Não tinha nada, não tinha?

CF: Olhem, e vocês acham que brincar na casinha ...o faz de conta na casinha também é teatro, ou não?

Thanos: Ei...eu acho que sim.

Schreck: Eu acho que não.

Branca de neve: É sim!

Schreck: Não é!...

Branca de neve: É sim!

Pérola: Temos uma mesa...

CF: E a mesa é preciso para fazer teatro?

Pérola: Temos cadeiras...

CF: Branca de Neve, olha, estamos a ouvir a Pérola. Temos cadeiras...mas é preciso cadeiras para o teatro?

Pérola: Sim... temos cadeiras...para as pessoas ficarem tipo a verem...

CF: Ah ...para assistirem sim.

Panda: Sim, para as pessoas assistirem.

CF: Branca de neve, não estás a ouvir outra vez?

Pérola: Tipo como no cinema, tipo a ver filmes em casa.

CF: Tens que respeitar a Pérola. Ela está a contar coisas importantes. Ela diz que o teatro são espetáculos. Tem que haver pessoas sentadas em cadeiras a assistir, tipo o cinema.

Pérola: Tipo o cinema sem falar.

Branca de neve: E sem falar...

CF: Ah... isso é uma regra do teatro?

Schreck: Sim...não se pode falar.

Branca de neve: Está ali uma boca...

CF: Ah! Lá fora também temos uma regra para não poderem interromper a nossa entrevista.

Branca de neve: Quer dizer que aqui não podemos falar.

CF: Aqui podemos! As pessoas não podem entrar a falar na nossa sala, agora que estamos a fazer a entrevista.

Branca de neve: Ah, é por isso! Eu pensava que era nós que não podíamos falar...

CF: Não! Ah, então como é que eu falava contigo se tu não pudesses falar? A boca tem que falar...

Branca de neve: Mas é só quando estamos em casa e aqui!

CF: Podemos falar sempre, mas diz lá Schreck...

Schreck: Avó....

Branca de neve: Não é a avó...

CF: Ele está com a avó às vezes, não é? Diz lá...

Schreck: A avó Tânia...

Branca de neve: Eu também tenho uma avó Tânia...

CF: Olhem, outra pergunta diferente... a CF vai começar a fazer teatro ...umas sessões de teatro nos dias azuis, que vai começar ali (*aponta para o mapa de presenças*), que já está no nosso mapa lá ao fundo...está quase...

Schreck: CF...

CF: O que é que vocês acham que eu vou fazer nesses dias?

Schreck: CF já sei uma ideia! Às vezes estou com a minha avó, mas às vezes a avó zanga-se com o avô Carlos...mas...

Alface: Eu também tenho um avô Carlos.

Branca de neve: Eu também tenho.

Alface: Somos três que temos avôs Carlos...

CF: Estamos a falar de outra coisa...alguém quer dizer alguma coisa...podemos falar dos avós a seguir...estamos a ver quais são as vossas ideias, o que é que vocês acham que eu vou fazer naqueles dias azuis que vai começar o teatro?

Branca de neve: Eu estou a pensar...

CF: Thanos, tu não tens ideias? Alguém tem alguma ideia? A ver se vocês vão acertar!

Branca de neve: Podemos ver um espetáculo com um tablet... mas que que são para os meninos mais pequenos...

CF: Acham que eu vou mostrar espetáculos nesses dias?

Pérola: Espetáculos em dias de espetáculos...

Schreck: Ontem o meu tio e a minha Fabiana e a minha mãe...

CF: Olha, não estamos a contar as novidades agora. Deixa ouvir o Thanos...

Thanos: Faltam quatro dias... para os meus anos...

CF: Quatro dias...? Tu não fazes anos neste mapa. Este mapa é do Homem Aranha...

Thanos: O quê? Do Homem aranha? Não faço?

CF: Não...só no outro mapa. Depois vemos os teus anos...ok?

Branca de neve: E os meus?

CF: Também.

CF: Vocês querem dizer alguma coisa sobre o teatro mais?

Schreck: Não...

CF: Alguém quer dizer mais alguma coisa?

Schreck: Eu!

CF: Sobre o teatro?

Schreck: Não! Não! Eu quero dizer sobre o cinema...

CF: Então o que é que queres... sobre o cinema...?

Schreck: Eu quero dizer sobre o cinema. Eu estava com o meu tio David e com a Fabiana e com a avó e com a minha mãe e estava a comer pipocas no cinema e a ver um filme do fogo e da água.

CF: Foste ao cinema com o tio. Já foram ao teatro com as famílias?

Alface: Eu já fui a um hotel que tinha uma kids club, com uma parede mágica, mas estava a dar uns filmes na parede.

Alface: Então era cinema ou teatro?

Schreck: Na parede?

CF: Sim...era cinema.

Branca de neve: Igual àquilo (*apontou para o teto da sala, onde tem um projetor*).

CF: Ah, igual à projeção da parede.

Alface: Eu fui com os meus avós: o meu avô chamava-se Carlos e a minha avó chamava-se Leonor... e fui com os meus pais.

CF: E nunca foste ao teatro com o pai e a mãe?

Schreck: Eu nunca!

CF: E ninguém foi ao teatro na outra escola?

Aurora: Eu fui.

(A Pérola faz que sim com a cabeça.)

Pérola: Eu só não fui ao teatro com os meus pais.

CF: Nunca? Nunca foste ao teatro com os pais? OK, não querem dizer mais nada?

Branca de neve: Eu quero dizer uma coisa a ele...

CF: Mas vais falar sobre a entrevista ou podemos acabar primeiro?

Branca de neve: Não, eu vou falar sobre um filme.

CF: Então não é teatro...pois não?

Branca de neve: Não.

CF: Podemos acabar a entrevista e depois falas do filme, pode ser?

Branca de neve: Sim.

Panda: Nós nem começamos a entrevista.

CF: A entrevista era isto. Era eu fazer perguntas e vocês responderem.

Branca de neve: Mas tem pipocas?

CF: O teatro tem pipocas?

Aurora: O cinema tem pipocas...

CF: Olha pode ser uma pergunta interessante, será que o teatro tem pipocas? Olha uma pergunta gira para responder. Temos de descobrir se nos teatros há pipocas. Vamos descobrir.

CF: Obrigado pela entrevista. Acabou. Acabou...

Anexo F4b. Análise de conteúdo da 1ª Entrevista- grupo B

Categories	Subcategories	Indicadores	Unidades de registro	F.U.R.	
Conceções sobre o Teatro	Conceito de Teatro	Implica a existência de Público	- “[O] teatro é uma coisa que se tem que apresentar.” (Panda) - “[No teatro] temos cadeiras para as pessoas ficarem tipo a verem (...) tipo, como no cinema.” (Pérola)	2	
		Implica ação	- “[O teatro] é para fazer coisas.” (Pérola)	1	
		Implica silêncio do público	- “[O teatro é] tipo o cinema, [onde não se pode] (...) falar. (Pérola) - “[Não se pode] falar.” (Branca de neve) - “[Sim] (...) não se pode falar.” (Schreck)	3	
	Materialidade no Teatro	Objetos enquanto adereços	- “[No teatro podemos usar] máscaras.” (Pérola)	1	
	Relação Faz de conta/Teatro	Sobreposição entre “Faz de conta e teatro	- “[Eu] acho que sim. [que o faz de conta na casinha também é teatro].” (Thanos) - “É sim!” (Branca de neve)	2	
		Distinção entre “Faz de conta” e teatro	- “Eu acho que não.O faz de conta na casinha não é teatro.]” (Schreck)	1	
		Inventar e recriar espaços/ cenários	- “[Na área do faz de conta] temos uma mesa (...) e temos cadeiras.” (Pérola)	1	
		Ter Público	- “[As] pessoas [ficam] tipo a verem.” (Pérola) - “[As cadeiras podem ser] para as pessoas assistirem.” (Panda)	2	
	Experiências teatrais	Memórias sobre teatro em contexto de JI	A experiência de ter público	- “Fizemos dois teatros diferentes (...) para apresentar aos pais.” (Thanos) - “[Fizemos teatro] algumas vezes.” (Aurora) - “Já fiz lá na CEBE [JI anterior] e o Thanos também.” (Panda)	3
			A experiência	- “Eu fui.” (Aurora)	2

		de assistir a espetáculos	- “[A Pérola acena que sim com a cabeça].” [Pérola]	
		A ausência de experiências ou memórias teatrais	- “Eu nem fiz nenhum [teatro].” (Alface) - “Eu não me lembro.” (Branca de neve)	2
	Memórias sobre teatro em contexto familiar	A não fruição de espetáculos em família	- “Eu só não fui ao teatro com os meus pais.” (Pérola) - “Eu nunca [fui ao teatro em família].” (Schreck)	2
	Ausência de memórias sobre idas ao teatro	Curiosidades sobre a ida ao teatro	- “[No teatro há] pipocas?” (Branca de neve)	1
Expectativas das sessões de Teatro	Realização de sessões no Auditório	Visualização de Espetáculos	- “Podemos ver um espetáculo com um tablet.” (Branca de neve) - “[Podemos] fazer espetáculos em dias de espetáculos.” (Pérola)	2

Anexo F4c. Transcrição da 2ª Entrevista- grupo B- abril 2024

Entrevistados: 9 crianças_(Branca de neve, Panda, Gata, Pérola, Schreck, Alface, Aurora, Fada madrinha, Thanos)

Entrevistadora: CF

Local: Local de trabalho da entrevistadora; sala de Jardim de Infância

Data: 5 de abril de 2024

Horário: 10horas

Nota: Faltou a Ariel

Entrevista gravada em vídeo e áudio (11:57)

CF: A sessão está a começar. Vamos lá! Primeiro eu vou perguntar-vos se posso fazer esta entrevista. Posso filmar?

Todos: Sim, sim...

CF: Obrigada... e sabem porque é que eu estou a fazer esta entrevista?

Alface: Por causa do teatro?

CF: Sim...e porque eu também estou a estudar na faculdade e preciso de fazer uma entrevista para apresentar no meu projeto do Teatro.

Alface: Nós não nos lembramos assim muito bem...

CF: Vais ver que sim...Bem...então a primeira pergunta que vou fazer é: O que é o Teatro?

Panda: É uma coisa que as pessoas vão assistir.

CF: É uma coisa que as pessoas vão assistir. Mais alguma coisa?

Branca de neve: As pessoas vão assistir e as outras, que é onde nós assistimos... e as outras pessoas adultas fazem o Teatro e depois nós podemos estar a comer pipocas no cinema.

CF: Mas nós não estamos a falar do Teatro ou do cinema?

(risos)

Pérola: Do teatro.

CF: No teatro comemos pipocas?

Pérola: Não.

Branca de neve: Não, no Teatro não se pode comer...

CF: Nós já fomos ao Teatro este ano e já sabemos essa resposta! Não comer no Teatro é uma regra?

Schreck: É uma regra.

Panda: sim...também não se pode filmar.

Branca de neve: E temos que desligar os telemóveis.

Aurora: É claro que nós não vamos filmar se desligarmos o telemóvel.

Thanos: Porque é que não podemos comer coisas no teatro?

CF: O que é que vocês acham?

Alface: Porque temos que esperar que o Teatro comece para percebermos quais são as coisas.

CF: Ah, para estarmos mais atentos?

Pérola: Se nós comemos uma coisa de abrir no teatro, assim [faz movimento com a mão] pode fazer barulho...e também a mastigar ...

CF: Ah, okkk.

Panda: E se nós filmarmos no Teatro e se nós ouvirmos coisas, vai fazer barulho e não vai dar para as pessoas ouvirem o Teatro.

Alface: No Teatro, nós também podemos sentar-nos, para vermos.

CF: É uma coisa para se ver?

Panda: Sim...para se ver as personagens a fazer.

CF: Ah, precisa de personagens o Teatro?

Aurora: Precisa, se não, não há Teatro.

Alface: Sim. Sem personagens não conseguimos fazer teatro!

Pérola: E pessoas [público].

CF: E se houver personagens e pessoas já é Teatro ou falta mais alguma coisa?

Pérola: Eles têm que fazer de conta...e eles fazem de conta como na casinha.

CF: Fazem de conta?

Branca de neve: Nós fazemos de conta na casinha.

CF: Então não é real?

Pérola: Não.

Alface: Podemos inventar coisas.

Schreck: Também não se pode levantar quando se vê os filmes.

CF: **Quais filmes? Mas nós estamos a falar do Teatro. Estás a esquecer-te?**

Schreck: Eu estava a falar.

CF: **Nós estamos a falar de Teatro. É diferente do cinema, não é?**

Alface: Cinema não é teatro porque no teatro não se pode comer e no cinema pode-se comer pipocas.

CF: **O Schreck se calhar queria falar do Teatro e enganou-se.**

Branca de neve: Eu já me esqueci [o que ia dizer].

CF: **Branca de neve, não és só tu a falar...os amigos também têm direito a falar. Não podes ser só tu a falar e interromperes todos para falar.**

Aurora: A Branca de neve fala muito e depois ela sempre se esquece do que ia falar porque ela pensa muito rápido.

Schreck: Eu já fiz todas... Posso ir lá para fora?

CF: Mas ainda não acabamos...

Alface: Mas nós começamos agora! Mas nós começamos mesmo agora!

Schreck: Eu já acabei.

CF: Não queres participar?

Schreck: Não.

CF: **OK, então podes sair** [e o Schreck sai da sala onde decorre esta entrevista].

Thanos: É só porque ele quer brincar no triciclo...

CF: **O Kevin já não quer participar! Fecha a porta Schreck sff.**

Branca de neve: Ele gosta muito de brincar.

Alface: Ele também tem que aprender. Não é só brincar, brincar, brincar.

CF: **Thanos, o que é preciso para fazer Teatro?**

Thanos: Fazer um fato.

Alface: Precisamos de fazer fatos. Assim, nós não podemos ir nus.

Thanos: Também pode ser máscaras se quisermos.

Alface: Nós já estamos a fazer máscaras para o Teatro do coelhinho branco.

Thanos: Também pode ser aquilo com as mãos...

CF: Com as mãos? Marionetas de luva? Teatro de marionetas?

Thanos: Sim.

CF: Tu estás a lembrar-te de muita coisa , estás a dizer coisas muito importantes.

Panda: Quem é que falou da casinha?

CF: Foi a Pérola.

Aurora: Como a Pérola falou da casinha e não era de verdade...era igual àquele Teatro que nós fomos ver...

Alface: Do presente perfeito?

Aurora: Não! Foi do ladrão...que roubou a bota da Branca de neve. Também era a fingir. Não era um ladrão de verdade...

Alface: Para ir ao deserto e ir fazer compras para ele.

Thanos: Alguns tiveram medo.

Alface: O Schreck até chorou...

CF: Mas se vocês sabiam que não era verdade, porque é que tiveram medo?

Branca de neve: Mas eu não sabia que era a fingir.

CF: Ah! Porque a Branca de neve ainda não sabia que era a fingir, pensava que era de verdade. Ele estava a fazer muito bem o Teatro. [representar].

Thanos: Oh Branca de neve!

Branca de neve: Mas eu tenho medo de vilões...

Alface: Eu também tenho medo de vilões, mas não chorei. Eu tive coragem.

CF: Mas não faz mal ter medo.

Thanos: Os vilões têm uma coisa para ninguém descobrir...às vezes têm uma roupa às riscas preta, vermelha e branca.

CF: Olha, mas aquele não tinha uma roupa vermelha, preta e branca e era ladrão! Às vezes, os ladrões são diferentes. [risos]

Panda: CF sim, então é a fingir, porque os vilões não existem.

CF: Então não existem vilões verdadeiros? Os polícias não os apanham às vezes?

Alface:

Panda: Sim, mas nos espetáculos não é a sério.

CF: Ah, nos espetáculos é tudo falso?

Alface: Sim...é tudo a brincar.

CF: Então qualquer pessoa pode fazer teatro?

Branca de neve: Pode.

Alface: Sim

CF: Se nós quisermos, todos podemos fazer teatro? Já disseram que faz falta roupa e mais?

Alface: A Gata não falou nada...

Aurora: ...como da outra vez.

CF: Então é preciso voz?

Pérola: Sim...

Thanos: Também pode fazer gestos.

Panda: Pode fazer gestos, como a Ariel.

Alface: Precisamos de uma voz alta [para fazer Teatro], como a AM disse.

CF: E porquê é importante falar alto?

Pérola, Alface e Aurora: Para as pessoas ouvirem.

CF: Ah, para o público ouvir. Ok.

Pérola: Porque há muitas pessoas a ver o espetáculo.

Thanos: Têm de combinar.

CF: Quem é que tem de combinar? O quê? Os atores?

Thanos: Sim. Combinar o que vão fazer do espetáculo.

CF: Têm de combinar como fazem o espetáculo antes, é isso?

Thanos: sim.

Aurora: Porque há umas pessoas mais à frente que conseguem ouvir, mas há outras mais atrás que podem não ouvir.

Panda: Há umas à frente, umas atrás e outras no meio.

Alface: Há filinhas, nas cadeiras.

Panda: As do meio conseguem ouvir mais ou menos, as da frente muito bem e as de trás podem ouvir pior.

CF: **E o teatro tem que ser feito num sítio especial ou pode ser feito em qualquer sítio?**

Thanos: Em qualquer sítio, se calhar.

Alface: Nós também estamos a fazer um Teatro aqui na sala...

Aurora: Não é bem um Teatro...é tipo conversar sobre o Teatro.

Thanos: Qual Teatro?

Alface: Nós estamos a fazer o Teatro do *Coelhinho branco* e o do *Eu não fui*.

Thanos: Eu sou o mosquito.

Aurora: Ah! Eu pensava que a Alface estava a falar do que estamos a fazer agora.

CF: **A Alface estava a falar do teatro que estamos a preparar para apresentar. É isso, não é Alface? Também é um teatro e não estamos num palco, é isso? Estamos na sala...**

Alface: Simm...

CF: **E a área da casinha é um Teatro?**

Pérola, Alface e Aurora: Não.

CF: **E nós conseguimos fazer Teatro na área da casinha?**

Panda: Conseguimos.

Branca de neve: Sim, temos coisas para fingir.

Alface: Pode ser, porque temos coisas para usar.

Pérola: Temos joias.

Alface: Temos coisas para fingir.

Panda: Podemos fingir que somos ladrões.

Thanos: Temos máscaras.

CF: Temos adereços...é isso?

Aurora: Sim, nós temos tudo o que têm no teatro.

Alface: Podemos vestir com aquelas roupas.

Pérola: Temos objetos.

Panda: Sim...

CF: Ah... temos adereços e adereços.

Thanos: Sim, nós temos tudo que tem no teatro. Também temos aquele pano preto.

Branca de neve: As pessoas [atores] não podem olhar para o chão ou para os lados...se não nós [público] não ouvimos algumas coisas...têm que olhar para a frente.

CF: Sim, estás a dizer que é importante olhar em frente nos olhos das pessoas que estão a assistir? [público]

Branca de neve: Sim, os olhos para a frente.

Panda: Sim...a olhar para a pessoa com quem estivermos a falar.

Pérola: Fazer uma setinha.

CF: Como fizemos os jogos no auditório... é isso?

Pérola: Oh CF, eu já sei fazer muito bem o olhar de seta.

CF: Como nós estávamos a fazer aqueles jogos no auditório, fazer assim de frente.

Alface: Sim, e íamos em frente...

Branca de neve: Em frente que era para aprender a olhar. Para os amigos de frente.

CF: E o que é que vocês já fizeram de Teatro no jardim de infância?

Alface: Já fizemos alguns teatros...

CF: E também já fomos ao Teatro...

Gata: Sim...ao João pé de feijão.

Pérola: O presente perfeito

Alface: E o que roubou a bota da Branca de neve.

CF: Sim...foram três teatros que fomos ver.

CF: Olhem, e o teatro só se faz com o corpo ou pode haver outros teatros diferentes?

Aurora: Pode haver diferentes.

Branca de neve: Com o corpo, com a mão, de luva ...

Thanos: Eu já disse isso!

CF: Mas a Branca de neve também pode dizer...fizemos as marionetas de luva com o pai da...

Pérola: ...Elsa...

Alface: O pai da Elsa devia vir aqui participar. [risos] Mas também temos que confiar uns nos outros. Há um episódio dos *Super Kittys* que é para confiar uns nos outros.

CF: Têm que confiar uns nos outros?

Alface: Se não todos têm que estar separados.

Aurora: Se houver só uma pessoa a fazer um teatro, como é que ela consegue falar com os outros, se for só ela a fazer?

Branca de neve: Faz um de cada vez.

Alface: Todos têm que estar separados. Se um quer uma coisa, outro quer outra...e combinam.

CF: E será possível fazer um teatro só com uma pessoa?

Branca de neve: Essa pessoa podia fazer todas as personagens.

CF: Se for um teatro só com uma pessoa será possível fazer?

Branca de neve: Faziam todas as personagens.

CF: E como é que ele conseguia mudar de personagens só ele próprio? Se imaginarmos que tinha que se esconder e voltar a entrar no palco e por alguma coisa na cabeça, não sei. Acham que ele ia conseguir? Deve ser muito difícil.

Pérola: Podia usar coisas que ele estava a falar, com objetos.

CF: Ah ok, com objetos. Nós também já fizemos Teatro de objetos.

Alface: Sim...

Gata: No auditório.

CF: E foi fácil?

Aurora: Um bocadinho difícil.

Alface: Porque no Teatro do Schreck, do Pedro e do Afonso foi tudo confuso. O Schreck queria fazer uma coisa e os outros queriam fazer outra.

CF: Não combinaram, foi?

Branca de neve: Se calhar não.

Panda: E aqueles fantoches de meia [marionetas de luva], com o Pedro e o Dinossauro também não deu muito certo.

CF: Porquê?

Pérola: Porque eles ficavam muito tempo a discutir. E o Dudu e o Robin, que acho que eram do mesmo grupo, tentavam fazer o Teatro bem e os outros não deixavam.

CF: Então para fazer Teatro têm que as pessoas combinar e ser amigos?

Aurora: Sim...não podem discutir.

Pérola: É como [a representação na sala] no [Teatro] Coelhinho branco...eles estavam todos baralhados e diziam: Não! O coelho primeiro, depois o cão...dadada...tinham que combinar antes!

Aurora: Nós não podemos discutir. Se nós nos enganarmos temos que continuar.

Alface: Se houver discussão, continuamos outra vez!

Thanos: O [Teatro] *Papa-Léguas* também tinham de mudar de personagens e às vezes tinham que mudar de sítio e eram só duas pessoas.

CF: Sim, e no Teatro do Jack havia algum alguns atores que faziam duas personagens que nós vimos naquele papel que nos deram na entrada do Teatro, lembram-se?

Thanos: O *Papa-Léguas* e o do Ladrão não tinham que mudar de sítio. Só o [Teatro] do *Jack* é que tinham que mudar de sítio [cenário].

Alface: Mas a vaca não era uma pessoa que estava mascarada de cartão? Ou era uma vaca de fingir?

Branca de neve: Eu acho que era a fingir.

CF: Ela tinha umas rodas e não era uma pessoa, mas um objeto, que criaram para fazer de personagem e acompanhar o Jack, que era a personagem principal.

Thanos: Sim...ela andava no palco e depois saía. Tinha rodas.

CF: Olhem, vocês lembram-se de eu ter feito esta entrevista no início do ano?

Alface: Não sei...

CF: E de eu perguntar o que é que vocês achavam que eu ia fazer no auditório? Vocês acham que o que fizemos, foi aquilo que vocês estavam à espera ou não?

Alface: Acho que não nos lembramos.

Branca de neve: Foi o que estávamos à espera!

CF: E qual foi a atividade que que gostaram mais de fazer no auditório?

Alface: Câmara lenta.

Gata: Câmara lenta.

Branca de neve: O Jogo dos peixes.

CF: O Jogo do Cardume?

Branca de neve: Sim...

CF: Essas foram as coisas que vocês gostaram mais? Também fizemos aqueles espetáculos com improvisação de teatro, de objetos.

Alface: Aquele da Mota também!

Branca de neve: Da Diretora.

Alface: Dos médicos [improvisação de narrativas].

CF: Fizemos de conta muitas coisas.

Branca de neve: Sim...

Panda: O Teatro do polícia [improvisação de narrativas].

Alface: E também fizemos de conta que estávamos a roubar uma coisa da casinha.

Thanos: Era isso que eu me estava a lembrar Alface.

CF: E fizemos também de carro, com as cadeiras no auditório.

Thanos: sim...com a personagem da polícia...

Alface: E da escola...com a diretora.

CF: Fizemos mesmo muita coisa...

Panda: Eu gostei de todos, mas o que eu gostei mais foi do Teatro que nós fizemos com objetos, com a maçã...

CF: Dos Chibos sabichões?

Panda: Não. O que fiz com a Pérola.

Thanos: No outro Teatro com objetos, houve uma grande confusão: o Schreck queria e o Pedro não queria.

CF: Houve discussão? Não chegavam a acordo.

Pérola: O Dinossauro dizia: Estou a fazer pizza, fazer bolos...fazer pizza fazer bolos!

CF: O que é que gostavam mais de fazer no auditório? Gostavam de fazer coisas novas ou de repetir coisas que já fizemos?

Todos: Podíamos fazer coisas novas!

Thanos: Novas, novas, novas!

CF: Os meninos do outro grupo sabem o que disseram? Que gostavam de fazer a Câmara lenta outra vez e o cardume.

Pérola: Eu também queria fazer outra vez aquele [Jogo]Teatro de objetos.

Panda: Eu também gostei de ver o filme com os objetos com aqueles homens.

CF: Ah, a projeção do Espetáculo com objetos?

Alface: Sim, porque era muito engraçado...

Thanos: O Schreck queria fazer a ponte igual à que tu fizeste CF! No Teatro de objetos os Chibos sabichões. Eles queriam outra coisa! O Afonso e o Pedro não queriam essa história e inventaram uma diferente!

Aurora: Estava a correr tudo bem, mas depois o Schreck estava com todos os objetos e começou a contar a história dos *Chibos Sabichões* sozinho e o Afonso e o Pedro estavam a contar outra história. E depois andavam às lutas com os objetos maiores [a representarem os chibos sabichões que eram as personagens da história].

Thanos: E o Schreck depois dava com o maior e fazia: Pumba, pumba! [movimento de bater, do chibão no outro personagem].

[risos]

CF: Querem dizer mais alguma coisa sobre o Teatro?

Alface: Eu acho que já está tudo.

CF: OK, então obrigado pela entrevista. Está terminada!

Anexo F4d. Análise de Conteúdo da 2ª Entrevista- grupo B

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	F.U.R.
Conceções sobre o Teatro	Conceito de Teatro	Implica regras	<ul style="list-style-type: none"> - “[Não] se pode comer” (Branca de neve) - “[Não] se pode filmar.” (Panda) - “É uma regra [não comer no teatro]” (Schreck) - “[Temos] que desligar os telemóveis.” (Branca de neve) - “É claro que nós não vamos filmar se desligarmos o telemóvel.” (Aurora) 	5
		Implica a existência de público	<ul style="list-style-type: none"> - “É uma coisa que as pessoas vão assistir.” (Panda) - “As pessoas vão assistir.” (Branca de neve) - “No Teatro, nós também podemos sentar-nos, para vermos.” (Alface) - “Sim, é uma coisa para se ver.” (Panda) - “Precisa de pessoas [público].” (Pérola) - “Porque há muitas pessoas a ver o espetáculo.” (Pérola) - “Porque há umas pessoas mais à frente que conseguem ouvir, mas há outras mais atrás que podem não ouvir.” (Aurora) - “Há umas à frente, umas atrás e outras no meio.” (Panda) 	8
		Implica ação	<ul style="list-style-type: none"> - “[Outras] pessoas adultas fazem o Teatro.” (Branca de neve) - “[Ver] as personagens a fazer.” (Panda) 	2

		Implica personagens	- “Precisa [de personagens], se não, não há Teatro.” (Aurora) - “Podemos fingir que somos ladrões.” (Panda)	2
		Implica representação	- “Eles têm que fazer de conta...e eles fazem de conta como na casinha.” (Pérola) - “Não [é real].” (Pérola) - “Nos espetáculos não é a sério.” (Panda) - “Sim, é tudo a brincar.” [(Alface)	4
		Implica criação	- “Podemos inventar coisas.” (Alface)	1
		Implica emoção	- “Alguns tiveram medo. [do vilão do Teatro que assistiram]. (Thanos) - “O Schreck até chorou.” (Alface) - “Eu não sabia que [o teatro] era a fingir.” [Branca de neve] - “Eu também tenho medo de vilões, mas não chorei. Eu tive coragem.” (Alface) - “[O Teatro] é a fingir, porque os vilões não existem.” (Panda)	5
		Implica voz e corpo	- “Sim [É preciso voz].” (Pérola) - “Também pode fazer gestos.” (Thanos) - “Pode fazer gestos, como a Ariel [Refere-se a uma criança com PLNM].” (Panda) - “Precisamos de uma voz alta [para fazer Teatro], como a AM disse.” (Alface) - [É preciso voz alta,] para as pessoas ouvirem. (Pérola) - “[É preciso voz alta,] para as pessoas ouvirem.” (Alface) - “É preciso voz alta.”	10

		<p>(Aurora)</p> <ul style="list-style-type: none"> - “As pessoas [atores] não podem olhar para o chão ou para os lados... assim nós [público] não ouvimos algumas coisas... têm que olhar para a frente.” (Branca de neve) - “[É preciso] olhar para a pessoa com quem estivermos a falar.” (Panda) - [É preciso fazer] uma setinha [com o olhar].” [S4] (Pérولا) 		
		<p>Implica relação/ criação coletiva/ cedências</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Têm de combinar (...) Sim. combinar o que vão fazer no espetáculo.” (Thanos) - “Mas também temos que confiar uns nos outros.” (Alface) - “Sim, não podem discutir. [para fazer Teatro as pessoas devem combinar e ser amigos].” (Aurora) - “Nós não podemos discutir.” (Aurora) - “Se nós nos enganarmos temos que continuar.” (Aurora) - “Se houver discussão, continuamos outra vez!” (Alface) 	6
		<p>Implica diversidade de opções</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “[O teatro pode realizar-se em] qualquer sítio, se calhar.” (Thanos) - “Pode haver diferentes [teatros].” (Aurora) - “Pode. [Qualquer pessoa pode fazer Teatro].” (Branca de neve) - “Sim. [Qualquer pessoa pode fazer Teatro].” (Alface) - “[Podemos fazer Teatro] com o corpo, 	5

			com a mão, de luva.” (Branca de neve)	
	Materialidade no Teatro	Objetos enquanto adereços	- “[No teatro podemos usar] máscaras.” (Thanos) - “Temos coisas para fingir [Área do Faz de conta].” (Alface) - “Temos máscaras. [Área do faz de conta].” (Thanos)	3
Objetos enquanto figurinos		- “[Podemos fazer] um fato.” (Thanos) - “Precisamos de fazer fatos. Assim, nós não podemos ir nus.” (Alface)	2	
Objetos enquanto espaço cénico		- “[No teatro há] filinhas, nas cadeiras.” (Alface)	1	

	Relação Teatro/ "Faz de conta"	A "área da casinha" como facilitadora do para fazer teatro	<ul style="list-style-type: none"> - "Nós fazemos de conta na casinha." (Branca de neve) - "Conseguimos [fazer teatro na casinha]." (Panda) - "Pode ser, porque temos coisas para usar." (Alface) - "Temos joias." (Pérola) - "Temos coisas para fingir." (Alface) - "Sim, nós temos tudo o que têm no teatro." (Aurora) - "Podemos vestir com aquelas roupas." (Alface) - "Temos objetos." (Pérola) - "Sim, [podemos fazer Teatro nesta área]." (Panda) - "Sim, nós temos tudo que tem no teatro. Também temos aquele pano preto." (Thanos) - "Sim, temos coisas para fingir." (Branca de neve) - "[O teatro não é real], na casinha também não era de verdade." (Aurora) 	12
Experiências teatrais	Memórias sobre teatro em contexto de JI	A experiência de ter público	- "As [pessoas/público] do meio conseguem ouvir mais ou menos, as da frente muito bem e as de trás podem ouvir pior." (Panda)	1
		A experiência de fazer jogos coletivos	<ul style="list-style-type: none"> - "Sim, e íamos em frente [Jogo Olhar e caminhar; S 4]." (Alface) - "Em frente (...) que era para aprender a olhar, para os amigos de frente." (Branca de neve) 	2
		A experiência de assistir a espetáculos	- "[Havia no teatro um] ladrão, que roubou a bota da Branca de	6

		<p>neve. Também era a fingir. Não era um ladrão de verdade.” (Panda)</p> <p>- “Sim, [fomos assistir ao Teatro] do João pé de feijão.” (Gata)</p> <p>- “[Fomos ao Teatro Papaleguas, assistir à peça] O presente perfeito.” (Pérola)</p> <p>- “[Fomos ao Teatro onde o ator] roubou a bota da Branca de neve.” (Alface)</p> <p>- “O [Teatro] Papa-Léguas também tinham de mudar de personagens e às vezes, tinham que mudar de sítio e eram só duas pessoas. [atrizes].” (Thanos)</p> <p>- “O [teatro] Papa-Léguas e o [teatro] do Ladrão, não tinham que mudar de sítio. Só o [Teatro] do Jack é que tinham que mudar de sítio [cenário].” (Thanos)</p>	
	A experiência de preparar espetáculos	<p>- “Nós já estamos a fazer máscaras para o Teatro do coelhinho branco.” (Alface)</p> <p>- “Também pode ser aquilo com as mãos [marionetas de luva].” (Thanos)</p> <p>- “Nós também estamos a fazer um Teatro aqui na sala.” (Alface)</p> <p>- “Nós estamos a fazer o Teatro do Coelhoinho branco e o do Eu não fui.” (Alface)</p> <p>- “Já fizemos alguns teatros.” (Alface)</p>	5
	A experiência de assumir personagens	<p>- “Eu sou o mosquito [no teatro que estamos a preparar].” (Thanos)</p> <p>- “Essa pessoa podia fazer todas as</p>	4

			<p>personagens.” (Branca de neve)</p> <p>- “E também fizemos de conta que estávamos a roubar uma coisa da casinha.” (Alface)</p> <p>- “[Fizemos um teatro com uma] personagem da polícia [fizemos um carro, com as cadeiras do auditório].” (Thanos)</p>	
		A experiência do conflito	<p>- “Se um quer uma coisa, outro quer outra (...) e combinam.” (Branca de neve)</p> <p>- “Porque no Teatro [de objetos no Auditório] do [realizado em pequeno grupo] Schreck, do Pedro e do Afonso foi tudo confuso. O Schreck queria fazer uma coisa e os outros queriam fazer outra.” (Alface)</p> <p>- “[Com os] fantoches de meia [marionetas de luva], com o Pedro e o Dinossauro também não deu muito certo.” (Panda)</p> <p>- “[Eles] ficavam muito tempo a discutir. E o Dudu e o Robin, que acho que eram do mesmo grupo, tentavam fazer o Teatro bem e os outros não deixavam.” (Pérola)</p> <p>- “É como [a representação/Teatro na sala] do Coelho branco...eles estavam todos baralhados e diziam: Não! O coelho primeiro, depois o cão (...) tinham que combinar antes!” (Pérola)</p> <p>- “No outro Teatro com</p>	10

		<p>objetos, houve uma grande confusão: o Schreck queria e o Pedro não queria.” (Thanos)</p> <p>- “O Dinossauro dizia: Estou a fazer pizza, fazer bolos (...) fazer pizza fazer bolos!” (Pérola)</p> <p>- “O Schreck queria fazer uma ponte igual à que tu fizeste CF, no Teatro de objetos dos Chibos sabichões. Eles queriam outra coisa! O Afonso e o Pedro não queriam essa história e inventaram uma diferente!” (Thanos)</p> <p>- “Estava a correr tudo bem, mas depois o Schreck estava com todos os objetos e começou a contar a história dos Chibos Sabichões sozinho e o Afonso e o Pedro estavam a contar outra história. E depois andavam às lutas com os objetos maiores [a representarem os chibos sabichões que eram as personagens da história].” (Aurora)</p> <p>- [O] Schreck depois dava com o maior e fazia: Pumba, pumba! [movimento de bater, do chibão no outro personagem].” (Thanos)</p>	
	O sentimento de aprendizagem (Autoavaliação)	<p>- “Oh CF, eu já sei fazer muito bem o olhar de seta.” (Pérola)</p> <p>- “Foi um bocadinho difícil [fazer Teatro de objetos].” (Aurora)</p>	2
	Espírito crítico perante as	- “Se houver só uma pessoa a fazer um	7

		experiências vividas	<p>teatro, como é que ela consegue falar com os outros, se for só ela a fazer?” (Aurora)</p> <p>- “Faz um de cada vez.” (Branca de neve)</p> <p>- “Podia usar coisas que ele estava a falar, com objetos.” (Pérola)</p> <p>- “Sim... [pode utilizar objetos no Teatro, para fazer personagens].” (Alface)</p> <p>- “Se calhar não [combinaram, o Teatro de objetos antes de apresentar].” (Branca de neve)</p> <p>- “Mas a vaca não era uma pessoa que estava mascarada de cartão? Ou era uma vaca de fingir?” (Alface)</p> <p>- “Eu acho que era a fingir [personagem da vaca no Teatro].” (Branca de neve)</p> <p>- “Sim (...) ela andava no palco e depois saía. Tinha rodas.” (Thanos)</p>	
Expectativas/ avaliação das sessões de Teatro	Realização de sessões no auditório	Preferências sobre as Sessões realizadas	<p>- “[O Jogo] Câmara lenta.” (Alface)</p> <p>- “[O Jogo] Câmara lenta.” (Gata)</p> <p>- “O Jogo dos peixes. (Jogo do cardume).” (Branca de neve)</p> <p>- [Aquele jogo] da Mota também! [Jogo Frases físicas].” (Alface)</p> <p>- “[O Jogo da] Diretora. [improvisação de narrativas].” (Branca de neve)</p> <p>- “[O jogo dos] médicos [improvisação de narrativas].” (Alface)</p> <p>- “O Teatro do polícia [improvisação de</p>	10

			<p>narrativas].” (Panda)</p> <p>- “Eu gostei de tudo, mas o que eu gostei mais foi do Teatro que nós fizemos com objetos, com a maçã (...) o que fiz com a Pérola! [Improvisação com objetos].” (Panda)</p> <p>- “Eu também gostei de ver o filme com os objetos com aqueles homens.” (Panda)</p> <p>- “Sim, porque era muito engraçado. [Visualização de filme de Teatro de objetos].” (Alface)</p>	
		Sugestões para próximas sessões	<p>- “Podíamos fazer coisas novas!” (Pérola, Alface, Branca de neve, Panda e Aurora)</p> <p>- “Novas, novas, novas!” (Thanos)</p> <p>- “Eu também queria fazer outra vez aquele Teatro de objetos.” (Pérola)</p>	7

Anexo G. Sessões realizadas

| | ' ' | | ' ' |

Anexo G1. Planificação/ reflexão das sessões

Anexo G1a. Planificação/reflexão da Sessão 1

Data: 25 de outubro 2023

Tema geral: Consciência de si e do outro

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência e domínio do corpo no espaço; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Fomentar a expressividade de movimentos; - Estreitar laços entre todos;						
Aprendizagens a observar³ “A criança...”	Atividades/ Estratégias	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida	(Organização da sala) I-Roda inicial: conversar com as crianças sobre as regras nestas sessões: referir a importância da escuta das instruções e da calma na realização das atividades propostas (“aprender o silêncio”);	5mn	Auditório da Escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância	- Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel; - Reflexão em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra atitude cooperativa; 1.3 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas;
2- Executa os movimentos que lhe são solicitados;	II-Aquecimento: caminhar no espaço com instruções associadas a movimentos: ativar o corpo: 1 palma andar para a frente, 2 palmas parar; 3 palmas andar de costas.	10mn		<u>Recursos materiais:</u> - 1 almofada - Coluna de som		2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.2 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos; 3.1 Domina os movimentos do seu corpo no espaço, focando-se no outro

³ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>3- Domina o seu corpo, conseguindo controlar movimentos;</p>	<p>III- Atividade central: Jogo: “<i>Mexer sem parar</i>” - As crianças estão em círculo e o educador escolhe um elemento para iniciar um movimento. As restantes devem repetir o movimento escolhido até o educador dar o sinal de parar (mão no ar). Quando este parar, o que está ao seu lado direito deve iniciar outro movimento. Os sons também podem ser considerados se o grupo quiser. Deve ser utilizada a expressão parar o movimento.</p> <p>Jogo Extra (se necessário): “<i>Atira a almofada</i>”- uma criança fica com uma almofada na sua posse. Todos caminham no espaço e ao caminhar, devem apanhar a almofada passada pelo colega e passa-la depois a outro colega. Não se pode parar nem deixar a almofada cair ao chão.</p>	<p>10mn</p> <p>5mn</p>		<p>- 1 tablet - 1 tripé com TLM - Música instrumental - 1 boneco articulado de madeira</p>	<p>gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	
<p>4. Improvisa movimentos com o seu corpo, a pares;</p>	<p>IV- Relaxamento: “<i>Boneco de trapo</i>” Deitados e espalhados pelo espaço, as crianças formam pares. Depois, terão que representar dois papéis: um será um boneco e outro uma criança que brinca (manipulador). O “boneco” irá manter-se estático e só se irá movimentar com a ajuda e manipulação da “criança” que improvisa a brincadeira, fazendo mexer o boneco. EX: mexer um braço, uma perna, virar a cabeça, etc. Estratégia: Numa primeira fase, utilizar o boneco de madeira articulado (indutor) como exemplo dos movimentos, para motivar e</p>	<p>10mn</p>				<p>4.1 Cooperar com os colegas em situação de jogo; 4.2 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena;</p>

<p>5. Revela-se capaz de relembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>explicar os papéis diferenciados de cada elemento. De seguida, escolher um par de crianças para exemplificar o exercício. Depois de realizado, poderá inverter-se os papéis (boneco/manipulador).</p> <p>V-Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes.</p> <p>(Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>5 mn</p>				<p>5.1 Participa verbalmente no reconto da sessão vivenciada.</p> <p>5.2 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>
--	--	-------------	--	--	--	--

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A planificação da sessão foi toda cumprida, com exceção da utilização da coluna e da música por um problema tecnológico com o tablet. A sessão teve a duração de 40 minutos, o que se aproximou também do expectável.

O facto de ter mais duas adultas a acompanhar a sessão, permitiu apoiar crianças com necessidades específicas no grupo/grupo, o que conferiu maior tranquilidade à sessão e menor necessidade de intervenção por parte da dinamizadora (CF).

As crianças mostraram-se envolvidas ao longo de toda a sessão, colaborando e tentando reproduzir aquilo que lhe era solicitado.

O aquecimento foi conseguido sem grandes dificuldades, mostrando as crianças facilidade em parar/andar, perante as instruções.

No Jogo “*Mexer sem parar*” houve crianças que não quiseram fazer (Gata e Ariel). A sua opção foi respeitada pela CF, passando a vez à colega do lado. Esta ocorrência, poderá estar relacionada com o facto dessas crianças, serem mais envergonhadas e não gostarem de se expor ao outro. O facto de todos estarem a olhar para elas, poderá ter originado esta reação. Será importante a CF continuar atenta a próximos jogos/dinâmicas e continuar o reforço positivo, dando-lhes o tempo que necessitam para participar.

No Jogo “*Atira a almofada*” as crianças de início estavam muito motivadas e a cumprir o objetivo do mesmo, mas com o decorrer do jogo, revelou-se difícil de se afastarem uns dos outros, tendo a tendência de irem atrás de quem tinha a almofada e começarem a pedir que lhe passassem a mesma. Perante a materialidade, o seu foco deixou de ser o caminhar sem pensar em nada, para passar a ser o objeto/ materialidade. Podemos refletir neste caso, que a materialidade se sobrepôs à consciência e domínio do seu próprio corpo.

Como exemplos, posso referir que o Polícia teve muita dificuldade em gerir frustrações e saber esperar pela passagem da almofada, empurrando os colegas e dificultando o decorrer do jogo. A CF teve que intervir e dar-lhe a mão, afastando-o da criança que tinha na sua posse o objeto. Também o Dinossauro se colocou em frente ao amigo que tinha a almofada e dizia para lhe passar a mesma, não cumprindo a instrução dada pela CF.

No Jogo de relaxamento “*Boneco de trapo*”, verificou-se alguma dificuldade nalgumas crianças em tocar e comandar o seu par, tendo a tendência de olhar para o lado para perceber o que estavam a fazer os outros e imitar. Têm necessidade de que alguém os incentive a fazer e do apoio do adulto para não ficarem estáticos.

Na reflexão final, conseguiram facilmente recordar o que foi feito ao longo da sessão, verificando-se uma maior necessidade de partilhar os constrangimentos que sentiram ao longo da mesma do que de falar do que sentiram como positivo.

Comentários das crianças:

No decorrer da sessão:

- *Ninguém me passou a almofada.* (Pérola, durante o jogo Atira a almofada);
- *Um par é a dois.* (Alface, durante o Jogo Boneco de Trapo);

No final da sessão/ momento de balanço em grupo:

- *O Polícia estava sempre a tentar tirar a almofada.* (Dudu; Jogo atira a almofada);
- *O Dinossauro também estava a atirar a almofada ao teto.* (Ronaldo, Jogo atira a almofada);
- *O Dinossauro estava à minha frente e eu não a consegui apanhar.* (Pedro, Jogo atira a almofada);
- *Quando o Dudu estava com a almofada o Polícia também queria tirar-lhe a almofada e não o deixava decidir.* (Branca de neve, Jogo atira a almofada);
- *Eu era a dona do boneco e depois era ele o dono.* (Branca de neve; Boneco de trapo);
- *O meu boneco mexia-se...sim a Ariel...* (Dinossauro, Jogo Boneco de trapo);

Fotografias



Anexo G1b. Planificação/reflexão da Sessão 2

Data: 8 de novembro de 2024

Tema geral: Consciência de si e do outro

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência e domínio do corpo no espaço; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Fomentar a expressividade de movimentos; - Estreitar laços entre todos;						
Aprendizagens a observar⁴ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida 2- Executa as instruções que lhe são solicitadas;	(Organização da sala) I-Roda inicial; II-Aquecimento: Caminhar pela área do jogo e a um sinal do educador (bater no bombo) agruparem-se dois a dois (2/2) e continuarem a caminhar juntos de mãos dadas. Não podem ir contra outros pares. A um sinal, pedir para se agruparem depois 3/3...e assim sucessivamente, sem parar de se movimentar.	5mn 10mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância <u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - Música instrumental - 1 bombo	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel; - Reflexão em grupo sobre a sessão	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra atitude cooperativa; 1.3 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.2 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos; 3.1 Domina os movimentos do seu corpo no espaço, focando-se no outro 3.2 Cooperar com os colegas em situação de jogo;

⁴ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>3- Domina o seu corpo, conseguindo controlar movimentos;</p>	<p>III- Atividade central: Jogo: “<i>Câmara lenta</i>”: divide-se a grupo em dois, sendo que um grupo assume primeiro o papel de plateia, enquanto o outro irá realizar as instruções que lhe vão sendo feitas, de forma muito lenta e deslocando-se de um lado ao outro. Ex: vamos fazer uma corrida. Depois, trocam de papeis. Jogo Extra (se necessário): “<i>Câmara lenta a pares</i>”, vamos fazer de conta que estamos a lutar, mas sem nos tocarmos e cada um terá que reagir perante os movimentos do seu par.</p>	<p>10mn</p>		<p>- 10 bolas de relaxamento - Fita de pintor</p>	<p>desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>3.3 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena;</p>
<p>4. Explora o objeto, no corpo do seu par.</p>	<p>IV- Relaxamento: A pares, com bolas de relaxamento e massagem um elemento começa a massajar o corpo do par, começando nos pés e subindo até à cabeça. Depois, trocam-se os papeis.</p>	<p>5mn</p>				<p>4.1 Explora o objeto, pensando no seu par;</p>
<p>5. Revela-se capaz de relembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>V-Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>10mn</p>				<p>5.1 Participa verbalmente no reconto da sessão vivenciada. 5.2 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>
<p>Comentários da educadora-investigadora (CF):</p>						
<p>A planificação foi cumprida, embora estivessem apenas presentes 17 crianças da grupo (faltou a Ariel, o Schreck e o Polícia). No momento do aquecimento- caminhar com os amigos, verificou-se maior agitação e alguma dificuldade em se organizarem quando aumentou o pedido do número para mais de duas crianças. Foi necessário, a intervenção da CF nalgumas situações em que o par inicial tinha que se soltar, para conseguirem cumprir a indicação e juntar-se a outras crianças diferentes do par inicial. A intervenção da CF, foi no sentido de auxiliar a cumprir a instrução e não de forma crítica. Na atividade central- Câmara lenta- perante a proposta de correr, mostraram alguma dificuldade em se focar no que estavam a fazer, sendo o seu objetivo, na maioria dos casos, chegar mais rápido à meta do que os seus colegas.</p>						

As crianças Luana; Pérola; Dinossauro e Alface foram muito rápidos na corrida em câmara lenta. A CF teve alguma dificuldade em controlar a sua intervenção, corrigindo durante o processo do jogo e não no final da sua execução. No entanto, sentiu que essa atitude poderia não ser a mais adequada, dado poder bloquear o processo criativo e as próprias descobertas das crianças. Com o decorrer da atividade e a repetição da proposta, as crianças mostraram maior facilidade de fazer críticas sobre o que observaram e melhoraram no seu desempenho. Também o facto de a grupo estar dividida a meio e irem alternando papeis- plateia e ator- penso que estimulou a observação e a necessidade de maior controlo de movimentos rápidos.

Na proposta de Luta em Câmara lenta, houve um grande entusiasmo e envolvimento da maioria das crianças, com exceção da Fada Madrinha, que observava curiosa tudo à sua volta e foi necessário o incentivo do adulto para uma maior participação. A Branca de Neve, apesar de se mostrar reticente na proposta, mostrou depois entusiasmo e divertimento no processo. O Homem aranha e o Thanos não conseguiram fazer os movimentos lentamente.

O Robin, o Dudu e o Afonso demonstraram maior foco no domínio do corpo.

Na proposta de relaxamento, a pares, com as bolas, foi sentida uma boa adesão e envolvimento por parte das crianças a este novo material, apesar de revelarem alguma dificuldade na manipulação das mesmas no corpo do seu par (rolar). Também se verificou alguma dificuldade em ouvir a música e pararem de falar. Mostraram necessidade de comentarem as sensações que estavam a ter com os colegas ou de referir as dificuldades que tinham no trabalho a pares e na partilha do material utilizado.

Comentários das crianças:

No início da sessão:

O Dinossauro, mostrou que se recordava da sessão anterior, ao fazer a pergunta à CF, sobre a realização de uma atividade da semana anterior...*"E andar nas palmas?"* (Dinossauro)

"Câmara lenta é andar devagar" (Branca de neve; Roda inicial)

No Aquecimento:

"Podemos andar para trás?" (Ronaldo, Caminhar em três);

No jogo "Luta em Câmara lenta":

"Eu não consigo" (Branca de neve)

"A sério que vais colar com fita cola? (...) depois tiras..." (Ronaldo; Atividade central de Corrida em Câmara lenta);

"Eu não gosto..." (Branca de neve, Jogo da luta em câmara lenta)...mas depois no desenrolar do processo, ria-se e começou a correr com a Alface, que era o seu par.

A certa altura disse: *"Não me apanhas!"*

"CF, estou com medo de me magoar assim..." (Pérola, Jogo da luta em câmara lenta)

"CF, podemos desviar...?" (Ronaldo)

A Branca de Neve referiu...*"tu não estavas a falar..."* o que pode pressupor que a sua ação responde a uma instrução mais de momento.

Eu acho que o Afonso estava médio...da primeira parte correu rápido...o Robin estava mega bom. (Ronaldo)

No relaxamento:

O Ronaldo disse para o Dudu (seu par): *"Nós fizemos o ano passado isso"*

A Alface refere: *"Ela não fica quieta. Ela não me deixa..."*, enquanto recebe mensagens da Branca de neve que diz *"Faz cocegas"*

Fotografias



Anexo G1c. Planificação/reflexão da Sessão 3

Data: 22 de novembro 2023

Tema geral: Jogo simbólico: Corpo e voz

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência e domínio do corpo no espaço; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Fomentar a expressividade de movimentos; - Estreitar laços entre todos;						
Aprendizagens a observar⁵ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida;	(Organização da sala) I-Roda inicial;	5mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra atitude cooperativa; 1.3 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.2 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos;
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	II-Aquecimento: Jogo “ <i>Vamos brincar às expressões</i> ” ⁶ As crianças deverão distribuir-se pelo espaço e mediante a instrução deverão dramatizar e sonorizar, o que acabaram de ouvir. Ex: “ <i>Estamos numa loja de loiça e vimos muitos pratos que não gostamos, pelo que resolvemos parti-los estrondosamente; estamos num</i>	10mn		<u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - Música instrumental		

⁵ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

⁶ Rocha, P. (2013). *Vamos brincar às expressões*. 1ª edição. p.14

<p>3- Improvisa movimentos e sons com o seu corpo e voz;</p>	<p><i>campo de borboletas e temos uma rede, pelo que resolvemos apanhá-las; estamos numa capoeira cheia de galinhas e não nos deixam tirar os ovos. Estão sempre a dar-nos bicadas constantemente.</i> (Rocha, 2013, p.14)</p> <p>III- Atividade central: Jogo: “<i>Adivinha!</i>” As crianças são divididas em dois grupos e posicionam-se nas laterais, deixando o espaço em corredor para a improvisação das imagens selecionadas. Uma criança de cada grupo, aproxima-se da educadora e selecionam uma carta. Deverão as duas depois representar (som ou mímica) para os restantes colegas ao longo do corredor, de forma a tentar que adivinhem de que se trata. Pode ser dada às crianças a possibilidade de escolha numa primeira fase. A equipa que adivinhar a resposta correta fica com a carta. Se ninguém acertar, a carta deverá ser colocada novamente no baralho. A equipa que tiver o maior número de cartas quando o baralho acabar ganha o jogo.</p> <p><u>Estratégias:</u> colocar umas marcas no chão ou fita cola de papel, para facilitar a organização do espaço cénico em corredor. As cartas de jogo foram preparadas previamente pela educadora, com recurso a imagens reais e servirão de indutor para esta atividade.</p>	<p>15mn</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Cartões com imagens reais; - Fita-cola cola de pintor 		<p>3.1 Domina os movimentos do seu corpo no espaço, focando-se no outro 3.2 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena;</p>
--	--	-------------	--	--	--	---

4. Consegue cooperar com o colega em situação de jogo;	IV- Relaxamento: A pares, será solicitado que uma criança massaje suavemente com as suas mãos a cabeça do colega. Depois inverter as posições.	10mn			- Reflexão em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)	4.1 Cooperar com os colegas em situação de jogo;
5. Revela-se capaz de lembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.	V-Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)	5 mn				5.1 Participa verbalmente no reconto da sessão vivenciada. 5.2 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A planificação da sessão foi cumprida, com exceção da alteração no horário (realizou-se pelas 13:30horas) e no tempo de duração da mesma (aproximadamente 1h00mn). Este motivo deveu-se, ao espaço estar a ser ocupado com outra atividade de escola e não ser possível realizar no período da manhã, como estava previsto semanalmente. Também em relação à duração da sessão, a mesma acabou por se prolongar um pouco mais, dada a necessidade de tempo para a apropriação das regras de jogo "Adivinha" e o interesse das crianças no mesmo.

Relativamente ao Jogo "*Vamos brincar às expressões*", as crianças mostraram-se bastante entusiasmadas perante as instruções que lhe iam sendo dadas pelo adulto, verificando-se uma grande adesão e um envolvimento mais espontâneo e natural no decorrer das atividades. De realçar, que se denotou uma maior necessidade de exploração do espaço e quando foi referida na instrução o espaço da cozinha e o comer, o Ronaldo apontou para a mesa que estava no auditório e perguntou se podia ser ali. Como a CF não interveio, várias crianças o seguiram e imitaram o comer com os braços em cima da mesa. Esta situação poderá levar-nos a questionar a importância da materialidade nestas idades e a dificuldade em se alhear da mesma. Também permitiu à CF refletir sobre a questão dos estereótipos e a importância de preparar uma sessão que permita desconstruir os modelos e levar as crianças a explorarem o seu corpo, espaço e materiais de formas criativas e livres (fora da caixa). De realçar ainda, que o Polícia e o Schreck revelaram muita necessidade de correr e explorar o espaço existente, o que por vezes lhes dificultou o foco na instrução.

É importante referir ainda, que os adultos têm a tendência de querer dominar/organizar as crianças no espaço, de forma a conseguir controlar mais os seus movimentos e atitudes. Perante um maior envolvimento e "expressividade sonora" das crianças, a CF teve tendência a mudar rapidamente a instrução para evitar o barulho e conseguir uma atitude mais calma e controlada por parte das crianças. Também foi notório que os adultos presentes inconscientemente "mimaram" as instruções antes das crianças poderem ter tempo para refletir e se apropriar da mensagem, o que se por um lado ajuda as crianças a desbloquear, por outro pode originar que não criem e explorem o seu corpo, limitando-se a imitar o adulto. Este aspeto foi refletido no final pela educadora/investigadora com a AO e a EST presentes, de forma a que cada vez mais, se consigam colocar de retaguarda, observando, e só agindo se necessário. Também se refletiu, que a "exteriorização mais descontrolada" por parte das crianças, sentida pela Educadora, poderá não ser percebida pelas crianças da mesma forma e fazer parte do processo criativo, pelo que não deverá ser interrompido de animo leve.

No Jogo central "*Adivinha*", verificou-se maior expressividade e facilidade na resposta às cartas azuis (movimento/mímica) do que com as cartas amarelas (Voz/som), sentindo-se que as crianças têm, na sua maioria, alguma dificuldade na segmentação destes dois elementos, uma vez que inconscientemente o corpo começava a mimar a imagem, juntamente com a voz. No entanto, existiram casos de crianças mais focadas e que conseguiram perceber esta situação e realizar o que lhe era solicitado com um maior cuidado e consciência: Dudu, Pérola e Luana. Esta situação, fez a CF pensar que será importante continuar a trabalhar jogos que permitam tomar maior consciência do corpo e também da voz em separado, de forma a consolidar esta competência.

De realçar ainda, que em decisões a pares, as crianças ainda têm alguma dificuldade em decidir em conjunto. Foi preciso o apoio de retaguarda do adulto nesta gestão. De início, foi necessário o modelo do adulto para compreenderem o jogo. No decorrer do mesmo, foi-se tornando mais fácil e as crianças revelaram-se envolvidas na proposta.

A Gata e a Ariel não se mostraram muito à vontade para representar ou fazer o som, mas aceitaram participar ao lado do par da equipa contrária, o que já foi bastante positivo neste processo.

O Schreck e o Ronaldo não conseguiram separar a voz do movimento.

O Polícia teve muita dificuldade em esperar pela sua vez.

A Alface mostrou muita criatividade na representação do objeto mimado.

No momento do relaxamento as crianças mostraram alguma dificuldade em massajar lentamente a cabeça do seu par, mexendo muitas vezes no cabelo e não na cabeça, sendo essencial o reforço por parte do adulto para terem mais calma e explorarem os movimentos das mãos.

No final, as crianças conseguiram recordar o que tinham feito ao longo da sessão (Roda final). O Schreck revelou ainda dificuldade na organização espaço temporal/sequencia correta das atividades.

Comentários das crianças:

No final da sessão/ momento de balanço em grupo as crianças referiram:

...Andar com o fio na cabeça... (Alface)

...Andamos a partir pratos ...e depois crescemos...(Afonso)

...porque temos que partir pratos sem fazer barulho? ...(Alface)

...A apanhar ovos para fugir das galinhas...(Pedro)

...Lagartixas... (Dinossauro)

E depois eramos umas borboletas...(Alface)

E fizemos massagens no cabelo (Alface) e na cabeça (Afonso)

Depois fizemos o jogo de adivinhar o corpo (Tiago)

Fotografias



Cartas do Jogo Adivinha



Dinamização do Jogo Adivinha



Momento de relaxamento

Anexo G1d. Planificação/reflexão da Sessão 4

Data: 29 de novembro 2023

Tema geral: Jogo simbólico: corpo e voz

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência e domínio do corpo no espaço; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Fomentar a expressividade de movimentos; - Estreitar laços entre todos;						
Aprendizagens a observar⁷ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida;	(Organização da sala) I-Roda inicial;	5mn	Auditóri o da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa; 1.3 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas;
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	II-Aquecimento: “ <i>Olhar e caminhar</i> ”: Fazer um círculo concêntrico e depois escolher uma criança para começar o jogo. O mesmo consiste em olhar fixamente para outro elemento da roda e dizer o seu nome. De seguida, os dois devem trocar de lugar. Deverão manter-se direitos e olhar em frente. Depois, será a vez do	10mn		<u>Recursos materiais:</u> - 1 tripé com TLM - Imagens de máscaras com emoções: tristeza; alegria; raiva; medo;	- Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.2 Domina os movimentos do seu corpo no espaço; 2.3 Foca o olhar no par selecionado durante o jogo;

⁷ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>3- Verbaliza a lengalenga no momento certo;</p>	<p>escolhido dizer outro nome e prosseguir com a mesma ação. Numa segunda fase, poderá ser feita a troca sem dizer o nome, só olhando nos olhos, o que exigirá muita concentração entre todos.</p> <p>III- Atividade central: <i>Falar e ouvir</i>⁸ Com a grupo em pé, numa roda, a CF, pede que se verbalize uma lengalenga: “<i>Rei capitão, soldado ladrão, menina bonita, do meu coração</i>”. Após esta primeira instrução, pede-se que no sentido do relógio, cada criança, na sua vez, verbalize uma só palavra da frase. <i>Isto é, a primeira criança diz “Rei”, a segunda “Capitão”, a terceira “Soldado”, e assim sucessivamente, recomeçando a frase tantas vezes, quantas as necessárias.</i></p>	<p>10mn</p>		<p>- Venda para os olhos;</p>	<p><u>Estratégias:</u> Mostrar a imagem da emoção que se pretende que seja representada.</p>	<p>3.1 Utiliza a sua voz, conseguindo esperar pela sua vez; 3.2 Consegue verbalizar a lengalenga, de acordo com a ordem das palavras; 3.3. Está atenta aos seus pares, conseguindo vocalizar sem se sobrepor aos colegas;</p>
<p>4- Revela-se capaz de relacionar a vocalização com a emoção respetiva;</p>	<p>IV- Jogo extra: “Dizer a lengalenga <i>com emoção</i>” Dividir a grupo em dois, posicionadas as crianças frente a frente (10/10) e deixando no meio um corredor (espaço cénico em corredor). O objetivo será dizerem a lengalenga tendo em conta a emoção selecionada pelo dinamizador. Poderá recorrer-se a imagens de emoções.</p>	<p>10mn</p>				<p>4.1 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena; 4.2 utiliza a voz com diferentes entoações e de acordo com a emoção solicitada;</p> <p>5.1 Identifica o colega pela voz; 5.2. Consegue brincar com a voz, de forma a não descobrirem de quem se trata;</p>
<p>5- Identifica o seu colega através da voz</p>	<p>V- Relaxamento: Jogo “<i>Quem falou?</i>”⁹: Posicionam-se todas as</p>	<p>10mn</p>				

⁸ Atividade proposta por mim, baseada no Jogo “Aquecimento de dar e tomar a vez”: Japiassu, 2008. *Metodologia do ensino de teatro*. 7ªedição. p.129

⁹ Beja, F.; Madureira, C. &Topa, J. (2007): *Jogos e projetos de Expressão Dramática* (p.31). Porto Editora

<p>6- Revela-se capaz de lembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>crianças em círculo, ficando uma criança de olhos vendados no centro. Outra criança, escolhida pela CF aproxima-se e diz uma frase que foi combinada anteriormente pelo grupo (EX: Está um lindo dia, não está?). Pode a criança tentar disfarçar a voz para a outra não o identificar. A criança do centro tem duas tentativas para adivinhar o autor da voz. Quando acertar, o outro toma o seu lugar. <u>Estratégia:</u> Se não conseguir descobrir poderão ser-lhe dadas algumas pistas: é rapaz/rapariga, tem calças de cor..., tem ...anos, etc. ou simplesmente colocar-se à sua frente e ele, de venda nos olhos e através do tato, descobrir de quem se trata.</p> <p>VI-Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>5 mn</p>			<p>- Reflexão em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>6.1 Participa verbalmente no reconto da sessão vivenciada. 6.2 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar</p>
--	--	-------------	--	--	---	--

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A planificação da sessão foi toda cumprida, estando apenas presente a totalidade de 14 crianças. Faltaram: Homem-Aranha; Dudu; Dinossauro; Branca de neve; Schreck e Thanos.

Durante o Jogo de aquecimento verificou-se que as crianças escolhiam preferencialmente os amigos com quem mais brincavam, o que levou a que a CF sentisse necessidade de intervir nessa escolha e a certa altura selecionar outras crianças para trocar de lugar. Também foi necessário reforçar a questão

de caminhar direitos, mas com os braços caídos ao lado do corpo e sem tensão. De realçar, que o Pedro revelou alguma dificuldade em parar o corpo, estava sempre em movimento o que originava às vezes que perdesse o foco. A segunda fase do Jogo referida na planificação, de olhar e trocar de lugar, sem verbalização não se concretizou, porque a CF sentiu que seria necessário primeiro consolidar a deslocação em movimento, antes de complexificar a ordem do jogo.

Na segunda atividade proposta, Jogo “Falar e ouvir”, denotou-se na primeira volta, uma verbalização mais insegura por parte das crianças e com pouca intensidade no som falado. A CF propôs então uma estratégia que não estava na planificação: acrescentar um momento no jogo mais lúdico e que implicava movimento: a criança que verbalizava a última palavra da lengalenga (coração) deveria sentar-se no chão. Esta proposta claramente improvisada no momento pela CF, tornou o jogo mais dinâmico e competitivo. O objetivo, seria ver quem ficaria até ao final em pé, sendo esse o vencedor do jogo. Esta estratégia provocou nas crianças um grande envolvimento e alegria. De salientar que a Elsa revelou alguma dificuldade em perceber a sequência das palavras, tendo a tendência a repetir a palavra anterior e não lhe dar continuidade.

O facto de estarem presentes apenas 14 crianças, permitiu uma maior atenção e apoio por parte da educadora, para além de que o foco das crianças também se sentiu maior.

A CF propôs ainda de seguida, a verbalização da palavra em simultâneo com um movimento. Esta situação foi mais difícil, verificando-se na maioria das crianças dificuldade em realizar as duas ações em simultâneo (voz e movimento). De referir ainda que a Alface mostrou muita criatividade nesta proposta, envolvendo-se ativamente e autonomamente em todas as dinâmicas realizadas.

A segunda proposta do jogo “Dizer a lengalenga *com emoção*”, a planificação não foi totalmente realizada, porque a CF optou por manter as crianças em roda, fazendo apenas uma abertura (em U) para colocar as cartas das emoções no chão, dando hipótese às crianças de escolha da emoção que queriam verbalizar. Foram propostos pela CF pares, seguindo o sentido do relógio na roda onde se encontravam.

De realçar, que se denotou alguma resistência por parte das crianças, em verbalizar perante os colegas, sendo essencial um incentivo por parte do adulto para um maior envolvimento. A CF serviu de modelo nalgumas situações, de forma a tentar desbloquear a ação e reforçar positivamente as suas tentativas.

De registar ainda, que a Fada madrinha não verbalizou nos exercícios, mas mostrou-se feliz no movimento e na participação nas propostas.

Também as emoções mais escolhidas pelas crianças foram a raiva e a alegria.

No Jogo de relaxamento, *Quem falou*, as crianças revelaram na sua maioria facilidade na identificação das vozes dos seus colegas. Algumas crianças conseguiram disfarçar a sua entoação, confundindo os seus pares: Panda; Luana e Pedro.

Comentários das crianças:

Na reflexão final da sessão, as crianças referiram:

Em relação ao Jogo Falar e ouvir, a Alface referiu: Quem venceu a roda... fui eu e a Panda.

Relativamente ao Jogo “Dizer a lengalenga com emoção”, o Afonso referiu: “foi fácil para mim...”

No jogo *Quem falou*, o Ronaldo referiu: “Eu não consegui descobrir a Luana”

Na conversa final sobre a sessão realizada foi necessária a ajuda da CF para a organização e sequência das atividades.

Fotografias



Jogo Falar e ouvir



Jogo de relaxamento: Quem falou?

Anexo G1e. Planificação/reflexão da Sessão 5

Data: 4 de dezembro de 2023

Tema geral: Teatro de sombras: oficina de marionetas

Aprendizagens a promover: - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Promover atividades criativas com a utilização da LUZ;						
Aprendizagens a observar ¹⁰ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida;	I- Roda inicial em contexto de sala de jardim de infância, na área polivalente, para apresentação da convidada e das crianças. Conversa com as crianças sobre a atividade posterior: conceção das crianças sobre o Teatro de sombras e proposta para criação de personagens, cenários e objetos, que permitam depois a construção de uma história.	10mn	- Sala de jardim de infância - Sala das AAAF	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - EST - CF - Convidada SC <u>Recursos materiais:</u>	- Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa;
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, criando personagens com os materiais disponíveis, de forma criativa;	II- Atividade central/workshop de marionetas: Realização de marionetas de sombra com materiais diversos.	30mn		- Coluna de som - 1 TLM - 3 Placas de esferovite grossas - Lanterna - Personagens criadas pela criadora do espetáculo		2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir;
3- Revela interesse na visualização do espetáculo;	III- Visualização de um espetáculo de sombras, na sala das AAAF,	10mn				3.1 Mostra interesse no espetáculo apresentado;

¹⁰ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>4- Revela-se capaz de relembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão, mostrando interesse na criação de uma narrativa com os seus personagens.</p>	<p>dinamizado pela convidada e com apoio da CF.</p> <p>IV- Roda final: Reflexão em grupo sobre as atividades realizadas e as descobertas realizadas e posterior desafio, para continuidade do trabalho: Criação de uma história em grande grupo, tendo como base as figuras que construíram anteriormente na sala.</p> <p>Estratégia: A visualização da história criada pela convidada, no final do processo, pretende que as crianças não se deixem influenciar no processo criativo com as personagens da SC. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>10mn</p>		<p>- Áudio criado pela criadora do Projeto</p> <p>- Materiais diversos: cartolina duplex, papel celofane de várias cores, arame, cachimbos, cola, tesoura, fita cola, redes, paus de espetada, palitos, canetas, cola, materiais reciclados;</p> <p>- Mesas;</p> <p>- Cadeiras;</p>	<p>- Refletir em grupo sobre a sessão desenvolvida, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>3.2 Percebe que o movimento é criado através da manipulação da luz;</p> <p>4.1 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>
---	--	-------------	--	---	--	---

Comentários da educadora-investigadora (CF):

Esta sessão foi desenvolvida no espaço do JI por um elemento externo à escola e a convite da CF. Estiveram presentes toda a grupo, com exceção da Branca de neve e da Aurora.

A planificação foi cumprida e desenvolvida no âmbito de um Projeto apresentado pela SC no curso de pós-graduação de marionetas na ESE de Lisboa, no ano letivo 2022/23: "Do Baldio ao deserto". O desafio de realizar um workshop alusivo ao Teatro de Sombras com as crianças em idade pré-escolar, seguido da partilha do seu espetáculo, foi realizado pela CF à dinamizadora e alargado às quatro salas do JI.

De referir, que a CF auxiliou no processo desenvolvido no JI, no momento da apresentação do espetáculo, manipulando as sombras moveis. Este apoio de retaguarda exigiu um momento anterior de ensaio entre as duas adultas, de forma a poderem conjugar ações em simultâneo e perceber quais as necessidades da dinamizadora/criadora. Também foram selecionados em conjunto os materiais necessários para a consecução da ideia, tendo em conta a experiência da educadora com estas idades. Este momento, foi bastante rico e enriquecedor para as duas envolvidas (CF e SC), dada a troca de ideias e alargando novas possibilidades de trabalhar com a luz e as crianças. O convite para a dinamizadora, também permitiu perceber como era a receptividade das crianças dessa faixa etária a este tipo de atividades, dado ter sido apenas apresentado a adultos até ao momento.

A atividade foi desenvolvida em dois espaços do jardim de infância: sala dois e sala das AAAF. A mesma, deu início na sala dois, conversando a dinamizadora com as crianças sobre as suas conceções sobre teatro de sombras.

O Dudu referiu que sabiam o que era e que já tinham feito na sala. Também mostrou o Teatro de sombras que têm na área da ciência. Referiu que precisavam de luz para fazer as sombras.

A dinamizadora sugeriu que as crianças dessem ideias de personagens e lugares para depois construírem as marionetas em pequenos grupos. Foram organizados previamente os materiais necessários e colocados em três mesas. De seguida, foram propostos três grupos/mesa, estando em cada um 6 crianças. Um adulto foi distribuído por cada uma das mesas: CF, AO e EST. A dinamizadora acabou por ficar mais a dar apoio numa mesa apenas e a AO auxiliou na mesa da EST, onde estavam duas crianças com necessidades específicas.

Foi pedido às crianças que fizessem uma personagem ou cenário à sua escolha, para posteriormente ser criada uma história com os mesmos. Na confecção das marionetas, denotou-se de início, um certo bloqueio nas crianças, no perceber como poderiam utilizar o material disponível e qual o seu objetivo. O facto de a dinamizadora não mostrar primeiro um exemplo ou não explicar o objetivo de utilizar arame, acabou por dificultar um pouco o processo. No entanto, com o apoio dos adultos na sala, foi possível acompanhar o seu pensamento e motivá-los na sua construção criativa. O produto final foi colocado em cima de uma placa de esferovite. Depois desta atividade, as crianças foram convidadas a ir para a sala das AAAF, onde já estava preparado, um cenário e os materiais previamente organizados (espetados na esferovite), para a projeção de uma história criada pela dinamizadora. Os materiais/marionetas da SC foram dispersos intencionalmente sobre as três placas de esferovite colocadas sobre duas mesas, de forma a depois ser contada a narração. Com materiais idênticos aos utilizados pelas crianças anteriormente na sala, foi contada uma história, utilizando a lanterna como recurso em movimento. De salientar, que a convidada criou três cenários distintos, em cada uma das placas: jardim, cidade e floresta. O áudio utilizado permitiu à CF se movimentar mais livremente no espaço com a lanterna, sem se preocupar com a questão sonora. No final, a dinamizadora, propôs às crianças que construíssem depois na sala uma história, com base nas suas marionetas e explorassem esta técnica de teatro de sombras. As crianças aceitaram o desafio. A CF sugeriu à SC que experimentasse com outra grupo do JI o processo inverso realizado com a sua sala, de forma a que as crianças percebessem o que se pretendia no início do processo, dado que sentiu maior dificuldade nesse momento inicial na sala.

Comentários das crianças:

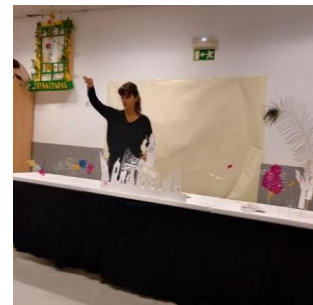
No início da atividade e durante a conversa inicial com a SC:

- *Nós já sabemos o que são as sombras (...) precisamos de luz para fazer sombras.* (Dudu)
- *Temos na sala um Teatro para as sombras.* (Afonso, partilhando a Área da ciência, onde podiam fazer espetáculos)
- *Temos fantoches de sombras.* (Ronaldo)
- *Já vimos um teatro de sombras no dia das castanhas.* (Pedro)
- *Nós temos cartas na biblioteca com cores que também têm muitos personagens e podemos escolher também os lugares.* (Robin)

Fotografias



Realização de marionetas na sala de JI



Dinamização de história: "Do baldio ao deserto"

Anexo G1f. Planificação/reflexão da Sessão 6

Data: 6 de dezembro 2023

Tema geral: Jogo simbólico: As emoções

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência e domínio do corpo no espaço; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Fomentar a expressividade de movimentos; - Estreitar laços entre todos;						
Aprendizagens a observar¹¹ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida;	(Organização da sala) I-Roda inicial	5mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa; 1.3 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.2 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos; 2.3 Relaciona as imagens com as emoções que a música lhe transmite;
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	II-Aquecimento: Jogo: “As <i>emoções</i> ”- Caminhar na sala mostrando emoções- raiva, tristeza, alegria e medo. Mostrar como o corpo fica com as emoções. Espalhar algumas imagens de emoções no chão e colocar diferentes suportes musicais. Quando a música parar, cada criança deverá dirigir-se para junto da imagem que reflete o que a música lhe transmite. Não haverá escolhas certas ou erradas. Cada um	10mn		<u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - Música instrumental - Imagens de máscaras com as		

¹¹ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>3- Improvisa em pequeno grupo uma letra com o seu corpo, tendo uma imagem como indutor;</p>	<p>será livre para sentir e partilhar ao outro o que sente.</p> <p>III- Atividade central: "<i>Letras com o corpo</i>"- São propostas duas equipas (10/10crianças), uma irá estar em ação e os restantes serão a plateia, que terão que descobrir o que cada grupo irá representar.</p> <p>A equipa das crianças que vão representar a letra com o seu corpo, estará subdividida por sua vez em 3 minigrupos (3/4 crianças) e o educador dar-lhes-á um cartão com 3 letras desenhadas. Deverão depois escolher uma delas para representar com a junção do seu corpo no chão. Terão um tempo para o fazer. Ao sinal do educador, as crianças que estão sentadas a observar levantam-se e vão descobrir/identificar quais as letras selecionadas por cada minigrupo.</p> <p>Depois irão trocar-se os grupos, passando a plateia a atores.</p> <p>Esses 10 subdividem-se em dois grupos...uns que observam e têm que adivinhar e os outros que representam a forma de uma letra com o corpo. em pequenos grupos de 3/4 crianças.</p> <p><u>Estratégias:</u> Pedir às crianças que imaginem que são feitos de plasticina e têm que se transformar numa letra.</p> <p>A CF preparou antecipadamente cartões com ¼ letras maiúsculas em cada um, de forma a cada grupo poder escolher a letra que quiser e tendo sempre uma imagem para poder recorrer durante o processo.</p>	<p>15mn</p>		<p>diferentes emoções; - Imagens de letras plastificadas; - Fita-cola de pintor;</p>		<p>3.1 Consegue representar uma imagem/letra com o seu corpo, em articulação com o dos seus pares; 3.2 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena;</p>
--	--	-------------	--	--	--	---

<p>4- Mostra-se atenta durante a atividade;</p> <p>5- Revela-se capaz de relembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>IV- Relaxamento: Movimentar-se pelo espaço ao som de uma música suave, tomando como foco as suas mãos.</p> <p>V-Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>10mn</p> <p>5 mn</p>			<p>- Reflexão em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>4.1 Envolve-se na proposta realizada, explorando as mãos na sua performance;</p> <p>4.2 Focaliza em movimento, partes do seu corpo;</p> <p>5.1 Participa verbalmente no relato da sessão vivenciada.</p> <p>5.2 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>
<p>Comentários da educadora-investigadora (CF):</p>						
<p>Esta sessão não se concretizou devido a ser interrompida no momento do aquecimento e resultar na ocupação do espaço por outro grupo, o que inviabilizou a sua continuidade. A CF optou por ir para o espaço da sala de jardim de infância e substituir a sessão por outro conteúdo, descrito na NC16 e que permitia dar continuidade à sessão realizada anteriormente).</p>						

Anexo G1g. Planificação/reflexão da Sessão 7

Data: 13 de dezembro 2023

Tema geral: Jogo dramático: história

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência e domínio do corpo no espaço; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Fomentar a expressividade de movimentos; - Estreitar laços entre todos;						
Aprendizagens a observar ¹² “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida; 2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	(Organização da sala) <u>I-Roda inicial;</u> <u>II-Aquecimento:</u> Caminhar pelo espaço sem chocar com ninguém. Quando encontramos alguém temos que o cumprimentar e continuar o percurso. Devemos tentar caminhar direitos, como se um fio nos puxasse para cima. Depois, pode-se trocar a ação: quando encontramos alguém temos que nos agachar; temos que levantar os braços, bater uma palma, etc.	5mn 10mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância <u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - Fita-cola cola de pintor; - Imagens de personagens plastificadas; - 3 Músicas previamente	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa; 2.1 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.2 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.3 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos;

¹² Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>3- Escuta a história narrada pelo adulto, improvisando de seguida a mesma através do seu corpo e voz;</p>	<p>III- <u>Atividade central:</u> Reconto e dramatização de uma história criada pelas crianças na semana anterior (nota de campo nº 17). As crianças serão posicionadas em dois grupos, frente a frente e a CF estará no centro, de forma a que todas a vejam, enquanto fala. Explicará que primeiro será um grupo a representar, enquanto o outro é a plateia e observa o espetáculo. Depois serão trocados os papéis. Como estratégias utilizadas, em primeiro lugar, será a utilização de um saco com as imagens das personagens, previamente preparado pela CF e que ajudará na sua distribuição aleatória pelas crianças. Cada uma, irá retirar do saco, sem ver, uma imagem, dizendo depois em voz alta quem irá representar. De realçar ainda, que para um maior envolvimento e aproximação às personagens, a CF irá mostrar alguns objetos e adereços que poderão ajudar a caracterizar um pouco cada personagem.</p>	<p>15mn</p>		<p>selecionadas para a distribuição dos cenários: jardim; cidade e castelo assombrado; - Adereços: saias, lenços, chapéus, bandoletes de orelhas, coroa de rei, capas, máscaras diversas. - Objetos: Tecido grande, caixa e um abanador de palha.</p>		<p>3.1 Consegue dramatizar a história, tendo em conta a personagem e a narrativa da mesma; 3.2 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena;</p>
<p>4- Explora as transformações dos objetos;</p>	<p>IV- <u>Relaxamento:</u> Jogo “Vamos imaginar”- As crianças irão posicionar-se em duas linhas, ficando frente a frente (espaço cénico em corredor). No meio, estará a CF, que lhes mostrará um objeto: um lençol, um abanador de palha, uma caixa, etc. Numa primeira etapa, a ideia será as crianças identificarem o objeto e dizer as suas propriedades e atributos (cor, forma, tamanho).</p>	<p>10mn</p>				<p>4.1 Utiliza objetos dando-lhes atributos imaginados; 4.2 Consegue improvisar uma ação, em situação de interação com um par e um objeto</p>

<p>5- Revela-se capaz de relembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>Depois, a CF irá escolher um par de crianças, para irem para o corredor, dramatizar uma possível ação ou utilização para esse mesmo objeto. As restantes crianças (plateia) irão depois tentar adivinhar o que as mesmas representaram. De realçar, que as crianças poderão imaginar esse mesmo objeto com diferentes características e possíveis ações. Se conseguirem, pedir às crianças que não repitam ações desse objeto, de forma a dificultar o jogo e estimular a sua criatividade e improvisação.</p> <p>V-Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>5 mn</p>			<p>- Refletir em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>5.1 Participa verbalmente no reconto da sessão vivenciada. 5.2 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>
--	--	-------------	--	--	---	---

Comentários da educadora-investigadora (CF):

Nesta sessão estiveram ausentes 4 crianças da grupo: Dudu; Panda; Alface e Ariel. As duas adultas AO e EST também estiveram presentes e acompanharam a sessão numa posição de retaguarda e ajudando sempre que solicitadas pelo adulto. Neste aspeto, já se denota uma maior sensibilidade para a sua intervenção, não reagindo de imediato às ações das crianças. É importante referir, no entanto, que existem crianças com grande dificuldade de foco e chamadas de atenção constantes ao adulto, o que influencia a dinâmica desenvolvida, nomeadamente: o Pedro, o Polícia e o Dinossauro, pelo que existir outro elemento adulto durante a sessão, ajuda à sua concretização. No momento do aquecimento a CF optou pela estratégia de escolher o Dinossauro para ajudar na instrução (bater as palmas) de forma a conseguir que estivesse mais atento.

A planificação da sessão foi cumprida com exceção do relaxamento, dado o tempo planificado para a atividade central não ser suficiente e ter sido estendido, o que levou a impossibilidade para a atividade de relaxamento. Neste sentido, a CF considerou mais importante, dar oportunidade aos dois grupos, de experimentarem a dramatização da história. A atividade planificada para o Relaxamento será realizada na próxima sessão semanal.

O reconto da história foi também importante para as crianças se lembrarem das personagens, das ações e dos cenários, sendo fundamental para a etapa seguinte da dramatização.

A estratégia utilizada pela CF de fazer perguntas às crianças para incentivar o diálogo e relembrar a história no espaço e no tempo, foi importante para um maior envolvimento e foi mais rico do que se fosse simplesmente narrada pela mesma.

De realçar, que o facto de as personagens terem sido distribuídas aleatoriamente, teve vantagens e desvantagens. As vantagens, prenderam-se com a rápida organização das personagens, com a improvisação que permitiu, ao terem as crianças que se adaptar às características das personagens, mesmo aquelas com quem não se identificavam e com o quebrar de estereótipos. Sobre esta última questão, a Branca de Neve chamou a atenção da CF relativamente à distribuição das personagens ter que ter em conta o género de cada criança, ou seja, quando questionou a possibilidade de ser uma menina a representar o papel de um homem (o rei José ser representado pela Gata). Penso que esta questão foi importante neste processo, permitindo à CF realçar a liberdade do Teatro e a possibilidade de brincar com a imaginação. Será importante desta forma, continuar a proporcionar-lhes momentos que quebrem os estereótipos.

Como desvantagens, realçamos as frustrações em duas crianças, que rejeitaram os papéis que lhe foram atribuídos (Branca de neve e Dinossauro). Foi essencial o reforço positivo por parte do adulto para um maior envolvimento.

É importante referir ainda, que à Gata, lhe foi atribuída aleatoriamente a personagem principal, sendo ela ainda muito tímida e mostrando-se muito insegura perante a exposição em grande grupo. Apesar disso, é importante realçar, que não rejeitou o seu papel e mostrou-se feliz na sua participação. Foi, no entanto, necessário, a CF incentivá-la e dar-lhe apoio de retaguarda ao longo dos diferentes momentos da história.

De uma maneira geral, a dramatização foi conseguida, apesar de se sentir que as crianças ainda não estão despertas para a questão da posição do corpo relativamente à plateia- de frente, ou seja, muitas vezes posicionavam-se de costas para o público esquecendo-se de quem os observa. Também se verificou que a marcação do espaço cénico (retângulo de fita cola no chão) também foi esquecido, quando estavam a representar ações, o que é normal sendo esta situação realizada pela primeira vez neste ano letivo. Os adereços facilitaram a interiorização das personagens.

Também é importante refletir na questão da narração, que a CF optou por ser ela a fazê-lo nesta primeira experiência de dramatização de uma história, de forma a orientar as cenas no espaço e no tempo. Esta situação, permitiu às crianças se orientarem na história e perceberem a dinâmica. Penso que, se esta proposta for continuada noutra sessão, poderá permitir-lhes consolidar competências e mostrarem-se mais dinâmicos e expressivos. A estratégia da CF, de colocação de algumas crianças como objetos estáticos, no meio do cenário, também permitiu uma maior envolvimento neste processo. Ex: árvores e flores, casas e castelo...

De referir ainda, que existem diferentes níveis de “representação/expressividade corporal” nas crianças deste grupo, ou seja, algumas que se destacaram neste processo, a maioria do grupo A- Focus Group- e que já frequentaram a sala no ano letivo transato: Afonso; Robin; Luana e Ronaldo. Este facto, poderá pressupor que existiu já uma prática educativa neste domínio, o que poderá deixar as crianças mais livres para criar.

Comentários das crianças:

Na atividade central, dramatização, realçamos alguns comentários:

“A Gata não pode ser o rei. É uma menina...eu não quero ser uma vaca. Não gosto de ser vaca...” (Branca de neve)

Enquanto a CF colocava a fita cola no chão para limitar o espaço cénico, o Schreck fez um comentário:

“...isso é para jogar à bola...” (Schreck)

“a trovoada ...eu sei fazer muito bem com folha... (Pérola)

“...nós podemos ir para aquelas cadeiras para vermos o espetáculo.” (Pedro)

“os animais têm que andar com as mãos no chão, de gatas...” (Robin)

“...pode ser o Schreck o castelo...” (Dinossauro)

Fotografias



Indutores de personagens



Atividade central- Dramatização de história



Anexo G1h. Planificação/reflexão da Sessão 8

Data: 20 de dezembro 2023

Tema geral: Jogo dramático (Exploração de objetos)

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência e domínio do corpo no espaço; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Fomentar a expressividade de movimentos; - Estreitar laços entre todos;						
Aprendizagens a observar ¹³ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida; 2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	(Organização da sala) <u>I-Roda inicial;</u> <u>II-Aquecimento: Jogo Cardume:</u> A CF começa por exemplificar as regras do jogo: representando um peixe que irá realizar um movimento, que todos irão seguir. Depois, irá escolher outra criança para passar a ser o chefe do cardume e iniciar outro movimento. Os movimentos poderão ser altos (de pé) ou baixos (ao nível do chão). <u>Estratégia:</u> Irá colocar-se uma música de fundo para inspiração nos movimentos. Depois dessa primeira fase, a CF irá escolher em primeiro lugar uma criança mais desinibida e que revele	5mn 5mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância <u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - 1 microfone - Saco de pano com imagens de personagens plastificadas;	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa; 2.1 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.2 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.3 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos;

¹³ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>3- Escuta a história gravada, improvisando de seguida a mesma através do seu corpo;</p>	<p>criatividade nos movimentos, de forma a motivar os colegas para este jogo.</p> <p>III- <u>Atividade central</u>: Jogo dramático: Audição da história gravada pelas crianças e dramatização da mesma (nota de campo nº 17), dando continuidade à sessão anterior. Para começar, as crianças serão posicionadas num espaço cénico em corredor, ficando 10 em cada lado. A CF ficará, no meio, para que todas as crianças a vejam e ouçam. Explicará que irão repetir a dramatização já iniciada na semana anterior, mas tentando que o adulto não intervenha tanto e que cada uma das personagens se movimente de acordo com as suas características. Depois, irá ser definido o primeiro grupo a atuar. De seguida, cada uma das crianças desse mesmo grupo irá retirar do saco das personagens uma imagem, dizendo depois em voz alta quem irá representar. O outro grupo será a plateia e irá observar o espetáculo. Depois serão trocados os papéis. Estarão disponíveis também alguns adereços que as crianças poderão escolher para a caracterização da sua personagem. Para os elementos da história que não se movem poderão ser utilizados objetos que existam no auditório ou escolherem-se crianças na plateia para assim o representar.</p>	<p>20mn</p>		<p>- 3 Músicas previamente selecionadas para a distribuição dos cenários: jardim; cidade e castelo assombrado; - Áudio da narração da história; - Adereços: saias, lenços, chapéus, bandoletes de orelhas, coroa de rei, capas, máscaras diversas.</p>		<p>3.1 Consegue dramatizar a história, tendo em conta a personagem e a narrativa da mesma; 3.2 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena;</p>
--	--	-------------	--	--	--	---

<p>4- Explora as transformações dos objetos;</p>	<p><u>Estratégia:</u> o campo de ação será delimitado com marcadores de plástico (círculos), demarcando a porta de entrada e a de saída em palco, após cada cena.</p> <p>IV- <u>Relaxamento:</u> Jogo “Vamos imaginar”- As crianças irão posicionar-se em duas linhas, ficando frente a frente (espaço cénico em corredor). No meio, estará a CF, que lhes mostrará um objeto: um pano/tecido. Numa primeira etapa, a ideia será as crianças identificarem o objeto e dizer as suas propriedades e atributos (cor, forma, tamanho). Depois, a CF irá escolher um par de crianças, para irem para o corredor, dramatizar uma possível ação ou utilização para esse mesmo objeto. As restantes crianças (plateia) irão depois tentar adivinhar o que as mesmas representaram.</p> <p>De realçar, que as crianças poderão imaginar esse mesmo objeto com diferentes características e possíveis ações. Se conseguirem, pedir às crianças que não repitam ações desse objeto, de forma a dificultar o jogo e estimular a sua criatividade e improvisação.</p>	<p>10mn</p>				<p>4.1 Utiliza objetos dando-lhes atributos imaginados; 4.2 Consegue improvisar uma ação, em situação de interação com um par e um objeto</p>
<p>5- Revela-se capaz de lembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>V-Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>5 mn</p>			<p>- Refletir em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>5.1 Participa verbalmente no reconto da sessão vivenciada. 5.2 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A sessão contou com a presença das 3 adultas (CF, EST e AO) bem como de 19 crianças (faltou a Pérola).

A planificação foi conseguida, apesar de o tempo estimado ser superior ao planificado: demorou aproximadamente 1h15mn. De referir, que dado o espaço de auditório estar disponível toda a manhã, não houve necessidade de controlar o tempo e foi possível explorar as dinâmicas de forma mais tranquila e aproveitando o interesse das crianças e o desenrolar das atividades.

Relativamente ao exercício realizado no aquecimento- *Jogo do Cardume*- no início, as crianças começaram a competir pela posição, ou seja, tentavam ser as primeiras da fila, que ultrapassavam o “chefe” do cardume. Gradualmente, e no desenrolar do jogo, a CF incentivou as crianças a respeitarem a regra de não passar à frente do colega escolhido. Perante esta situação, melhorou um pouco, embora nalguns casos específicos de crianças mais agitadas, esta recomendação não tenha tido muito efeito, optando por ficar o adulto junto dessas crianças que revelaram mais dificuldade no cumprimento das regras do jogo.

Poderemos referir ainda alguns pormenores a nível individual:

A *Aurora* mostrou-se muito envolvida nesta proposta, pelo que se aborreceu quando assumiu a posição de “chefe” e o *Polícia* e o *Dinossauro* não a deixavam movimentar-se (empurravam ou ultrapassavam). Ela optou de início, por se movimentar em câmara lenta, ao som da música. Gradualmente, foi-se soltando e aumentando a velocidade de movimentos. Também brincou com o parar/andar. Mostrou-se criativa e bastante focada no que estava a realizar.

Outras crianças, pelo contrário, não tiveram em atenção a música e decidiram correr pelo espaço, levando a que todos se movimentassem atrás de si, da mesma forma.

Poderemos referir o caso da *Alface*, do *Dinossauro* e o *Schreck*.

A *Elsa* não quis ser chefe do cardume. O *Polícia*, quando ocupou a posição de chefe do cardume, acabou por se mostrar mais controlado e realizar movimentos diversos e exploratórios, principalmente com os braços.

Perante o afastamento de algumas crianças, a CF utilizou a estratégia de dizer-lhes, que se afastavam, perdiam o cardume e ficavam tristes e sozinhas, o que originou maior atenção e proximidade dos restantes.

Observando depois o vídeo da sessão, foi possível refletir ainda sobre o tipo de movimentos mais utilizados pelas crianças, em jogos criativos, em jogos criativos, envolveram a utilização de braços e de posições em pé. O plano deitado, apesar de incentivado pela CF ao longo da sessão, foi explorado apenas pelo Robin, o que sugere a necessidade de ser mais trabalhado em próximas sessões. Esta situação, poderá torna-los mais conscientes do seu próprio corpo no espaço e as suas potencialidades.

É importante realçar, que apenas a CF participou neste exercício, ficando as duas adultas restantes a observar e de retaguarda, para se necessário atuarem ou apoiar alguma criança em particular. Esta situação foi importante para uma maior criatividade e liberdade expressiva por parte das crianças.

Também a estratégia utilizada pela CF de troca da criança em situação de líder, neste jogo foi essencial, para valorizar as mais tímidas e que nunca se oferecem para ocupar estes lugares de realce perante os outros.

Na Atividade central da dramatização, ao colocar a narração da história já gravada pelas crianças e já referida nas notas de campo nº18, foi difícil acompanhar a dramatização da história e impediu a expressividade das crianças. A CF acabou por improvisar e perguntar às crianças se não preferiam ser elas a narrar, no momento da história. Perante a resposta positiva, a CF perguntou ao Dudu se queria ser o narrador. Esta ação, ajudou a organizar a sequência da história e a não limitar os movimentos, dando o tempo necessário a cada uma.

O facto de se ter repetido a mesma história e atividade da sessão anterior, permitiu às crianças estarem mais desinibidas durante o processo. Verificou-se maior participação e criatividade e não houve tanta intervenção do adulto no processo.

A pesquisa sobre as características das personagens será sempre importante antes da dramatização propriamente dita, de forma a lhes permitir refletir sobre possíveis movimentos e ações que ajudem nessa mesma caracterização. Ex: ver como vídeos de como anda a aranha real, para tentar imitar depois.

No Jogo de relaxamento- *Vamos imaginar* - apesar de se verificar alguma dificuldade no início da proposta, na verbalização e improvisação das crianças, o decorrer do jogo foi provocando uma maior desconstrução e quebrando estereótipos, ou seja, levou as crianças a imaginar e dramatizar.

Comentários das crianças:

...Aquecer...(Afonso)

...tirar os sapatos...(Ronaldo)

...andar com o fio...(Alface)

Durante a Atividade central e na distribuição das personagens:

...*Eu fiquei a aranha que era a Ariel...mas a aranha não faz nada...* (Luana);

...para as patas da aranha faltam quatro... quatro mais quatro... (Ronaldo).

...*eu quero ser o rei...* (Schreck)

...*podemos ver depois no computador da sala como a aranha anda...*(Luana)

Fotografias



Jogo "Cardume"



Jogo dramático



Jogo "Vamos Imaginar"

Anexo G1i. Planificação/reflexão da Sessão 9

Data: 10 de janeiro de 2024

Tema geral: Jogo dramático (Improvisação com objetos)

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência e domínio do corpo no espaço; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Fomentar a expressividade de movimentos; - Estreitar laços entre todos;						
Aprendizagens a observar ¹⁴ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida;	(Organização da sala) <u>I-Roda inicial:</u>	5mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa; 1.3 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas;
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	<u>II-Aquecimento:</u> Jogo: <i>Troca de pares</i> : as crianças agrupam-se dois a dois e dançam com as palmas das mãos encostadas uma na outra, ao som da música. A um sinal sonoro (buzina) trocam de par e continuam a dançar.	5mn		<u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - Fita-cola cola de pintor; - 1 buzina; - 1 cesto com 10 objetos: saxofone; teclado de computador, telefone; rolo da	- Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.2 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos; 2.3 Consegue mudar de par ao sinal sonoro, não perdendo o ritmo da música que está a tocar e adaptando-se ao novo colega;

¹⁴ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>3- Improvisa em pequenos grupos uma história, utilizando objetos como indutores para a ação;</p>	<p>Sempre que o sinal sonoro se verificar, deverão sempre trocar de par. Deverão tentar sempre movimentar-se ao ritmo da música selecionada.</p> <p>III- <u>Atividade central:</u> Improvisação de uma pequena narrativa em pequenos grupos (3/4 crianças), tendo como indutores objetos diversos, selecionados pelas crianças. A grupo será dividida ao meio, sendo que metade, irá funcionar como plateia e assistir à apresentação dos colegas. O objetivo, será que entre eles possam improvisar uma ação ou narrativa, para apresentar à "plateia". A CF irá propor a realização de 3 pequenos grupos, que terão que selecionar dois ou três objetos de uma caixa. Após essa escolha, irão improvisar uma ação. Depois, a plateia irá trocar com as crianças que dinamizam a narrativa.</p>	<p>20mn</p>		<p>massa; biberão; maçã; martelo; óculos e alicate. - Cartões plastificados com imagens de letras maiúsculas (cartões com ¼ letras)</p>		<p>3.1 Domina os movimentos do seu corpo no espaço, focando-se no outro; 3.2 Consegue improvisar uma narrativa, tendo como suporte os objetos escolhidos;</p>
<p>4- Improvisa em pequeno grupo uma letra com o seu corpo, tendo uma imagem como indutor;</p>	<p>IV- Relaxamento: <i>Letras com o corpo</i>- São propostas duas equipas (10/10crianças), uma irá estar em ação e os restantes serão a plateia, que terão que descobrir o que cada grupo irá representar. A equipa das crianças que vão representar a letra com o seu corpo, estará subdividida por sua vez em 3 minigrupos (3/4 crianças) e o educador dar-lhes-á um cartão com 3/4 letras desenhadas. Deverão depois escolher uma delas para representar com a junção do seu corpo no chão. Terão um tempo para o fazer. Ao sinal do</p>	<p>10mn</p>				<p>4.1 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena; 4.2 Consegue utilizar o objeto selecionado, em articulação com os objetos selecionados pelo seu grupo;</p>

<p>5- Revela-se capaz de lembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>educador, as crianças que estão sentadas a observar levantam-se e vão descobrir/identificar qual a letra selecionada por cada minigrupo. Depois irão trocar-se os grupos, passando a plateia a atores. Esses 10 subdividem-se em dois grupos...uns que observam e têm que adivinhar e os outros que representam a forma de uma letra com o corpo. <u>Estratégias:</u> Pedir às crianças que imaginem que são feitos de plasticina e têm que se transformar numa letra. A CF preparou antecipadamente cartões com ¼ letras maiúsculas em cada um, de forma a cada grupo poder escolher a letra que quiser e a mesma ser o indutor para o seu processo artístico.</p> <p>V-Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>5 mn</p>			<p>- Refletir em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>5.1 Participa verbalmente no reconto da sessão vivenciada. 5.2 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>
--	--	-------------	--	--	---	--

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A sessão contou com a presença das 3 adultas (CF, EST e AO) bem como de 16 crianças (faltaram o Schreck; o Polícia; a Luana e a Ariel). A planificação da sessão foi toda cumprida, sendo que o tempo planificado foi um bocadinho mais longo, ou seja, em vez de 45 minutos, a sessão teve a duração de 1 hora. Os materiais necessários a esta sessão, foram previamente preparados dentro de um cesto e as crianças ajudaram a levá-los para o espaço da mesma. Relativamente ao **Jogo do aquecimento** escolhido pela CF, o facto de já ter sido realizado no Museu da Dança e do Teatro, levou a um maior entusiasmo e excitação por parte das crianças, principalmente no momento do som forte no meio da música (a buzina neste caso). De referir, que se verificou frequentemente a procura de amigos mais próximos para dançar, mesmo que mais distantes. Esta situação foi depois falada com as crianças no momento de reflexão sobre a sessão, de forma a lhes

transmitir que o objetivo era mudar de par rapidamente, para o mais próximo fisicamente e não circular à procura de alguém específico. Foi reforçado pela CF que é importante conhecermos bem todos os amigos e trocarmos de parceiros nos jogos.

Relativamente à **atividade central**: improvisação de narrativas em pequenos grupos, com indutor de objetos selecionados pelas crianças, é de referir em primeiro lugar, que os objetos selecionados foram na maioria das crianças os que não tinham sido nunca manipulados: telefone antigo, saxofone, biberão, óculos de sol, rolo da massa, alicate e martelo. Os grupos foram selecionados pela CF, comportando 4/5 crianças. A CF optou por dar tempo a dois grupos para se organizarem sozinhos, mas perante um bloqueio inicial dos mesmos, resolveu intervir e promover a criatividade, ajudando no processo criativo.

1º grupo (4 crianças): *Branca de neve* (alicate), *Homem Aranha* (telefone), *Elsa* (martelo) e *Fada Madrinha* (rolo da massa).

Narrativa: A cozinheira estava a fazer uma pizza com o rolo e a mesa partiu. O marido teve que telefonar para o senhor vir arranjar a mesa. Vieram duas senhoras para arranjar a mesa. Depois o senhor agradeceu e pagou-lhes o serviço prestado.

Este grupo exigiu um grande apoio de retaguarda do adulto para conseguirem articular os objetos na narrativa. Foi importante a CF ir colocando questões e dando ideias, de forma a estimular o pensamento crítico e incitar a improvisação.

2º grupo (4 crianças): *Dudu* (varinha mágica), *Ronaldo* (saxofone); *Pedro* (óculos de sol) e a *Alface* (maçã).

Narrativa: O mágico fez uma magia e apareceu uma pessoa a tocar saxofone. Depois apareceram dois irmãos: um rapaz e uma menina. O rapaz estava cego e resolveu ir à loja comprar uns óculos e a irmã foi comprar uma maçã. O mágico depois fez umas palavras mágicas e o cego começou a ver. FIM

Este grupo organizou-se autonomamente, apesar de necessitarem de algum apoio de retaguarda para uma maior articulação com o Polícia, que revelou maior dificuldade em dar continuidade e aceitar as ideias dos colegas.

3º grupo (4 crianças): *Robin* (óculos de sol), *Thanos* (rolo da massa) *Dinossauro* (saxofone) e o *Afonso* (varinha mágica).

Narrativa: O senhor estava a dar um concerto. Havia dois irmãos que viviam na sua casa e um deles estava a fazer uma pizza e apareceu o mágico que transformou um menino cozinheiro em carro. O irmão subiu para o carro e foram ver o concerto e quando lá chegaram apareceu o mágico que transformou o menino outra vez em menino e foram os dois ver o concerto. O mágico também foi. FIM

O Dinossauro mostrou muita dificuldade em esperar pela sua vez, interrompendo constantemente os colegas e chamando a atenção dos adultos. Houve momentos em que prejudicou a dinâmica realizada, sendo necessário a CF chamar a sua atenção e numa última opção, retirá-lo do jogo.

4º grupo (4 crianças): *Pérola* (biberão); *Panda* (maçã); *Gata* (alicate) e *Aurora* (martelo).

Narrativa: Era uma vez uma mãe que andava com o seu bebé ao colo e estava a dar-lhe o biberão. A tia chegou e bateu à porta e a mãe foi-lhe abrir a porta.

Ela vinha visitar o bebé e trouxe-lhe 1 maçã. O bebé já tinha dois dentes. Depois partiu-se a cadeira e chamaram alguém da oficina para arranjar a mesma. A mãe começou a dançar e a fazer ballet enquanto a tia segurava no bebé. Os senhores arranjaram a cadeira e depois foram-se embora. FIM

A Pérola mostrou grande facilidade na improvisação, mas alguma dificuldade em articular com os colegas durante a apresentação. Rapidamente se dispersou e começou a conversar com o adulto, para justificar as suas escolhas.

Como conclusão deste jogo, a CF sentiu que apesar de necessitar de um grande apoio por parte do adulto, as crianças se mostraram entusiasmadas ao longo do mesmo e foi possível perceberem o objetivo a atingir: criar uma narrativa com sentido, onde todos participassem com os objetos, que serviram de indutores no processo criativo.

A narração do adulto foi essencial neste processo, para um maior envolvimento e apropriação da história, o que se tornou mais visível nos movimentos.

No **Jogo de relaxamento** Letras com o corpo, as crianças mostraram facilidade na apreensão das regras a adotar bem como da noção de perspetiva e trabalho de equipa. Esta situação surpreendeu um pouco a CF, que esperava menor autonomia neste processo. Apenas o Polícia se mostrou algo perdido na orientação espacial e na representação plana da letra com o corpo ligado ao dos colegas.

A conversa em **roda final** também tem sido um momento muito importante para todos (adultos e crianças), permitindo-lhes organizar-se temporalmente, a par de verbalizar sentimentos e emoções. É de realçar uma grande participação verbal das crianças: Pérola, Ronaldo, Branca de Neve, Alface e o Pedro.

Comentários das crianças:

Na improvisação de narrativas com objetos:

Dudu: *"Abracadabra, Pedro já não fica cego!"* (e agitou a varinha mágica para concretizar o que estava a dizer).

No final da sessão/ momento de balanço em grupo e relativamente à questão sobre a improvisação de objetos:

Branca de neve: *Ainda não experimentamos a buzina.(...) Era a Alface que queria ir comigo...ela disse Branca de Neve...Branca de neve...*

Thanos: *Alface, não existe só a Branca de Neve...*

Ronaldo: *É difícil porque nós temos que treinar também...*

A Pérola disse: *- Eu pensei rápido...eu decidi rápido o que eu ia fazer com o biberão. Era fácil...*

Aurora: *Ficámos parados, porque ela não dizia nada...*

Fotografias



Jogo Troca de pares



Improvisação com objetos



Jogo: Letras com o corpo

Anexo G1j. Planificação/reflexão da Sessão 10

Data: 17 de janeiro 2024

Tema geral: Jogo dramático: Improvisação em contracena

Aprendizagens a promover: - Desenvolver dois conceitos típicos da linguagem teatral: a contracena e o ensaio; - Fomentar a linguagem dramática e a improvisação; - Promover a interação entre pares em situações de Jogo dramático;						
Aprendizagens a observar¹⁵ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida; 2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	(Organização da sala) I-Roda inicial;	5mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância - CF - 1 atriz/dinamizadora da sessão- Alice <u>Recursos materiais:</u> - 1 tripé com TLM - 2 cadeiras	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa; 1.3 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.1 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando atitudes de: mobilidade/imobilidade e de cumprimento de orientações verbais; 2.2 Reage rapidamente a uma questão que lhe é colocada, focando-se no jogo e no movimento associado à resposta pretendida;
	II-Aquecimento: <u>Jogos de exploração no espaço:</u> 2.1. <u>Jogo da instrução:</u> Andar pelo espaço e quando se bater uma palma, ouvir e realizar as indicações: parar; tocar numa cor específica; tocar num colega parecido; tocar num colega diferente; tocar com as costas, nas costas de um amigo(a); etc.	5mn				
	2.2. <u>Jogo “sim ou não”:</u> a dinamizadora encontra-se no meio	10mn				

¹⁵ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>3- Participa em situações de jogo dramático/teatro: 3.1 Reproduz individualmente gestos e movimentos ligados a uma ação precisa, criada pelo adulto;</p>	<p>do auditório com as crianças à sua frente e perante diversas perguntas, as mesmas terão que se dirigir para o lado direito (SIM) ou lado esquerdo (NÃO), consoante a sua opção de resposta. Ex: eu gosto de pizza; eu tenho irmãos; eu já contei um segredo a alguém que não era para contar; eu sou do Benfica; eu sei quem é o meu melhor amigo, etc.</p> <p>III- Atividade central: <u>Jogo dramático</u> <u>3.1. Jogo das Frases físicas (pequenos grupos):</u> Mimar individualmente uma sequência de atos (situações recriadas pelo adulto): Cinco crianças saem da sala com um adulto. A dinamizadora faz uma “frase física” para as restantes crianças, não usando palavras e sim o corpo/gestos. Narrativa 1: A menina abriu uma garrafa e depois deitou um líquido num copo, que primeiro soube bem, mas depois não gostou...e a fez cuspir o mesmo. Narrativa 2: A menina andava a passear e encontrou uma flor, cheirou-a e arrancou-a. Depois continuou a caminhar. Narrativa 3: Uma senhora andou à procura de uma chave nos bolsos, assusta-se porque acha que se esqueceu da mesma. Quando a</p>	<p>20mn</p>				<p>3.1 Mima a narrativa representada pelo adulto, através de uma sequência de gestos;</p>
---	---	-------------	--	--	--	---

<p>3.2 Improvisa a pares uma pequena narrativa: a partir de um local, tema, personagens;</p>	<p>descobre fica feliz e monta-se na moto e vai-se embora. Depois desta representação, entra uma criança das que estava fora da sala e senta-se no meio da plateia, observando a representação do adulto, que será novamente repetida para ela. Depois, entrará na sala outra criança, sendo que a anterior irá ser ela a mimar o que observou para ela e assim sucessivamente, até terem entrado todas as que estavam no exterior desta sala. <u>Estratégias a utilizar:</u> - As crianças que viram a “frase” não falem nem contarem nada do que observaram, durante a representação dos colegas. - A representação só será feita uma vez para cada criança que entra, tendo essa depois que repetir para a próxima.</p> <p>3.2. <u>Jogo “3.2.1 Ação!”:</u> Improviso/representar uma cena como se fosse um espetáculo para uma plateia. Colocam-se duas cadeiras num local definido para o palco e propõe-se que uma criança assuma o papel de uma personagem e a dinamizadora de outra personagem. Numa segunda etapa, poderão ser duas crianças em contracena, com o apoio de retaguarda da dinamizadora. As restantes crianças do grupo, ficarão de frente para o palco e assumirão o lugar da plateia.</p>	<p>20mn</p>				<p>3.2 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena; 3.3. Toma consciência da importância da sua voz na contracena e esforça-se por progredir na sua expressão;</p>
--	---	-------------	--	--	--	--

<p>4- Revela-se capaz de relembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>Situações definidas: Cena 1- Local: consultório médico; Personagens: um Médico e um paciente; Ação: uma pessoa que está doente e que vai ao médico para pedir ajuda. Cena 2- Local: Escola; Personagens: Diretor(a) e pai de um(a) aluno(a); Ação: um pai ou mãe que é chamado à direção da escola, porque o seu filho(a) se portou mal. <u>Estratégias:</u> As crianças no final de fazerem as cenas de teatro, agradecerem. Repetir frases com as crianças, com uma voz cada vez mais alta.</p> <p>IV- Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>10 mn</p>			<p>- Refletir em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>4.1 Participa verbalmente no reconto da sessão vivenciada. 4.2 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar</p>
--	---	--------------	--	--	---	--

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A sessão teve a duração de 1 hora e 30 minutos, estando as crianças sempre muito envolvidas ao longo da mesma. Estavam presentes 17 crianças da grupo, faltando apenas três: o Ronaldo, o Dinossauro e a Ariel. Também estiveram 3 adultas na sessão: a CF, a EST e a convidada AM (atriz). Este facto, foi muito positivo, permitindo um maior apoio de retaguarda na concretização da planificação e no apoio às necessidades do público alvo. Por exemplo, no Jogo “Frases Físicas”, um adulto acompanhou algumas crianças para o exterior do espaço do auditório e outro ficou junto à porta, do lado interior, dando sinal na entrada contínua das crianças, no desenrolar do Jogo. Este número de adultos, também permitiu dar apoio mais individual a uma criança com necessidades específicas e que necessita de constante supervisão por parte do adulto, de forma a não interferir nas dinâmicas realizadas.

De referir ainda, que foi muito positivo para a CF poder observar a reação das crianças com uma pessoa especializada em Teatro, que não conheciam e que lhes propôs experiências novas. Estavam muito atentas nas instruções dadas e esforçaram-se por responder às mesmas. Também foi enriquecedor pela partilha de estratégias e de atividades, que poderão ser utilizadas e adaptadas na sua prática letiva enquanto educadora de infância. O trabalho colaborativo poderá ser mais rico, quando os percursos académicos e formativos dos dinamizadores são distintos.

De referir, que as crianças, estiveram sempre muito envolvidas em todas as dinâmicas propostas pela dinamizadora, esforçando-se por responder ao que lhe era solicitado. A utilização de linguagem simples e direta para as crianças destas idades, foi importante neste processo.

Na primeira parte do Aquecimento, as crianças revelaram já apropriação de alguns exercícios e foco na instrução dada pela dinamizadora. As propostas que envolvem mobilidade/imobilidade já estão adquiridas pelas mesmas, conseguindo reagir a essa ordem com muita rapidez e foco.

A regra de saber ouvir sem falar, foi ainda difícil para algumas crianças, nomeadamente a Branca de neve e o Schreck. No entanto, as estratégias verbais utilizadas pela dinamizadora ao longo da sessão, foram bem recebidas pelas mesmas e tiveram resultados positivos: *“Não caiam na armadilha de falar (...) esta televisão liga-se sozinha! (...) quem falar no público não vai...”*. Na opinião da CF, as “instruções brincadas” são uma importante estratégia para um maior envolvimento do público alvo.

De realçar ainda, a estratégia da dinamizadora de ir refletindo verbalmente com as crianças sobre o processo e os jogos que iam fazendo, não deixando essa situação para o final.

Por exemplo, quando refere: *“O que aconteceu aos gestos que estavam no princípio? (...) É normal que aconteça ser diferente porque nós sempre que fazemos com os amigos inventamos sempre coisas e acrescentamos (...)”*

Esta situação leva-a a valorizar as diferenças e não desmotivar as crianças. O reforço positivo e verbal foi uma situação que se manteve sempre ao longo de toda a sessão e que poderá ser a chave para o sucesso de quaisquer atividades com crianças.

Exemplos de discurso positivo e motivador: “Só vais ver uma vez e depois tens que imitar com muita coragem.” Levou as crianças a sentirem-se mais confiantes e focarem-se na proposta. O facto de ser sempre valorizado o esforço da criança foi muito importante para um maior envolvimento e interesse das mesmas em todo o processo.

De realçar, que na segunda história/frase, o Schreck baralhou a segunda história com a primeira, o que revela ainda alguma necessidade de maior foco neste processo e apoio de retaguarda do adulto. A heterogeneidade no grupo de crianças continua a ser positiva neste processo e a incentivar o espírito colaborativo.

De referir ainda, algumas situações que considere importantes:

- Perante o “bloqueio expressivo” da Fada madrinha e do Thanos, a dinamizadora fez com as crianças os gestos da “frase física”.

- Perante a insegurança de algumas crianças e a necessidade de reforçar a consciência da voz mais alta no teatro, a dinamizadora incentivou as crianças a utilizarem a sonoplastia. Exemplo: *Como eu não estou a olhar para ti, quando chegares à porta tens que fazer barulho e bater à porta com força...quando a campainha toca alta...estão a ver alguma coisa que eu não estou a ver...* Esta atitude foi importante para as crianças perceberem que devem falar alto na representação e aumentar o volume! O resultado após esta intervenção revelou esforço nesse sentido por parte das crianças.

De referir ainda, que a Pérola e a Branca de neve e o Schreck e a Luana em contracena mostraram muita facilidade na improvisação.

O Dudu e o Robin, apesar de se mostrarem com grandes competências nestas atividades, revelam ainda alguma insegurança na oralidade perante os outros, sendo importante continuar a reforçar este aspeto.

É importante referir ainda, que as crianças gostaram de repetir a mesma cena, envolvendo-se e esforçando-se por melhorar a concretização das tarefas/ jogos que desempenham. A dinamizadora complexificou a cena referindo que o nome das personagens não devia ser real. Perante a repetição do Jogo verificou-se maior vontade por parte das crianças e alguma tendência a repetir ações já observadas anteriormente pelos seus pares (Ex: dar os comprimidos para tomar; dar um papel para assinar...etc.).

A Elsa não quis participar no “Jogo 3, 2, 1 Ação!”, sendo esta opção respeitada. Será importante para próximas sessões tentar envolvê-la numa proposta, deixando-a escolher uma personagem numa cena proposta.

Dar o tempo para as crianças reagirem à contracena e ouvi-los foi muito importante, de forma a lhes permitir entender que a voz é essencial neste processo e que precisam de trabalhar em equipa para avançar. O respeito pelas ideias do outro é fundamental e a improvisação nesse processo criativo. Num contexto natural de brincadeira este faz de conta é espontâneo. Em situações de teatro as crianças tendem a mostrar-se mais introvertidas e inseguras na oralidade. O facto de se dar um tema base para a cena, mas ao mesmo tempo liberdade para criar (escolhendo por exemplo o problema de saúde que leva o paciente ao médico e como vai o médico proceder), ajuda as crianças a criar e a estimular a sua imaginação.

A CF nas sessões anteriores verificou maior facilidade das crianças na improvisação do corpo do que na utilização da voz em contracena, pelo que esta sessão permitiu ampliar as competências das crianças neste sentido e interagirem entre si através do diálogo. Também permitiu tomarem maior consciência de aspetos importantes: voz; ensaio; contracena; foco e improvisação. Será importante repetir este último Jogo- “3,2,1 Ação!”, de forma a consolidar conceitos e a permitir às crianças que faltaram poderem experimentar estas propostas.

Comentários das crianças:

A Pérola perante o “Jogo da Instrução”, no momento em que a dinamizadora diz “Eu sei quem é o meu melhor amigo” responde: “Esta é muito difícil...o que revela já alguma maturidade da sua parte. Neste sentido, perante a sua dúvida, foi sugerido que se colocasse no meio do auditório e não no lado do SIM nem do NÃO.

No Jogo “3,2,1...Ação”:

Branca de neve: “Este é para tomar à noite e este é para tomar de dia...agora pode ir...” (foi imitar a ação que a dinamizadora tinha realizado anteriormente, o que revelou apropriação da mesma e vontade de imitar).

A Pérola fez um barulho para a simular o toque da porta: “Ding Dong”...

Fotografias



Jogo “Sim ou não”



Jogo “Frases físicas”



Jogo “3,2,1 Ação!”

Anexo G1k. Planificação/reflexão da Sessão 11

Data: 24 de janeiro 2024

Tema geral: Jogo dramático/teatro: improvisação em contracena

Aprendizagens a promover: - Desenvolver dois conceitos típicos da linguagem teatral: a contracena e o ensaio; - Fomentar a linguagem dramática e a improvisação; - Promover a interação entre pares em situações de Jogo dramático;						
Aprendizagens a observar¹⁶ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida; 2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	(Organização da sala) <u>I-Roda inicial;</u> <u>II-Aquecimento: Jogo “Engrenagem viva”¹⁷-</u> (Metodologia do ensino do teatro; Ricardo Japiassu, p. 134)- O grupo deverá construir uma engrenagem/máquina juntos. A CF irá ser a primeira a iniciar um movimento, aliado a um som, que deverá ser repetido pelas crianças que a acompanham. Depois, escolhe-se um elemento para ser o líder e vai ser o mesmo a iniciar um movimento acompanhado de um som. O movimento não pode parar e vai sendo repetido. Cada um que entra na engrenagem deve criar um novo	2mn 5mn	Auditório	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância <u>Recursos materiais:</u> - 1 tripé com TLM; - Coluna; - Tablete com música; - 2 a 4 cadeiras; -10 bolas de relaxamento;	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 2.1 Demonstra uma atitude cooperativa; 2.2 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.3 Utiliza o seu corpo e voz no espaço;

¹⁶ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

¹⁷ Atividade proposta por mim, baseada no Jogo “Aquecimento de dar e tomar a vez”: Japiassu, 2008. *Metodologia do ensino de teatro*. 7ª edição. p.134.

<p>3- Improvisa a pares ou em pequeno grupo, uma pequena narrativa: a partir de um local, tema, personagens;</p>	<p>movimento e som. A engrenagem deve mover-se pela área de jogo. III- <u>Atividade central: Jogo “3,2,1...ação”:</u> “Fisicalização” de uma cena como se fosse um espetáculo para uma plateia. Colocam-se duas cadeiras num local definido para o palco e propõe-se que uma criança assuma o papel de uma personagem e a dinamizadora de outra personagem. Numa segunda etapa, poderão ser duas ou três crianças em contracena, com o apoio de retaguarda da CF. As restantes crianças do grupo, ficarão de frente para o palco e assumirão o papel da plateia. Situações definidas: Cena 1- Local: Num carro; Personagens (2): Mãe/pai e filho(a); Ação: O familiar que leva o filho(a) escola. O filho não quer ir e a mãe está cheia de pressa. Cena 2- Local: Casa; Personagens (2): Mãe/pai e filho/filha; Ação: A filha vem dizer à mãe que o irmão se portou mal. Cena 3- Local: Carro; Personagens (3): Mãe/pai e filho(a) e polícia; Ação: O familiar que leva o seu filho sem cinto de segurança nem cadeirinha dentro do carro. O polícia vê e manda sair a mãe do carro para lhe chamar a atenção das regras rodoviárias. Cena 4- Local: salão de cabeleireiro; Personagens (2): cabeleireiro e cliente; Ação: O cliente chega ao salão e diz que quer cortar as pontas do cabelo, muito pouco. Quando o cabeleireiro termina e lhe dá um espelho para ver descobre que ficou sem cabelo, o que o deixa muito zangado. Cena 5- Local: mercearia; Personagens (2); Ação: O vendedor não tem os produtos que</p>	<p>20mn</p>				<p>3.1 Mima a narrativa representada pelo adulto, através de uma sequência de gestos; 3.2 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena; 3.3. Toma consciência da importância da sua voz na contracena e esforça-se por progredir na sua expressão; 3.4. Revela espírito crítico na resolução de algumas questões que surgem na improvisação;</p>
--	---	-------------	--	--	--	--

<p>4- Verbaliza respeitando as regras do jogo.</p> <p>5- Revela-se capaz de lembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>o cliente precisa e leva-o a comprar coisas que não precisava. Cena 6- Local: Sapataria; Personagens: Vendedor e cliente; Ação: O cliente quer uns tênis que viu na montra, mas o vendedor não tem o seu número de sapato. Tenta então vender-lhe outros diferentes.</p> <p>IV- <u>Relaxamento:</u> Jogo “Eco”- (Jogos teatrais na sala de aula -Viola Spolin, p.186)- O grupo é dividido ao meio e fazem duas filas, ficando uns atrás dos outros. As duas colunas ficam de frente uma para a outra. O primeiro elemento da fila 1 diz uma palavra ou frase ao 1º elemento da fila 2, que se vira posteriormente para trás e a repete, sem intervalo e assim sucessivamente. A intensidade do som deve ir baixando até chegar ao último elemento. Quando todos os elementos da fila 1 escolherem palavras, passam a ser os elementos da fila 2 a dizerem as palavras e a outra coluna a ser o eco falado.</p> <p>V-Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes.</p> <p>(Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>10mn</p> <p>5mn</p>				<p>4.1 Utiliza a voz adequadamente, cumprindo a regra de intensidade estipulada pelo Jogo</p> <p>5.1- Reflete em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>
---	---	------------------------	--	--	--	---

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A sessão teve a duração de 1 hora aproximada, estando presentes 3 adultos (CF, EST e AO) e 18 crianças (faltou o Robin e a Fada madrinha). A planificação não foi totalmente cumprida, nomeadamente o Jogo do relaxamento (Jogo eco) e a Roda final, dado ter decorrido 1 hora e o auditório ser ocupado por outra grupo, exigindo terminar a sessão mais rápido.

Esta questão, levou a CF a refletir, que perante propostas de improvisação de narrativas, será importante não ter uma planificação muito extensa de atividades e focar-nos na atividade principal, com reflexão no decorrer do processo, de forma a não se perder a oportunidade de ir falando com as crianças sobre o que sentiram perante as experiências realizadas. Esta situação foi realizada no final de cada cena proposta.

No Jogo de aquecimento *Engrenagem viva*, as crianças mostraram alguma dificuldade inicial, em reproduzir o movimento do corpo em simultâneo com a voz/som. No entanto, com o decorrer da proposta e com alguns exemplos dados pela CF, em articulação com as propostas das crianças, verificou-se uma crescente criatividade e maior participação. De referir ainda, que muitas crianças se movimentaram em círculo na sala, sendo que algumas caminhavam mais rápido e não olhavam para a que estava ao “comando da máquina”. Também se verificou que algumas crianças, numa primeira fase, não quiseram ser líderes neste jogo, o que me fez pensar se estaria a exigir demais para crianças desta faixa etária (Dudu, Elsa, Aurora, Ariel).

Quando os movimentos foram mais rápidos no espaço, foi notória uma perda de foco no que estão a fazer.

É importante ainda referir que os sons escolhidos pelas crianças foram muito diversos e criativos, o que não era a minha expectativa, dado em sessões anteriores se verificar maior facilidade na escolha de movimentos do que de sons.

Na atividade central- *Jogo 3,2,1...Ação!*- a CF sentiu que foi importante repetir a mesma, para as crianças se sentirem mais à vontade e poderem usufruir do processo artístico e criativo. De realçar, que apenas foram realizadas as duas primeiras cenas propostas.

Na **Cena 1** foram apresentados 4 grupos de crianças:

- 1º grupo: CF (mãe); Aurora (filha); Pedro (irmão)- neste primeiro grupo, apesar da Aurora se disponibilizar para ser a personagem, continua a mostrar-se ainda muito introvertida na utilização da oralidade. Foi necessário o incentivo do adulto e por vezes o ajudar na narrativa para desbloquear e a história continuar. O Pedro também falou muito baixo ainda, sendo também necessário o reforço positivo do adulto, para tomar consciência dessa situação e melhorar. A CF deveria ter feito uma reflexão sobre esta questão no final da dinamização deste grupo.

- 2º grupo: Schreck (pai); Branca de neve (irmã) e Polícia (irmão)- verificou-se uma maior criatividade e diálogo, sem grandes intervenções do adulto. Facilmente interiorizaram a narrativa, representando as suas personagens de forma criativa. De realçar, que contracenaram duas crianças de 4 anos, o que pode levar à reflexão que nem sempre são os mais velhos que revelam mais competências em determinadas áreas. Cada criança é única e não devemos fazer juízos de valor, pensando que os mais pequenos não são capazes.

- 3º grupo: Homem aranha (pai); Dudu (irmão que se portava mal) e Pérola (irmã)- O Homem aranha mostrou-se muito envolvido na representação, apesar de ter muita dificuldade em verbalizar e dar continuidade à história. Sorria e foi necessária a intervenção e ajuda do adulto para continuar a história. A estratégia foi a CF falar uma frase e ele repetir.

- 4º grupo: Panda (mãe); Joaquim (mano) e Dinossauro (mano que se porta mal). Nesta representação aconteceu uma situação do Dinossauro começar a fazer muitos disparates para a plateia se rir, sem deixar continuar a história. Foi essencial a CF intervir na história representando a personagem de pai e contracenar com a Panda, de forma a resolver o problema. A estratégia resultou e a criança acalmou e acabou por dar continuidade à representação, terminando com um final feliz, em que o Dinossauro pedia desculpa aos pais e dava abraços.

Na **Cena 2** foram apresentados dois grupos:

- 1º grupo: Ronaldo (pai); Gata (mãe); Ariel (filha) e Thanos (filho)- Nesta narrativa foi necessário a intervenção da CF para desbloquear e dar continuidade à história, de forma criativa e aproximada à realidade vivenciada pelas crianças. A mesma permitiu falar de temas tal como o não querer ir à escola e o bullying social. Estas questões, por vezes acontecem em contexto escolar e que é importante desmistificar e falar sobre elas. Senti que foi muito importante para o Thanos esta situação em específico, dado ele ser uma criança que se isola muito no recreio e por vezes ter dificuldade de interações. A personagem foi escolhida por ele e foi assumida totalmente. Esta situação, permitiu a todos conversar sobre o tema, assumir papéis e pensar como poderá ser resolvida a situação em causa.

Perante a proposta da CF do pai ir falar com o diretor ou professora da escola, o Ronaldo levantou-se logo para continuar essa ação e ir chamar o diretor. Relembrei nessa altura que estavam no carro e que na realidade têm que marcar a reunião primeiro e não podem representar outro cenário sem sair de cena o carro. Foi importante este processo de aprendizagem. Relativamente à outra irmã presente nesta contracena (Ariel) não queria ir à escola porque a professora não fazia ginástica. Foi então

sugerido que a mãe também fosse depois falar com a professora. O objetivo destas narrativas foram a resolução de conflitos. A parte emocional esteve muito presente e permitiu a todos extravasar sentimentos e emoções. Considero que esta sessão foi muito positiva.

2º grupo: Alface (mãe); Dudu (pai); Aurora(filha) e Pedro (filho)- A Aurora e o Pedro não quiseram representar a personagem que não queria ir à escola/conflito, pelo que a CF referiu que assim não havia argumento possível e um problema a resolver. Desta forma, foi substituído o Pedro pela Branca de neve, que se ofereceu para desempenhar este papel. O Dudu fez o movimento e o som de conduzir o carro no início da cena, interiorizando o espaço representado com as quatro cadeiras (duas à frente e duas atrás). Depois, disse que ia estacionar, para falar com a filha que não queria ir à escola. Esta atitude reflete já uma grande consciência e foco na representação.

De referir ainda, que neste Jogo, houve duas crianças que não quiseram participar: a Elsa e a Luana, o que levou a CF a se questionar sobre o porquê desta atitude: se a cena ou as personagens não a faziam sentir-se à vontade; se estava com vergonha em se expor; se tinha receio de não conseguir cumprir o que se pretendia, etc. Foi sempre respeitado a decisão das crianças de participação em atividades de maior exposição.

Comentários das crianças:

No Jogo de aquecimento “*Engrenagem*” houve alguns comentários de crianças:

...É um pé tipo gigante...(Alface; ao dar passos grandes e fazendo o barulho forte)

...ganhei! (Polícia; enquanto corria pelo espaço)

No Jogo “3,2,1...*Ação!*” deixo aqui alguns comentários referidos pelas crianças, ao longo da sua representação:

Cena 1/ Grupo 4

...aquela cadeira pode ser o forno (Dinossauro)

Cena 2/Grupo 1

- Porque não queres ir para a escola?

- Porque não.

- Mas tens de ir...

- Porquê?

- Tens que ir porque depois podes chumbar...não passas de ano.

- Não, não, não e não!

- Se vocês forem para casa vão estar de castigo.

- Isso não vai acontecer porque nós somos crianças.

- O castigo é ficarem voltados para a parede...

- (...) o Mauro batia e eu fugi para ele não me perseguir...o que tem de bom bater? Por isso eu fugi!

Perante a intervenção do adulto a aconselhar o pai a ir falar com o diretor, o Ronaldo refere:

- Vamos já!

Cena 2/Grupo 2

- Tens que ir à escola.

- Assim eu ficava com a avó e com o avô.

- Mas tens que ir à escola.

- Porquê?
- Porque tens de aprender...
- Eu já aprendi muita coisa, pai.
- Mas vais aprender mais coisas.
- Mas eu queria desenhar.
- Podes desenhar na escola.
- Mas eu queria brincar...
- Na escola podes brincar (...) e tens os teus amigos na escola e em casa não tens.

Fotografias



Jogo "Engrenagem viva"



Jogo "3,2,1, Ação!"



Anexo G1I. Planificação/reflexão da Sessão 12

Data: 31 de janeiro 2024

Tema geral: Jogo dramático/teatro: improvisação em contracena

Aprendizagens a promover: - Desenvolver dois conceitos típicos da linguagem teatral: a contracena e o ensaio; - Fomentar a linguagem dramática e a improvisação; - Promover a interação entre pares em situações de Jogo dramático;						
Aprendizagens a observar ¹⁸ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida; 2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo; 3- Improvisa a pares ou em pequeno grupo, uma pequena narrativa: a partir de um local, tema, personagens;	(Organização da sala) I-Roda inicial; II-Aquecimento: Dançar com recurso a um lenço, respeitando o ritmo da música. III- <u>Atividade central: Jogo “3,2,1,Ação” e reflexão em simultâneo sobre a mesma:</u> “Fiscalização” de uma cena como se fosse um espetáculo para uma plateia.	3mn 5mn 30mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> - 1 assistente operacional - 1 estagiária de mestrado em Educação de Infância <u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - Lenços - 4 Cadeiras	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 2.1 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.2 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos; 3.1 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena; 3.2 Verbaliza com sentido e de acordo com a cena descrita pela CF

¹⁸ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

	<p>Colocam-se duas cadeiras num local definido para o palco e propõe-se que uma criança assuma o papel de uma personagem e a dinamizadora de outra personagem.</p> <p>Numa segunda etapa, poderão ser duas ou três crianças em contracena, com o apoio de retaguarda da CF.</p> <p>As restantes crianças do grupo, ficarão de frente para o palco e assumirão o papel da plateia.</p> <p>Situações definidas:</p> <p>Cena 1- Local: salão de cabeleireiro; Personagens (2): cabeleireiro e cliente; Ação: O cliente chega ao salão e diz que quer cortar as pontas do cabelo, muito pouco. Quando o cabeleireiro termina e lhe dá um espelho para ver descobre que ficou sem cabelo, o que o deixa muito zangado.</p> <p>Cena 2- Local: Sapataria; Personagens: Vendedor e cliente; Ação: O cliente quer uns ténis que viu na montra, mas o vendedor não tem o seu número de sapato. Tenta então vender-lhe outros diferentes.</p> <p>Cena 3- Local: Esquadra da polícia; Personagens: polícia, mãe/pai e filho(a). A mãe/pai vai à esquadra apresentar uma queixa.</p> <p>Cena 4- Local: Carro; Personagens (3): Mãe/pai e filho(a) e polícia; Ação: O familiar que leva o seu filho sem cinto de segurança nem cadeirinha dentro do carro. O polícia vê e manda sair a mãe do carro para lhe chamar a atenção das regras rodoviárias.</p> <p><u>Estratégias:</u> reforço positivo das crianças; lembrar a</p>					
--	---	--	--	--	--	--

4- Reflete sobre as experiências que vivenciou	ação/improvisação das crianças no final da cena; reforçar a utilização da voz mais alta para a plateia. IV- Roda final: Conversa sobre o trabalho realizado, permitindo às crianças avaliarem o que vivenciaram e refletir sobre o que tiveram mais dificuldade. (Reorganização da sala, se necessário)	2mn			- Refletir em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora;	4.1 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.
--	---	-----	--	--	---	---

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A planificação da sessão foi toda cumprida, tanto em atividades como em tempo utilizado. De realçar, que estiveram presentes as 3 adultas (CF, EST e AO) e 18 crianças na sua totalidade (faltou o Schreck e a Ariel).

Relativamente à primeira atividade realizada- Dança com lenços- verificou-se um grande envolvimento por parte das crianças e distribuição autónoma das mesmas, pelo espaço. O objeto selecionado (lenços) já é um adereço utilizado nas dinâmicas de sala, nomeadamente nas sessões de música. É de realçar, que neste momento se verifica maior amplitude e diversidade nos movimentos e as crianças já não se imitam tanto, ou seja, estão mais criativas no seu desempenho. Por exemplo, alguns atiravam os lenços ao ar, outros rodam; outros seguram-no com uma mão e balançam ao ritmo da música; etc. O ritmo da música também é tido mais em conta e o conseguir ouvir sem falar, situação que se revelava mais difícil no início destas sessões.

Na *atividade 3,2,1, Ação!*, sendo já a terceira vez que é realizada, permitiu que as crianças já estivessem mais autónomas e ativas na sua realização e exigissem uma menor intervenção do adulto. Esta situação foi muito positiva, pois permitiu consolidar algumas competências: maior criatividade na improvisação nos diálogos, percepção de que no teatro é muito importante a Voz e é preciso falar alto; que o espaço da representação deve ser respeitado durante a cena; que no teatro podemos ser diferentes do que na realidade e podemos representar diferentes personagens.

A Elsa hoje participou no *"Jogo 3, 2, 1...Ação!"*, sendo a estratégia da educadora o deixá-la escolher a personagem e a parceira de contracena, o que talvez lhe tenha dado maior segurança emocional para aceitar o desafio. Apesar de ser necessário um grande apoio de retaguarda do adulto, foi muito importante para ela esta experiência. O Homem aranha esteve também mais participativo nesta sessão, aceitando um papel em contracena e mostrando maior atenção e domínio na intensidade da sua voz (mais alto). Foi importante o incentivo do adulto e apoio de retaguarda no decorrer da ação. O Robin, não quis participar.

Cena 1 (C1)- Cabeleireiro

Grupo 1- Afonso (cabeleireiro) e Dudu (cliente) - Mostraram facilidade em se organizar sozinhos sem o apoio do adulto e interagirem verbalmente perante a ação descrita anteriormente pela CF.

Grupo 2- Dinossauro (cabeleireiro) e Pérola (cliente) - a Pérola utiliza a sonoplastia durante a sua representação. O Dinossauro revelou dificuldade de se manter no espaço definido para o palco.

Grupo 3- Elsa (Mãe), Alface (filha) e CF (cabeleireira)- perante a timidez e resistência da Elsa na participação nesta dinâmica de contracena (já evidente nas duas sessões anteriores), a CF conseguiu convencer a mesma a participar, com o seu apoio de retaguarda. A estratégia foi um sucesso, escolhendo a Elsa a personagem da mãe e selecionando a sua colega da sala Alface, para representar a sua filha. De realçar, que a criança selecionada brinca muitas vezes com a amiga escolhida na

área do faz de conta na sala, apesar de ser normalmente com papéis ao contrário: Alface representando a mãe e a líder e a Elsa sendo a bebé e obedecendo às ordens. Neste caso, a Elsa manteve-se como uma mãe permissiva, referindo que a sua filha é que iria escolher o que quisesse e por isso não se zangou com ela.

Acabou por ser necessária a intervenção da CF, para controlar um pouco a ação e conseguir que a Alface ajudasse no término da história.

Cena 2 (C2)- Sapataria

Grupo 1- Pedro (vendedor da loja); Íris (mãe) e Alface (filha)- A Luana mostra-se muito protetora com a criança mais pequena que representa a personagem de filha. O vendedor limita-se a dizer que não tem o seu número, mas não consegue improvisar outra situação ou proposta nova.

Cena 3 (C3)- Esquadra

Grupo 1- Ronaldo (polícia); Panda (mãe) e Fada madrinha (filha)- A Fada madrinha apesar de não se expressar verbalmente quis participar na representação, de mão dada com a sua colega que representava a mãe. O Ronaldo simulou o telefonar com gestos e fazendo o movimento de telefonar.

Cena 4 (C4) - Carro

Grupo 1- Thanos e Polícia (2 polícias), Alface (mãe), Homem aranha (Pai) e Luana e Aurora (2 filhas)- Durante a escolha das personagens há duas crianças que querem ser polícias, pelo que a Branca de neve resolve o problema dizendo que pode haver dois polícias.

Perante o bloqueio inicial dos colegas à contracena, o Ronaldo que está na plateia intervém dizendo: "*Polícias, digam... pára o carro!*"

O Thanos mostrou-se muito envolvido com a representação, fazendo os gestos de passar uma multa, enquanto o outro polícia agitava os braços e ouvia o que ele dizia.

O Homem aranha mostrou-se muito envolvido na ação, mas não utilizou o discurso oral, simplesmente fez os gestos colaborando na dinâmica da pequena história.

De realçar ainda que foi necessária a intervenção da CF ao longo desta história, de forma a "provocar" a ação, dado que as crianças facilmente se movimentam sem utilizar a linguagem e sem explicar o que estão a fazer aos outros (plateia). As intervenções da CF foram importantes para que a plateia (crianças sentadas) entendesse o que estava a acontecer e compreendesse a narrativa.

A reflexão final foi importante para a CF relembrar a importância do espaço cénico na representação e também para fazer o reforço positivo perante a evolução sentida nas crianças ao longo das sessões, nomeadamente a maior consciência do espaço e se movimentarem, ocupando o mesmo e não se juntando todos na mesma área, como era natural no início.

Comentários das crianças:

No decorrer da sessão destaco alguns comentários de algumas crianças, como exemplos de diálogos realizados na contracena:

C1G2:

- Mas esses espelhos ficam pendurados para sempre...no cabeleireiro! (Dinossauro)

- Vou comprar uma peruca... (Dinossauro)

C1G3:

- *Estás-me a descabelar toda!* (Alface)

- *Eu acho que é melhor prende-la na cadeira para ela não fugir! (...) não vais ver televisão quando chegares a casa (...) e ainda esmaga o armário...filha volta aqui!*

(Elsa)

C2G1:

- *Quem é a mãe da filha que vai comprar os sapatos?- pergunta a Alface quando se preparam duas personagens para fazer a 2ªcena, na sapataria.*

- *Ele não tinha sapatos médios...* (Alface);

- *Podia ter galochas* (CF);

- *mas ela queria sapatos...* (Luana);

C3G1

- *Roubaram uma loja no colombo. (Panda)*
- *Podem ir ao colombo para verem um problema? (Ronaldo)*

C4G1

- *Foi a mãe ou o pai que não pôs o cinto? O pai? (Thanos)*

No final da representação a CF promoveu um momento de balanço em grupo:

- *Foi difícil. (Dudu)*
- *Foi difícil, porque à frente dos nossos amigos estavam a falar baixinho e não falavam alto. E algumas pessoas estavam a sair do palco e não a entrar... (Ronaldo)*

Fotografias



Jogo aquecimento: lenços



Jogo: 3,2,1... Ação!; Cena 1 - Local: salão de cabeleireiro;

Anexo G1m. Planificação/reflexão da Sessão 13

Data: 21 de fevereiro de 2024

Tema geral: Teatro de marionetas: manipulação e improvisação

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência na manipulação de marionetas/formas animadas; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas;							
Aprendizagens a observar ¹⁹ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação		
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores	
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida;	(Organização da sala) I-Roda inicial;	5mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa; 1.3 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas;	
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através das suas mãos;	II-Aquecimento: <u>Exercícios do mágico</u> : Em roda, escutar as orientações da CF e explorar as mãos e os dedos, ao som duma música calma. Poderá utilizar-se no decorrer da sessão as bolas de pingue pongue, pedindo às crianças que explorem movimentos com as mesmas, ao som de uma música instrumental;	5mn		<u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - Música instrumental - 2 Mesas - 3 cadeiras - Pano preto - 20 bolas de pingue pongue - 4 panos de cozinha com nó - 4 marionetas realizadas com 1 bola de esferovite, espetada numa vara			2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.2 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos;
3- Improvisa a pares ou em pequeno grupo uma narrativa;		20mn					3.1 Explora os movimentos do seu corpo no espaço, 3.2 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena;

¹⁹ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

	<p>III- Atividade central: Exercícios promotores à manipulação de marionetas:²⁰</p> <p>3.1. <u>Improvisação com panos de cozinha</u>: por trás de uma mesa tapada por um pano preto, duas crianças de cada vez são convidadas a explorar a manipulação de panos, recorrendo a movimentos de braços e mãos e tendo como base uma música instrumental.</p> <p>3.2. <u>Jogo de ténis</u>: São colocadas 3 cadeiras viradas para a plateia. São convidadas três crianças de cada vez para ocuparem esses lugares vazios, com uma marioneta de vara na mão (realizada com apenas uma bola de esferovite colocada num pau, com dois olhos e um nariz representado com pioneses). Depois a educadora segura num Jambé e coloca-se na lateral.</p> <p>O objetivo será as crianças manipularem as marionetas, de forma a parecer que estão a assistir a um Jogo de ténis, em que a bola se movimenta da esquerda para a direita.</p> <p>A CF irá tocar no Jambé e perante esse som, cada criança deverá virar o nariz do seu boneco de um lado para outro, de forma a parecer que está a assistir a um jogo com a bola em movimento. O batimento do instrumento, simboliza o bater da bola na raquete.</p>			<p>de madeira e tendo 3 pioneses no lugar dos olhos e nariz. - 1 jambé</p>		
--	--	--	--	--	--	--

²⁰ Estes exercícios foram inspirados em atividades realizadas na ESE LX, no âmbito do Mestrado em Educação Artística, na vertente de Teatro, no ano letivo 2022/23

<p>4- Explora o objeto, no corpo do seu par.</p> <p>5- Revela-se capaz de lembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>As três crianças deverão estar em sintonia e mexer simplesmente a mão e não o corpo.</p> <p>IV- Relaxamento: A pares e com as bolas de relaxamento, deslizar a mesma no corpo do colega. Poderá estar deitado ou sentado, de frente ou de costas (como preferir). Ao sinal da CF, invertem-se as posições.</p> <p>V- Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>10mn</p> <p>5 mn</p>			<p>- Reflexão em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>4.1 Explora o objeto, pensando no seu par;</p> <p>5.1 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>
---	---	-------------------------	--	--	---	--

Comentários da educadora-investigadora (CF):

Estiveram presentes apenas 2 adultos nesta sessão: a AO e a CF. A EST já não se encontra na sala dois neste momento, pelo que a partir desta sessão serão, provavelmente, 2 adultos a estar presentes. Faltaram 2 crianças: Fada madrinha e Schreck.

A planificação desta sessão foi realizada no final da semana anterior, tendo em conta a complementaridade nas atividades que vão sendo concretizadas em contexto de sala. Dado na segunda feira, dia 20 de fevereiro, ter existido uma Oficina de marionetas de luva (meia) na sala de jardim de infância (NC nº30), a CF sentiu ser importante reforçar a questão da coordenação e manipulação dos materiais/ formas animadas. Desta forma, pretendeu proporcionar uma sessão diferente, com o uso de materiais distintos, de forma a estimular a exploração mais segmentada do corpo (braços e mãos). Estas ideias, foram baseadas em atividades realizadas no âmbito no mestrado, na unidade curricular de Marionetas e Formas animadas.

No que respeita ao tempo de planificação, o mesmo foi cumprido e os objetivos que se pretenderam também foram conseguidos na sua maioria. De salientar, que apenas não se verificou o momento do relaxamento e da roda final, por falta de tempo e por opção da CF. Apesar disso, a CF optou por ir refletindo com as crianças, à medida que iam sendo feitas as atividades, de forma a ajudar as mesmas a falarem das vivências logo de imediato e não esperar pelo final da sessão, o que por vezes origina que já não se lembrem do que sentiram ao pormenor. Neste sentido, esta opção de não fazer o momento de Roda final, principalmente quando as atividades são mais exploratórias, desenvolvendo o mesmo no decorrer das propostas, tem sido uma opção refletida e intencional. Na sua opinião, é mais importante dar tempo para experimentarem e concluírem as apresentações, do que fazer uma atividade específica de relaxamento.

Como dinamizadora, a CF estava um pouco ansiosa e reticente com a utilização destes materiais que não eram de uso comum na prática educativa, tais como panos da cozinha, marionetas de vara (com uma bola de esferovite) e bolas de pingue pongue. De referir que esses, foram bem aceites pelas crianças, mostrando prazer na sua manipulação e exploração.

Nos exercícios de aquecimento do mágico, as crianças mostraram-se bastante participativas e esforçaram-se por realizar os exercícios solicitados. Verificou-se maior dificuldade de concentração e controlo no corpo no Pedro, Afonso e Polícia. O Polícia começou a correr pelo espaço com a bola na mão, enquanto as restantes crianças caminhavam ao ritmo da música. Foi essencial o incentivo do adulto para um maior foco na atividade e melhorar o seu desempenho.

Na atividade central, o facto de serem atividades diferentes das realizadas anteriormente, levou a CF a sentir necessidade de explicar a proposta servindo de modelo para as crianças, de forma a poderem depois inspirar-se nas dinâmicas realizadas. Esta situação fez questionar se não estará a influenciar as suas ações e a criatividade, apesar de sentir que é importante dar exemplos. Mas como desbloqueio inicial, foi sentido como fundamental.

De realçar, que a escolha de materiais diferentes do habitual (panos de cozinha, bola de esferovite espetada numa vara de madeira) foram importantes, porque permitiram estimular a criatividade e quebrar estereótipos que pudessem existir, incentivando as crianças no seu processo artístico. A intenção foi a de que qualquer objeto pode representar algo ou simplesmente transmitir sentimentos.

No que respeita à primeira atividade com panos, verifiquei que as crianças os manipularam de formas distintas. Denotou-se que algumas, sentiram a música e o movimento do seu braço e mãos era ritmado, tendo em conta o instrumental que ouviam. Outras, simplesmente manipularam o pano de forma rápida e interagindo com o pano da(s) outra(s) criança(s) do seu grupo. Foi bastante positiva esta experiência, sentindo que as crianças estão mais observadoras e aceitam os imputes que os adultos lhes dão, com maior tranquilidade e envolvimento. Também começam a conseguir autocontrolar-se para ouvir os outros e respeitar as apresentações e o tempo de cena dos seus colegas.

Analisando mais ao pormenor, podemos referir alguns pormenores do processo realizado pelos diferentes grupos (5 no total):

Grupo 1 (G1)- Alface e Dudu- A Alface mostrou facilidade na manipulação e expressividade, enquanto o Dudu teve alguma dificuldade em se “soltar” e interagir com a sua colega. No final, durante a reflexão com a plateia, referiram que os lenços eram animais.

Grupo 2 (G2) Ariel, Ronaldo e Robin- A Ariel manteve-se mais isolada na manipulação, movimentando o pano ao ritmo da música. O Ronaldo e o Robin interagiram com as suas personagens.

Grupo 3 (G3): Dinossauro, Alface e Luana- A Luana movimentou o pano ao ritmo da música, de forma isolada. As outras duas crianças agitavam o mesmo para cima e para baixo em movimentos rápidos e agitados, simulando uma parte de luta.

Grupo 4 (G4): Afonso, Thanos e Polícia- O Polícia, mostrou alguma necessidade de validação por parte da CF, dado ir fazendo os movimentos e fazendo gestos para o adulto olhar para ele. Os restantes movimentaram os panos isoladamente, interagindo em momentos específicos.

Grupo 5 (G5): Pérola, Homem aranha, Pedro e Gata- o Homem aranha esteve sempre à procura do contacto com outro amigo e lenço (interação). As restantes duas crianças (Pérola e Gata), movimentaram os panos individualmente.

De referir, que no final de cada apresentação a CF pediu a cada grupo para que, em frente à plateia (restantes crianças), apresentassem as personagens que criaram ou a pequena narrativa realizada. Esta dinamização, funcionou como reflexão final do processo e valorizou em grupo, as iniciativas de todas as crianças envolvidas. Também permitiu refletir e verbalizar as dificuldades sentidas.

Para introduzir a segunda atividade “Jogo de ténis”, a CF apresentou à plateia de crianças a “marioneta de vara” que criou. O objetivo referido foi brincar com o olhar do boneco para a plateia, movimentando o mesmo da esquerda para a direita, como se observassem um jogo de ténis e o movimento da bola nos diferentes campos. O nariz ser mais comprido, foi uma forma de pedir às crianças que focassem o seu olhar para essa parte do boneco. Se o nariz fosse mais colorido e largo, poderia facilitar a perceção da plateia.

Depois, explicou a proposta do Jogo de ténis e pediu à AO que batesse no jambé para ela exemplificar para as crianças, sentada à sua frente numa cadeira. Mostraram-se todos muito interessados na dinâmica, apesar de ser distinta a resposta de cada grupo.

Grupo 1 (G1)- Elsa, Luana e Panda- Este foi o grupo que mais facilmente conseguiu realizar os movimentos em sintonia e ao som do batimento.
Grupo 2 (G2)- Pérola, Alface e Aurora- tiveram dificuldade em realizar o movimento ao mesmo tempo.
Grupo 3 (G3)- Ariel, Gata e Dudu- tiveram dificuldade em se manter em simultâneo nos movimentos.
Grupo 4 (G4)- Homem aranha, Branca de neve e Pedro- Mostraram dificuldade em se coordenar ao mesmo tempo. O Homem aranha virava a cabeça ao mesmo tempo, revelando dificuldade e mexer só o braço.
Grupo 5 (G5)- Thanos, Polícia e Afonso- Mostraram concentração na tarefa e conseguiram movimentar o boneco ao som do batimento do jambé.
Perante estas apresentações, a CF ainda refletiu sobre a questão do tempo, o saber qual o momento certo para parar e passar a vez a outro grupo. Foi sua opção, o diminuir o tempo de cada um, de acordo com a sua sensibilidade, para permitir que todos pudessem experimentar os materiais selecionados. Na próxima sessão, poder-se-á continuar a exploração destes e outros materiais, de forma a uma maior apropriação e maior desinibição no processo.

Comentários das crianças:

Durante a primeira proposta da atividade central, enquanto a CF exemplificava a possibilidade de explorar o pano, por trás da mesa, gerou-se um diálogo:

- *Pode ser em pé?* (Alface)
- *Os lenços?* (CF)
- *Não, as pessoas.* (Alface)
- Sim...pode ser em pé. Há pessoas que fazem teatro a ver-se a cara delas todas vestidas de preto. (CF)

G1 (Alface e Dudu)

- *Eu acho que eles não se encontraram ...o meu era um animal* (Alface)
- *O meu era um gato!* (Dudu)
- *Eu acho que deram um beijinho (...) podia ser inventado...vocês dois gatos, uma gata mulher e um gato homem e beijarem-se* (Ronaldo)

G2 (Ariel, Ronaldo e Robin)

- *Qual era tua personagem...?* (CF)
- *Uma cobra.* (Robin)
- *Um pai.* (Ariel)
- *Um homem* (Ronaldo)
- *A cobra encontrou um homem (...) o homem fez festinhas à cobra e a cobra virou-se amiga do homem (...)* (Ronaldo)
- *Mas vocês não tinham combinado, como conseguiram fazer essa história?*
- *Inventamos...* (Ronaldo)

G3 (Alface, Dinossauro e Luana)

- *O meu era um peixe.* (Luana)
- *O meu era uma vassoura.* (Alface)
- *Eu era o pássaro.* (Pássaro)

- *Estava agitada porque estava a varrer tudo à pressa.* (Alface)

G4 (Polícia, Afonso e Thanos)

- *Eu sou um panda.* (Polícia)
- *Eu era um elefante(...) a minha personagem estava a bater os pés.* (Afonso)
- *Eu era um pica pau (...) e piquei na tromba do elefante.* (Thanos)

G5 (Pérola, Gata, Homem aranha e Pedro)

- *Eu era uma mãe*
- *Eu era uma borboleta* (Pérola)
- *Um tubarão* (Homem Aranha)
- *Eu não pensei (...) ah! Pode ser um tubarão martelo...(Pedro)*
- *Mas podiam eles combinar rápido baixinho...* (Ronaldo)

Fotografias



Improvisação com lenços



Jogo de ténis



Anexo G1n. Planificação/reflexão da Sessão 14

Data: 28 de fevereiro de 2024

Tema geral: Teatro de marionetas: improvisação

Aprendizagens a promover: - Promover uma maior consciência na manipulação de marionetas/formas animadas; - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas;						
Aprendizagens a observar²¹ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida;	(Organização da sala) I-Roda inicial;	5mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa; 1.3 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.2 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando movimentos diversos; 2.3 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena; 3.1 Cria uma narrativa com sentido, interagindo com as marionetas em contracena;
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo e da manipulação/exploração da vara	II-Aquecimento: Movimentar-se pelo espaço, ao ritmo de uma música, com uma vara com fitas coloridas na mão. A um sinal da educadora, deverão procurar outra criança que tenha a mesma cor de fita e juntos e parados, agitar as fitas. A um sinal da CF continuar novamente o movimento amplo e disperso.	5mn		<u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - Música instrumental - 10 varas com fitas de cetim - 2 Mesas - 3 cadeiras - Pano preto - 20 marionetas de luva,		

²¹ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et. al., 2016)

<p>3- Improvisa em pequeno grupo uma narrativa;</p>	<p>III- Atividade central: Improvisação de narrativas com marioneta de luva. (continuação da sessão anterior): Depois de colocar o pano preto sobre a mesa, a CF organiza 5 grupos de 4 crianças cada. Irá depois distribuir as marionetas concebidas pelas crianças (NC30), estimulando cada grupo para a criação de uma pequena narrativa ou ação, com as diferentes personagens. Dará hipótese de utilizarem a voz ou somente o movimento e/ou onomatopeias. Dará 3 minutos para cada grupo se organizar e combinar a ação ou algum pormenor que pretendam. De seguida, cada grupo terá o seu momento para apresentar o seu espetáculo. No final de cada apresentação, será feito uma reflexão sobre o processo.</p>	<p>30mn</p>		<p>construídas pelas crianças - 10 bolas de picos de relaxamento - 1 temporizador</p>	<p>- Os grupos serão escolhidos com o envolvimento das crianças e estimulando a democracia (votação). A CF irá selecionar um porta-voz por equipa, que irá escolher à vez os colegas para pertencer ao seu grupo. Para equilibrar as equipas, a CF escolherá um elemento mais desinibido ou com perfil de líder, para a seleção dos restantes. Esta estratégia, poderá ser facilitadora para a criação e organização da narrativa.</p>	
<p>4- Explora o objeto, no corpo do seu par.</p>	<p>IV- Relaxamento: A pares e com as bolas de relaxamento, deslizar a mesma no corpo do colega. Poderá estar deitado ou sentado, de frente ou de costas (como preferir). Ao sinal da CF, invertem-se as posições.</p>	<p>5mn</p>			<p>- Reflexão em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>4.1 Explora o objeto, pensando no seu par;</p>
<p>5- Revela-se capaz de relembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>V- Roda final: Conversa sobre a sessão realizada: recordando tudo o que foi feito, permitindo a participação de todos os presentes. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>5 mn</p>				<p>5.1 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>

Comentários da educadora-investigadora (CF):

Estiveram presentes 2 adultos nesta sessão: a AO e a CF. Faltaram 7 crianças, por motivos de doença: Ariel, Schreck, Branca de neve, Alface, Homem aranha e Luana e Polícia. Esta situação, poderá ter interferido na dinâmica da sessão, dado as apresentações serem mais rápidas e reduzindo o número de elementos em cada grupo. A totalidade de 13 crianças permitiu um maior apoio a todas as crianças e maior visão de grupo.

O tempo da sessão foi de uma hora, dado o grupo que ocupa o ginásio se ter atrasado um pouco, o que levou a CF a realizar ainda o relaxamento.

No que respeita ao aquecimento, foi muito bem aceite por todos os envolvidos, mostrando-se muito felizes por manipularem um novo material (vara com fitas). Foram deslocando-se no espaço com facilidade e mexendo as fitas ora com uma, ora com duas mãos. Verificou-se menos interrupções verbais durante a dinâmica, por parte das crianças, situação que mostra já evolução desde o início do ano letivo.

Para lançar a Atividade central e com as crianças de frente para si, a CF sugeriu a elaboração de 4 grupos com 3/4 crianças cada. Para isso, começou por selecionar 4 crianças para serem o porta voz de cada grupo: Dudu, Ronaldo, Pérola e Panda. Depois, foi proposto a estas quatro crianças que selecionassem amigos para o seu grupo. A escolha da CF nestas 4 crianças foi pensada por serem crianças mais desinibidas, o que seria importante para equilibrar as equipas e ao mesmo tempo fomentava a sua participação mais ativa no processo.

Grupo 1 (G1): **Pérola, Gata e Aurora**- Mostraram facilidade e autonomia no processo criativo, criando uma narrativa em que interagiram com as 3 personagens, utilizando os nomes fictícios que escolheram na sala quando os criaram (NC30). A Pérola e a Aurora falaram, enquanto a Gata apenas manipulou a sua marioneta sem utilizar a voz. A narrativa envolveu a ida a um parque entre duas amigas e o encontro com a Estrela, a personagem da Gata. Foi visível o diálogo entre as personagens das duas amigas e a mais envergonhada que acabou por colaborar na história com o movimento da marioneta.

Grupo 2 (G2): **Dudu, Pedro, Afonso e Dinossauro**- Esta apresentação não decorreu da melhor forma, porque duas crianças não chegaram a acordo na narrativa (Dinossauro e Pedro), querendo ambas comandar a história. A CF deixou que a ação decorresse até ao final do tempo, pedindo nesse momento, que explicassem o porquê deste desentendimento. As crianças que ocupavam o lugar de plateia, também puderam opinar e tentar ajudar a resolver a questão. O Pedro sentiu-se frustrado e não conseguiu aceitar opiniões diferentes à sua. O Dinossauro também não cedeu, pelo que a CF propôs, que depois na sala tentassem criar outra história com as mesmas personagens, mas diferente ação.

Estas situações são importantes para o crescimento emocional das crianças, de forma a perceberem que deverão improvisar e tentar resolver as questões da melhor forma e trabalhando em equipa. Terão que tomar decisões, mas em simultâneo, sabendo ouvir as opiniões dos seus pares. ao respeito pelos seus pares,

Grupo 3 (G3): **Ronaldo, Robin e Thanos**- O Thanos mostrou-se muito desinibido e alegre durante a manipulação da sua personagem (cobra), repetindo uma frase ao longo da sua apresentação, que percebeu ter sido bem aceite pela plateia. A reação da plateia de riso, levou-o a perceber que estava a resultar o espetáculo e então continuou.

Grupo 4 (G4): **Fada madrinha, Elsa e Panda**- Tiveram alguma dificuldade em iniciar a sua apresentação, sendo necessária a intervenção da CF para desbloquear o processo criativo. Este grupo caracterizou-se por duas crianças mais introvertidas e uma que não fala ainda o português, pelo que dificultou o processo. Com a ajuda da CF participaram na pequena narrativa criada e mostraram-se felizes com o resultado.

Comentários das crianças:

Descrição da apresentação do G2:

- *Olá! Quem és tu?* (Dudu)

- *Eu sou a Maria. Olá, quem és tu?* (Dinossauro)

- *Eu sou o Zé.* (Dudu)

- *Olá Zé. Anda cá à minha casa...ela é muito assombrada, com brinquedos do Halloween, mas é só de brincadeira. É tudo de brincadeira...*(Dinossauro)
- *Ah, está bem.* (Dudu)
- *Aqui está...mas a porta está aberta. Vamos para a tua casa...O que é que tem na tua casa? Também é assombrada?* (Dinossauro)
- *Não. É uma casa normal. A porta está trancada.* (Dudu)
- *Eu tenho uma chave.* (Dinossauro)
- *Eu tenho dois amigos...*(Afonso)
- *Não podem entrar. Esta é a casa do Zé.* (Dinossauro)
- *Vou abrir a porta!* (Dudu)
- *Não!* (Dinossauro)
- *A porta está trancada...*(Dudu)
- *Eu tenho bueda força....sou um super herói...Ya! Ya!* (Dinossauro)
- *Para Dinossauro!* (Pedro)
- *Tu és mau! És uma cobra feia...sai daqui* (Dinossauro)
- *Param com esta briga! Vamos...Vamos parar!* (Afonso)
- *Não! Não!* (Dinossauro)
- *Para Dinossauro...*(Afonso)
- *Como acaba a história?* (CF)
- *Com todos amigos...*(Dudu)

Destaco alguns comentários das crianças do G2, durante a reflexão com a plateia e a CF:

- *Eu não tinha medo da cobra* (Dinossauro)
- *Estavam a dizer que a cobra era má...*(Pedro)
- *É tudo de brincadeira.* (Dudu)

No final da apresentação:

- *Eu não gostei...a culpa foi do Dinossauro. Ele me atacou e estava quase a desmontar o meu boneco...o Dinossauro fez tudo de propósito...* (Pedro)
- *A minha personagem não gostava de línguas tão grandes...* (Dinossauro)

Alguns comentários do G3:

A minha cobra estava a tentar morder para comer o sangue...eu com o machado batia na cabeça. (Thanos)

Relativamente ao G4, no momento do relaxamento, perante a situação:

- *Podiam ser as duas, como eu e a Aurora.* (Pérola)

Fotografias



Jogo aquecimento



Atividade central: Jogos de manipulação



Anexo G1o. Planificação/reflexão da Sessão 15

Data: 6 de março de 2024

Tema geral: Teatro de objetos: improvisação

Aprendizagens a promover: - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Utilizar objetos, dando-lhes atributos imaginados em situações de interação;						
Aprendizagens a observar²² “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida;	(Organização da sala) I-Roda inicial;	5mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças; - Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa; 2.1 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.2 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.3 Utiliza o seu corpo no espaço, focando-se no exercício;
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	II-Aquecimento: “Olhar e caminhar”: Fazer um círculo concêntrico e depois escolher uma criança para começar o jogo. O mesmo consiste em olhar fixamente para outro elemento da roda e dizer o seu nome. De seguida, os dois devem trocar de lugar. Deverão manter-se direitos e olhar em frente. Depois, será a vez do escolhido dizer outro nome e prosseguir com a mesma ação. Numa segunda fase, poderá ser feita a troca sem dizer o nome, só olhando nos olhos, o que exigirá muita concentração entre todos.	10mn		<u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tablet - 1 tripé com TLM - 1 computador - Projetor - 1 pano preto - Cesto com objetos de uso comum: martelo; lenços; fruta de plástico; colher		

²² Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>3.1- Observa atentamente o vídeo partilhado, conseguindo posteriormente recontar a história que se pretendia transmitir;</p>	<p>III- Atividade central:</p> <p>3.1. <u>Visualização do filme</u> “Zoo-Ilógico”²³, através da plataforma Youtube e que funcionará como indutor para a proposta seguinte: https://youtu.be/f5c4G1j8l4?si=fcaBTbqb_Sh_oybQ Nota: O vídeo mostra dois amigos que vão fazer um piquenique no Jardim Zoológico. Como ele está fechado, eles divertem-se transformando objetos simples em animais. Depois da visualização do filme, a CF irá permitir que as crianças reflitam sobre o que observaram, criando o mote para a proposta seguinte.</p>	<p>10mn</p>		<p>de pau; biberão; blocos de madeira de vários tamanhos; varinha mágica; 1 sapato de princesa; animais de plástico; cafeteira, etc. - 1 brinquedo trazido de casa por uma criança (peluche);</p>		<p>3.1 Mostra interesse no vídeo e capacidade para descrever, o que observou. 3.2 Improvisa uma narrativa com recurso a objetos. 3.3 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena;</p>
<p>3.2- Improvisa em pequenos grupos uma narrativa, recorrendo a objetos;</p>	<p>3.2. <u>Teatro de objetos</u>: Irão fazer-se 5 grupos de 4 crianças cada, dando oportunidade para aos mesmos para escolherem os pares que os constituem e os objetos que querem utilizar na sua apresentação. Cada grupo terá 3 minutos para combinar brevemente o que pretendem fazer e depois apresentar aos restantes a sua narrativa. <u>Estratégias</u>: No chão, serão posicionadas/sentadas as crianças em forma de meia lua. Em frente, irá colocar-se o pano preto no chão para servir de espaço cénico. O grupo que apresenta, irá posicionar-se de frente para as restantes crianças e os objetos serão manipulados em cima do pano, pelas crianças.</p>	<p>15mn</p>			<p>- Refletir em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	
<p>4- Revela-se capaz de relembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>IV- Roda final: Reflexão em grupo sobre as atividades (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>5 mn</p>				<p>4.1 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>

²³ Peça infantil com teatro de objetos, encenada pelos seus autores: *Claudio Saltini e Henrique Sitchin*, na montagem original apresentada no Teatro Alfa em 2004 e transformada em DVD pela Criato. Direção de Verónica Gerchaman.

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A sessão contou apenas com a presença da CF e de 19 crianças (faltou o Polícia), não podendo a AO estar presente para apoiar a sessão, dado a falta de recursos humanos no jardim de infância, nesse mesmo dia. No entanto, foi possível ampliar um pouco o tempo da sessão, porque a grupo seguinte que ia ocupar o espaço do auditório não foi. Neste caso, o tempo utilizado foi de 1 hora, contando apenas com a CF (adulta) no seu desenvolvimento. Sabendo estar sozinha, foi necessário preparar os materiais de forma antecipada, para não perder posteriormente mais tempo nesta tarefa e as crianças se manterem mais focadas nas propostas.

A mesma, sentiu que nesta fase já foi possível concretizar a planificação, mesmo sem apoio de retaguarda de outro adulto. O facto das crianças já se terem apropriado de algumas regras nestas dinâmicas, nomeadamente o saber o que fazer quando chegam ao espaço (descalçar os sapatos e posicionar-se em roda) e o saber ouvir quando a instrução está a ser transmitida, permitiu realizar o que tinha planificado e sentir o envolvimento das crianças durante o processo. A CF também já não se sente tão ansiosa e presa à planificação, aproveitando o momento e o processo, de acordo com o tempo e as ideias das crianças. O envolvimento das mesmas, o escutá-las tem sido essencial para lhe mostrar o caminho e ajudar na planificação seguinte. Também o facto de não conseguir desenvolver a atividade pensada com todas as crianças presentes, não se revela negativo e permite perceber a necessidade de mais sessões sobre o mesmo conceito ou repetição de exercícios. A repetição permite a consolidação de conceitos e a apropriação de técnicas.

De realçar, que o Jogo realizado no aquecimento já foi proposto na sessão 4 (29 novembro), sentindo a CF neste momento evoluções no foco, postura e desempenho das crianças. As mesmas, já caminham direitas, com o corpo menos tenso e mostrando maior confiança na deslocação no espaço. Depois de trocar de lugar, após a vocalização do nome do colega, a CF propôs a troca só através do olhar “...*como se fosse uma seta a sair dos nossos olhos...*” e seguindo a regra de não utilizar a voz. Foi surpreendente a capacidade de interiorização das crianças e a maior consciência de segmentação dessa parte do corpo, situação que não ocorria no início deste projeto. O silêncio de uma maneira geral foi respeitado, o que permitiu a concretização do jogo. Algumas crianças estavam com o olhar mais distraído, mas no decorrer do jogo começaram a focar-se e mediante a valorização do adulto, a perceber que tinham que olhar para os olhos de quem iria “disparar a seta”. A CF sentiu que foi alcançado o objetivo do jogo, valorizando as crianças no final do mesmo, de forma a se sentirem competentes.

Na atividade central e seguindo a planificação, a CF mostrou o filme selecionado, sendo o mesmo, bastante bem aceite pelo grupo. Foi grande o entusiasmo revelado, rindo e verbalizando as crianças ao longo do filme. Aqui deixamos alguns desses comentários:

- *É um elefante.* (Thanos)
- *Parece uma bailarina...* (Branca de neve)
- *É um flamengo...* (Pedro)
- *Não é um golfinho porque eles não andam...* (Afonso)

Após a visualização do filme e quando questionados pela CF sobre o que tinham visto realço alguns comentários:

- *Pareciam galinhas (...)* cada um pode achar o que quiser!” (Pérola)
- *Eu acho que era um golfinho* (Dudu)
- *Era um sapo* (Dinossauro)

No final, pediram para ver mais, pelo que a CF combinou que noutro dia fariam a visualização de outros Teatros com objetos.

Antes de iniciar a proposta seguinte, criação de um Teatro de objetos, a CF resolveu improvisar sobre o pano preto (espaço cénico), uma história já conhecida de algumas crianças: “Os chibos sabichões”, recorrendo para isso a alguns objetos: 3 blocos de madeira de diversos tamanhos (chibos), 1 biberão (ogre) e lenços (criação de uma montanha). Esta história permitiu dar um exemplo do que poderia ser feito, quebrando os estereótipos de objetos de uso comum. A sua intencionalidade na escolha destes objetos foi importante para tentar que as crianças percebessem que as personagens podem ser criadas com o que quisermos, dando continuidade à ideia da marioneta sapato, referida durante a visita ao Museu das marionetas (NC36).

De seguida, pediu às crianças para serem elas a organizar-se em grupos e fazerem a escolha de alguns objetos, com o objetivo de improvisar uma pequena narrativa. Apenas foi possível a apresentação de 3 grupos, envolvendo 10 crianças.

Na organização de grupos para o teatro de objetos a CF pediu primeiro ao Ronaldo que escolhesse mais dois colegas para o seu grupo. Ele escolheu o Dudu e o Robin. Depois o Afonso pediu para fazer também a sua escolha, resultando nas seguintes apresentações:

G1- Dudu, Ronaldo e Robin- Objetos selecionados: cão, varinha mágica, tigre e leão.

A história improvisada foi narrada pelo Ronaldo, com a ajuda do Robin. O Dudu só manipulou os objetos, mas não falou. As personagens que criaram não tiveram diálogo entre si mas apenas se movimentavam no decorrer da narração da história. O Ronaldo liderou o grupo. As personagens foram criadas com base nas suas imagens e funções reais. A varinha foi associada ao mágico.

G2- Pérola, Luana e Dinossauro- Objetos selecionados: rolo da massa, martelo, biberão, torradeira, boneco articulado de madeira e maçã.

O grupo não fez uma história sequencial, sendo que as meninas interagiram entre si e tiveram alguma dificuldade em articular com o Dinossauro. Os objetos não foram usados como personagens em si, mas utilizados para suporte da personagem que eram eles próprios. Ex: biberão para dar ao bebé que estava no colo.

G3- Afonso, Pedro e Schreck- Objetos selecionados: lenços, varinha mágica, 3 blocos de madeira, caixa de cartão e leão.

O grupo teve alguma dificuldade em se organizar em equipa porque o Pedro e o Schreck queriam liderar e fazer a história à sua maneira. Também houve disputa da varinha mágica entre o Afonso e o Pedro. Foi necessária a intervenção da CF para resolver o problema.

No final, o grupo optou por utilizar a base da história contada pela CF (Chibos Sabichões) e mudarem algumas cenas.

“O tio leão vivia com os três chibos dum lado da montanha e do outro lado vivia o ogre que tinha uma varinha.” (sugestão do Pedro)

De realçar, que em cada apresentação, a CF deu tempo para se prepararem e esperou com as restantes crianças no lugar da plateia, que cada grupo escolhesse os objetos e depois combinasse algum pormenor que considerassem importante. Tentou não intervir, deixando-os autónomos para se organizarem.

Comentários das crianças:

No final da história dos Chibos Sabichões:

- *Foi muito engraçado no fim.* (Branca de neve)- este comentário adveio da situação do biberão ter voado no espaço do auditório, com o bater do bloco de madeira que representava o chibão.

Durante a apresentação do Teatro de objetos em grupo:

- *Eu já estou pronto...* (Dinossauro)- Comentário realizado antes das colegas estarem prontas. A CF referiu que era importante ser trabalho em equipa e não poderia estar pronto sem as restantes parceiras.

- *CF, o Dinossauro quer ser duas coisas ao mesmo tempo.* (Luana)

- *E então? Pode ter duas personagens ...ele tem dois braços...desde que vocês combinem não há problema!* (CF)

- *Sim...um cozinheiro* (e levanta o rolo da massa) *e um construtor* (e levanta o martelo)...

- *Sou eu com as duas mãos. Eu gosto de inventar isso!* (Dinossauro)

G1

“Era uma vez um cão que era mágico e trouxe um pente para se pentear E depois o cão achava que aquilo era um diamante e então andou, andou e encontrou uns óculos, mas depois um senhor partiu os óculos e depois os tigres e os leões chamaram um mágico e ele prendeu o senhor que partiu os óculos e arranjou os óculos.”

G2

- Primeiro eu estava a bater numa casa de tijolos, de palha ou de madeira. (Dinossauro)
- *Está na hora de dormir...vai para a cama!* (Dinossauro)
- *Ela não tem sono.* (Pérola)
- *Cadê a mamadeira?* (Luana)
- *Hoje é só festa na escola (...) mas ela faz 6 anos.* (Dinossauro)
- *Para de mentir...mas ela não vai à escola porque ela é uma bebé. Deixa o meu bebé dormir agora.* (Pérola)

G3

- *Eu sou o Grunch...*(Schreck)
- *O Schreck é que está a estragar tudo...*(Afonso)
- *A CF contou assim...a bater no ogre!* (Schreck)

Em momentos de reflexão houve alguns comentários:

- *E depois estavas a bater na pizza. Só se fosse de ferro...*(Reflexão com o G2- Ronaldo)
- *E como é que estava a comer a maçã...se era um bebé?* (Reflexão com o G2- Dudu)
- *Porque ela partiu aos bocadinhos...*(Luana)
- *Ele tinha 3 meses...é como a minha mãe faz....*(Pérola)
- *Podia ser mágico...porque tudo é possível...* (CF)
- *Se a Pérola estava sempre a dar leite ao bebé como é que ele encheu?* (Reflexão com o G2- Dudu)

- *Ele podia ter uma varinha e tirava a relva de um lado para o outro.* (Reflexão com o G3- Afonso)
- *E eu não estou a perceber nada.* (Reflexão com o G3- Aurora)
- *O leão não comia os chibos porque era um tio...o ogre cheirava muito mal!* (Reflexão com o G3- Pedro)
- *Mas nós conseguimos fazer espetáculos sem ensaiar...*(Reflexão com o G3- Ronaldo)
- *Nós não combinámos.* (Reflexão com o G3- Dudu)

Fotografias



Atividade central- Visualização do filme



Teatro de objetos- CF e G1

Anexo G1p. Planificação/reflexão da Sessão 16 ²⁴

Data: 13 de março de 2024

Tema geral: Jogo dramático através de uma história narrada

Aprendizagens a promover: - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas;						
Aprendizagens a observar²⁵ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se atenta na dinâmica desenvolvida;	(Organização da sala) I- Narração de uma história: “Quero um abraço” com o recurso a algumas personagens criadas pela dinamizadora. Conversa com as crianças sobre a história e visualização das imagens do livro.	5mn	Auditório da escola	<u>Recursos humanos:</u> - 1 assistente operacional - CF - Dinamizadora do Museu do Teatro e da dança	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças;	1.1 Escuta com atenção o adulto, participando nos momentos em que é solicitada; 1.2 Demonstra uma atitude cooperativa;
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	II-Aquecimento: Despertar o corpo com o apoio de música e relacionando os movimentos e propostas, com a história anterior. 2.1. Semente que cresce, como o cato que era uma planta. Propor às crianças que escolham uma planta e que cresçam ao som da música. No final, pedir que verbalizem qual a planta que escolheram. Sugestão: colocar as crianças em	15mn		<u>Recursos materiais:</u> - Coluna de som - 1 tripé com TLM - 1 computador e pen USB com músicas diversas; - Livro: “Quero um abraço”; Editora Orfeu Negro; - Mesa; - Pano preto;	- Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	2.1 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 2.2 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.3 Utiliza o seu corpo no espaço, focando-se no exercício;

²⁴ Esta sessão foi dinamizada por uma convidada externa à escola e pertencente ao Museu do Teatro e da dança. A CF propôs-lhe que viesse ao espaço da escola, após as crianças já terem estado no museu (NC 20) e realizado um workshop corporal.

²⁵ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et. al., 2016)

<p>3- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;</p>	<p>círculo nesta proposta, de forma a se visualizarem todas no decorrer do jogo.</p> <p>2.2. Personagens em movimento pelo espaço: caminhar como o pai, a avó, a mãe e sugerindo diferentes movimentos associados a cada personagem. Ex: a avó mais velhinha que caminha devagar; o pai apressado; a mãe que anda de saltos altos; a irmã que puxa os irmãos para o lado; etc.</p> <p>III- Atividade central: Jogos vários:</p> <p>3.1 <u>Jogo do abraço</u>: relacionado com a personagem Filipe, que era um gato que queria abraços. Desta forma, quando a música parar as crianças terão que dar um abraço ao amigo(a) que estiver mais perto de si. Depois continuam a movimentar-se novamente pelo espaço com o início da música.</p> <p>3.2 <u>Jogo da estátua</u>: relacionado com a personagem Camila/Pedra, que é um objeto que normalmente não tem vida e não se mexe. Neste sentido, é solicitado às crianças que parem em estátua assim que a música parar. Depois com a continuidade podem movimentar-se outra vez.</p> <p>3.3. <u>Jogo dos gatos</u>: 4 grupos com um balão cada um: o balão é o amigo da personagem Filipe e não pode cair no chão, porque há picos no chão e pode rebentar.</p> <p>3.4 <u>Dança a pares</u>: relacionado com a amizade das duas</p>	<p>20mn</p>		<p>- Formas animadas (que representam personagens da história), construídas dentro de vasos.</p> <p>- 4 balões;</p>		<p>3.1 Participa ativamente nas dinâmicas propostas pela dinamizadora</p> <p>3.2 Utiliza o seu corpo no espaço, explorando atitudes de: mobilidade/imobilidade e de cumprimento de orientações verbais;</p> <p>3.4 Reage rapidamente a uma questão que lhe é colocada, focando-se no jogo e no movimento associado à resposta pretendida;</p>
--	---	-------------	--	---	--	---

<p>4- Revela-se capaz de lembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>personagens principais da história: o Cato e a Pedra, propor às crianças que se agrupem em pares e dancem livremente ao ritmo da música. Quando a DIN disser troca, os pares trocam de amigos.</p> <p>IV- Relaxamento: Pedir às crianças que se distribuam no espaço e se deitem no chão. Podem fechar os olhos se quiserem e imaginar que estão felizes junto do seu amigo e a olharem para o céu. Está um lindo dia. (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>5 mn</p>				<p>4.1 Mantem-se tranquilo e focado no momento criado.</p>
--	--	-------------	--	--	--	--

Comentários da educadora-investigadora (CF):

A sessão decorreu de forma muito positiva, realçando numa primeira fase, a importância da preparação antecipada do espaço, com os materiais necessários. Foi posicionada uma mesa num dos lados do auditório, com um pano preto sobre a mesma. Em cima, foram colocados de forma intencional as personagens criadas com suporte em pequenos vasos. A OL começou por se apresentar às crianças e iniciou a narração da história sem utilização do livro, que foi posicionado no chão, à frente da mesa. As crianças posicionaram-se em frente à mesa e de frente para a dinamizadora.

Estiveram presentes nesta sessão 16 crianças. De referir que a CF e a AO participaram no decorrer da sessão, apoiando as crianças e a dinamizadora sempre que se considerou necessário.

Esta sessão muito positiva e enriquecedora para as crianças pois permitiu-lhes realizar atividades de expressão corporal com outra pessoa, externa à escola. O facto de ser alguém que já tinham conhecido em contexto formal numa atividade realizada no Museu do Teatro e da dança, enriqueceu ainda mais esta dinâmica e reforçou a importância de estarmos “abertos” para a comunidade. A importância de incluir no processo educativo uma equipa multidisciplinar, permite maiores oportunidades educativas para todas as crianças.

A utilização de um livro de histórias como indutor para toda a sessão, permitiu à CF compreender que é possível também planificar sessões com um fio condutor e possibilitar trabalhar temáticas que se considerem importantes no decorrer do processo. Neste caso, a temática poderia incidir na amizade e no respeito pela diferença. As histórias poderão ser facilitadoras para a dramatização das crianças e para promover o faz de conta.

Também a criação de alguns materiais/personagens por parte da OL, ajudou a prender a atenção do público alvo. As crianças estavam muito envolvidas na narração da história e observavam atentamente os movimentos da dinamizadora, ao longo de todo o processo. Neste sentido, a materialidade pode ser facilitadora para um maior foco das crianças e maior envolvimento nas propostas realizadas.

De realçar ainda, que para cada personagem foi utilizado um timbre de voz diferente como estratégia de motivação. Esse facto, ajudou também a captar a atenção das crianças.

Foi interessante perceber o encadeamento das atividades e a forma como explorou as personagens e a sua caracterização. Por exemplo, aliando movimentos de deslocação diferentes para cada uma das personagens.

De referir, que na proposta de realização de três grupos (*Jogo dos gatos*), as crianças se começaram a agrupar por género, pelo que a CF acabou por interferir e propor que se misturassem. A sugestão foi bem recebida pelas crianças e tornou os grupos mais heterogéneos.

É importante mencionar ainda, que o Dinossauro esteve durante a sessão mais agitado do que o habitual nestas sessões e constantemente a chamar a atenção do adulto, o que perturbou o funcionamento mais tranquilo da sessão e exigiu um apoio de retaguarda ao mesmo por parte da CF.

Comentários das crianças:

- *As plantas gostam de água.* (Luana)
- *Mas as sementes não têm cabelo.* (Dinossauro)
- *A primeira pessoa que o Filipe faz amizade foi com...*(OL)
- *...o balão.* (Afonso)

Fotografias



Início da sessão- História



Aquecimento



Jogo dos balões

Anexo G1q. Planificação/reflexão da Sessão 17

Data: 21 de março de 2024

Tema geral: Teatro de sombras- Marionetas de vara

Aprendizagens a promover: - Desenvolver as capacidades sensoriais, expressivas, criativas, simbólicas e imaginativas; - Estimular a improvisação e a criatividade; - Fomentar a expressividade de movimentos;						
Aprendizagens a observar ²⁶ “A criança...”	Atividades	Tempo	Espaço	Recursos	Avaliação	
					Estratégias/ Instrumentos	Indicadores
1- Mostra-se motivada e envolvida na dinâmica desenvolvida;	(Organização da sala) I-Roda inicial;	5mn	Sala de jardim de infância	<u>Recursos humanos:</u> -1 assistente operacional - CF - Dinamizadora do Museu do Teatro e da dança	- Gravação de vídeo das sessões realizadas, o que permite rever os acontecimentos e ver pormenores no envolvimento das crianças;	1.1 Escuta com atenção a proposta do adulto, respeitando as regras estipuladas;
2- Executa as instruções e ações que lhe são solicitadas, através do seu corpo;	II-Aquecimento: Passar detrás do lençol com movimentos à sua escolha e dizendo o seu nome e uma coisa que os caracterize (gosto pessoal). Será colocada uma música de fundo para poder promover um ambiente mais harmonioso.	10mn		<u>Recursos materiais:</u> - Lençol branco; - Retroprojektor; - Coluna de som; - 1 tripé com TLM;	- Participação ativa das crianças no processo, permitindo-lhes perceber qual a importância do seu papel;	2.1 Envolve-se nas propostas realizadas, tentando progredir; 2.2 Mostra criatividade nos movimentos;
3- Improvisa a pares movimentos diversos, manipulando a sua marioneta;	III- Atividade central: Dança com perfil: Improvisações em pequenos grupos para a grupo (3/4 crianças) Cada grupo, irá explorar movimentos com a sua marioneta de silhueta, por	10mn		- Marionetas de vara (criadas pelas crianças; NC 40); - Molduras de cartão diversos: com o interior em diferentes materiais		3.1 Respeita os seus pares nas dinâmicas propostas; 3.2 Reage à iniciativa dos seus pares em contracena; 3.4 Apoia-se na música para explorar o movimento;

²⁶ Segue-se a lógica e o espírito subjacente às OCEPE (Silva et al., 2016)

<p>4- Realiza os movimentos do seu par, esforçando-se por melhorar;</p> <p>5- Revela-se capaz de relembrar as atividades realizadas ao longo desta sessão.</p>	<p>trás do pano (com luz), de forma a explorar a sua sombra (...) Poderá atribuir-lhe uma personalidade e improvisar os movimentos da mesma, através de acompanhamento de uma música de fundo.</p> <p>IV- Relaxamento: Improvisações preparadas a pares Realização de <u>jogo do espelho</u>- duas crianças de cada vez, detrás do lençol iluminado pela luz do retroprojeto irão realizar este jogo, imaginando que uma é o espelho e outra, a pessoa que se observa e comanda a ação. Estratégia: colocação no retroprojeto de um retângulo dividido ao meio com duas cores de papel celofane, de forma a que o cenário/fundo fique dividido ao meio e cada criança esteja na sua metade/cor respetiva. Depois, inverte-se os papéis. Poderá colocar-se música de fundo, para ajudar a “desbloquear” os movimentos.</p> <p>V- Reflexão em grupo sobre as atividades (Reorganização da sala, se necessário)</p>	<p>15mn</p> <p>5 mn</p>		<p>translúcidos ou com texturas. Foi realizado um suporte específico para o Jogo do espelho, com divisão em duas cores de celofane diferentes.</p>	<p>- Refletir em grupo sobre a sessão desenvolvida pela educadora, percebendo quais os momentos que as crianças gostaram mais ou menos e as dificuldades sentidas (se assim o considerarem)</p>	<p>4.1 Foca-se no seu par durante o exercício proposto; 4.2 Movimenta o seu corpo a par do que observa no outro;</p> <p>5.1 Refere criticamente quais os momentos mais prazerosos e os que sentiu mais dificuldade em participar.</p>
<p>Comentários da educadora-investigadora (CF):</p>						
<p>A planificação foi concretizada na sua maioria, com alteração do aquecimento, por opção da CF. Desta forma, a mesma preferiu colocar uma música de fundo para que as crianças se movimentassem livremente pelo espaço da sala (depois do afastamento de mesas do seu interior). Esta mudança de plano, justificou-se porque as crianças anteriormente estiveram muito tempo sentadas durante o acolhimento (NC 45) e a CF sentiu que as mesmas manifestavam necessidade de movimentos mais livres e amplos, antes da atividade central, que iria ser realizada em pequenos grupos e exigiria maiores momentos de espera para as que observavam. Esta situação, relewa a importância de a planificação ser flexível e do perfil do educador, que deverá ser sensível às necessidades do momento e adaptar as dinâmicas educativas, sempre que necessário. De referir ainda, que estiveram presentes 18 crianças nesta sessão.</p>						

De referir ainda, que o facto de a sessão ser realizada no espaço da sala, onde existem mais materiais, exigiu um maior tempo para preparação do espaço, o que pode influenciar na perda de foco das crianças, observando ou manipulando certos materiais, que não se pretende para esse momento. Apesar disso, nesta situação concreta, foi tranquilo e a maioria das crianças não se importaram com o espaço em si, respondendo adequadamente às propostas que lhe foram apresentadas.

Relativamente à atividade central, Dança com perfil (exploração das marionetas de vara com a silhueta), a CF sentiu que as crianças não escutavam a música, talvez pela excitação nas descobertas em conjunto com os seus pares. As interações entre as marionetas não foram muito intencionais, limitando-se as crianças a aproximarem e afastarem as suas marionetas relativamente ao foco da luz, com o intuito de tapar a dos colegas. Também fizeram muito barulho nesta atividade, o que não os deixava ouvir a música.

Neste sentido, a CF sentiu que deveria ainda fazer mais sessões de sombras com o corpo, de forma a se apropriarem mais deste tipo de possibilidades e descobrirem o seu próprio corpo na sombra. O facto de ter sido aproveitado até ao momento o espaço semanal do Auditório em dia estipulado para o Teatro, levou a que não se planificassem muitas sessões para trabalhar na sala neste aspeto, uma vez que só ali temos as condições criadas para pendurar o lençol. A maior agitação e menor foco neste caso, poderá justificar-se por serem situações menos vivenciadas pelas crianças, o que cria mais entusiasmo na experiência.

Relativamente à atividade de relaxamento, a CF sentiu que decorreu de forma mais tranquila, começando as crianças a perceber no decorrer do processo, que se o movimento realizado fosse em "câmara lenta", seria mais fácil para o seu par imitar.

O suporte criado pela CF de um fundo dividido em duas cores, auxiliou neste processo, sendo mais visual e prendendo o olhar das restantes crianças que observavam do outro lado do pano. Estiveram todas muito interessadas, permitindo também fazer algumas descobertas importantes.

Na conversa final sobre o que realizaram, as crianças conseguiram relembrar o processo vivenciado, verbalizando prazer no mesmo.

Comentários das crianças:

No jogo do espelho saliento alguns comentários:

- *Eu não conseguia imitar muito bem, porque o Thanos fazia tantas manobras que era rápido demais...* (Pedro)
- *E eu não conseguia também fazer...* (Afonso)
- *É mais fácil se fizermos câmara lenta...* (Robin)
- *Noutro dia podemos treinar no auditório outra vez a câmara lenta...* (CF)
- *Lutas, lutas...ye!* (Afonso)

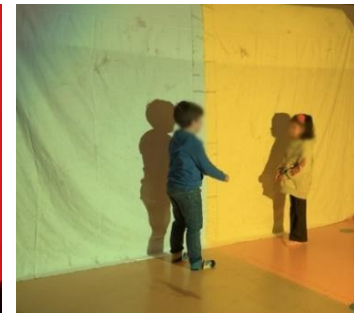
Fotografias



Dança com perfil



Jogo do espelho



Anexo G2. Análise de conteúdo da Planificação/reflexão das sessões estruturadas

Anexo G2a. Análise de conteúdo da Planificação: *Organização das sessões*

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo	F.U.R.
Organização das sessões planificadas	Local da sessão	Auditório da Escola	S1, S2, S3, S4, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16,	14
		Sala de JI	S6*, S17	2
		Sala de JI e sala das AAAF	S5	1
	Duração da sessão	Até 45mn	S1, S2, S4, S11, S12 S13, S17	7
		Entre 45 a 60 mn	S5, S6, S8, S10, S15	5
		Mais de 60 mn	S3, S7, S9, S14, S17	5
	Crianças Participantes	Totalidade da grupo (20)	S3	1
		Até 14 crianças	S4, S14;	2
		Entre 16 a 19 crianças	S1, S2, S5, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S15, S16, S17	13
	Adultos participantes	1 AO	S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8, S9, S10, S11, S13, S14, S15, S16, S17	15
		1 EST	S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8, S9, S10, S11, S12	11
		1 Convidada	S5, S10, S16	3
	Dinamização das sessões	Dinamização pela CF	S1, S2, S3, S4, S7, S8, S9, S11, S12, S13, S14, S15, S17	13
		Dinamização pelas Convidadas	S5, S10, S16	3
	Etapas das sessões	Aquecimento	S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17	16
		Jogo central	S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17	16
		Relaxamento	S1, S2, S3, S4, S8, S9, S14, S16, S17	9
Roda final		S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8, S9, S11, S12, S17	11	

Anexo G2b. Análise de conteúdo da Planificação: Tipos de Atividades

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
Tipos de Atividades	Roda inicial	Conversa inicial	S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S17	17
	Aquecimento	Aquecimento corporal, orientado para deslocação pelo espaço	S1, S2, S3, S6, S7, S8, S10, S11, S12; S14	10
		Aquecimento corporal dirigido num lugar fixo	S4, S9, S13, S15, S16, S17	6
	Atividade central	Atividades exploratórias	S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17	16
		Atividades expositivas	S5, S15, S16	3
	Relaxamento	Relaxamento corporal, orientado para deslocação pelo espaço	S6	1
		Relaxamento corporal dirigido num lugar fixo	S1, S2, S3, S4, S7, S8, S9, S11, S13, S14, S16, S17	12
		Ausência de Relaxamento	S5, S10, S11, S12, S15	5
		Conversa em grande grupo	S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S17	16

Anexo G2c. Análise de conteúdo da Planificação: *Materialidade*

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
Materialidade	Objetos de uso comum	Objetos de conforto	S1- Almofada	1
			S8, S12, S15- Lenços	3
			S7, S17- Lençol branco	2
			S13, S14, S15, S16- Lençol preto de flanela	4
		Objetos de iluminação	S5- Lanterna	1
		Objetos de corte	S5- Tesouras	1
		Utensílios de cozinha	S7- Abanador de palha	1
			S9- Rolo da massa	1
			S13- Panos de cozinha	1
			S14- Temporizador de culinária	1
			S15- Colher de pau	1
		Objetos de lazer ou brinquedos	S2, S11, S14- Bolas de relaxamento	3
			S9- Buzina	1
			S13- Bolas de pingue pongue	1
			S16- Balões	1
			S1- Boneco articulado de madeira	1
			S4- Venda para os olhos	1
			S9- Teclado velho de computador	1
			S9- Telefone antigo	1
			S9, S15- Biberão	2

			S9, S15- Frutas de plástico	2
			S9, S15- Martelo	2
			S9- Alicates	1
			S9- Saxofone	1
			S15- Madeiras de diferentes tamanhos	1
			S15- Peluche	1
			S15- Varinha mágica	1
			S15- Sapato de princesa	1
			S15- Cafeteira	1
			Objetos para arrumação	S8, S15- Cesto grande
	S8- Saco de pano	1		
	Objetos de mobiliário	S5, S13, S14, S16- Mesas	4	
		S5, S10, S11, S12, S13, S14- Cadeiras	6	
	Adereços e figurinos	Roupas e trajes	S7, S8- Saias	2
			S7, S8- Chapéus	2
			S7- Capa de rei	1
			S7- Máscaras diversas	1
		Adereços	S7- Coroa de rei	1
			S7- Orelhas de animais	1
			S9- Óculos	1
Material tecnológico	Equipamento de som	S1, S2, S3, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17- Coluna de som	16	
		S8- Microfone	1	
	Dispositivos eletrônicos	S1, S2, S3, S5, S6, S7, S8, S9, S11, S12, S13, S14, S15, S17- Tablet	14	
		S15, S16- Computador portátil	2	

		S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17- TLM	17
	Equipamento de suporte visual	S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17- Tripé	17
		S15- Projetor	1
		S17- Retroprojetor	1
Material de desgaste		Material de desgaste escolar	S5- Cartolina duplex
	S5- Papel celofane		1
	S5- Cachimbos		1
	S5- Cola		1
	S2, S3, S5, S6, S7, S9- Fita-cola		6
	S5- Canetas		1
	Outro tipo de material específico	S5- Placas de esferovite grossas	1
		S5- Arame	1
		S5- Redes	1
		S5- Sacos de sarapilheira	1
		S5- Paus de espetada	1
		S5- Palitos	1
Material indutor para atividades	Criado pelo adulto	S2, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S13, S14, S16, S17	11
	Criado pelas crianças	S14, S17	2
Material de música	Instrumentos musicais	S2; S13- bombo e jambé	2
	Seleção prévia de suporte musical para as sessões	S1, S2, S3, S5, S6, S7, S8, S9, S11, S12, S13, S14, S16	13
Recurso a histórias/textos	Histórias selecionadas pela educadora	S3, S4, S5, S9, S10, S11, S12	7

		Histórias criadas pelas crianças	S7, S8	2
		Histórias que surgem através da improvisação	S7, S8, S9, S13, S14, S15	6

Anexo G2d. Análise de conteúdo da Planificação: *conteúdos teatrais*

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
Conteúdos teatrais	Elementos do teatro implícitos nas atividades	Foco	S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17	17
		Corpo e voz	S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17	17
		Narrativa	S3, S4, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16	12
		Personagens	S5, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16	11
		Espaço cénico	S2, S3, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16	12
		Luz/Iluminação	S5, S17	2
		Figurino	S7, S8	2
		Objetos de cena/Adereços	S7, S9	2
		Plateia/Público	S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13	7
	Técnicas teatrais implícitas nas atividades	Teatro de marionetas	S13, S14	2
		Teatro de sombras	S5, S17	2
		Improvisação	S2, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17	12
		Contracena	S10, S11, S12	3
		Jogo dramático	S7, S8, S9, S10, S11, S12, S16	7
		Câmara lenta	S2	1
		Teatro de objetos	S15, S16	2

Anexo G2e. Análise de conteúdo da Planificação: *Modos de organização do grupo*

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
Modos de organização do grupo	Organização do grupo no espaço	Grupo disperso pelo espaço	Crianças dispersas pelo espaço, em movimentos amplos, com liberdade – S1, S2, S3, S6, S7, S10, S12, S14, S16, S17,	10
			Crianças dispersas pelo espaço, em movimento amplos, mas com uma a ocupar a posição de líder nos movimentos e deslocações em grande grupo – S8, S11,	2
			Crianças dispersas no espaço, com movimentos orientados e segmentados e sem deslocação- S9, S13	2
		Grupo num lugar fixo, no espaço	Crianças fixas no mesmo local, movimentando objetos específicos – S13, S14, S17	3
			Crianças fixas no mesmo local, sem movimentos – S16	1
			Crianças fixas no mesmo local, com movimentos – S17	1
			Em roda – S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15; S16, S17	17
			Em corredor (dois grupos frente a frente, sendo a apresentação no meio) – S3, S7, S8, S11, S12	5
			Em plateia (metade do grupo virado para um lado) – S2, S6, S8, S9, S10, S11, S13, S14, S15	9
			Em grande grupo	S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17
	Formação de grupos	A pares	S1, S2, S3, S7, S9, S11, S13, S14, S17	9
		Em pequenos grupos, de 3 a 6 elementos	S2, S5, S6, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17	13
		Divisão a grupo em dois grupos	S2, S3, S4, S6, S7, S8, S9, S10	8

Anexo F2f. Análise de conteúdo da Reflexão: *Papel do educador*

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
O papel do educador	Ação intencional do educador	Ser interventivo	<ul style="list-style-type: none"> - A CF (...) corrigindo no processo e não esperando pelo final da sua execução” [no desempenho de um exercício de forma incorreta]. S1 - [A escolha repetitiva das crianças em função da amizade], “levou que a CF sentisse necessidade de intervir (...) e a certa altura selecionar outras crianças para trocar de lugar.” S4 - “A estratégia utilizada pela CF de fazer perguntas às crianças para incentivar o diálogo” S7 - “Também a estratégia utilizada pela CF de troca da criança em situação de líder, neste jogo foi essencial, para valorizar as mais tímidas e que nunca se oferecem para ocupar estes lugares de realce perante os outros. S8 - “A CF acabou por improvisar” S8 - “A estratégia foi a CF falar uma frase e ele repetir.” [perante o bloqueio de uma criança na verbalização de uma narrativa] S11 - “[Perante] a timidez e resistência da Elsa, nas duas sessões anteriores para representar, a CF conseguiu incentivar a mesma a participar, com a sua ajuda, representando uma personagem na cena.” S11 - “De realçar ainda que foi necessária a intervenção da CF ao longo desta história, de forma a “provocar” a ação” S11 - “[A] CF estava um pouco ansiosa e reticente com a utilização destes materiais que não eram de uso comum na prática educativa...” S13 - “Antes de iniciar a proposta seguinte, criação de um Teatro de objetos, a CF resolveu improvisar sobre o pano preto (espaço cénico), uma história já conhecida de algumas crianças...” S15 	10
		Promover relações no grupo	<ul style="list-style-type: none"> - “[As] crianças se começaram a agrupar por género, pelo que a CF acabou por interferir e propor que se misturassem. A sugestão foi bem recebida pelas crianças e tornou os grupos mais heterogéneos.” S16 	1

		<p>Permitir a reflexão das práticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Também o facto de a grupo estar dividida a meio e irem alternando papeis-plateia e ator- penso que estimulou a observação e a necessidade de maior controlo de movimentos rápidos.” S2 - “[Permitiu] à CF refletir sobre a questão dos estereótipos e a importância de preparar uma sessão que permita desconstruir os modelos e levar as crianças a explorarem o seu corpo, espaço e materiais de formas criativas e livres (fora da caixa).” S3 “[Os] adultos têm a tendência de querer dominar/organizar as crianças no espaço, de forma a conseguir controlar mais os seus movimentos e atitudes.” S3 - “Perante um maior envolvimento e “expressividade sonora” das crianças, a CF teve tendência a mudar rapidamente a instrução para evitar o barulho e conseguir uma atitude mais calma e controlada por parte das crianças.” S3 - “[Os] adultos presentes inconscientemente mimaram as instruções antes das crianças poderem ter tempo para refletir e se apropriar da mensagem (. ...) Este aspeto foi refletido no final [com todos os intervenientes] (...) de forma a que cada vez mais, se consigam colocar de retaguarda, observando, e só agindo se necessário.” S3 - “[A dificuldade demonstrada na segmentação da voz/corpo] fez a CF pensar que será importante continuar a trabalhar jogos que permitam tomar maior consciência do corpo e também da voz em separado, de forma a consolidar esta competência.” S3 - A CF sugeriu (...) o inverso do processo realizado com a sua sala, de forma a que as crianças percebessem o que se pretendia no início do processo, dado que sentiu maior dificuldade nesse momento inicial na sala. S5 “[As] crianças ainda não estão despertas para a questão da posição do corpo relativamente à plateia (...) a marcação do espaço cénico (...) também foi esquecido...” S7 - “Os adereços facilitaram a interiorização das personagens.” S7 - “O plano deitado, apesar de incentivado pela CF ao longo da sessão, foi explorado apenas pelo Robin, o que sugere a necessidade de ser mais trabalhado em próximas sessões”. S8 - “[O apoio de retaguarda e menor intervenção das outras duas adultas presentes na atividade,] foi importante para uma maior criatividade e liberdade 	<p>17</p>
--	--	---	---	-----------

			<p>expressiva por parte das crianças. S8</p> <ul style="list-style-type: none"> - A conversa em roda final também tem sido um momento muito importante para todos (adultos e crianças), permitindo-lhes organizar-se temporalmente, a par de verbalizar sentimentos e emoções. S9 - “[Permitir] entender que a voz é essencial neste processo e que precisam de trabalhar em equipa para avançar.” S10 - “[Perante propostas de improvisação de narrativas], será importante não ter uma planificação muito extensa de atividades e focar-nos na atividade principal. S10 - “A reflexão final foi importante para a CF relembrar a importância do espaço cénico na representação” S11 - “[É mais importante dar tempo [às crianças] para experimentarem e concluírem as apresentações, do que fazer uma atividade específica de relaxamento.” S13 - “[A] CF ainda refletiu sobre a questão do tempo, o saber qual o momento certo para parar e passar a vez a outro grupo.” S14 	
		Servir de Modelo	<ul style="list-style-type: none"> - [Têm necessidade] “do apoio do adulto para não ficarem estáticos.” S1 - De início, foi necessário o modelo do adulto para compreenderem o jogo. S3 - “[Sendo] essencial o reforço por parte do adulto para terem mais calma e explorarem os movimentos das mãos.” S3 - “A CF serviu de modelo nalgumas situações, de forma a tentar desbloquear a ação...” S4 - “[Com] o decorrer da proposta e com alguns exemplos dados pela CF...[Jogo engrenagem Viva]. S11 - “[O] facto de serem atividades diferentes das realizadas anteriormente, levou a CF a sentir necessidade de explicar a proposta servindo de modelo para as crianças, de forma a poderem depois inspirar-se nas dinâmicas realizadas (...) como desbloqueio inicial, foi sentido como fundamental.” S13 	6
		Ser sensível e tolerante	<ul style="list-style-type: none"> - “A sua opção foi respeitada.” [de não obrigar as crianças a fazer exercícios sem querer] S1 	5

			<ul style="list-style-type: none"> - [Duas crianças que estavam bloqueadas numa atividade] “[Aceitaram] participar ao lado do par da equipa contrária” [sendo esta situação valorizada pela CF]. S3 - “[Sendo] a estratégia da educadora o deixá-la escolher a personagem e a parceira de contracena [uma criança que durante duas sessões não quis participar numa atividade de contracena] S11 - “Foi sua opção, o diminuir o tempo de cada um, de acordo com a sua sensibilidade, para permitir que todos pudessem experimentar os materiais seleccionados.” S14 - “[O educador] deverá ser sensível às necessidades do momento e adaptar as dinâmicas educativas, sempre que necessário.” S17 	
		Estar atento	- “Será importante a CF continuar atenta a próximos jogos/dinâmicas...” S1	1
		Valorizar as conquistas das crianças	<ul style="list-style-type: none"> - “[Continuar] o reforço positivo...” S1 - “Têm necessidade de que alguém os incentive a fazer.” S1 - “A conversa da CF foi importante para desvalorizar a competição e reforçar o esforço e concentração das crianças na tarefa.” S2 - “[Foi] necessário o incentivo do adulto para uma maior participação. [quando observava uma criança sem participar, cuja língua não materna não é o português] S3 - “[Sendo] essencial um incentivo por parte do adulto para um maior envolvimento (...) reforçar positivamente as suas tentativas.” (S4) - “Foi essencial o reforço positivo por parte do adulto para um maior envolvimento.” S7 - “O reforço positivo e verbal foi uma situação que se manteve sempre ao longo de toda a sessão e que poderá ser a chave para o sucesso de quaisquer atividades com crianças.” S10 - “O facto de ser sempre valorizado o esforço da criança foi muito importante para um maior envolvimento e interesse das mesmas em todo o processo.” S10 - “[Sendo] também necessário o reforço positivo do adulto [quando fala mais 	12

			<p>baixo], para tomar consciência dessa situação e melhorar.” S11</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[O] reforço positivo [da CF] perante a evolução sentida nas crianças ao longo das sessões. S11 - “A CF sentiu que foi alcançado o objetivo do jogo, valorizando as crianças no final do mesmo, de forma a se sentirem competentes.” S15 - “A (...) intencionalidade na escolha destes objetos foi importante para tentar que as crianças percebessem que as personagens podem ser criadas com o que quisermos...” S15 	
		Dar tempo	<ul style="list-style-type: none"> - “[A CF deverá dar-lhes] o tempo que necessitam para participar.” S1 - “Este aspeto foi refletido no final pela CF com a AO e a EST presentes, de forma a que cada vez mais, se consigam colocar de retaguarda, observando, e só agindo se necessário. S3 - “[A] exteriorização mais descontrolada” por parte das crianças, sentida pela Educadora, poderá não ser percecionada pelas crianças da mesma forma e fazer parte do processo criativo, pelo que não deverá ser interrompido de animo leve. S3 - “Esta ação [envolver as crianças no processo], ajudou a organizar a sequência da história e a não limitar os movimentos, dando o tempo necessário a cada uma.” S8 - “A CF optou por dar tempo a dois grupos para se organizarem sozinhos.” S9 - “[Valorizar] as diferenças e não desmotivar as crianças.” S10 - “A Elsa não quis participar no “Jogo 3, 2, 1 Ação!”, sendo esta opção respeitada.” S10 - “Dar o tempo para as crianças reagirem à contracena...foi muito importante” S10 - “O respeito pelas ideias do outro é fundamental” S10 - “Cada criança é única e não devemos fazer juízos de valor, pensando que os mais pequenos não são capazes.” S11 - “[Neste] Jogo, houve duas crianças que não quiseram participar [Jogo 3,2,1 Ação!] Foi sempre respeitado a decisão das crianças de participação em atividades de maior exposição.” S11 	11

		<p>Ser parceiro no jogo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “A intervenção da CF, foi no sentido de auxiliar a cumprir a instrução e não de forma crítica.” S1 - “[A] CF auxiliou no processo desenvolvido no JI, no momento da apresentação do espetáculo”. S5 - “[Esta] recomendação [de não passar à frente do líder de jogo] não tenha tido muito efeito, optando por ficar o adulto junto dessas crianças que revelaram mais dificuldade no cumprimento das regras do jogo.” S8 - “[Perante] um bloqueio inicial dos mesmos, resolveu intervir e promover a criatividade, ajudando no processo criativo.” S9 - “[Em improvisações com objetos], a CF sentiu (...) necessidade de grande apoio por parte do adulto.” S9 - “A narração do adulto foi essencial neste processo, para um maior envolvimento e apropriação da história, o que se tornou mais visível nos movimentos.” S9 - “[Foi] necessária a intervenção e ajuda do adulto para continuar a história.” S11 - “Nesta narrativa foi necessário a intervenção da CF para desbloquear e dar continuidade à história” S11 - “Acabou por ser necessária a intervenção da CF, para controlar um pouco a ação e conseguir que a Alface ajudasse no término da história.” S11 - “As intervenções da CF foram importantes para que a plateia (crianças sentadas) entendesse o que estava a acontecer e compreendesse a narrativa.” S11 	10
		<p>Ser mediador na gestão de conflitos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “A CF teve alguma dificuldade no controlo da sua intervenção, corrigindo durante o processo do jogo e não no final da sua execução. No entanto, sentiu que essa atitude poderia não ser a mais adequada, dado poder bloquear o processo criativo e as próprias descobertas das crianças.” S2 - “Foi preciso o apoio de retaguarda do adulto nesta gestão” [escolhas]. S3 - “Foi necessário, a intervenção da CF nalgumas situações...” [nas decisões em equipa]. S3 - “[A] CF optou pela estratégia de escolher o Dinossauro para ajudar na instrução (bater as palmas) de forma a conseguir que estivesse mais atento.” 	9

			<p>S7</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[A] CF incentivou as crianças a respeitarem a regra de não passar à frente do colega escolhido.” S8 - “Foi reforçado pela CF que é importante conhecermos bem todos os amigos e trocarmos de parceiros nos jogos.” S9 - “[Mostrou] muita dificuldade em esperar pela sua vez, interrompendo constantemente os colegas e chamando a atenção dos adultos. Houve momentos em que prejudicou a dinâmica realizada, sendo necessário a CF chamar a sua atenção para as regras do jogo e como última opção, retirá-lo do jogo.” S9 - “Foi essencial a CF intervir na história representando a personagem (...) e contracenar com a Panda, de forma a resolver o problema [comportamento perturbador de uma criança na contracena]. S11 - “Apesar de ser necessário um grande apoio de retaguarda do adulto” S11 - “A CF deixou que a ação decorresse até ao final do tempo, pedindo nesse momento, que explicassem o porquê deste desentendimento. A plateia também pôde opinar e tentar ajudar a resolver a questão.” S14 	
		Dar voz às crianças	<ul style="list-style-type: none"> - “[Perguntar] às crianças se não preferiam ser elas a narrar, no momento da história” S8 - “Será importante para próximas sessões tentar envolve-la numa proposta, deixando-a escolher uma personagem numa cena proposta. [perante uma criança que não quis participar numa contracena].” S10 - “[E] ouvi-los foi muito importante [em atividades de contracena]. S10 - “[Em] articulação com as propostas das crianças” S11 - “A CF (...) começou por selecionar 4 crianças para serem o porta voz de cada grupo [em situações de jogos em pequenos grupos] ...A escolha da CF (...) foi pensada por serem crianças mais desinibidas, o que seria importante para equilibrar as equipas e ao mesmo tempo fomentava a sua participação mais ativa no processo. S14 - “O envolvimento das mesmas, o escutá-las tem sido essencial para lhe mostrar o caminho e ajudar na planificação seguinte.” S15 - “No final, [as crianças] pediram para ver mais [filmes], pelo que a CF combinou que noutro dia fariam a visualização de outros Teatros com objetos.” S15 	8

			- “[A] CF deu tempo para se prepararem e esperou com as restantes crianças no lugar da plateia, que cada grupo escolhesse os objetos e depois combinasse algum pormenor que considerassem importante. Tentou não intervir, deixando-os autónomos para se organizarem.” S15	
		Ser flexível nas suas planificações	- “[A] mesma [duração da sessão] acabou por se prolongar um pouco mais, dada a necessidade de tempo para a apropriação das regras de jogo “Adivinha” e o interesse das crianças no mesmo.” S3 - “A CF propôs então uma estratégia que não estava na planificação...” S4 - “A CF também já não se sente tão ansiosa e presa à planificação, aproveitando o momento e o processo, de acordo com o tempo e as ideias das crianças” S15 - “Esta mudança de plano, justificou-se porque as crianças anteriormente estiveram muito tempo sentadas durante o acolhimento”. S17	4
		Incentivar o espírito colaborativo	- “[O Educador deverá] incentivar o espírito colaborativo.” S10 - “[Reforçou] a importância de estarmos “abertos” para a comunidade.” S16 - “A importância de incluir no processo educativo uma equipa multidisciplinar, permite maiores oportunidades educativas para todas as crianças.” S16	3
		Promover práticas enriquecedoras	- “Esta sessão foi desenvolvida no espaço do JI por um elemento externo à escola e a convite da CF (...) O desafio de realizar um workshop alusivo ao Teatro de Sombras com as crianças em idade pré-escolar,”. S5 - “[Poder] observar a reação das crianças [olhar externo da CF] com uma pessoa especializada em Teatro, que não conheciam e que lhes propôs experiências novas.” S10 - “O trabalho colaborativo poderá ser mais rico, quando os percursos académicos e formativos dos dinamizadores são distintos.” S10 - “Esta história permitiu dar um exemplo do que poderia ser feito, quebrando os estereótipos de objetos de uso comum.” S15 - “Esta sessão muito positiva e enriquecedora para as crianças pois permitiu-lhes realizar atividades de expressão corporal com outra pessoa, externa à escola.” S16 - “As histórias poderão ser facilitadoras para a dramatização das crianças e para promover o faz de conta.” S16	6

Anexo G2g. Análise de conteúdo da Reflexão: *Participação das crianças*

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
Participação das crianças	Participação ativa	Escuta e foco	<ul style="list-style-type: none"> - “O aquecimento foi conseguido sem grandes dificuldades, mostrando as crianças facilidade em parar/andar, perante as instruções.” [Aquecimento]. S1 - “[As crianças deslocam-se] pelo espaço com o olhar no objeto” [Aquecimento]. S1 - “O Robin, o Dudu e o Afonso demonstraram maior foco no domínio do corpo.” [Atividade central] S2 - “[Existiram] casos de crianças mais focadas e que conseguiram perceber esta situação e realizar o que lhe era solicitado com um maior cuidado e consciência: Dudu, Pérola e Luana.” [Atividade central] S3 - “[As] crianças revelaram já (...) foco na instrução dada pela [convidada].” [Aquecimento] S10 - “Estavam muito atentas nas instruções dadas e esforçaram-se por responder às mesmas.” S10 - “O ritmo da música também é tido mais em conta, [no movimento expressivo das crianças].” [Aquecimento] S12 - “[Está mais evidente nas crianças, perante a instrução,] o conseguir ouvir sem falar.” [Aquecimento] S12 - “[Sentindo] que as crianças estão mais observadoras e aceitam os imputes que os adultos lhes dão.” [Aquecimento] S13 - “[Começam] a conseguir autocontrolar-se para ouvir os outros e respeitar as apresentações e o tempo de cena dos seus colegas.” [Atividade central] S13 - “[As crianças do grupo 5, mostraram] concentração na tarefa.” [Atividade central] S13 - “Verificou-se menos interrupções verbais durante a dinâmica, por parte das crianças, situação que mostra já evolução desde o início do ano letivo.” S14 - “O silêncio de uma maneira geral foi respeitado, o que permitiu a concretização do jogo.” S15 	16

			<ul style="list-style-type: none"> - “[Houve evolução no] saber ouvir, quando a instrução está a ser transmitida” S15 - “[Sentindo] a CF neste momento evoluções no foco, postura” S15 - “[Nesta] fase já foi possível concretizar a planificação, mesmo sem apoio de retaguarda de outro adulto. [o maior foco foi evidente]” S15 - “[As crianças] observavam atentamente os movimentos da dinamizadora, ao longo de todo o processo.” [Introdução à sessão] S16 	
		Envolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - “Estavam muito envolvidas nesta atividade, demonstrando capacidade para responder ao que lhe era pedido” [Aquecimento]. S1 - “As crianças mostraram-se envolvidas (...) colaborando e tentando reproduzir aquilo que lhe era solicitado.” S1 - “[No jogo atira a almofada] as crianças (...) estavam muito motivadas.” [Atividade central] S1 - “[As] crianças mostraram bastante entusiasmo na mesma, caminhando ...” [Aquecimento] S2 - “Na proposta de Luta em Câmara lenta, houve um grande entusiasmo e envolvimento da maioria das crianças” [Atividade central]. S2 - “A Branca de Neve, apesar de se mostrar reticente na proposta, mostrou depois entusiasmo e divertimento no processo.” S2 - “[Sendo] o seu objetivo, na maioria dos casos, chegar mais rápido à meta do que os seus colegas.” [Atividade central] S2 - “Na proposta de relaxamento, a pares, com as bolas, foi sentida uma boa adesão por parte das crianças a este novo material” [Relaxamento] S2 - “[As] crianças mostraram-se bastante entusiasmadas perante as instruções que lhe iam sendo dadas pelo adulto” [Aquecimento]. S3 - “[Verificando-se] uma grande adesão e participação mais espontânea [perante as instruções da CF] [Aquecimento] S3 - “[Um] maior envolvimento das crianças [originou] uma “expressividade mais sonora”. [Aquecimento] S3 - “[A] Alface mostrou muita criatividade nesta proposta, envolvendo-se ativamente e autonomamente em todas as dinâmicas realizadas.” [Atividade central] S4 - “[As] crianças mostraram-se participativas e revelaram, na sua maioria, bastante 	39

		<p>facilidade na identificação das vozes dos seus colegas.” [Atividade central] S4</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[O] tipo de movimentos mais utilizados pelas crianças, em jogos criativos, envolveram a utilização de braços e de posições em pé.” S8 - “[Em improvisações com objetos] as crianças mostraram-se entusiasmadas” S9 - “[A repetição do] Jogo (...) levou a um maior entusiasmo e excitação por parte das crianças, mostrando maior domínio do seu corpo e envolvimento.” [Aquecimento] S9 - “[As] crianças [estiveram] sempre muito envolvidas ao longo da [proposta].” S10 - “[As] crianças revelaram já apropriação de alguns exercícios, envolvendo-se nos mesmos de forma mais autónoma e prazerosa” [Aquecimento] S10 - “As propostas que envolvem mobilidade/imobilidade já estão adquiridas pelas mesmas, conseguindo reagir a essa ordem com muita rapidez.” [Aquecimento] S10 - “Perante a repetição do Jogo verificou-se maior à vontade na representação, por parte das crianças” S10 - “[Com o decorrer do Jogo Engrenagem Viva], verificou-se (...) maior participação.” [Aquecimento] S11 - “É de realçar, que neste momento se verifica maior amplitude e diversidade nos movimentos” [Aquecimento] S11 - “Mostraram facilidade em se organizar sozinhos sem o apoio do adulto.” S11 - “O Homem aranha mostrou-se muito envolvido na representação.” [Atividade central] S11 - “[Maior] consciência do espaço e se movimentarem, ocupando o mesmo e não se juntando todos na mesma área, como era natural no início.” [Aquecimento] S12 - “O Homem aranha esteve também mais participativo nesta sessão, aceitando um papel na contracena.” [Atividade central] S12 - “[Verificou-se] um grande envolvimento por parte das crianças e distribuição autónoma das mesmas, pelo espaço.” [Aquecimento] S12 - “[A repetição do Jogo], permitiu que as crianças já estivessem mais autónomas e ativas na sua ação.” [Atividade central] S12 - “O Thanos mostrou-se muito envolvido com a representação.” [Aquecimento] S12 - “[Os novos materiais- bolas de pingue pongue,] foram bem aceites pelas crianças, mostrando bastante prazer na sua manipulação e exploração. [Aquecimento e atividade central] S13 	
--	--	---	--

			<ul style="list-style-type: none"> - “[Na proposta do jogo do mágico] as crianças mostraram-se bastante participativas e esforçaram-se por realizar os exercícios solicitados.” [Aquecimento] S13 - “[Perante a proposta Jogo de ténis,] mostraram-se todos muito interessados na dinâmica.” [Atividade central] S13 - “[As crianças, no jogo do ténis,] conseguiram movimentar o boneco ao som do batimento do jambé.” [Atividade central] S13 - “O Thanos mostrou-se muito desinibido e alegre durante a manipulação da sua personagem (cobra).” [Atividade central] S14 - “As mesmas, já caminham direitas, com o corpo menos tenso e mostrando maior confiança na deslocação no espaço.” [Aquecimento] S15 - “Foi surpreendente (...) a maior consciência de segmentação dessa parte do corpo [olhar], situação que não ocorria no início deste projeto.” [Aquecimento] S15 - [Verificou-se evolução no] desempenho das crianças. [Aquecimento] S15 - “Foi grande o entusiasmo revelado, rindo e verbalizando as crianças ao longo do filme.” [Atividade central] S15 - “As crianças estavam muito envolvidas na narração da história.” [Introdução à sessão] S16 	
		Interações sociais	<ul style="list-style-type: none"> - “[Na instrução do caminhar] com os amigos, verificou-se maior agitação e alguma dificuldade em se organizarem.” [Aquecimento] S1 - “[Foi] difícil de se afastarem uns dos outros, tendo a tendência de irem atrás de quem tinha a almofada e começarem a pedir que lhe passassem a mesma.” [Atividade central] S1 - “[Alguma] dificuldade nalgumas crianças em tocar e comandar o seu par.” [Relaxamento] S1 - “Faz cocegas [diz uma criança, durante o relaxamento com bolas] S2 - “[No] desenrolar do processo, ria-se e começou a correr com a Alface, que era o seu par.” [Atividade central] S2 - “[A] pares, com as bolas (...) revelarem alguma dificuldade na manipulação das mesmas no corpo do seu par.” [Relaxamento] S2 - “[No decorrer do jogo] o Ronaldo apontou para a mesa que estava no auditório e perguntou se podia ser ali.” [Aquecimento]. S3 	30

			<ul style="list-style-type: none"> - “[As] crianças mostraram alguma dificuldade em massajar lentamente a cabeça do seu par, mexendo muitas vezes no cabelo e não na cabeça.” [Relaxamento] S3 - “[As] crianças escolhiam preferencialmente os amigos com quem mais brincavam” [Aquecimento] S4 - “[Uma criança ocupou a posição de líder por sua iniciativa, o que motivou] que todos se movimentassem atrás de si.” [Aquecimento] S8 - “[Foi frequente] a procura de amigos mais próximos para dançar, mesmo que mais distantes.” [Aquecimento] S9 - [No momento de reflexão em grupo, a Branca de neve refere:] Ainda não experimentamos a buzina. [Situação combinada com o adulto, no momento do jogo, de forma a não haver momentos de distração durante o processo] [Roda final] S9 - “[A] Pérola e a Branca de neve e o Schreck e a Luana em contracena mostraram muita facilidade na improvisação.” S10 - “[As crianças interagiram] verbalmente perante a ação [descrita pela CF].” S11 - “[Em situação de improviso, o Dudu] disse que ia estacionar, para falar com a filha que não queria ir à escola.” [Atividade central] S11 - “[A] Elsa [em contracena] manteve-se como uma mãe permissiva, referindo que a sua filha é que iria escolher o que quisesse e por isso não se zangou com ela.” [Atividade central] S12 - “[Em contracena, a] Luana mostra-se muito protetora com a criança mais pequena que representa a personagem de filha.” [Atividade central] S12 - “A Fada madrinha, apesar de não se expressar verbalmente, quis participar na representação, de mão dada com a sua colega que representava a mãe.” [Atividade central] S12 - “Durante a escolha das personagens há duas crianças que querem ser polícias, pelo que a Branca de neve resolve o problema dizendo que pode haver dois polícias.” [Atividade central] S12 - [Em contracena, a Alface diz:] Estás (...) a descabelar[-me] toda!” [Atividade central] S12 - “[Em contracena, a Elsa diz:] Eu acho que é melhor prende-la na cadeira para ela não fugir! (...) não vais ver televisão quando chegares a casa (...) e ainda esmaga o armário...filha volta aqui!” [Atividade central] S12 - “[O] Homem aranha esteve sempre à procura do contacto com outro amigo e lenço 	
--	--	--	--	--

		<p>(interação).” [Atividade central] S13</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[No jogo de ténis, o grupo 1, foi aquele] que mais facilmente conseguiu realizar os movimentos em sintonia e ao som do batimento.” [Atividade central] S13 - “[Na manipulação de marionetas de luva, foi] visível o diálogo entre as personagens das duas amigas.” [Atividade central] S14 - “[Verificou-se apropriação de regras] nestas dinâmicas, nomeadamente o saber o que fazer quando chegam ao espaço (descalçar os sapatos e posicionar-se em roda) S15 - “[O Ronaldo] escolheu o Dudu e o Robin [para a sua improvisação com objetos]”. [Atividade central] S15 - “[O] Afonso pediu para fazer também a sua escolha [de crianças, para a sua apresentação em grupo].” [Atividade central] S15 - “A história improvisada foi narrada pelo Ronaldo, com a ajuda do Robin.” [Atividade central] S15 - “O Ronaldo liderou o grupo.” [Atividade central] S15 - “[As] meninas interagiram entre si e tiveram alguma dificuldade em articular com o Dinossauro.” [Atividade central] S15 	
	Criatividade e improvisação	<ul style="list-style-type: none"> - “[Uma criança sugere outra instrução à CF:] Podemos andar para trás?” [Aquecimento] S2 - “A Alfáce mostrou muita criatividade na representação do objeto mimado.” [Atividade central] S3 - “[Maior] expressividade e facilidade na resposta às cartas azuis (movimento/mímica)” [Atividade central]. S3 - “[O Robin, perante uma proposta de representação, refere que os] animais têm que andar com as mãos no chão, de gatas” [Atividade central] S7 - “[O Dinossauro propõe que] pode ser o Schreck [a representar] o castelo” [Atividade central] S7 - “O <i>Polícia</i>, quando ocupou a posição de chefe do cardume, acabou por se mostrar mais controlado e realizar movimentos diversos e exploratórios, principalmente com os braços.” [Aquecimento] S8 - “[Perante a repetição de uma atividade] verificou-se maior (...) criatividade [por parte das crianças]. [Atividade central] S8 	29

			<ul style="list-style-type: none"> - “[O] decorrer do jogo (...) levou as crianças a imaginar e dramatizar.” [Relaxamento] S8 - “[A Luana sugere:] podemos ver depois no computador da sala como a aranha anda.” [Roda final] S8 - “A Pérola mostrou grande facilidade na improvisação.” – [Atividade central] S9 - [No Teatro de improvisação com objetos], o Dudu [refere]: Abracadabra, Pedro já não fica cego!” (e agitou a varinha mágica para concretizar o que estava a dizer). [Atividade central] S9 - “[A] CF sentiu (...) [que] os objetos, (...) serviram de indutores no processo criativo.” S9 - “[A] Pérola e a Branca de neve e o Schreck e a Luana, em contracena, mostraram muita facilidade na improvisação.” [Atividade central] S10 - “A Pérola fez um barulho para a simular o toque da porta: “Ding Dong” [Atividade central] S10 - “[Verificou-se] uma crescente criatividade” [no decorrer do Jogo Engrenagem Viva, Atividade central] S11 - “[Os] sons escolhidos pelas crianças foram muito diversos e criativos” [Atividade central] S11 - “[Verificou-se] uma maior criatividade e diálogo, sem grandes intervenções do adulto.” [Atividade central] S11 - “[As] crianças já não se imitam tanto, ou seja, estão mais criativas no seu desempenho.” [Atividade central] S11 - “[Maior] criatividade na improvisação nos diálogos.” [Atividade central] S11 - “O Dudu fez o movimento e o som de conduzir o carro no início da cena.” [Atividade central] S11 - “Facilmente interiorizaram a narrativa, representando as suas personagens de forma criativa.” [Atividade central] S11 - “[O] Ronaldo levantou-se logo para continuar essa ação [iniciativa] e irem chamar o diretor.” [Atividade central] S11 - “[A Branca de neve substituiu] (...) o Pedro [numa improvisação, disponibilizando-se autonomamente] para desempenhar este papel.” [Atividade central] S11 - “[Neste] momento, se verifica maior amplitude e diversidade nos movimentos e as crianças já não se imitam tanto, ou seja, estão mais criativas no seu desempenho.” [Aquecimento]
--	--	--	---

		<p>S12</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[Alguns] atiravam os lenços ao ar, outros rodam; outros seguram-no com uma mão e balançam ao ritmo da música.” [Aquecimento] S12 - “[É evidente uma] maior criatividade na improvisação nos diálogos.” [Atividade central] S12 - “O Ronaldo simulou o telefonar com gestos e fazendo o movimento de telefonar.” [Atividade central] S12 - “Perante o bloqueio inicial dos colegas à contracena, o Ronaldo que está na plateia intervém dizendo: <i>Polícias, digam... para o carro!</i>” [Atividade central] S12 - “[Durante a contracena, o Thanos fez] gestos de passar uma multa, enquanto o outro polícia agitava os braços e ouvia o que ele dizia.” [Atividade central] S12 - “[O grupo 1, mostraram] facilidade e autonomia no processo criativo, criando autonomamente uma narrativa em que interagiram com as 3 personagens, utilizando os nomes fictícios que escolheram na sala quando os criaram.” [Atividade central] S14 	
	Avaliação e espírito crítico	<p>“[Maior] necessidade de partilhar os constrangimentos que sentiram ao longo da mesma do que de falar do que sentiram como positivo.” S1</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[Conseguiram] facilmente recordar o que foi feito ao longo da sessão.” S1 - “Eu era a dona do boneco e depois era ele o dono.” [Roda final] S1 - “O meu boneco mexia-se.” [Relaxamento] S1 - “Eu não consigo [luta em câmara lenta].” [Atividade central] S2 - “[A Branca de neve] não fica quieta (...) ela não me deixa [com as bolas no corpo].” [Relaxamento] S2 - “Mostraram bastante necessidade de comentarem as sensações que estavam a ter com os colegas ou de referir as dificuldades que tinham no trabalho a pares e na partilha do material utilizado.” [Roda final] S2 - O Dinossauro, mostrou que se recordava da sessão anterior, ao fazer a pergunta à CF, sobre a realização de uma atividade da semana anterior.” S2 - “Eu acho que o Afonso estava médio [no desempenho da luta em câmara lenta] (...) o Robin estava mega bom.” S2 - “[As] crianças conseguiram recordar o que tinham feito ao longo da sessão.” S3 - “[Na roda final, a Branca de neve referiu:] Quem venceu a roda... fui eu e a Panda.” S4 	25

			<ul style="list-style-type: none"> - “[O] Afonso referiu: “foi fácil para mim...” S4 - “[O] Ronaldo referiu: “Eu não consegui descobrir a Luana” [Relaxamento] S4 - “A Pérola disse: - Eu pensei rápido...eu decidi rápido o que eu ia fazer com o biberão. Era fácil.” S9 - “É de realçar uma grande participação verbal [na descrição do processo, por parte] das crianças: Pérola, Ronaldo, Branca de Neve, Alface e o Pedro.” [Roda final] S9 - “[A Aurora justificou]: Ficámos parados, porque ela não dizia nada.” [Atividade central] S9 - “Esta situação, permitiu a todos conversar sobre o tema, assumir papéis e pensar como poderá ser resolvida a situação em causa.” S11 - “A parte emocional esteve muito presente e permitiu a todos verbalizar pensamentos, sentimentos e emoções.” S11 - “[Em relação à improvisação em contracena o Dudu avalia:] Foi difícil.” S12 - “[Em relação à improvisação em contracena o Ronaldo avalia:] Foi difícil, porque à frente dos nossos amigos estavam a falar baixinho e não falavam alto. E algumas pessoas estavam a sair do palco e não a entrar.” S12 - “[O Pedro referiu não ter gostado do jogo, devido a conflitos no momento da ação:] Eu não gostei...a culpa foi do Dinossauro. Ele me atacou e estava quase a desmontar o meu boneco.” [Roda final] S14 - “[Relativamente à história contada dos Chibos Sabichões, a Branca de neve referiu:] Foi muito engraçado no fim.” [Roda final] S15 - “[O Ronaldo defende que se conseguem] fazer espetáculos sem ensaiar.” [Roda final] S15 - “[As] crianças conseguiram lembrar o processo vivenciado, verbalizando prazer no mesmo.” [Roda final] S17 - “[O jogo do espelho é] mais fácil se fizermos câmara lenta.” [Roda final] S17 - “[Relativamente ao Jogo do espelho, o Pedro justificou a dificuldade de concretização dizendo:] Eu não conseguia imitar muito bem, porque o Thanos fazia tantas manobras que era rápido demais.” (Roda final] S17 	
	Participação condicionada	Dificuldade em manter o foco	<ul style="list-style-type: none"> - “[O] seu foco deixou de ser o caminhar livremente pelo espaço [e passou a ser a almofada]” [Aquecimento]. S1 - “[Verificou-se] alguma dificuldade, em ouvir a música e pararem de falar.” [Aquecimento]. 	12

		<p>S2</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[As] crianças mostraram alguma dificuldade em se focar no que estavam a fazer, sendo o seu objetivo, na maioria dos casos, chegar mais rápido à meta, antes do que os seus colegas.” [Atividade central]. S2 - “[A corrida no espaço condicionou] o foco das crianças na instrução.” [Atividade central] S3 - “As crianças Luana; Pérola; Dinossauro e Alface foram muito rápidos na corrida em câmara lenta.” [Atividade central] S3 - “[Existem] crianças com grande dificuldade de foco.” S7 - “[Não] tiveram em atenção o ritmo da música e decidiram correr pelo espaço.” [Aquecimento] S8 - “A regra de saber ouvir sem falar, foi ainda difícil para algumas crianças, nomeadamente a Branca de neve e o Schreck.” [Aquecimento] S10 - “Algumas crianças estavam com o olhar mais distraído.” [Aquecimento] S15 - “Quando os movimentos foram mais rápidos no espaço, foi notória uma perda de foco no que estão a fazer.” S11 - “[Na] exploração das marionetas de vara com a silhueta, a CF sentiu que as crianças não escutavam a música.” [Atividade central] S17 - “[As atividades com novos materiais pouco manipulados pelas crianças, poderão condicionar uma] maior agitação e menor foco, [dado] o entusiasmo [observado na sua exploração].” [Atividade central] S17 	
	Dependência de suporte externo	<ul style="list-style-type: none"> - “Algumas crianças olhavam para os adultos presentes na sessão, para observar o que faziam, não se focando na instrução. [Aquecimento]” S1 - “Têm necessidade de que alguém os incentive a fazer e do apoio do adulto para não ficarem estáticos.” [Relaxamento]. S1 - “[Tendo] a tendência de olhar para o lado para perceber o que estavam a fazer os outros e imitar.” [Relaxamento] S1 - “Foi necessário, a intervenção da CF nalgumas situações em que o par inicial tinha que se soltar, para conseguirem cumprir a instrução e diversificar as escolhas de outras crianças. [Aquecimento]” S2 - “[A] Fada Madrinha, que observava curiosa tudo à sua volta, mas [só com a intervenção do adulto ela reagiu].” [Atividade central]. S2 	28

			<ul style="list-style-type: none"> - [No jogo a pares] foi necessário o incentivo do adulto para uma maior participação [da Fada madrinha].” [Relaxamento] S2 - “[Várias] crianças (...) imitaram o [seu par a] comer com os braços em cima da mesa. [Aquecimento] S3 - “[Perante o modelo do adulto, as crianças limitam-se] a imitar o adulto. [Aquecimento] S3 - “[A] Fada madrinha não verbalizou durante os exercícios realizados, [mas com o apoio do adulto participou através do movimento].” [Atividade central] S4 - “Na conversa final sobre a sessão realizada foi necessária a ajuda da CF para a organização e sequência das atividades.” [Roda final] S4 - “A estratégia utilizada pela CF de fazer perguntas às crianças para incentivar o diálogo (...), foi importante para um maior envolvimento [das crianças]. S7 - “Foi (...) necessário, a CF incentivá-la [Gata] e dar-lhe apoio de retaguarda ao longo dos diferentes momentos da história.” [Atividade central] S7 - “[Apesar] de necessitarem de um grande apoio inicial por parte do adulto, [no decorrer da proposta], foi possível perceberem o objetivo a atingir e criarem uma narrativa com sentido.” [Atividade central] S9 - “[Alguma] tendência a repetir ações já observadas anteriormente pelos seus pares” S10 - “[A Branca de neve foi] imitar a ação que a dinamizadora tinha realizado anteriormente.” (Atividade central] S10 - “[O discurso positivo e motivador por parte do adulto,] levou as crianças a sentirem-se mais confiantes e a focarem-se na proposta.” [Atividade central] S10 - “O resultado após esta intervenção [reforço do adulto na voz alta de teatro,] revelou esforço nesse sentido por parte das crianças.” [Atividade central] S10 - [Perante a insegurança de algumas crianças,] a dinamizadora fez com as crianças os gestos da “frase física”. [Atividade central] S10 - “[Com] alguns exemplos dados pela CF, em articulação com as propostas das crianças, verificou-se uma crescente criatividade e maior participação [por parte das crianças].” [Aquecimento] S11 - “[Foi] necessária a intervenção e ajuda do adulto para continuar a história. [Atividade central] S11 - “Foi essencial a CF intervir na [contracena improvisada], para ajudar a resolver 	
--	--	--	---	--

		<p>problemas.” [Atividade central] S11</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Foi importante o incentivo e apoio de retaguarda do adulto [na improvisação do Homem aranha,] no decorrer da ação.” [Atividade central] S12 - “[Perante] a timidez e resistência da Elsa na participação [na] dinâmica de contracena (já evidente nas duas sessões anteriores), a CF conseguiu convencer a mesma a participar, com o seu apoio de retaguarda.” [Atividade central] S12 - “Acabou por ser necessária a intervenção da CF, para controlar um pouco a ação e conseguir que a Alface ajudasse no término da história.” [Atividade central] S12 - “Foi essencial o incentivo do adulto para um maior foco [do Polícia] na atividade e melhorar o seu desempenho. [Aquecimento] S13 - “Com a ajuda da CF participaram na pequena narrativa criada e mostraram-se felizes com o resultado.” [Atividade central] S14 - “[No] decorrer do jogo e mediante a valorização do adulto, começaram a focar-se e a perceber que tinham que olhar para os olhos de quem iria “disparar a seta.” [Aquecimento] S15 - “Foi necessária a intervenção da CF para resolver o problema.” [Atividade central] S15 	
	Necessidade intrínseca de movimento e exploração do espaço	<ul style="list-style-type: none"> - “[Necessidade] de correr e explorar o espaço existente [nalgumas crianças]. S3 - “[O] Polícia e o Schreck revelaram muita necessidade de correr e explorar o espaço existente” [Aquecimento] S3 - “[O] Polícia revelou alguma dificuldade em parar o corpo, estava sempre em movimento o que originava às vezes que perdesse o foco.” [Aquecimento] S4 - [Não se focaram na música e] decidiram correr pelo espaço.” S8 - “[Muitas] crianças se movimentaram em círculo na sala” S11 - “[As] crianças facilmente se movimentam sem utilizar a linguagem.” S11 	6
	Dificuldade e/ou insegurança na concretização das atividades	<ul style="list-style-type: none"> - “O Polícia teve muita dificuldade em gerir frustrações e saber esperar pela passagem da almofada.” [Aquecimento] S1 - “[Verificou-se] constrangimento nalgumas crianças no toque e (...) [na concretização] da instrução com o seu par.” [Relaxamento] S1 - “O Homem aranha e o Thanos não conseguiram fazer os movimentos lentamente [Atividade central]” S2 - “[Estou] com medo de me magoar assim” [Atividade central]. S2 	28

			<ul style="list-style-type: none"> - “[Alguma] dificuldade na manipulação e exploração [das bolas] no corpo do seu par (rolar).” [Relaxamento]. S2 - “[Em] decisões a pares, as crianças ainda têm alguma dificuldade em decidir em conjunto”. [Aquecimento] S3 - “[Necessidade nas crianças] de maior consciência do corpo e (...) da voz em separado.” [Atividade central] S3 - “[Não] se mostraram muito à vontade para representar ou fazer o som” [duas crianças] S3 - “[As] crianças [revelaram], na sua maioria, alguma dificuldade na segmentação destes dois elementos [voz/mímica], uma vez que inconscientemente o corpo começava a mimar a imagem, juntamente com a voz.” [Atividade central] S3 - “O Schreck e o Ronaldo não conseguiram separar a voz do movimento.” [Atividade central] S3 - [As] crianças mostraram alguma dificuldade em massajar lentamente a cabeça do seu par. [Relaxamento] S3 - “[A] Elsa revelou alguma dificuldade em se apropriar das regras do jogo” [Atividade central] S4 - “[Verificou-se] numa fase inicial, uma verbalização insegura por parte das crianças e com pouca intensidade no som falado.” [Atividade central] S4 - “[Verificando-se] na maioria das crianças alguma dificuldade em realizar as duas ações em simultâneo (voz e movimento)” [Atividade central] S4 - “[Foi evidente] alguma resistência por parte das crianças, em verbalizar perante os colegas” [Atividade central] S4 - “Na confeção das marionetas, denotou-se de início, um certo bloqueio nas crianças, no perceber como poderiam utilizar o material disponível e qual o seu objetivo.” [Atividade central] S5 - “[À] Gata, lhe foi atribuída aleatoriamente a personagem principal, sendo ela ainda muito tímida e mostrando-se muito insegura perante a exposição em grande grupo” S7 - “[Verificou-se] dificuldade no início da proposta, na verbalização e improvisação das crianças.” [Relaxamento] S8 - “[A Pérola revelou alguma] dificuldade em articular com os colegas durante a apresentação.” [Atividade central] S9 	
--	--	--	---	--

		<ul style="list-style-type: none"> - [No jogo Letras com o corpo, o] Polícia mostrou-se algo perdido na orientação espacial.” [Relaxamento] S9 - “[Revelam] ainda alguma insegurança na oralidade perante os outros.” S10 - “Em situações de contracena em teatro, as crianças tendem a mostrar-se mais introvertidas e inseguras na oralidade.” S10 - “[Maior] facilidade das crianças na improvisação do corpo do que na utilização da voz em contracena.” S10 - “O Dudu e o Robin (...) revelam ainda alguma insegurança na oralidade perante os outros.” [Atividade central] S10 - “[Durante a representação verificou-se um] bloqueio expressivo na Fada madrinha e no Thanos.” [Atividade central] S10 - “[As]s crianças mostraram alguma dificuldade inicial, em reproduzir o movimento do corpo em simultâneo com a voz/som” [Atividade central] S10 - “[No jogo do mágico] verificou-se maior dificuldade de concentração e controlo no corpo no Pedro, Afonso e Polícia.” [Aquecimento] S13 - “[Na improvisação com panos de cozinha] o Dudu teve alguma dificuldade em se soltar e interagir com a sua colega.” [Atividade central] S13 - “[O] grupo teve alguma dificuldade em se organizar em equipa.” [Atividade central] S15 	
	Comportamentos disruptivos	<ul style="list-style-type: none"> - “[O Polícia empurrou] os colegas (...) dificultando o decorrer do jogo” [Aquecimento] S1 - “[O] Dinossauro colocou-se em frente ao amigo que tinha a almofada e dizia para lhe passar a mesma, não cumprindo a instrução dada pela CF” [Aquecimento] S1 - “O Dinossauro também estava a atirar a almofada ao teto.” [Jogo extra central] S1 - “O Polícia teve muita dificuldade em esperar pela sua vez, intervindo verbalmente a todo o momento e interrompendo o decorrer do jogo.” [Atividade central]. S3 - “[Algumas crianças promovem], chamadas de atenção constantes [por parte do] adulto. [Pedro, Polícia e Dinossauro]” S7 - “[No] início, as crianças começaram a competir pela posição, ou seja, tentavam ser as primeiras da fila, que ultrapassavam o “chefe” do cardume.” [Aquecimento] S8 - “[O] Polícia e o Dinossauro não a deixavam movimentar-se (empurravam ou ultrapassavam).” [Atividade central] S8 	15

			<ul style="list-style-type: none"> - “[O] Polícia, (...) revelou maior dificuldade em dar continuidade e aceitar as ideias dos colegas, amuando e gritando.” [Atividade central] S9 - “O Dinossauro mostrou muita dificuldade em esperar pela sua vez, interrompendo constantemente os colegas e chamando a atenção dos adultos.” [Atividade central] S9 - “[O] Dinossauro [começou] a fazer muitos disparates para a plateia se rir, sem deixar continuar a história.” [Atividade central] S11 - O Polícia começou a correr pelo espaço com a bola na mão, enquanto as restantes crianças caminhavam ao ritmo da música. [Aquecimento] S13 - “[O Pedro e o Dinossauro] não chegaram a acordo na narrativa (...), querendo [ambos] comandar a história. Esta situação provocou discussões entre eles diante do restante grupo.” [Atividade central] S14 - “[O] Pedro e o Schreck queriam liderar e fazer a história à sua maneira, [o que condicionou a ação].” [Atividade central] S15 - “[Houve] disputa da varinha mágica entre o Afonso e o Pedro, [o que influenciou a improvisação].” [Atividade central] S15 - “[O] Dinossauro esteve durante a sessão mais agitado do que o habitual nestas sessões e constantemente a chamar a atenção do adulto.” [Atividade central] S16 	
	Não participação	Recusa em participar nas atividades	<ul style="list-style-type: none"> - “[Houve duas] crianças, [Gata e Ariel] que não quiseram fazer” [Atividade central-] S1 - “[Realçamos] as frustrações em duas crianças, que rejeitaram os papéis que lhe foram atribuídos.” [Atividade central] S7 - “A Elsa não quis ser chefe do cardume.” [Aquecimento] S8 - “A Elsa não quis participar no Jogo 3,2,1, Ação!” [Atividade central] S10 - “[Algumas] crianças, numa primeira fase, não quiseram ser líderes neste jogo.” [Aquecimento] S11 - “A Aurora e o Pedro não quiseram representar a personagem que não queria ir à escola/conflicto.” [Aquecimento] S11 - [Houve] duas crianças que não quiseram participar: a Elsa e a Luana [no Jogo 3,2,1...Ação!] [Atividade central] S11 - “[No jogo 3,2,1 Ação, o] Robin, não quis participar.” [Atividade central] S12 	7

Anexo G2h. Análise de conteúdo da Reflexão: *Aspetos facilitadores no processo*

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo	F.U.R.
Aspetos facilitadores no processo	Condicionantes no ambiente educativo	Participação de vários adultos	<ul style="list-style-type: none"> - “O facto de ter mais duas adultas a acompanhar a sessão, permitiu apoiar crianças com necessidades específicas no grupo...maior tranquilidade.” S1 - “[Com] o apoio dos adultos na sala, foi possível acompanhar o seu pensamento e motivá-los na sua construção criativa.” S5 - “[Ficando] as duas adultas restantes a observar e de retaguarda, para se necessário atuarem ou apoiar alguma criança em particular.” S8 - “[Estiveram] 3 adultas na sessão (...) Este facto, foi muito positivo, permitindo um maior apoio de retaguarda na concretização da planificação e no apoio às necessidades do público alvo.” S10 - “[Um] adulto acompanhou algumas crianças para o exterior do espaço do auditório e outro ficou junto à porta” S10 - “[Permitiu] dar apoio mais individual a uma criança com necessidades específicas e que necessita de constante supervisão por parte do adulto”. S10 	6
		Heterogeneidade no grupo	- “A heterogeneidade no grupo de crianças continua a ser positiva neste processo.” S10	1
		Grupo mais reduzida	<ul style="list-style-type: none"> - “O facto de estarem presentes apenas 14 crianças, permitiu uma maior atenção e apoio por parte da educadora” S4 - “A totalidade de 13 crianças permitiu um maior apoio a todas as crianças e maior visão de grupo.” S14 	2
		Materiais previamente preparados	<ul style="list-style-type: none"> - “Sabendo estar sozinha, foi necessário preparar os materiais de forma antecipada, para não perder posteriormente mais tempo nesta tarefa e as crianças se manterem mais focadas nas propostas.” S15 - “[A] importância da preparação antecipada do espaço, com os materiais necessários.” S16 - “[O] facto de a sessão ser realizada no espaço da sala, onde existem mais materiais, exigiu um maior tempo para preparação do espaço”. S17 	3

		<p>Repetição de jogos</p> <ul style="list-style-type: none"> - “O facto de se ter repetido a mesma história e atividade da sessão anterior, permitiu às crianças estarem mais desinibidas durante o processo.” S8 - “[As] crianças gostaram de repetir a mesma cena, envolvendo-se e esforçando-se por melhorar a concretização das tarefas/ jogos que desempenham.” S10 - “Perante a repetição do Jogo verificou-se maior à vontade por parte das crianças” S10 - “Será importante repetir este último Jogo (...) de forma a consolidar conceitos e a permitir às crianças que faltaram, poderem experimentar estas propostas. S10 - “[Senti] que foi importante repetir a mesma, para as crianças se sentirem mais à vontade e poderem usufruir do processo artístico e criativo.” S11 - “Também o facto de não conseguir desenvolver a atividade pensada com todas as crianças presentes, não se revela negativo e permite perceber a necessidade de mais sessões sobre o mesmo conceito ou repetição de exercícios. A repetição permite a consolidação de conceitos e a apropriação de técnicas.” S15 	6
		<p>Linguagem simples e direta</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[A] CF utilizou a estratégia de dizer-lhes, que se afastavam, perdiam o cardume e ficavam tristes e sozinhas, o que originou maior atenção e proximidade dos restantes.” S8 - “A utilização de linguagem simples e direta para as crianças destas idades, foi importante neste processo.” S10 - “[As] estratégias verbais utilizadas pela dinamizadora ao longo da sessão, foram bem recebidas pelas mesmas e tiveram resultados positivos”. S10 - “[As] instruções brincadas são uma importante estratégia para um maior envolvimento do público alvo.” S10 - “Exemplos de discurso positivo: “Só vais ver uma vez e depois tens que imitar com muita coragem.” S10 	5
		<p>Definição de temas para improvisação</p> <ul style="list-style-type: none"> - “O facto de se dar um tema base para a cena, mas ao mesmo tempo liberdade para criar (escolhendo por exemplo o problema de saúde que leva o paciente ao médico e como vai o médico proceder), ajuda as crianças a criar e a estimular a sua imaginação.” S10 	1
		<p>Reflexão sobre o processo</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[Maior] necessidade de partilhar os constrangimentos.” S1 - “[Foi] depois falada com as crianças no momento de reflexão sobre a sessão...” S9 - “[Ir] refletindo verbalmente com as crianças sobre o processo e os jogos que iam fazendo, não deixando essa situação para o final.” S10 - “[Perante] propostas de improvisação de narrativas, (...) reflexão no decorrer do processo.” 	6

			<p>S10</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[A] CF optou por ir refletindo com as crianças, à medida que iam sendo feitas as atividades, de forma a ajudar as mesmas a falarem das vivências logo de imediato e não esperar pelo final da sessão” S13 - “[Não] fazer o momento de Roda final, principalmente quando as atividades são mais exploratórias, desenvolvendo o mesmo no decorrer das propostas, tem sido uma opção refletida e intencional.” S13 	
		Incentivo à sonoplastia	<ul style="list-style-type: none"> - “Perante a insegurança de algumas crianças (...) a dinamizadora incentivou as crianças a utilizarem a sonoplastia.” S10 - “[Para] cada personagem foi utilizado um timbre de voz diferente como estratégia de motivação.” S16 	2
		Materialidade diversa	<ul style="list-style-type: none"> - “Também foram selecionados em conjunto os materiais necessários para a consecução da ideia, tendo em conta a experiência da educadora com estas idades. S5 - “Foram organizados previamente os materiais necessários e colocados em três mesas.” S5 - “Os adereços facilitaram a interiorização das personagens. S7 - “Os materiais necessários a esta sessão, foram previamente preparados dentro de um cesto e as crianças ajudaram a levá-los para o espaço da mesma.” S9 - “[A] escolha de materiais diferentes do habitual (panos de cozinha, bola de esferovite espetada numa vara de madeira) foram importantes, porque permitiram estimular a criatividade e quebrar estereótipos que pudessem existir, incentivando as crianças no seu processo artístico.” S13 - “A utilização de um livro de histórias como indutor para toda a sessão, permitiu à CF compreender que é possível também planificar sessões com um fio condutor e possibilitar trabalhar temáticas que se considerem importantes no decorrer do processo. Neste caso, a temática poderia incidir na amizade e no respeito pela diferença.” S16 - “Também a criação de alguns materiais/personagens (...), ajudou a prender a atenção do público alvo.” S16 - “[A] materialidade pode ser facilitadora para um maior foco das crianças e maior envolvimento nas propostas realizadas.” S16 - “O suporte criado pela CF de um fundo dividido em duas cores, auxiliou neste processo.” S17 	9
		Trabalho colaborativo	<ul style="list-style-type: none"> - “[Foi] enriquecedor pela partilha de estratégias e de ensaios, que poderão ser utilizadas e 	2

			<p>adaptadas na sua prática letiva enquanto educadora de infância.” S10</p> <p>- “A estratégia resultou e a criança acalmou e acabou por dar continuidade à representação [entre a criança e o adulto]” S11</p>	
		Intencionalidade pedagógica	<p>-“A planificação desta sessão foi realizada no final da semana anterior, tendo em conta a complementaridade nas atividades que vão sendo concretizadas em contexto de sala.” S13</p> <p>- “[Pretendeu] proporcionar uma sessão diferente, com o uso de materiais distintos, de forma a estimular a exploração mais segmentada do corpo (braços e mãos).” S13</p> <p>- “Na próxima sessão, poder-se-á continuar a exploração destes e outros materiais, de forma a uma maior apropriação e maior desinibição no processo.” S13</p> <p>- “[A] CF sentiu que deveria ainda fazer mais sessões de sombras com o corpo, de forma a se apropriarem mais deste tipo de possibilidades e descobrirem o seu próprio corpo na sombra.” S17</p>	4